



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Guilherme Gonçalves Longo

**A COBERTURA DAS PARALIMPÍADAS RIO-2016
NA IMPRENSA BRASILEIRA**

Florianópolis

2019

Guilherme Gonçales Longo

**A COBERTURA DAS PARALIMPIADAS
RIO-2016 NA IMPRENSA BRASILEIRA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, na Linha Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo, para a obtenção do Grau de Mestre em Jornalismo

Orientadora: Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Longo, Guilherme Gonçalves
A Cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 na Imprensa
Brasileira / Guilherme Gonçalves Longo ; orientadora, Valci
Regina Mousquer Zuculoto, 2019.
211 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo. 3. Jornalismo Esportivo.
4. Paralimpíadas. 5. Megaeventos Esportivos. I. Zuculoto,
Valci Regina Mousquer. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. III.
Título.

Guilherme Gonçalves Longo

**A COBERTURA DAS PARALIMPIADAS
RIO-2016 NA IMPRENSA BRASILEIRA**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 30 de agosto de 2019

Prof^ª. Dra. Cárilda Emerim
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo

Prof^ª. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor/UFSC)

Para todos que me ajudaram e me apoiaram ao longo desses dois anos

AGRADECIMENTOS

A lista de pessoas às quais preciso agradecer não é pequena, então vou precisar dar uma resumida. Mas primeiro, preciso agradecer aos meus pais, pelo apoio que me deram. O ano que separou o fim da graduação e início do mestrado não foi nada fácil, e eles estiveram do meu lado, sempre, me incentivando, mesmo quando no final das contas o destino acabou me levando de volta à cidade da qual eu havia me mudado há menos de um ano. Muito obrigado por tudo. Amo muito vocês.

À minha segunda casa na vida, o Jornalismo UFSC, que me ajudou a crescer como pessoa e profissional durante a graduação e durante a pós me recebeu de volta de braços abertos.

Ao Ensino Superior Público do Brasil, que me deu toda a base e o caminho para chegar até aqui. Continuaremos lutando para que as Universidades Públicas do país continuem oferecendo o Ensino Público, Gratuito e de Qualidade que a população merece e precisa.

À Capes, pelo apoio financeiro dado para o desenvolvimento do estudo. Que vocês consigam manter o fomento à Ciência no Brasil mesmo nesse momento tenebroso de ataques à nossa educação por pessoas que veem o estudo e o conhecimento como inimigos.

Aos amigos da graduação, que me fizeram sentir em casa novamente, no meu retorno à UFSC depois de um ano fora. E um agradecimento especial à Natália, por ter topado fazer a revisão da minha dissertação em cima da hora.

E aos amigos feitos na pós-graduação. Foi um tempo relativamente curto de convivência porque a pesquisa na pós é mais solitária do que coletiva, mas formei amizades que levarei para a vida. Obrigado pelas conversas, sejam elas acadêmicas ou não.

Aos professores do Departamento de Jornalismo da UFSC e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Ao longo destes sete anos em Florianópolis aprendi bastante com vocês e tiveram um papel essencial para a minha formação. Muito obrigado pela amizade e os anos de convivência.

Por último, à minha querida orientadora, Valci, que foi muito mais que somente uma orientadora. Foi professora, chefe, amiga, desde o período da graduação até o fim desse ciclo. Aprendi muito com você. Muito obrigado por tudo.

“When you fail, you learn a lot about yourself and comeback stronger. Life need not have limits. Having an opportunity in life is important but what defines you is what you do with that opportunity”
(Richard Whitehead, 2012)

“If you’re not having fun, then what the hell are you doing?”
(Allison Jones, 2016)

RESUMO

A década dos megaeventos esportivos no Brasil fortaleceu o Jornalismo Esportivo nacional. Com a Copa do Mundo de 2014 e a Rio-2016, registrou-se crescimento do noticiário de esportes. Esta pesquisa se propõe a analisar a cobertura jornalística das Paralimpíadas Rio-2016, para compreender como o esporte paralímpico e seus atletas são noticiados pela imprensa brasileira. Parte-se do pressuposto de que coberturas do esporte paralímpico têm pouco espaço e reforçam estereótipos e interpretações equivocadas. O objeto empírico compreende produções de veículos pertencentes a quatro diferentes grupos de mídia: a *Rede Globo de Televisão*, do *Grupo Globo*, a versão impressa da *Folha de S. Paulo*, do *Grupo Folha*, o portal *Estadão*, do *Grupo Estado*, e a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), por meio de suas emissoras e produtos radiofônicos. Os procedimentos metodológicos são análises quali-quantitativas, com categorias fundamentadas em protocolo de análise de cobertura jornalística e em guias de mídia para Jogos Paralímpicos. Verifica-se espaço, produção e veiculação, terminologias utilizadas e apresentação imagética. Entre principais referências, destacam-se Hilgemberg (2010; 2017), Santos (2018), Emerim e Brasil (2011), Winnick (1990), entre outros.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo; Cobertura; Paralimpíada; Rio-2016; Megaeventos esportivos

ABSTRACT

The Brazilian sporting mega-events decade strengthened the national sports journalism. With the 2014 World Cup and the Rio-2016 Games, it has been noticed the growth of sports news. This research aims to analyse the journalistic coverage of the Rio-2016 Paralympic Games, to understand how the Paralympic sport and its athletes are reported by the Brazilian media. We start from the assumption that Paralympic sports coverage have little space and reinforces stereotypes and wrong interpretations. The empirical object is composed of products from media vehicles from four different media groups: Rede Globo de Televisão, from Grupo Globo, the print version of Folha de S. Paulo, from Grupo Folha, the Estadão website, from Grupo Estado and the Brazilian Communications Company (EBC), through its radio stations and products. The methodological procedures comprises qualitative and quantitative analysis, with categories based on the protocol for analysis of journalistic coverages and media guides for the Paralympic Games. We look into space, production and distribution, words used and presentation through images. Amongst the main references, we highlight Hilgemberg (2010; 2017), Santos (2018), Emerim and Brasil (2011) and Winnick (1990)

Keywords: Sports Journalism; Coverage; Paralympics; Rio-2016; Sporting Mega-Events

RESUMEN

La década de mega eventos deportivos de Brasil ha fortalecido el periodismo deportivo nacional. Con la Copa Mundial de 2014 y la Rio-2016, se registro crecimiento del noticiero de deportes. Esta investigación se propone analizar la cobertura periodística de las Paralimpiadas Rio-2016, para comprender como el deporte paralímpico y sus atletas son noticiados por la prensa brasileña. Se parte del supuesto de que las coberturas del deporte paralímpico tienen poco espacio y refuerzan esterotipos y interpretaciones equivocadas. El objeto empírico comprende producciones de vehículos pertenecientes a cuatro diferentes grupos de medios: la Red Globo de Televisión, del Grupo Globo, la version impresa de Folha de S. Paulo, del Grupo Folha, el portal Estadão, del Grupo Estado, y la Empresa Brasil de Comunicación (EBC), por medio de sus emisoras y productos radiofónicos. Los procedimientos metodológicos son análisis cuantitativos y cualitativa, con categorías basadas en protocolo de análisis de la cobertura periodística y guías de medios para Juegos Paralímpicos. Se verifica espacio, producción y difusión, terminologías utilizadas y la presentación a través de imágenes. Entre las principales referencias, destacan Hilgemberg (2010; 2017), Santos (2018), Emerim e Brasil (2011), Winnick (1990), entre otros.

Palabras-clave: Periodismo Deportivo; Coberturas Periodísticas; Paralimpiadas; Rio-2016; Mega Eventos Deportivos

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mensagens de usuários brasileiros no <i>Twitter</i>	23
Imagem 2 – <i>Prints</i> de reportagens sobre as Paralimpíadas Rio-2016 na imprensa estrangeira (1/4)	66
Imagem 3 – <i>Prints</i> de reportagens sobre as Paralimpíadas Rio-2016 na imprensa estrangeira (2/4)	66
Imagem 4 – <i>Prints</i> de reportagens sobre as Paralimpíadas Rio-2016 na imprensa estrangeira (3/4)	67
Imagem 5 – <i>Prints</i> de reportagens sobre as Paralimpíadas Rio-2016 na imprensa estrangeira (4/4)	67
Imagem 6 – Galeria fotográfica publicada na edição de 19/09/2016 da <i>Folha de S. Paulo</i>	146
Imagem 7 – Fotos publicadas na <i>Folha de S. Paulo</i>	148
Imagem 8 – Fotos publicadas na <i>Folha de S. Paulo</i>	148
Imagem 9 – Fotos publicadas na <i>Folha de S. Paulo</i>	149
Imagem 10 – Foto publicada na <i>Folha de S. Paulo</i>	150
Imagem 11 – <i>Print</i> de duas matérias do <i>Portal Estadão</i>	162
Imagem 12 – Foto publicada no <i>Portal Estadão</i>	163
Imagem 13 – Foto publicada no <i>Portal Estadão</i>	164
Imagem 14 – Foto publicada no <i>Portal Estadão</i>	164
Imagem 15 – Captura de imagem de matéria da <i>Rede Globo de Televisão</i>	177
Imagem 16 – Captura de imagem de matéria da <i>Rede Globo de Televisão</i>	177
Imagem 17 – Captura de imagem de matéria da <i>Rede Globo de Televisão</i>	180
Imagem 18 – Captura de imagem de matéria da <i>Rede Globo de Televisão</i>	180
Imagem 19 – Captura de imagem de matéria da <i>Rede Globo de Televisão</i>	180
Imagem 20 – Captura de imagem de matéria da <i>Rede Globo de Televisão</i>	180
Imagem 21 – Captura de imagem de matéria da <i>Rede Globo de Televisão</i>	180

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Números referentes aos estádios utilizados na Copa do Mundo de 2014	76
Tabela 2 – Dados sobre o material coletado da Empresa Brasil de Comunicação	119
Tabela 3 – Dados sobre o material coletado da <i>Rede Globo de Televisão</i>	167

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AIFA – Associação Internacional de Federações de Atletismo
- AGLO – Autoridade de Governança do Legado Olímpico
- CIDID – Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens
- CID – Classificação Internacional de Doenças
- CIF – Classificação Internacional de Funcionalidade, Deficiência e Saúde
- CPB – Comitê Paralímpico Brasileiro
- COB – Comitê Olímpico Brasileiro
- COI – Comitê Olímpico Internacional
- DGUV – *Deutsche Gesetzliche Unfallversicherung*
- DPI – Internacional de Deficientes
- EBC – Empresa Brasil de Comunicação
- FIFA – Federação Internacional de Futebol Associação
- IPC – Comitê Paralímpico Internacional
- OMS – Organização Mundial da Saúde
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PCD – Pessoa(s) com Deficiência
- UPIAS – Liga dos Lesados Físicos contra a Segregação

SUMÁRIO

PRÓLOGO	14
CERIMÔNIA DE ABERTURA: INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1 – NA FASE DE GRUPOS: DEFICIÊNCIA E SOCIEDADE	31
1.1 Uma breve história da deficiência	31
1.2 Os debates do modelo social <i>versus</i> o modelo médico da deficiência	40
1.3 O esporte na vida da pessoa com deficiência	47
CAPÍTULO 2 – COMEÇA O MATA-MATA: O JORNALISMO ESPORTIVO E AS PARALIMPIADAS NO CONTEXTO DOS MEGAEVENTOS	54
2.1 O Esporte Paralímpico: das origens no século XIX a PyeongChang-2018	54
2.2 A relação do Brasil com o esporte paralímpico e a Rio-2016	60
2.3 Megaeventos Esportivos: definições, legado e o caso brasileiro	68
2.4 O Jornalismo Esportivo no Brasil	78
2.5 A Cobertura Jornalística de Megaeventos Esportivos	86
CAPÍTULO 3 – DISPUTANDO A MEDALHA DE OURO: A IMPRENSA BRASILEIRA NAS PARALIMPIADAS DO RIO	92
3.1. A relação entre Paralimpíadas e a mídia na pesquisa acadêmica	92
3.2. Definindo os procedimentos metodológicos da análise	97
3.3. Nas ondas da radiodifusão pública: a cobertura da Empresa Brasil de Comunicação	110
3.4 As Paralimpíadas Rio-2016 nas páginas do Jornalismo impresso: a cobertura da <i>Folha de S. Paulo</i>	134
3.5 Na agilidade do <i>online</i> : a cobertura do portal <i>Estadão</i>	152
3.6. A detentora dos direitos de transmissão: a cobertura da <i>Rede Globo de Televisão</i> . 164	
CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO: CONCLUSÕES	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	190
APÊNDICES	202

PRÓLOGO

Antes de começar a falar sobre a pesquisa que resultou nesta dissertação de mestrado, achei importante trazer um pouco das motivações e o caminho que me levou até aqui. Creio que ter uma noção geral sobre a minha trajetória pode ajudar a entender a minha ligação com o Jornalismo, o Esporte e, dentro de ambos, o Jornalismo Esportivo, três áreas que me são muito caras e com as quais minha ligação começou desde cedo.

As lembranças mais antigas que tenho estão ligadas ao esporte. Uma das primeiras é de 12 de julho de 1998. Um dia que os brasileiros lembram até hoje. O país vinha de uma boa campanha na Copa do Mundo de 1998, que acontecia na França. Mesmo com uma derrota para a Noruega na primeira fase e uma semifinal difícil contra a Holanda, que terminou nas penalidades máximas, o brasileiro mantinha a animação e a esperança por mais um título mundial.

À frente do Brasil, os donos da casa, que haviam passado por uma fase de matas-matas mais complicadas que a nossa. Mas na nossa seleção, havia a preocupação com um dos principais nomes: Ronaldo, em um caso que rendeu diversas teorias conspiratórias.

Em meio a tudo isso, Palmital, minha cidade natal no interior de São Paulo, com pouco mais de 20 mil habitantes, preparava-se para assistir à partida. Em toda a cidade se via decorações em verde e amarelo, ruas pintadas com as cores da bandeira do Brasil e famílias e amigos se reuniam para o grande momento. É neste momento que entra a minha história.

Fazia pouco mais de um mês que eu havia completado cinco anos de idade e, assim como todo mundo, estava animado para a partida. Mas talvez mais pela influência dos demais. O que veio foi uma derrota por 3 a 0, com dois gols de Zinedine Zidane e um de Emmanuel Petit. A festa virou um churrasco para afogar as mágoas pelo fim de mais um sonho da seleção canarinho e do brasileiro: o pentacampeonato mundial.

Mesmo antes disso o esporte já fazia parte da minha vida. Assim como a maior parte dos brasileiros, a porta de entrada foi o Futebol. E tudo começou com uma “aposta de um lado só” que terminou mal para meu pai. Santista declarado, ele ouviu da boca de um companheiro de trabalho, no então banco Banespa, que iria me fazer corintiano. Foram meses sendo presenteado com camisetas, toalhas e vários outros produtos do Corinthians. Ao final, a “traição” estava completa e eu me tornava torcedor de um dos maiores times do país.

Desde então, já se passaram mais de 20 anos de muitas felicidades e tristezas com esse time. Foram vários títulos de Campeonato Paulista, Brasileiro, Copa do Brasil, o tão sonhado título da Libertadores em 2012 e campeões Mundiais duas vezes. E os momentos de tristeza, como o rebaixamento para a série B em 2007.

É engraçada essa paixão que nós temos e criamos pelo esporte. É algo quase inexplicável na realidade. Ao longo da vida, dedicamos horas e horas para acompanhar as equipes e os eventos que tanto gostamos, conversamos (e brigamos) com amigos e familiares sobre, mostramos nosso apoio de diversos modos e os resultados acabam influenciando o nosso próprio humor, seja positivo ou negativo.

É sempre uma das pautas oficiais para debate nos bares, tomando aquela cerveja após o fim do dia de trabalho ou estudo, nos almoços com os amigos. E mesmo aqueles que afirmam não gostar muito de esporte, ou mais especificamente de Futebol, acabam parando para acompanhar pelo menos dois dos principais megaeventos esportivos do planeta: a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos.

Mas quem me conhece sabe que o Futebol nunca foi a minha modalidade esportiva favorita. Esse título sempre pertenceu ao Automobilismo. E tudo começou também na minha infância, a minha segunda memória mais antiga. O dia era 30 de julho de 2000, pouco mais de dois anos do fiasco da Copa do Mundo. O país passava por mais uma de suas trocas de ídolos. Já havíamos passado por vários craques do Futebol como Pelé, Leônidas da Silva, Jairzinho, Sócrates e muitos outros, além de expoentes de outras modalidades, como Ayrton Senna no Automobilismo e Éder Jofre, no Boxe. Naquele momento, o principal destaque era o tenista Gustavo Kuerten, cuja carreira estava em ascensão.

O Automobilismo brasileiro passava por um período de seca na Fórmula 1 desde a morte de Senna. A imprensa brasileira tentava criar novos ídolos na principal categoria do Automobilismo mundial, como Rubens Barrichello, que havia obtido boas performances e resultados nas suas primeiras corridas na F1, pouco antes da morte do tricampeão. Mas as vitórias esperadas não haviam chegado nos primeiros anos.

Sua mudança para a Ferrari para a temporada de 2000 renovou o ânimo dos fãs brasileiros, já que ele iria para a equipe mais tradicional do campeonato. Nas primeiras provas, a tão esperada vitória ainda não tinha chegado. Junto com o favorecimento da equipe para o então bicampeão Michael Schumacher, a frustração crescia. Até chegar o Grande Prêmio da Alemanha.

Parecia que seria mais um final de semana de decepções. Rubinho havia feito um péssimo treino classificatório, terminando apenas na 18ª posição. Mas para mim, nada daquilo importava. Aliás, eu nem saberia ou entenderia o que eu acabei de escrever até pelo menos uns 8 anos depois. Naquela manhã de domingo, lembro de acordar antes de todo mundo em casa com a intenção de assistir desenhos. Como na televisão não passava nenhum que me interessava, acabei deixando na *Globo* e, pela primeira vez, eu assisti ao que se tornou a minha maior paixão no mundo do esporte.

Rubinho fez uma corrida impecável. Saiu de 18º para uma vitória inquestionável, correndo com pneus de pista seca no meio de uma chuva torrencial que caía no circuito de Hockenheim. A festa e a emoção da equipe de transmissão, formada por Galvão Bueno na narração e Reginaldo Leme e Luciano Burti nos comentários, era visível, como mostra esse trecho transcrito dos momentos que antecederam a linha de chegada da prova.

Aí vem Rubinho, que arriscou tudo. Capricha Rubinho, na ponta dos dedos que você merece. Ela teria que ser assim, depois de tanto tempo. Tantas e tantas vezes Barrichello namorou com a vitória. E ela teria que vir assim, dramática, com parada pra troca de pneus, com alucinado andando pela pista, com chuva, com ele com pneu de pista seca na chuva. Eu olho para o Burti do meu lado e o Burti chora aqui na cabine. Finalmente o dia vai chegar (...) O torcedor alemão toca as buzinas, agita as bandeiras da Ferrari. Capricha que hoje é o seu dia. Capricha que é o seu momento. O Brasil inteiro vibrando com você. E nós vamos ouvir o Tema da Vitória, que há sete anos não tocávamos (...) (GRANDE..., 2000)

Aquela festa, que não ficou restrita à transmissão da corrida, com toda a cobertura que o fato recebeu depois, me conquistou. A partir daquele dia, o Automobilismo passou a fazer parte da minha vida. E também permeou algumas das decisões mais importantes na minha vida.

Minha decisão por seguir pelo Jornalismo no Ensino Superior veio relativamente cedo. Tinha mais ou menos 12 anos quando entendi que era esse o meu caminho. E isso foi muito influenciado pelo Jornalismo Esportivo. Via os repórteres de diversos canais de televisão e jornais e revistas fazendo a cobertura de eventos esportivos como os Grandes Prêmios de Fórmula 1, Copas do Mundo e Olimpíadas, e não saía da minha cabeça que era isso que eu queria fazer pelo resto da vida.

Em 2011, quando cheguei em Florianópolis para cursar Jornalismo na UFSC, falei para mim mesmo que não me restringiria apenas ao Jornalismo Esportivo. Era hora de aprender tudo o que era possível ao longo da graduação. Interessei-me por outras áreas,

mas nenhuma conseguiu me cativar do mesmo jeito. Uma coisa que ajudou, mais do que qualquer outra, era a liberdade de produção que temos aqui no Jornalismo UFSC. Diferentemente de outros cursos, os alunos podem produzir conteúdo em rádio e televisão livremente e isso é um grande incentivo para todos. Ao longo dos anos, percebi que estava em um local privilegiado, já que o que acontece na UFSC, não se repete em muitas outras universidades pelo Brasil. Aventurei-me a produzir nos mais diversos meios, solo ou em grupo, mas sempre voltando ao rádio e à televisão, duas das minhas maiores paixões nesses cinco anos iniciais em Florianópolis.

Nisso entram em cena quatro dos projetos com os quais mais estive envolvido ao longo desses cinco anos de graduação. *A Rádio Ponto UFSC*, o *Núcleo de Jornalismo Esportivo*, o *Núcleo de Produções Esporte Clube* e o *TJ UFSC*, sendo os dois primeiros projetos do Laboratório de Radiojornalismo do curso e os dois últimos do Laboratório de Telejornalismo. Através deles, trabalhei na cobertura de megaeventos como a Eurocopa em 2012 e 2016, a Copa das Confederações em 2013 e a Copa do Mundo de 2014, além de participar em diversos programas semanais e, junto de outros sete amigos, criar o *Grid de Largada*, programa de rádio que tratava do Automobilismo brasileiro e mundial.

O *Grid* foi responsável por um grande crescimento pessoal e como jornalista. Nos 18 meses que separaram sua criação e a minha formatura, atuei como editor chefe do programa, fazendo a pauta das edições e ajudando na rotação de funções com o resto da equipe entre apresentador, repórter e comentarista. O pessoal costumava brincar que eu era muito autoritário nas cobranças, o que me rendeu o apelido de Jean-Marie Balestre, ex-presidente da Federação Internacional de Automobilismo, famoso no Brasil por sua interferência na Fórmula 1 na época de Senna e Prost, sempre favorecendo o francês. Fizemos inclusive projetos e pautas grandes para um programa universitário, como a entrevista com uma das lendas do Jornalismo Esportivo, Claudio Carsughi, apenas dois dias depois de sua demissão da rádio *Jovem Pan*. A entrevista rendeu uma edição exclusiva do programa, dada a importância de Carsughi.

E para me despedir da graduação, não poderia ter feito nada de diferente. “Me dei” uma folga do rádio e voltei minha atenção para a televisão no TCC, fazendo uma série de reportagens traçando um panorama da situação atual do Automobilismo brasileiro. Foi uma das melhores experiências que eu tive na vida, trabalhando direto nos autódromos, com credenciais de imprensa, tendo acesso às pistas, *paddocks*, pilotos e muito mais. Foi a última confirmação que precisava de que eu estava no caminho certo.

O TCC e o *Grid* inclusive me possibilitaram a primeira experiência de cobertura esportiva *in loco* e ao vivo. No Campeonato Sul-Americano de Kart e nas etapas da Stock Car em que consegui credenciais de imprensa, também produzi boletins e fiz entradas ao vivo na *Rádio Ponto UFSC*, falando sobre os acontecimentos do final de semana.

Ainda durante o último semestre de graduação, enquanto produzia o TCC, o Esporte Paralímpico entrou na minha vida. Mesmo com a afinidade maior com o Automobilismo, nunca deixei de acompanhar outros esportes, como Basquete, Futebol Americano, Vôlei, entre outros. Em períodos de Olimpíadas, assistia à maior quantidade de modalidades que conseguia acompanhar pela televisão. Mas conhecia muito pouco sobre o Esporte Paralímpico.

Isso começou a mudar em janeiro de 2016. Através de uma publicação em um grupo do *Facebook* voltado a alunos, ex-alunos e professores do Jornalismo UFSC, descobri o processo seletivo para um projeto chamado *Jornal Paralímpico*. O jornal era a versão brasileira de um projeto alemão, criado pelo jornal de Berlim *Der Tagesspiegel* e a empresa de seguros *DGUV*. Eles estavam buscando 10 jovens repórteres brasileiros para compor a equipe e produzir conteúdo em português, que seria veiculado como suplementos em *O Globo*.

Resolvi arriscar. O Brasil estava passando por uma fase muito importante para o esporte e o Jornalismo Esportivo, por estar recebendo os principais eventos esportivos do planeta, e queria estar presente, como jornalista, em pelo menos um. Na Copa do Mundo, ainda estava na faculdade e trabalhei à distância, na cobertura feita pelo *Núcleo*. Nas Olimpíadas, estaria em plena formatura e me desfazendo do apartamento em Florianópolis. Sobrava apenas as Paralimpíadas. Mesmo com o pouco tempo restante para a inscrição, consegui providenciar todos os documentos, escrever uma reportagem, apesar de estar em Palmital, distante de qualquer fonte, e enviar.

Cerca de dois meses depois e uma segunda fase que aconteceu sem nenhum aviso prévio, descobri que havia sido selecionado. Fui um dos dez repórteres escolhidos entre mais de 5 mil inscrições. Estava extasiado pela oportunidade.

O trabalho no *Jornal Paralímpico* começou ainda no primeiro semestre de 2016. Em maio daquele ano, nos reunimos no Rio de Janeiro, junto com as equipes de repórteres da Alemanha e da Inglaterra e os coordenadores do projeto, para as primeiras reuniões de pauta e a cobertura de um evento-teste para treinarmos. Desde aquele momento, a preocupação com a linguagem utilizada para nos referirmos aos atletas com deficiência era algo muito frisado, seja nas conversas com os editores dos jornais e o professor da

UFRJ, Fernando Ewerton, que colaborou como editor, seja nas coletivas com atletas organizadas pelo jornal.

A experiência cobrindo os Jogos foi única e inesquecível. Além de tudo, contribuiu bastante para o meu crescimento não apenas como jornalista, mas pessoal. E mesmo durante todo esse período, essa questão da linguagem martelava na minha cabeça. Daí surgiu a ideia para esta pesquisa que vocês vão ler nas próximas páginas.

Devo tudo que consegui nesses anos ao Ensino Superior e Público brasileiro, que me deu a chance de estudar em uma das maiores universidades do país e da América Latina e em um curso de referência e que está na vanguarda da pesquisa em Jornalismo. Nesse momento de ataques à nossa educação, por quem vê o conhecimento, os alunos e os professores como inimigos, precisamos nos esforçar ao máximo para que a Universidade Pública do Brasil continue oferecendo seu ensino público, gratuito e de qualidade.

Creio que isso é suficiente para entender de onde parti com essa pesquisa. A partir de agora, abandono a primeira pessoa e assumo o papel de narrador em terceira pessoa, com a esperança de que esta dissertação possa colaborar com temas que se tornaram bastante caros para mim e verdadeiras paixões ao longo dos anos.

CERIMÔNIA DE ABERTURA: INTRODUÇÃO

Todo megaevento esportivo, como as Paralimpíadas, passa por uma mesma ordem dos acontecimentos. Começa com a Cerimônia de Abertura, onde a cidade-sede mostra ao público tudo o que tem para oferecer, conta sua história e de seu povo e deixa uma mensagem que será replicada ao longo dos dias seguintes. Enquanto isso, os atletas se juntam para desfilar para o mundo que os assiste, deixando claro que estão ali para buscar aquilo que todos almejam: a medalha de ouro. E neste caso, a contribuição para o Campo Acadêmico do Jornalismo, ao abordar um tema muito pouco analisado pela Academia. A trajetória desta dissertação pretende seguir o mesmo caminho.

Who would have thought that after the August news, when only 12% of the tickets had been sold, on Saturday, the Barra Olympic Park would have its biggest crowd ever, with more than 160 thousand people? It's really beautiful to see the seats filled in the arenas and the spectators cheering not only for the Brazilians, but for all athletes and the sport. "Hi, could you explain to me how this sport works?", asked me a woman that was watching Fencing in Carioca Arena 3, while I was finishing this text. It was really nice to see people's interest for the event, even if they didn't know what was going on. It shows how important these Games are not only for the athletes, but for everybody. (LONGO, 2016)¹

Desde a realização da sua primeira edição, em 1960, os Jogos Paralímpicos têm se consolidado como o principal evento esportivo para atletas com deficiência. Ao longo de seus quase 60 anos, as Paralimpíadas cresceram em número de modalidades disputadas, atletas participantes, audiência, entre outros quesitos. Ainda com o nome de Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, as disputas, realizadas em Roma, que meses antes havia sediado as Olimpíadas, contaram com a participação de 400 atletas de 17 países. Os Jogos do Rio, 56 anos depois, tiveram a maior participação da história paralímpica. Foram 4.342 competidores de 159 países, brigando por medalhas em 22 modalidades esportivas. Junto à Copa do Mundo e as Olimpíadas, as Paralimpíadas se

¹ Tradução: "Quem imaginaria que após as notícias de agosto, quando apenas 12% dos ingressos haviam sido vendidos que, no sábado, o Parque Olímpico da Barra teria seu maior público, com mais de 160 mil pessoas? É realmente lindo ver as arenas cheias e o público torcendo não apenas para os brasileiros, mas para todos os atletas e o esporte. / 'Oi, você poderia me explicar como esse esporte funciona?', me perguntou uma senhora que estava assistindo a Esgrima na Arena Carioca 3, enquanto eu terminava este texto. Foi muito legal ver o interesse das pessoas pelo evento, mesmo que elas não entendessem o que estava acontecendo. Isso mostra o quanto importante esses Jogos são não apenas para os atletas, mas para todos."

tornaram um megaevento esportivo. E até o momento, a Rio-2016 se mostrou uma das mais importantes e controversas edições dos Jogos na história.

O Brasil atravessava uma grave crise econômica e política. Em meio à recessão e o processo que resultou no *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, milhares de horas foram dedicadas à cobertura dos primeiros jogos olímpicos em solo brasileiro e sul-americano. Representou um momento importante para o país, que apenas sete anos antes comemorava a eleição do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016. Junto à Copa das Confederações de 2013 e a Copa do Mundo de 2014, consolidava-se uma década em que o país seria sede dos principais megaeventos esportivos do mundo, tendo iniciado com o Pan-Americano de 2007, também sediado no Rio.

Mas a euforia virou descontentamento popular com os eventos esportivos, devido à forte crise econômica que assolou o Brasil a partir de 2012, os altos custos com as obras dos estádios e arenas e as diversas denúncias de corrupção no governo e nos setores ligados aos megaeventos. A realização da Copa das Confederações, em 2013, ficou marcada por diversas manifestações populares ao redor do país.

Na última década, o Jornalismo Esportivo tem aumentado sua presença no Mercado e na Academia. Com a década dos megaeventos esportivos, a área se tornou mais relevante, algo que era esperado devido à grandiosidade dos eventos e a atenção maior dada a eles, já que seriam realizados no Brasil.

A imprensa se desdobrou para a cobertura da Copa do Mundo e das Olimpíadas. Nos Jogos Olímpicos, por exemplo, o canal a cabo *SporTV*, pertencente ao *Grupo Globo*, abriu 13 novos canais (além de seus três regulares) dedicados exclusivamente à transmissão dos eventos esportivos na televisão, além de outros 40 na internet, para garantir uma maior abrangência. Na mídia impressa, jornais e revistas aumentaram sua produção na área, criando cadernos especiais, com uma forte cobertura prévia nas versões impressa e *online*, com matérias que iam desde a história dos jogos até questões econômicas ou políticas, passando ainda por perfis dos favoritos e apresentações de modalidades desconhecidas.

Na área acadêmica, o aumento de produções sobre o Jornalismo Esportivo e os megaeventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas seguiu a mesma tendência. Basta uma rápida observada nos trabalhos apresentados no Grupo de Pesquisa em Comunicação e Esporte da Intercom, por exemplo. Entre 2009 e 2013, foram encontrados 26 artigos apresentados no GP que tratavam de diferentes aspectos dos megaeventos, atuais ou

passados. Já entre 2014 e 2018, esse número sobe para 89. Mas no caso dos Jogos Paralímpicos, a produção sobre a temática não tem acompanhado esse crescimento, tanto na imprensa quanto na pesquisa.

Nos últimos anos, o Brasil tem passado por uma profunda transformação da percepção dos esportes adaptados e de seus atletas, com a colaboração do Comitê Paralímpico Brasileiro, que ajudou a incentivar a divulgação do esporte paralímpico na imprensa brasileira (HILGEMBERG, 2017a). As delegações que participaram de edições passadas dos Jogos Paralímpicos foram de uma 32ª colocação nos Jogos de Heidelberg, em 1972, para um histórico 7º lugar em Londres-2012 e um recorde de medalhas obtidas na Rio-2016, 72 no total. Mesmo ficando abaixo da colocação esperada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro no quadro de medalhas (5º), representou um grande resultado para os 278 atletas que competiram no Rio de Janeiro. As pessoas e o próprio Jornalismo, aos poucos, mudam o modo de ver os Jogos (HILGEMBERG, 2010). Mas o espaço dedicado pela mídia aos Jogos do Rio ainda foi consideravelmente menor que o das Olimpíadas.

Detentor da transmissão na TV fechada, o canal *SporTV* realizou uma cobertura muito menor nas Paralimpíadas. Em vez dos 16 canais na TV e outros 40 na internet, como nas Olimpíadas, foram apenas quatro canais na TV, uma a mais que a programação normal da emissora, sendo que apenas um deles esteve inteiramente dedicado aos Jogos. Na TV aberta, a *Rede Globo* destinou uma reduzida média de aproximadamente 45 minutos por dia nos seus telejornais, mesmo detendo os direitos de transmissão, que foram cedidos à *TV Brasil*.

Por isso, os principais veículos de televisão foram bastante criticados pela pouca cobertura que o evento recebeu. As mídias impressa e *online* receberam menos críticas, mas não ficaram de fora das reclamações. Também em comparação com as Olimpíadas, estes veículos dedicaram espaços e equipe consideravelmente menores para o evento.

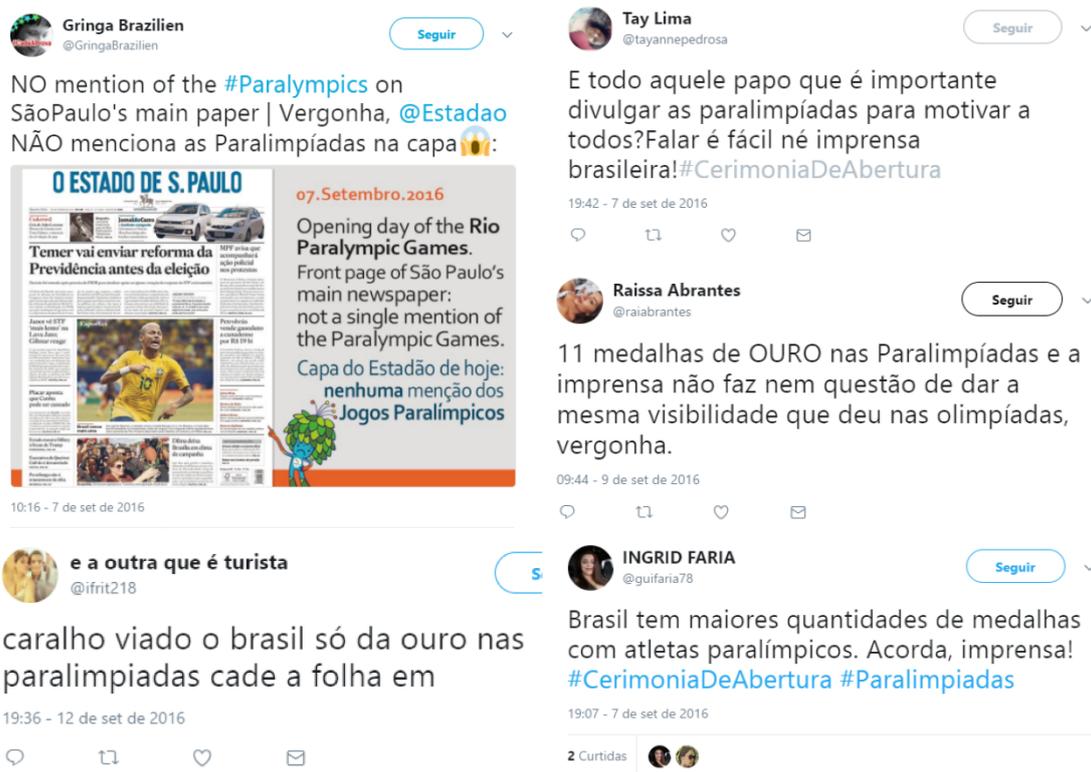


Imagem 1: Mensagens de usuários brasileiros no *Twitter* com críticas à falta de cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 (Fonte: *Twitter.com*)

Mesmo sendo um dos maiores eventos esportivos, atrás da Copa do Mundo de Futebol e das Olimpíadas, em termos de atletas participantes, público, audiência e movimentação financeira, e com a popularização dos jogos e de atletas como Daniel Dias, Clodoaldo Silva, Terezinha Guilhermina e muitos outros, a produção acadêmica sobre as Paralimpíadas, inclusive na área do Jornalismo e da Comunicação, ainda é bastante limitada. E essa lacuna é sentida inclusive fora da Academia. Em um seminário realizado em Brasília, em 2010, pela Comissão de Turismo e Desporto, o então presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro, Andrew Parsons, comentou sobre essa questão:

Mas, voltando a falar da Academia, quero me referir a outro projeto fundamental, o de publicação científica. Se os senhores forem procurar bibliografia a respeito do esporte paralímpico no Brasil, não encontrarão. Não adianta procurar. Podem procurar no *Google*, no *Yahoo*, etc., e não vão encontrar. Poderão encontrar algumas teses de mestrado, algumas de doutorado, mas publicações científicas em série, por exemplo, não encontrarão. (PARSONS *apud* CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2011, p. 119)

Apesar do aumento na cobertura do esporte paralímpico (HILGEMBERG, 2010), atletas e profissionais da área criticam que o espaço deveria ser ainda maior, além de

comentar sobre a forma e a linguagem que esta deveria ser realizada. Hilgemberg (2017a, p. 4-5) traz depoimentos de atletas a respeito do espaço:

Eu moro em São Paulo há três, vai fazer quatro anos e estou morando em um apartamento tem um ano. Eu cheguei do Mundial, tinha um monte de crianças (...) – eu estou falando de visibilidade – tinha um monte de crianças brincando, e eu não conheço todo mundo porque eu treino muito, só chego, estaciono o carro, pego o elevador e entro no meu apartamento. Aí um monte de crianças: “Ah, você é atleta paralímpico né? Num sei o que”. Criança falando isso. Em 96, uma criança sabia o que era atleta paralímpico? Não. É culpa de quem? Da imprensa. Eu falo culpa no bom sentido, que vem divulgando cada vez mais, que vem falando o que que a gente faz. Culpa dos atletas, pelos grandes resultados que a gente vem fazendo, porque se a gente fosse para uma competição, fosse para o Mundial, Paralimpíada, a equipe todinha ganhou uma medalha de bronze, voltou sem medalha, ninguém ganhou medalha, vocês iam falar o que? Nada. Ninguém ia dar importância, ninguém ia querer saber (Yohansson Nascimento).

Já melhorou muito [a cobertura dos Jogos Paralímpicos], foi muito pior antes, mas ainda tem muito que melhorar (Terezinha Guilhermina)

Você tem... 70%, 85% de futebol, 15% outras modalidades. E quando você coloca algo do esporte paralímpico, uau é festa... Então parece que é cópia, então durante um mês você tem a obrigatoriedade de botar uma notinha sobre o esporte paralímpico... Ahn, e não algo que as pessoas busquem com espontaneidade (...). A gente tem competições, ahn... nós atletas temos competições regulares, a gente não para de competir, a gente vive a vida como todo mundo, a gente faz coisas bacanas como outros atletas, por que não aparecer? (André Brasil).

Isto levou os Comitês Nacionais e o Internacional a criarem guias para a imprensa com recomendações e sugestões sobre como cobrir as modalidades. Entre as recomendações de alguns, estão terminologias, questões de enquadramento para fotos e vídeos, além de dicas sobre como lidar ao entrevistar atletas com diversos tipos de deficiência (PAPPOUS; SOUZA, 2016; INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014). Estes guias foram distribuídos para jornalistas credenciados nos Jogos e posteriormente disponibilizados *online* para serem utilizados continuamente, podendo ser aplicados em todo e qualquer tipo de matéria que envolva pessoas com deficiência, dentro do esporte ou não.

Com base neste contexto, esta pesquisa busca analisar a cobertura realizada pela imprensa brasileira das Paralimpíadas Rio—2016, tendo como objetivo geral compreender como o esporte paralímpico e seus atletas são noticiados pela mídia. Parte do pressuposto de que as coberturas desse tipo de modalidades ainda têm pouco espaço,

por mais que tenham aumentado nos últimos anos, além de reforçarem estereótipos e interpretações equivocadas (PARSONS *apud* PAPPOUS; SOUZA, 2016). E isto mesmo com a força das delegações paralímpicas em edições mais recentes dos Jogos.

A escolha pelo tema se deu por duas razões. Primeiro, um interesse pessoal do autor pelo Jornalismo Esportivo durante o período da graduação, mesmo com todo o preconceito que existe em relação à editoria. Diversas pessoas, dentro e fora do Jornalismo e da Academia desqualificam esse tipo de produção, considerando apenas uma forma de entretenimento. Assim, houve um interesse em contribuir para essa desmistificação.

Segundo, a experiência do autor nas Paralimpíadas do Rio, trabalhando como repórter para o projeto *Jornal Paralímpico*. O projeto, criado para a cobertura da Rio-2016, é a versão brasileira do *Paralympics Zeitung*, criado pelo jornal alemão *Der Tagesspiegel* e a empresa de seguros *DGUV* em Atenas-2004. O projeto consiste na produção de conteúdo sobre o esporte paralímpico sem o viés factual, focando em reportagens que expliquem esse tipo de esporte para o público e as suas questões econômicas e políticas.

O autor foi um de dez brasileiros selecionados para o projeto, e trabalhou em conjunto com outros nove jornalistas do país-sede, além de dez alemães e duas britânicas para a produção de materiais em português, inglês e alemão nos formatos impresso e *online*. No Brasil, a versão circulou como cadernos especiais encartados em *O Globo*.

A escolha da equipe se deu por um processo seletivo iniciado em dezembro de 2015. A partir daí foram três etapas, que incluíram a produção de uma matéria sobre esporte paralímpico e uma entrevista em inglês. Após o resultado final, em março, foi iniciada a preparação para os Jogos, com *workshops*, palestras e entrevistas com pessoas diretamente envolvidas com o evento e atletas que haviam conseguido índice para competir nas Paralimpíadas do Rio. Cada repórter brasileiro ficou responsável por uma média de três a quatro modalidades esportivas para acompanhar, mas sempre com a liberdade de circular entre as arenas para entrevistar fontes para suas reportagens.

Houve uma preocupação muito grande das equipes do *Tagesspiegel* e de *O Globo* para que os repórteres utilizassem as terminologias corretas ao se referir às pessoas com deficiência, estando bastante presente ao longo dos meses de preparação, sendo sempre reforçado em reuniões de pauta e e-mails. Esse é um dos principais motivadores para esta pesquisa.

O tema desta dissertação se mostra pertinente ao analisar os números referentes às pessoas com deficiência pelo país. De acordo com o Censo 2010 (IBGE, 2012), mais de 45 milhões de brasileiros apresentam pelo menos um entre os quatro tipos de deficiência destacados na pesquisa, entre visual, auditiva, motora e mental. Isso representa um total de 23,92% da população, sendo assim um dos maiores grupos minoritários do país.

Por mais que, em comparação com a das Olimpíadas, a cobertura paralímpica ainda seja bastante reduzida, os números da Rio-2016 representam um crescimento do interesse midiático pelo tema. Nesta última edição, teve-se o segundo caso da compra dos direitos de transmissão dos Jogos por um grupo de mídia do país, o *Grupo Globo*, que também havia adquirido em 2012. Até então, o Comitê Paralímpico Brasileiro cedia as imagens aos canais.

Esta pesquisa possui relação direta com a Linha 2 do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC – Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo – por se tratar de um estudo empírico, com o objetivo de investigar a linguagem em diferentes plataformas, como é colocado na definição oficial da linha. Além disso, colabora com as produções teóricas de dois grupos de pesquisa do Programa, o GIRAFÁ – Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio – e o GIPTele – Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo – dos quais o autor é membro. Ambos os grupos buscam o desenvolvimento de métodos de pesquisa específicos para as áreas de Rádio e Telejornalismo, algo bastante caro para o campo do Jornalismo. Espera-se que essa pesquisa possa contribuir nesse sentido.

Para compreender como se deu a cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 na imprensa brasileira, esta investigação analisa os materiais jornalísticos divulgados entre 07/09/2016, data da Cerimônia de Abertura, e 19/09/2016, dia seguinte à Cerimônia de Encerramento, totalizando 13 dias. Entende-se que a proposta do título é, de certo modo, utópica, já que não é possível fazer uma pesquisa que analise a imprensa brasileira como um todo. Por isso, houve uma preocupação em selecionar veículos que fossem representativos de diversos espectros do mercado de mídia do país. Assim, foram escolhidos quatro veículos de imprensa, pertencentes a grupos diferentes e de meios distintos. A *Rede Globo de Televisão*, por ser o canal de TV aberta detentor dos direitos de transmissão dos Jogos e que possui uma relação importante com o Jornalismo Esportivo em sua programação e nos canais de TV a cabo do grupo. As produções radiofônicas da Empresa Brasil de Comunicação, pelo histórico relacionamento da

radiodifusão pública brasileira e a cobertura esportiva, além de ter entre seus veículos algumas das emissoras mais importantes do país. A versão impressa da *Folha de S. Paulo* e o Portal *Estadão*, do jornal *O Estado de S. Paulo*, dois dos jornais de maior circulação do país e presença nas redes sociais, que possuem coberturas esportivas bastante distintas entre si, com a da *Folha* sendo historicamente ligada às questões políticas e econômicas do esporte.

Para obter as respostas às quais essa pesquisa se propõe, foram realizados dois procedimentos metodológicos, um qualitativo e um quantitativo, com o objetivo de compreender o espaço, a produção, as terminologias utilizadas e a apresentação imagética da cobertura das Paralimpíadas do Rio. Primeiro, a análise quantitativa do material, para determinar o espaço e o tempo dedicado ao evento em cada um dos veículos. Para isso, foi adaptado o protocolo metodológico da análise de cobertura jornalística (SILVA; MAIA, 2011a; 2011b) em categorias analíticas para cada meio. Segundo, procedeu-se a reflexão do conteúdo, com base nos guias produzidos pelos Comitês Paralímpicos. A partir da comparação dos guias, foram criadas três categorias para esse estudo qualitativo do material. Foram analisadas a utilização de terminologias em relação aos atletas e ao esporte paralímpico e, também, os enquadramentos nas imagens e vídeos. Para chegar a esses três parâmetros, foram selecionados cinco guias produzidos entre 2012 e 2018 em diferentes países para entender como se dá a representação da pessoa com deficiência na mídia ao redor do mundo.

A pesquisa baseou-se em aportes teóricos de diversas áreas, indo além do Jornalismo. Para os debates sobre a deficiência, foram usados autores da Medicina, Educação Física e Sociologia, além de estatutos e regimentos oficiais, como Winnick (1995), Diniz (2012) e Brasil (2015). Sobre Jornalismo Esportivo, além das publicações científicas, são utilizados também manuais de produção e livros sobre a sua história como Hollanda e Mello (2013), Léo (2017), Frange (2016), Rangel e Guerra (2012), Empresa Brasil de Comunicação (2013), Coelho (2003), Barbeiro e Rangel (2006).

Com relação aos megaeventos esportivos e às coberturas jornalísticas, os referenciais vêm de autores como Hall (1992), Gurgel (2009; 2012), Tavares (2011), Emerim e Brasil (2011) e Emerim e Cavenaghi (2012). E sobre a relação entre os Jogos Paralímpicos e a imprensa, usa-se como base, Hilgemberg (2010, 2017a, 2017b), Tejkalová (2015a, 2015b), entre outros.

Mesmo com as referências apresentadas, dentro da pesquisa acadêmica em Comunicação e Jornalismo, a relação entre Paralimpíadas e Mídia ainda é pouco

analisada, não apenas dentro do contexto nacional, como mundial também. No Brasil, são poucas as dissertações e teses que abordam esse tema. Ao longo do período destacado para a revisão bibliográfica desta dissertação, foram encontrados, em grande maioria, apenas artigos com análises de momentos e veículos pontuais. E em quantidade ainda menor, os que trabalham com os meios de Rádio e Televisão. Outra dificuldade foi a de ter acesso a diversas publicações que estavam em bancos de revistas cujo acesso é restrito, possível apenas através de pagamento. Isso representou um dos principais desafios desta pesquisa: a pouca quantidade de material sobre a temática principal desta dissertação, o que dificulta um pouco o diálogo com diversos autores e pensamentos.

Esta dissertação está dividida em três capítulos, além das conclusões, e faz uma analogia com a estrutura da disputa de uma modalidade coletiva em Jogos Olímpicos e Paralímpicos. O primeiro capítulo, intitulado “Deficiência e Sociedade”, remete à disputa inicial, ainda na fase de grupos. Tem como objetivo apresentar as discussões acadêmicas sobre a deficiência e sua relação com a sociedade, desde uma perspectiva histórica até os diferentes modelos que existem até hoje. Revisar a história é importante para mostrar como a sociedade mudou suas percepções com relação à pessoa com deficiência ao longo dos séculos. Essas percepções foram desde serem assassinadas ao nascer, como em Esparta, onde bebês deficientes eram jogados do alto de precipícios, excluídos da sociedade nas Idades Média e Moderna, até os dias de hoje, quando passaram a ter voz e exigir seus direitos. Já os debates dos modelos ajudam a entender como os deficientes são vistos pela sociedade, além da própria análise do que significa “ser deficiente”. Para o modelo médico, a deficiência está no corpo, enquanto para o modelo social, ela está na ineficiência dos governos e da sociedade em promover ambientes de verdadeira integração. Além disso, o capítulo também traz, com base em autores da Medicina e da Educação Física, a importância do esporte na vida da pessoa com deficiência. Compreender essas questões do capítulo são importantes para entender o percurso que as pessoas com deficiência e a luta pelos seus direitos até a atualidade. E entender a relação entre as PCD² e o esporte ajuda a compreender alguns dos debates que estiveram presentes na cobertura dos Jogos Paralímpicos.

O segundo capítulo é intitulado “O Jornalismo Esportivo e as Paralimpíadas no contexto dos Megaeventos” e remete à segunda fase da busca pela medalha de ouro: o mata-mata. Apresenta uma breve história do Jornalismo Esportivo brasileiro, destacando

² A sigla PCD, que também será usada na dissertação a partir daqui, significa “Pessoa com Deficiência” ou “Pessoas com Deficiência”

as evoluções tecnológicas e de linguagens ao longo dos anos e os principais nomes da editoria. Discute as características dos Megaeventos, esportivos ou não, e questões intrínsecas que, na Rio-2016, foram essenciais, como segurança. As definições sobre cobertura e a presença e importância do Jornalismo nesse tipo de evento também faz parte. Por último, o capítulo dois aborda a história do Esporte Paralímpico, desde as primeiras práticas esportivas por pessoas com deficiência até os Jogos de Inverno de PyeongChang-2018, edição mais recente, totalizando cerca de 125 anos. Este capítulo ainda apresenta o histórico do Esporte Adaptado no Brasil, desde os primeiros registros, na década de 1950, a participação brasileira nas Paralimpíadas ao longo de seus quase 60 anos, a organização do Esporte Paralímpico nacional e a história da Rio-2016, da eleição à realização dos Jogos.

Compreender a história, não apenas do Jornalismo Esportivo, como do Esporte Adaptado e das Paralimpíadas, é importante para que se entenda que houve um processo evolutivo até chegar ao período que representa ponto de partida desta pesquisa, como defende Marialva Barbosa em entrevista:

A temática da comunicação são fenômenos mais contemporâneos, mas não podemos esquecer nunca que esses são processuais, ou seja, se desenrolam no tempo. Então tem um passado que deve ser compreendido para que você entenda tais fenômenos na sua total complexidade, sem essa lógica processual, você não consegue refletir com clareza. Não há presente absoluto, esse está inserido em uma linha temporal que vem do passado até agora, e esses processos se complexificam ao longo do tempo (BARBOSA, 2019, p. 130)

Em sua entrevista, Marialva se refere apenas aos estudos de Comunicação, que era o tema da pergunta feita. Mas entende-se que isso pode ser aplicado, no âmbito desta pesquisa, ao lado esportivo e também dos megaeventos, que são dois tópicos que estiveram bastante representados na cobertura analisada.

Os dois primeiros capítulos desta dissertação utilizam a revisão bibliográfica e a análise documental como métodos para o seu desenvolvimento, recorrendo não apenas a livros teóricos como também a materiais de acervo de sites relacionados ao esporte paralímpico e a imprensa brasileira e internacional.

O terceiro capítulo chega ao último obstáculo: a final, a disputa pela medalha de ouro. Intitulado “A imprensa brasileira nas Paralimpíadas do Rio”, apresenta as análises do material empírico selecionado expondo também as histórias dos veículos selecionados e suas relações com o Jornalismo Esportivo. Antes da análise, o capítulo busca uma

compreensão geral sobre o que é produzido na Academia acerca da cobertura dos Esportes Paralímpicos a nível mundial, podendo assim relacionar os resultados encontrados aqui com os de pesquisadores de outros países. Além disso, são apresentados os guias de mídia, essenciais para a segunda parte da análise do material e a descrição dos procedimentos metodológicos gerais.

CAPÍTULO 1 – NA FASE DE GRUPOS: DEFICIÊNCIA E SOCIEDADE

Passada a festa da Cerimônia de Abertura, onde todos tiveram um momento de união e confraternização, chegou a hora do início das disputas. Como em toda modalidade coletiva, esta dissertação entra na primeira parte da disputa pela medalha de ouro: a fase de grupos. Neste momento, as equipes estão se afirmando perante os demais, mostrando a que vieram e tentando resolver as dúvidas que existiam antes do início dos Jogos.

Para esta pesquisa, isso significa ir atrás de uma gama de conhecimentos sobre deficiência que não se tinha no início do estudo e eram essenciais para a sua realização.

1.1 Uma breve história da deficiência

A relação entre a sociedade e as pessoas com deficiência passou por profundas transformações ao longo da história. Mostra-se importante entender como se deu essa evolução, devido à similaridade da conquista de direitos de diversos grupos minoritários e, assim, compreender como que chegou ao seu patamar atual.

Os primeiros registros da história da humanidade, há aproximadamente 30 mil anos, mostram que os homens viviam da caça e não realizavam plantio para seu sustento. O ser primitivo era obrigado a caçar animais, que lhes forneciam alimentos e os protegiam do frio em meio a um ambiente hostil. Desse período, Gugel (2012) constata que não existem registros sobre o destino das pessoas com deficiência, mas tudo indica que não sobreviviam.

Há cerca de 10 mil anos, tem-se o início da Era Neolítica, quando o ser humano tem o registro de suas primeiras manifestações de inteligência e a crescente necessidade de vida em grupo para prover sua subsistência. Houve uma transformação no modo de vida. Os grupos passaram a ter vidas nômades, se deslocando de um local para outro e, nesse momento, uma prática comum era o abandono e a eliminação de pessoas com deficiência, principalmente crianças. Isso era considerado um comportamento aceitável à época, pois acima de tudo estava a proteção da tribo.

Isso, porém, não era prática comum a todos os grupos nômades. Em alguns casos, eram registradas situações de aceitação e até mesmo de tratamento especial. Segundo Silva (2009), entre os Aonas, no Quênia, os cegos eram tratados como pessoas que tinham ligações direta com os espíritos, indicando a eles os locais onde os peixes poderiam ser encontrados em abundância. Do lado oposto, os índios Chiricoa, das matas colombianas

e andinas, abandonavam não somente as pessoas com deficiência, mas também os idosos e debilitados.

Nas grandes sociedades da Idade Antiga, a temática da deficiência já estava bastante presente no contexto social, com diferentes modos de tratamento. No Egito Antigo, por exemplo, as pessoas com deficiência não sofriam qualquer tipo de discriminação. Segundo artes, túmulos e papiros que resistiram à passagem do tempo, eles eram integrados à sociedade. Pessoas com nanismo, por exemplo, trabalhavam para famílias de alto escalão, sendo inclusive enterrados próximos a seus patrões.

Um tipo de deficiência muito comum no Egito Antigo era a visual. O Egito era conhecido como “Terra de Cegos”, causados por infecção nos olhos das pessoas devido às tempestades de areia, que eram muito comuns (SILVA, 2009).

Na Grécia, a deficiência estava presente inclusive na mitologia, com divindades como as do Amor e da Fortuna, eventualmente apresentadas como pessoas cegas (SILVA, 2009). Além da mitologia, Homero, autor da obra *Iliada*, também era cego, de acordo com relatos.

Mas nas Pólis (cidades-Estados), a situação era muito diferente. No geral, as pessoas com deficiência eram abandonadas ou sacrificadas. Em Esparta, cidade-estado conhecida pelas suas características bélicas, os pais de recém-nascidos eram obrigados a levar as crianças a um tipo de comissão oficial formado por anciãos que se reuniam para examinar e tomar conhecimento do novo cidadão. Após o exame, seu destino era determinado. Os bebês considerados “normais” ficavam com a família até os sete anos e, após esse período, ficavam sob a tutela do Estado, passando a ser treinados na arte da guerra. Os considerados feios e disformes eram sacrificados pelos próprios anciãos, atirados em um abismo de mais de 2.400 metros de altura, chamado *Apothetai*, em uma cadeia de montanhas próximas à Esparta. (SILVA, 2009).

Na capital Atenas, o processo era similar, mas cabia ao próprio pai realizar o abandono da criança deficiente. A prática do extermínio era corroborada por alguns dos principais pensadores gregos. Em “*A República*”, Platão defendia uma política de eugenia como uma medida para fortalecer o Estado:

Pegarão então os filhos dos homens superiores e levá-los-ão para o aprisco, para junto de amas que moram à parte num bairro da cidade; os dos homens inferiores, e qualquer dos outros que seja disforme, escondê-los-ão num lugar interdito e oculto, como convém (PLATÃO, 2010, p. 55)

Aristóteles, em “Política”, também defendia uma proposta similar à de Platão: “Com respeito a conhecer quais os filhos que devem ser abandonados ou educados, precisa existir uma lei que proíba nutrir toda criança disforme” (ARISTÓTELES, 2003, p. 150).

Isso acontecia porque, na Grécia, a condição física do ser humano era algo essencial, principalmente por causa das diversas guerras travadas dentro da península entre as cidades-estados. Essa visão era levada ao extremo, direcionando a vida da população, principalmente a masculina, para o treinamento pesado. Com o passar do tempo, a associação entre corpo e mente também passou a ser considerada. Assim, a definição grega de uma saúde perfeita estava ligada aos padrões físicos e sociais. Por isso, as crianças com deficiência física, sensorial ou mental eram consideradas subumanas, legitimando seu abandono (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2008).

Já na Roma Antiga, as leis não eram favoráveis às pessoas com deficiência. Os pais tinham a permissão de matar as crianças com deformidades físicas através do afogamento. Mas era muito comum que os pais apenas abandonassem seus filhos em cestas no Rio Tibre. Os que sobreviviam, eram explorados como parte de circos ou esmoladores pelas cidades.

Mas foi na Roma Antiga que a percepção da sociedade com as pessoas com deficiência começou a mudar. No período das guerras de expansão, vários soldados retornavam dos campos de batalha com amputações e ferimentos, o que deu início a um sistema de atendimento hospitalar, mesmo que precário (GUGEL, 2012).

Dentro do período do Império Romano, surgiu o Cristianismo, que também foi responsável por uma mudança no relacionamento com as pessoas com deficiência. A nova religião que se constituía tinha, como alguns dos principais preceitos, a caridade e o amor entre as pessoas. Além de favorecer as classes mais baixas, também houve um combate à eliminação dos nascidos com deficiência. Mesmo com a perseguição aos cristãos nos primeiros anos, a partir do século IV, a disseminação do cristianismo mudou as concepções da sociedade romana. Nesse período, foram implantados os primeiros hospitais de caridade. Neles, eram abrigados, em sua maioria, indigentes e pessoas com deficiência (GUGEL, 2012).

O fim do Império Romano, em 476, marcou o início da Idade Média, período conhecido por um fortalecimento do cristianismo e pelo misticismo permeando os acontecimentos do dia-a-dia. O nascimento de uma pessoa com deficiência era visto como um castigo de Deus e o povo acreditava que um corpo com má formações representava a

morada de uma mente também malformada. Os deficientes eram vistos como feiticeiros ou bruxos. Assim, eram abandonados e mantidos a distância.

Ao mesmo tempo, começaram a ser implantados hospitais e centros de tratamento que abrigavam doentes e pessoas com deficiência, financiados muitas vezes pela Igreja. Um dos de maior destaque do período foi criado por Luís IX, rei da França. Conhecido como *Hospice des Quinze-Vingts*, oferecia moradia e alimentação a cerca de 300 pessoas cegas.

A Idade Média representou um período de grande crescimento urbano, sem planejamento, infraestrutura ou recursos. Por isso, era bastante comum a ocorrência de epidemias de doenças como hanseníase (à época conhecida como lepra), peste bubônica, entre outras, que deixaram um grande número de mortos, além de graves sequelas aos sobreviventes. Estas, juntas às deficiências, eram vistos como sinais da ira celeste, e as benzeduras e os exorcismos se tornaram práticas constantes. Ao mesmo tempo em que se tornavam alvos da caridade cristã, com o oferecimento de moradia e alimentação, eram confinados e tirados da sociedade.

O período da Idade Moderna trouxe uma evolução em uma área que, até então, se achava impossível de adentrar: a educação das pessoas com deficiência, em especial as auditivas. Isso aconteceu devido à criação de códigos e língua de sinais, como o do médico e matemático Gerolamo Cardano com o objetivo de ensinar pessoas surdas a ler e escrever por meio de sinais. O sistema de Cardano teve bastante repercussão, chegando a influenciar o monge beneditino Pedro Ponce de Leon a criar um método de ensino para deficientes auditivos. Anos depois, a língua criada pelo italiano foi reproduzida pela primeira vez em um livro, graças ao espanhol Juan Pablo Bonet.

Uma das grandes polêmicas do século XV envolvendo pessoas com deficiência aconteceu na Alemanha: em meio à sua proposição de reforma teológica, Martinho Lutero defendia que crianças com deficiência mental deveriam ser afogadas, porque essas pessoas não possuíam natureza humana e eram usadas por maus espíritos, bruxas, fadas e duendes. Mas o Príncipe de Anhalt, na Alemanha saxônica, desafiou publicamente Lutero, não cumprindo sua ordem (GUGEL, 2012).

Mesmo com todo esse avanço na compreensão das pessoas com deficiência no meio médico e científico, à época elas continuavam a sofrer muita discriminação dentro da sociedade como um todo.

A partir do século XVII, os deficientes passaram a ser internados em orfanatos, manicômios, prisões e outros tipos de instituições, juntamente com delinquentes, idosos e pedintes, ou seja, eram excluídos do convívio social por causa da discriminação que então vigorava contra essas pessoas (BERGAMO, 2010, p. 35)

Durante a Era Napoleônica, na França, evidencia-se um dos grandes marcos da comunicação para pessoas com deficiência. Napoleão havia pedido para Charles Barbier, capitão do exército francês, que desenvolvesse um código para ser usado em mensagens transmitidas à noite, durante as batalhas. No sistema de Barbier, uma letra ou um conjunto de letras era representado por duas colunas de pontos. O sistema acabou sendo rejeitado pelos militares, que acharam muito complicado.

Barbier acabou apresentando seu sistema no Instituto Nacional dos Jovens Cegos de Paris. Entre os alunos que acompanharam a apresentação, estava Louis Braille, então com catorze anos. Ele se interessou pelo sistema e sugeriu modificações para Barbier, que recusou. Braille, então, o refez inteiro, dando origem ao sistema usado por pessoas cegas até hoje.

Ainda no século XIX, sob a influência dos pensamentos humanistas da Revolução Francesa, passou a se perceber que as pessoas com deficiência não precisavam apenas de hospitais e orfanatos, mas também de atenção especializada. Assim, começou a instalação de locais especializados para cada tipo de deficiência, asilos e lares, além da reabilitação física, especialmente nos Estados Unidos e a Alemanha. Foi também no período de Napoleão que os soldados feridos em guerra continuaram no exército. Para o comandante francês, esses homens ainda eram úteis e poderiam servir em outras funções, como selaria e manutenção dos equipamentos de guerra. Essa ideia foi copiada, anos depois, pelo chanceler alemão Otto Von Bismarck (GUGEL, 2012).

O século XX trouxe um avanço sobre o relacionamento da sociedade com a pessoa com deficiência. Isso, principalmente, como resultado das duas Guerras Mundiais, que deixaram milhares de pessoas com sequelas. Além disso, as próprias pessoas com deficiência começaram a lutar por seus direitos, algo que será discutido no próximo item com mais profundidade.

No início do século, começaram a inaugurar na Europa escolas especializadas na preparação da pessoa com deficiência, porque já se notava que o isolamento dessas pessoas da sociedade não era benéfico; eles precisavam participar ativamente do cotidiano e se integrarem. Assim, a temática da deficiência passou a aparecer também com maior frequência nas artes, como na literatura e no recém-criado cinema. Ao longo

das duas primeiras décadas, foram realizadas diversas conferências nos Estados Unidos e em países europeus para debater a integração, os cuidados e o ensino, principalmente das crianças com deficiência.

Um dos responsáveis por uma mudança significativa no modo em que as pessoas enxergavam aqueles com algum tipo de deficiência foi o 32º presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt. Roosevelt, que governou o país de 1933 a 1945, era paraplégico e por mais que não gostasse de ser fotografado na cadeira de rodas, ajudou a mostrar à população americana que, com boas condições de reabilitação, uma pessoa com deficiência pode ter independência pessoal. Mas isso não foi suficiente para impedir uma das maiores matanças de pessoas com deficiência da história.

A Segunda Guerra Mundial, ocorrida de 1939 a 1945, liderada pelo alemão Hitler, assolou e chocou o mundo pelas atrocidades provocadas. Sabe-se que o Holocausto eliminou judeus, ciganos e também pessoas com deficiência. Estima-se que 275 mil adultos e crianças com deficiência morreram nesse período e, outras 400 mil suspeitas de terem hereditariedade de cegueira, surdez e deficiência mental foram esterilizadas em nome da política da raça ariana pura (GUGEL, 2012)

O decreto de eutanásia de Hitler, assinado em primeiro de setembro de 1939, mesmo dia que oficialmente iniciava a Segunda Guerra, foi um dos poucos casos em que a população se mostrou contra a decisão do *Führer*. Para o líder alemão, as pessoas com deficiência eram consideradas portadores da “vida indigna de ser vivida”. A decisão encontrou resistências, como do juiz Lothar Kreyssig, que se manifestou publicamente contra o documento, chegando até a acusar o chefe do programa, Philipp Bouler, de assassinato (DICHER; TREVISAM, 2014).

Após o final da Segunda Guerra Mundial e com a criação da Organização das Nações Unidas (ONU), iniciou-se um debate sobre os direitos humanos, que culminou com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948. O documento, que discorre sobre os direitos de cada pessoa a todo lugar e tempo, também aborda a deficiência, em seu artigo 25, usando a expressão “inválida”:

1. Todo ser humano tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar-lhe, e a sua família, saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948, p. 13)

A partir da Carta, passou-se a debater com maior frequência as legislações e os direitos das pessoas com deficiência, com diversos tratados sendo assinados nos anos subsequentes pelos países. Em 1981, a ONU proclamou o Ano Internacional das Pessoas Deficientes e dois anos depois, a Década Internacional das Pessoas Deficientes.

No Brasil, assim como em outros países, a deficiência começou sendo vista como uma maldição. Tribos indígenas, antes da chegada dos europeus, eliminavam as crianças e abandonavam os que adquiriam algum tipo de deficiência durante a vida. Essa prática ainda é encontrada até hoje em pelo menos 13 tribos indígenas brasileiras, como os Ianomâmis, Suruwahas e Kamaiurás, localizados na Região Norte. Esse ato é assegurado pela Constituição Federal, que defende as práticas tradicionais das tribos, mas há um movimento no Congresso Nacional para proibir³.

Ao longo dos anos, a sociedade brasileira melhorou muito no respeito e do tratamento da pessoa com deficiência, mas assim como na Europa, foi um processo que levou séculos para atingir o patamar atual.

Dom Pedro II seguiu o movimento que acontecia na Europa durante o século XIX da criação de locais específicos para o ensino de pessoas com deficiência. Aqui no Brasil, criou o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, que atualmente é conhecido como Instituto Benjamin Constant, em 1854, e, três anos depois, o Imperial Instituto de Surdos Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos. Antes disso, o tratamento empreendido a pessoas com deficiência seguia os padrões europeus, com o isolamento do resto da sociedade.

Na primeira metade do século XX, a legislação brasileira teve um primeiro embrião de conteúdo referente às pessoas com deficiência. Na Constituição de 1934, o artigo 138 discorre sobre ser incumbência da União, dos Estados e dos Municípios: “a) assegurar amparo aos desvalidos, criando serviços especializados e animando os serviços sociais, cuja orientação procurarão coordenar” (BRASIL, 1934). É interessante destacar o fato de que esse artigo, por mais embrionário que seja, foi redigido 14 anos antes da Declaração dos Direitos Humanos, o primeiro documento a nível internacional a tratar sobre o tema.

³ Mais informações sobre essa questão em reportagem do programa *Fantástico*, da Rede Globo de Televisão, produzido em 2014: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/12/tradicao-indigena-faz-pais-tirarem-vida-de-crianca-com-deficiencia-fisica.html>

Mesmo com a emenda número 12 à Constituição Federal de 1967, que trouxe uma evolução sobre o tema, o grande marco na legislação brasileira sobre a pessoa com deficiência se dá mesmo apenas com a Constituição de 1988, assegurando a proteção deste grupo em diversos artigos. A partir daí a legislação específica foi aprimorando-se, principalmente com a participação do Brasil em diversas convenções internacionais, como a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, de 2006.

Com relação à educação das pessoas com deficiência, as primeiras iniciativas brasileiras datam de 1931, com a criação de uma classe especial para deficientes físicos na Escola Mista do Pavilhão Fernandinho da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, com novas turmas sendo inauguradas em 1948, 1950 e 1969. Para os deficientes mentais, o primeiro marco foi em 1932, com a criação da Sociedade Pestalozzi, em Belo Horizonte. Posteriormente, em 1954, foi fundada, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), que atualmente conta com 2.200 entidades filiadas, atendendo cerca de 250 mil pessoas (APAE, 2019).

Vencida a etapa da compreensão histórica acerca da relação entre a deficiência e a sociedade, mostrou-se necessária a busca de uma definição do termo “Deficiência” que contemple o pensamento contemporâneo acerca do tema. Ao longo dos anos, a concepção foi modificando-se, indo de uma relação mais próxima à questão médica até os dias atuais, onde passa a ser a consequência de uma sociedade que não está preparada para receber e integrar plenamente as pessoas com algum tipo de lesão permanente.

Amiralian *et al* (2000) defendem que o debate acerca de uma definição correta de deficiência é importante e precisa ser ampliado, envolvendo diversos grupos, como profissionais e entidades representativas, com o objetivo de criar uma linguagem que seja comum à comunidade científica. Assim, isso poderia extrapolar o campo acadêmico e ser aplicado à sociedade como um todo, podendo dar maior atenção às pessoas com deficiência, podendo facilitar a promoção de ações que tragam benefícios a todos.

Até a década de 1970, a definição de deficiência estava muito ligada à área médica. Isso começou a mudar em 1976, durante a IX Assembleia da Organização Mundial de Saúde, a OMS. No evento foi proposta uma classificação, cuja sigla em português era CIDID (Classificação Internacional de Deficiências, Incapacidades e Desvantagens). A CIDID se mostrou revolucionária nas legislações referentes a pessoas com deficiência porque deixava de abordar apenas a medicina e também considerava outras áreas importantes como a reabilitação e a segurança social.

Isso aconteceu porque o documento conceituava também as mais diversas situações que estavam relacionadas à deficiência. Dessas, três se destacaram: lesão (*impairment* em inglês), deficiência (*disability*) e *handicap* / desvantagem. Este último foi colocado de modo diferente dos demais porque por um breve período o termo foi utilizado no Brasil assim como no inglês. De acordo com a CIDID, deveriam ser entendidos como:

- 1) Lesão: é qualquer perda ou anormalidade psicológica, fisiológica ou anatômica de estrutura ou função;
- 2) Deficiência: é qualquer restrição ou falta resultante de uma lesão na habilidade de executar uma atividade da maneira ou da forma considerada normal para os seres humanos;
- 3) *Handicap*: é a desvantagem individual, resultante de uma lesão ou deficiência, que limita ou dificulta o cumprimento do papel considerado normal (OMS, 1980, p. 27-29)

Exemplificando, uma pessoa pode ter uma lesão de linguagem, uma incapacidade de falar e o *handicap* ser uma desvantagem na orientação. Ou também uma lesão intelectual, uma deficiência de relacionar-se e o seu *handicap* ser a dificuldade na integração social.

Por mais que trouxesse uma novidade na definição de deficiência e suas “adjacências”, a proposta de classificação da CIDID também foi criticada por pesquisadores e entidades que defendiam que as conceituações ainda não abordavam a deficiência como deveria. Chamie (1990) identificou três dificuldades: o isolamento e diferenciação dos termos, a dificuldade em treinar as pessoas para utilizar essa forma de modo padronizado e a aplicação deste para as diversas teorias e modelos da deficiência.

Os modelos, que são estudados mais a fundo no item seguinte, também estavam no centro das críticas à CIDID, principalmente pelo fato da proposta da OMS estar muito ligada ao modelo médico, ignorando a dimensão da experiência social, um contraponto ao que era então a norma mais comumente adotada (HUTCHINSON, 1995).

A resposta à busca do conceito ideal sobre deficiência veio da própria legislação brasileira. Como já mencionado antes, desde a década de 1930 que as leis do país abordam as pessoas com deficiência, mesmo que de modo superficial. Na última década, houve um avanço muito grande nesse tema, principalmente com a aprovação e sanção da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência em 2015, no governo de Dilma Rousseff.

O projeto, inicialmente chamado de Estatuto da Pessoa com Deficiência (denominação aplicada popularmente até os dias de hoje), foi apresentado pela primeira vez em 2000 por Paulo Paim, do Partido dos Trabalhadores (PT), então Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul. Ao longo de 15 anos a proposta passou por diversas modificações devido a ratificações do Brasil em tratados internacionais sobre pessoas com deficiência, e após audiências públicas entre 2013 e 2014, teve seu texto final apresentado pela então Deputada Federal Mara Gabrilli, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Em 2015, foi aprovado nas duas casas e sancionado pela então presidente Dilma.

Os Artigos 2º e 3º do documento são responsáveis por definir o que seriam deficiência e pessoas com deficiência:

Art. 2º. Consideram-se pessoas com deficiência aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas

Art. 3º. Para o reconhecimento dos direitos de que trata esta Lei, serão consideradas as deficiências que acarretem impedimentos nas funções ou na estrutura do corpo, referentes às capacidades comunicativas, mentais, intelectuais, sensoriais ou motoras (BRASIL, 2015)

A definição proposta pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência engloba perfeitamente a visão geral acerca do termo. Discorre sobre os impedimentos de diversas naturezas, mas também dos problemas relacionados à integração e participação plena na sociedade, mostrando-se, assim, o conceito ideal para esta pesquisa. Além disso, o documento também aborda diversas questões essenciais às pessoas com deficiência, garantindo a elas igualdade perante a lei, sem sofrer nenhum tipo de discriminação, as obrigações do Poder Público e os direitos referentes à vida em comunidade.

1.2 Os debates do modelo social *versus* o modelo médico da deficiência

O surgimento do modelo médico tem relação com a passagem da sociedade da Idade Moderna para a Idade Contemporânea, mais especificamente o período da Revolução Industrial, no século XVIII. Como mencionado anteriormente, é um período na qual se nota um crescimento do individualismo e da urbanização, que trouxeram um impacto na sociedade e na vida em comunidade. As pessoas que possuíam problemas, físicos ou de comportamento, eram consideradas fardos para a sociedade, devido ao seu

baixo nível de produção e, assim, passaram a ser apartados do convívio social e internadas.

Mas a medicina também passou a modificar radicalmente o modo de tratamento das pessoas com deficiência. O modelo médico, que também é conhecido como individual ou tradicional, tem a deficiência como um problema que precisa ser tratado. É seu objetivo principal a busca pela reabilitação do indivíduo deficiente, para que seja integrado à sociedade, tornando-se novamente funcional e deixando de ser considerado fardo.

A partir de uma perspectiva biológica, o modelo médico interpreta as limitações do indivíduo como a causa das dificuldades vividas. Desta forma, a deficiência é vista como a incapacidade de um indivíduo, resultando na perda ou limitação de uma função. Os impedimentos são construídos pela deficiência e não pela inabilidade da sociedade em se adaptar à realidade das pessoas com deficiência, desconsiderando questões de inacessibilidade, discriminação e preconceito.

Desde os anos 1950, o modelo médico tem recebido críticas por diversos motivos, como a defesa de um padrão estético, de forma, comportamento e competência para o ser humano, argumentando que a pessoa com deficiência possui um desvio de uma norma padrão que precisa ser corrigido. Essa visão tem sido bastante confrontada atualmente, mesmo fora do debate sobre a deficiência, em uma era de serviços estéticos realizados em larga escala.

Outra crítica direcionada ao modelo médico é a falta de consideração da experiência pessoal de quem possui algum tipo de deficiência. Isto, principalmente por colocar o ambiente social de forma neutra, como se não tivesse nenhuma influência no dia a dia das pessoas deficientes.

Em 20 de setembro de 1972, o sociólogo britânico Paul Hunt deu início a uma corrente de pensamento nos estudos sobre deficiência que ficou conhecido como o modelo social. Hunt, que é deficiente físico, enviou uma carta ao jornal inglês *The Guardian*, onde se lia:

Senhor Editor, as pessoas com lesões físicas severas encontram-se isoladas em instituições sem as menores condições, onde suas ideias são ignoradas, onde estão sujeitas ao autoritarismo e, comumente, a cruéis regimes. Proponho a formação de um grupo de pessoas que leve ao Parlamento as ideias das pessoas que, hoje, vivem nessas instituições e das que potencialmente irão substituí-las. Atenciosamente, Paul Hunt (CAMPBELL, 1997, p. 82)

A carta de Hunt rendeu diversas reações. Em poucos anos, o sociólogo e outros ativistas se juntaram para formar a primeira organização política de pessoas deficientes, a UPIAS (Liga dos Lesados Físicos contra a Segregação). Entre os membros da UPIAS estavam os também sociólogos Michael Oliver, um dos principais idealizadores e pensadores do modelo social da deficiência, Paul Abberly e Vic Finkelstein.

Uma das principais características da UPIAS é ser uma das primeiras entidades de e para pessoas deficientes, articulando uma resistência nos campos político e intelectual ao modelo médico. Para eles, a opressão sofrida pelos deficientes tinha origem na sociedade, incapaz em prever e incorporar a diversidade. Isso representou a introdução dos estudos sobre deficiência no campo sociológico, indo além da área biomédica.

Em um primeiro momento, a grande colaboração da UPIAS foi a redefinição dos termos lesão e deficiência, baseada em uma perspectiva de política de exclusão social:

Lesão: ausência parcial ou total de um membro, ou membro, organismo ou mecanismo corporal defeituoso

Deficiência: desvantagem ou restrição de atividade provocada pela organização social contemporânea, que pouco ou nada considera aqueles que possuem lesões físicas e os exclui das principais atividades da *vida social* (UPIAS, 1976, p. 3-4)

Assim, a UPIAS deixava claro qual seria o ponto de choque entre o modelo social e o médico. Enquanto, para o modelo médico, a lesão levava à deficiência, para o modelo social, um sistema social opressivo e despreparado leva as pessoas com lesões a experimentarem a deficiência. Mas mantinha um ponto de concordância: que as lesões eram temas da alçada dos cuidados biomédicos.

Esse foi o primeiro grande ponto de crítica do modelo social. Por desconsiderar a relação entre saúde e deficiência, o modelo define a lesão como sendo independente. Isso cria uma contradição que leva ao pensamento de que a deficiência independe da lesão física, mesmo sendo essa condição necessária para a sua manifestação.

Com o modelo social, outra questão também se levantou nos estudos acadêmicos sobre o tema: qual seria o melhor modo de se referir a uma pessoa com deficiência. Mesmo após anos de discussões envolvendo diversas áreas, ainda não se chegou a um consenso, como explica Diniz (2012, p. 20):

Deficiência passou a ser um conceito político: a expressão da desvantagem social sofrida pelas pessoas com diferentes lesões. E, nesse movimento de redefinição da deficiência, termos como “pessoa portadora de deficiência”, “pessoa com deficiência”, “pessoa com necessidades especiais”, e outros agressivos, como “aleijado”, “débil mental”, “retardado”, “mongoloide”, “manco” e “coxo” foram colocados na mesa de discussões. Exceto pelo abandono das expressões mais claramente insultantes, ainda hoje não há consenso sobre quais os melhores termos descritivos.

Ao longo dos anos 80, as definições da UPIAS também foram sofrendo modificações, a partir do momento em que foi criada uma entidade internacional, a Internacional de Deficientes (DPI). A principal mudança agregou outras formas de lesão, já que inicialmente apenas as físicas eram contempladas pela UPIAS. A partir de documentos divulgados pela Organização Mundial de Saúde, a DPI passou também a modificar a nomenclatura das duas definições da UPIAS. O que para a entidade britânica era lesão e deficiência, para a DPI correspondia, respectivamente, deficiência e *handicap*. Por mais que representassem uma aproximação sociológica da opressão e segregação, a utilização de *handicap* foi muito criticada por causa de sua etimologia, que remete a “chapéu na mão”, lembrando a imagem dos deficientes como pedintes.

O fortalecimento do modelo social levou as instituições médicas e de saúde internacionais a fazer modificações nos seus modos de tratamento da deficiência, promovendo, assim, modificações ao modelo médico como era conhecido até então. A primeira entidade a se manifestar, em 1980, foi a Organização Mundial de Saúde, já mencionada acima. Naquele ano foi lançado a CIDID, com a intenção de sistematizar a linguagem biomédica referente a lesões e deficiências.

A proposta da OMS era expandir o número de doenças da CID, Classificação Internacional de Doenças, colocando as lesões como consequência das doenças. Foi estabelecido uma relação lógica entre doença, lesão, deficiência e *handicap*. A ideia por trás do documento era a padronização das terminologias utilizadas a nível mundial, como analisado no item anterior.

O vocabulário proposto pela OMS, porém, representava um retrocesso para os debates do modelo social ao colocar a deficiência como o resultado de uma lesão no corpo de um indivíduo. Outras questões abominadas pelos teóricos também voltaram ao centro das atenções com o documento, como o conceito de anormalidade.

De acordo com Oliver e Barnes (1998), é possível resumir as críticas à CIDID em cinco pontos. O primeiro tem a ver com a representatividade do documento, já que ele

não foi elaborado por pessoas com experiência na deficiência, apenas sobre. Segundo, os fundamentos morais, pelo debate sobre o normal e o anormal. Terceiro, os equívocos da causalidade entre lesão e deficiência. Quarto, o afastamento do debate do campo sociológico e a reaproximação do modelo médico. E por último, o impacto que as classificações poderiam causar na promoção de políticas públicas ao redor do mundo.

Ouvindo as críticas feitas à CIDID, na década de 90 a OMS começou a pensar na revisão do documento, que foi relançado apenas em 2001, com o nome de Classificação Internacional de Funcionalidade, Deficiência e Saúde (CIF). A revisão contou com a participação de entidades acadêmicas e movimentos sociais dos deficientes, além da realização de diversos fóruns ao redor do mundo para a discussão de versões parciais da CIF. A principal diferença entre a CIDID e a CIF tem a ver com o local da deficiência: ele passou de ser consequência de doenças (CIDID) para como pertencente aos domínios de saúde (CIF), que são descritos com base no corpo, no indivíduo e na sociedade. Novos conceitos foram incorporados como “atividade”, “barreiras”, “capacidade”, “estruturas corporais”, “funcionamento”, “restrições de participação” e outros.

O modelo social também passou por uma revisão nas décadas de 1990 e 2000. A mudança foi motivada por críticas relacionadas a questões esquecidas pelos teóricos originais e elas vieram das teóricas feministas, como explica Diniz (2012, p. 58):

As teóricas feministas trouxeram à tona temas esquecidos na agenda de discussões do modelo social. Falaram do cuidado, da dor, da lesão, da dependência e da interdependência como temas centrais à vida do deficiente. Eles levantaram a bandeira da subjetividade do corpo lesado, discutiram o significado da transcendência do corpo por meio da experiência da dor, e assim forçaram uma discussão não apenas sobre a deficiência, mas sobre o que significava viver em um corpo doente ou lesado. Assim como os homens da primeira geração do modelo social, as teóricas feministas também tinham a autoridade da experiência do corpo com lesões – eram deficientes. Mas, diferentemente delas, havia algumas teóricas não deficientes que reclamavam uma nova autoridade: de cuidadoras de deficientes.

As contribuições das teóricas feministas foram muitas para o modelo social, principalmente pela inclusão das questões de gênero e classe, já que, para elas, os teóricos da primeira geração eram membros da elite dos deficientes e suas análises reproduziam suas condições, ignorando um campo bem mais amplo. A condição das cuidadoras também se mostrou central nas críticas, por causa das relações de interdependência pessoal e os vínculos criados entre as pessoas, como familiares que cuidam de entes com

deficiências graves. Por um lado, revigoraram a tese social e por outro, acrescentam novas discussões no âmbito político.

Tanto o modelo médico quanto o social sofrem críticas por não abordarem diferentes problemas ou visões. Enquanto o modelo médico coloca a deficiência como uma tragédia, gerando compaixão dos demais e a necessidade da pessoa se adaptar à sociedade, o modelo social aborda a luta por inclusão e igualdade através de mudanças na estrutura social. Por isso, o panorama atual não se divide mais apenas entre as duas linhas de pensamento. Novos modelos surgiram nas últimas décadas que abarcam características do pensamento médico e social.

Hilgemberg (2017a, p. 60), citando Shakespeare (2006), faz uma breve análise sobre um dos pontos fracos do modelo social, a sua concepção utópica do mundo:

[...] aponta outras fraquezas do modelo social: o modelo define deficiência como opressão. Isso significa que não é uma questão de provar se há ou não opressão, mas sim a extensão da opressão; o modelo apresenta também o conceito utópico de uma sociedade livre de barreiras (a natureza por exemplo não pode ser transformada para que seja acessível a todos). Um ambiente totalmente sem barreiras para uns pode-se criar instantaneamente barreira para todos.

Shakespeare é um dos pesquisadores que começou a olhar a deficiência através de uma abordagem culturalista, concentrando-se em ideias como identidade, estereótipos, linguagem e criação de sentido, na origem do preconceito. Sua busca de construção de novas possibilidades identitárias seria um modo de transformação social e assim, as narrativas pessoais se tornariam intrinsecamente políticas. Outra abordagem feita para a deficiência foi a do viés materialista, onde se destacam pesquisadores como Vic Finkelstein e Paul Abberly, em que focam na opressão das pessoas com deficiência, colocando-os como um grupo minoritário.

Na década de 90, após as sucessivas críticas ao modelo social concebido na Inglaterra, a pesquisadora Liz Crow desenvolveu um novo conceito que ficou conhecido como Modelo Social da Lesão. Para Crow, esse conceito tornaria possível incorporar o reconhecimento da lesão como um dos fatores de restrição à participação da pessoa com deficiência na sociedade, além de definir como se relacionam lesão e deficiência, uma das falhas do modelo social que foram inicialmente criticadas por especialistas. Assim, abarcaria um maior número de situações que relacionam as lesões e as relações e

restrições sociais. França (2013, p. 64), conceitua as principais contribuições desse modelo:

Essa elaboração teórica indica que a sociedade constrói suas próprias representações da lesão, cujo significado transcende o âmbito da biologia, como a difundida ideia de tragédia pessoal. O argumento central a favor da inclusão da lesão numa perspectiva analítica sociológica é a necessidade de notar a correspondência entre as representações acerca de um corpo com lesões e a reações sociais correspondentes.

Outra grande diferença do modelo social da lesão é a inclusão de novos tipos de lesões incapacitantes. Os que sofrem de artrite, por exemplo, passam de produtivas a pessoas que experimentam a deficiência após anos de trabalho mecânico, ao adquirir lesões. Outro grupo que também passou a ser incluído foi o dos idosos, já que muitos necessitam de cuidados e direitos específicos após uma certa idade.

O modelo social possui, ainda, uma outra variação que é conhecida como o baseado em direitos. Possui um formato semelhante ao original, mas seu foco incide mais diretamente no cumprimento dos direitos humanos, como o direito a oportunidades iguais e à participação na sociedade.

Aqui, a sociedade também está no centro do problema, como a causadora de deficiências, e a solução estaria nas legislações e políticas públicas para fazer o desaparecimento das diversas barreiras criadas. Essa abordagem defende que a assistência em áreas como educação, saúde, oportunidade de emprego não seria uma questão de humanidade ou caridade, mas sim um direito básico que pode ser reivindicado por todos. Sendo assim, os dois elementos principais do modelo baseado em direitos é o empoderamento, ou seja, o fortalecimento dos meios de ação, e a responsabilidade, no caso das instituições.

Ainda existe um último modelo de deficiência que possui menos seguidores. É o modelo caritativo, que tem como centro do problema a pessoa deficiente. Segundo o modelo, as pessoas com deficiência são vítimas da sua incapacidade. Assim, a deficiência passa a ser vista como um déficit e as pessoas não seriam capazes de se ajudar e levar uma vida independente, perpetuando uma imagem de sofrimento.

No Brasil, os estudos sobre deficiência aparentam seguir as tendências mundiais. Em um estudo realizado junto ao banco de teses e dissertações da CAPES, Gesser (2010) apontou que existe uma predominância de estudos voltados aos aspectos biomédicos. Os

números mostram um total pequeno de pesquisas que analisam a deficiência pela ótica social na Academia brasileira.

1.3 O esporte na vida da pessoa com deficiência

O uso do esporte e da prática de exercícios físicos como forma de tratamento e reabilitação não é algo recente. Índícios apontam que na China antiga, aproximadamente em 3.000 a.C, já se utilizava essa técnica. Mas para as pessoas com deficiência, esse fenômeno é bem mais recente, com alguns registros nos Estados Unidos no fim do século XIX e a nível mundial durante o século XX.

Em 1838, a Escola Perkins para alunos com deficiência visual começou a dar atenção à educação física para seus alunos. Isso aconteceu porque o então diretor da escola, Samuel Gridley Howe e Charles E. Buell, um profissional de educação física que era cego, defendiam a prática esportiva. Nos primeiros oito anos, era tratado como forma de recreação e lazer, com os estudantes passando períodos de tempo nos jardins. Na década de 1840, a escola mudou de sede e passou a oferecer programas em Ginástica e Natação, se tornando um dos mais avançados nos Estados Unidos em oferta de prática esportiva (WINNICK, 1990).

Por mais que existam registros como o da Escola Perkins, diversos autores reconhecem o início da prática esportiva para pessoas com deficiência em um período mais tardio, o final do século XIX. Para autores como Sherrill (1993), ela estava ligada a orientações médicas, em modo preventivo, corretivo ou de desenvolvimento, com a intenção de fortalecer a saúde e o vigor físico e mental. Essa proposta era influenciada por um sistema de Ginástica Médica criado na Suécia e trazido aos Estados Unidos na década de 1880.

Nas primeiras décadas do século XX, a educação física voltada à prática esportiva ganhou mais força, resultando em programas com um maior número de jogos, modalidades e atividades rítmicas. Assim, se tornavam mais capazes de corresponder às necessidades do corpo como um todo (SHERRILL, 1993).

Além da prática esportiva, também existem registros do esporte competitivo por pessoas com deficiência. Neste momento, é preciso fazer a distinção entre a Educação Física Adaptada e o Esporte Adaptado, já que se diferem na prática e em seus objetivos. Winnick (1990, p. 3-5) define o primeiro como um programa individualizado de atividades de desenvolvimento, incluindo jogos, exercícios e ritmos, para atingir as

necessidades de cada indivíduo. Já o segundo é definido pelo autor como modalidades modificadas ou criadas para atender às necessidades dos mais diversos tipos de deficiência, já pensando no espírito de competição e no alto rendimento.

Os primeiros registros do Esporte Adaptado também são do século XIX. Nos Estados Unidos, atletas surdos foram algumas das primeiras pessoas ligadas à organização de jogos e eventos esportivos em escolas para pessoas com deficiência. No estado americano de Ohio, a década de 1870 trouxe o início de um programa de *Baseball* e em Illinois, houve a introdução do Futebol Americano em 1885. Já no início do século XX, em 1906, a Escola de Wisconsin para Surdos introduziu o Basquete.

Os primeiros programas foram criados em escolas para surdos e era bastante comum que as equipes de diferentes instituições se enfrentassem em torneios e partidas amistosas e em alguns casos, competissem inclusive contra equipes escolares formadas por atletas convencionais⁴. Fora dos Estados Unidos, o movimento foi bastante similar e em 1888, em Berlim, instalou-se o primeiro Clube Esportivo para Surdos.

Por isso, mesmo antes da existência dos Jogos Paralímpicos, foram realizadas outras competições para pessoas com deficiência. O primeiro registro de um evento esportivo do tipo data de 1924. Naquele ano, Paris foi sede do primeiro *Silent Games*, organizado pelo Comitê Internacional dos Esportes dos Surdos (CISS, em francês). Naquela edição inaugural, realizada entre 10 e 17 de agosto, participaram 148 atletas, sendo 147 homens e uma mulher, de nove países europeus.

Anos depois, os Jogos ainda existem, agora com o nome de Surdolimpíadas (*Deaflympics* em inglês). A edição mais recente das Surdolimpíadas de Verão foi a de 2017, em Samsun, na Turquia. Um total de 3.145 atletas de 97 países participaram do evento, disputando medalhas em 18 modalidades. Esse é um dos motivos pelos quais atletas surdos não competem nas Paralimpíadas, cuja história será tratada mais a fundo no próximo capítulo.

Além da Surdolimpíadas, existe mais um evento esportivo de grande porte para pessoas com deficiência. Em 1968 foi realizada a primeira edição das Olimpíadas Especiais (*Special Olympics* em inglês), dedicada a pessoas com deficiências intelectuais. A base desse evento se encontra anos antes, em 1962 com Eunice Kennedy Shriver, irmã

⁴ Como mencionado no capítulo, há um grande debate acerca do melhor jeito de se referir à pessoa com deficiência. O mesmo acontece com relação às pessoas que não têm deficiência. A utilização do termo “convencional” é uma das alternativas usadas ainda hoje, mas existem outras como “pessoa sem deficiência”. Para esta pesquisa, optou-se por empregar o termo “convencional”, a partir da experiência do autor na cobertura das Paralimpíadas Rio-2016

do presidente americano John F. Kennedy. Ela criou um evento chamado Camp Shriver, para crianças com diferentes tipos de deficiência que não tinham acesso à prática esportiva e atlética.

O sucesso do Camp Shriver foi a base para as Olimpíadas Especiais. A ideia surgiu com a professora de Chicago, Estados Unidos, Anne McGlone Burke, da área da educação física, de realizar uma competição pontual no estilo dos Jogos Olímpicos. Burke entrou em contato com Eunice, com a intenção de obter patrocínio para o evento. A edição inaugural foi realizada em julho de 1968 no Soldier Field, em Chicago e contou com a participação de cerca de mil atletas dos Estados Unidos e Canadá com competições em natação e atletismo.

Assim como as Paralimpíadas e as Surdolimpíadas, as Olimpíadas Especiais também cresceram e existem até hoje, com jogos de verão e de inverno. A edição mais recente foi de verão, realizada em março de 2019. A sede foi Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos. No total, participaram cerca de 7.500 atletas de 190 países em 24 modalidades esportivas ao longo de oito dias. Diferente da Surdolimpíadas, muitos atletas das Olimpíadas Especiais participam também das Paralimpíadas, já que esse último também possui classes funcionais de deficiências intelectuais.

Uma grande mudança na área da educação física aconteceu durante a década de 1980. Nesta época, vários cursos de graduação passaram a incluir disciplinas específicas sobre adaptações e criações de programas para pessoas com deficiência. Isso acabou não sendo suficiente para tornar os profissionais aptos a lidar com as diversas deficiências que coexistem em um ambiente escolar inclusivo. Junto com ambientes não-propícios em casa, devido a pais superprotetores, as crianças acabam se tornando inativas e sofrem atrasos em seu desenvolvimento (PEDRINELLI; VERENGUER, 2013).

A legislação brasileira garante, desde a década de 1990, o acesso de crianças com deficiência ao ensino regular, mas na Educação Física percebe-se uma situação distinta, com muitas sendo dispensadas devido à falta de capacidade do ambiente escolar de incluir estes estudantes nas atividades regulares ou mesmo no desenvolvimento de dinâmicas específicas. A Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência, sancionada em 2002, previa, desde o seu texto inicial, a implementação e o acompanhamento de programas esportivos e de atividades físicas para pessoas com deficiência com a intenção de garantir qualidade de vida.

Isso foi reforçado na década seguinte pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência, que abordava também o lazer e a recreação, mas estudos como de Seron, Arruda e

Greguol (2015) mostram que mais da metade das unidades básicas de saúde e espaços de exercício ao ar livre, como academias, espalhadas pelos municípios brasileiros, não apresentavam estruturas acessíveis.

Esse dado corrobora com pesquisa divulgada pela Organização Mundial de Saúde em 2016 sobre a prática esportiva pela população geral. Segundo a Organização, o nível recomendado de prática esportiva semanal seria de 150 minutos semanais de atividade física leve ou moderada ou pelo menos 75 minutos de intensidade vigorosa. Os resultados da população em geral mostram que apenas uma média de 22,5% das pessoas atingiu o recomendado. Entre as pessoas com algum tipo de deficiência, os números são ainda menores. Quando perguntados sobre a prática nos últimos três meses, 13,3% daqueles com deficiência intelectual responderam afirmativamente, enquanto entre pessoas com deficiência física ficou em 13,6%, 21,7% entre os com deficiência auditiva e 22,8% entre aqueles com deficiência visual (OMS, 2016). Os números são preocupantes para o Governo, já que o sedentarismo pode ser ainda mais perigoso para pessoas com deficiência, tornando-as mais propensas a desenvolver doenças como cardiopatias, hipertensão, diabetes, obesidade entre outras.

Além da proteção da própria família, o ambiente ao redor da pessoa com deficiência também pode representar uma grande barreira para o acesso à prática esportiva. Diversos locais não possuem acessibilidade para diferentes tipos de deficiência e o transporte público muitas vezes não está preparado para atender.

Shields, Synnot e Barr (2012) realizaram uma revisão de estudos sobre agentes facilitadores ou que dificultavam a prática de atividades físicas esportivas entre crianças com deficiência. Verificaram, entre as principais dificuldades listadas, a falta de conhecimento, medo, comportamento negativo dos pais, instalações inadequadas e a falta de transporte, programa e profissionais capacitados. Entre os que facilitavam, detectaram o desejo das crianças de serem fisicamente ativas, o apoio familiar e a proximidade do local de prática de sua casa ou escola.

De acordo com autores como Cidade (2009), não se pode apenas pensar na oferta da atividade física para as pessoas com deficiência. É preciso conceber como isso será feito, pois também pode terminar com resultados negativos:

(...) a integração física pode contribuir para minimizar o preconceito, favorecer os contatos mistos, como também pode ter um efeito contrário ao esperado, ou seja, fortalecer o estigma e justificar uma segregação

de caráter menos explícita. Em suas palavras, “estar simplesmente ‘ao lado de’ não propicia real e efetiva integração” (CIDADE, 2009, p. 124)

Por isso um dos grandes debates nos últimos anos entre as instituições que defendem os direitos das pessoas com deficiência tem a ver com a definição de “integração” e “inclusão” e qual seria o mais correto e benéfico para este grupo. A integração é conceituada como “um processo dinâmico de participação das pessoas num contexto relacional, legitimando sua interação nos grupos sociais. A integração implica reciprocidade” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1994, p. 18). Ainda segundo o documento federal, a integração teria como base valores democráticos como a igualdade, a participação ativa e o respeito a direitos e deveres estabelecidos.

A integração pode acontecer de três formas diferentes: a inserção de pessoas com deficiência na sociedade de modo puro e simples; a inserção com algum tipo de adaptação ou a inserção em ambientes separados.

Já a inclusão é um processo que acontece a nível mundial desde a década de 1950. A inclusão seria um processo amplo, com transformações na sociedade, pequenas ou grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas. Assim, a pessoa com deficiência poderia buscar seu desenvolvimento e exercer a cidadania (SASSAKI, 1997).

Para este autor, entende-se que para uma efetiva participação da pessoa com deficiência na sociedade, são necessários projetos e mudanças de pensamentos que incluam as características de ambos os conceitos. E o esporte tem se mostrado um importante aliado, sendo responsável em diversos casos por colocar as pessoas em meio a um convívio social.

Segundo o Comitê Paralímpico Brasileiro, em um balanço de um ano dos Jogos Rio-2016, o megaevento ajudou a impulsionar o esporte paralímpico no país, não apenas na arrecadação de verbas, mas também na busca pela prática esportiva de diversas modalidades, como a natação. Muitos jovens atletas afirmam que o evento os incentivou a trilhar esse caminho⁵.

Nas últimas décadas, o Esporte Adaptado passou por uma guinada em direção ao alto rendimento, devido à influência e ao crescimento das Paralimpíadas. Isso levou a uma profissionalização do esporte paralímpico, em formato mais próximo ao que é visto entre atletas olímpicos. Mesmo com esse processo, não perdeu sua visão de

⁵ Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/um-ano-depois-esporte-paralimpico-cresce-no-pais-embalado-pelo-sucesso-da-rio-2016.ghtml>. Acesso em: 25 jun. 2019

empoderamento de pessoas com deficiência, apenas passou a tratar os lados social e econômico do esporte e do evento lado a lado (COSTA E SILVA *et al.*, 2013).

Essa mudança é criticada por alguns autores como Grubano (2015). Segundo o pesquisador, ao mesmo tempo que pode funcionar como instrumento de empoderamento das pessoas com deficiência, o seu componente competitivo também possui uma face de exclusão, devido à seleção de sujeitos que são comparados em diversas questões como suas capacidades atléticas.

A face de exclusão é um componente do esporte competitivo, tendo sempre feito parte dele. Talvez seja por isso que, nas Paralimpíadas, o discurso de “todos são vencedores por terem chegado até aqui” seja ainda mais reforçado em comparação às Olimpíadas. Mas entende-se que esse ponto negativo seja minimizado diante do trabalho que os Jogos Paralímpicos têm feito na luta pelos direitos das pessoas com deficiência.

Wheeler *et al* (1999), realizaram pesquisa com atletas do Canadá, Estados Unidos, Israel e Reino Unido sobre a visão que eles tinham do movimento paralímpico e dos eventos esportivos como um todo. O resultado obtido mostra que os atletas também apontaram esses espaços como um local para a manifestação política das pessoas com deficiência, com a intenção de exigir melhores condições na sociedade como um todo.

A performance dos atletas paralímpicos também tem melhorado nos últimos anos, chegando a um resultado que chamou a atenção durante os Jogos do Rio em 2016. Na final da prova dos 1.500 metros, classe T13, para atletas com perda visual parcial, sem necessidade de acompanhamento de guia, os quatro primeiros colocados fizeram um tempo melhor que o do vencedor da mesma prova nas Olimpíadas. À época, o ouro paralímpico ficou com o argelino Abdellatif Baka, com um tempo de 3 minutos 48 segundos 290 milésimos, enquanto nos Jogos Olímpicos, o vencedor foi o norte-americano Matthew Centrowitz, com 3 minutos e 50 segundos.

Mas se faz necessário contextualizar esses números. Enquanto, por um lado, a prova paralímpica foi muito mais rápida que o esperado, a olímpica foi a mais lenta desde a edição de 1932. Isso aconteceu devido ao ritmo imposto pelos atletas olímpicos na prova, que optaram por conservar o ritmo na fase inicial.

Essa aproximação no rendimento também é notada através de atletas paralímpicos que competiram ou realizaram um pedido junto ao COI para viabilizar suas participações em Jogos Olímpicos. O caso mais famoso é o do sul-africano Oscar Pistorius, que, em Londres-2012, competiu tanto nas Olimpíadas quanto nas Paralimpíadas.

Atualmente, o principal caso do tipo é o do alemão Markus Rehm. Markus, competidor do Atletismo, tenta conseguir liberação para competir nas Olimpíadas de Tóquio, já tendo um pedido seu negado para a Rio-2016. No esporte paralímpico, ele é a maior estrela do salto em distância, disputando a categoria T44, para amputados abaixo do joelho. Quando tinha 13 anos, Rehm perdeu um pedaço da perna direita em um acidente de Wakeboard e desde então usa uma prótese nessa perna.

Em competições paralímpicas, Markus não encontra competidores que consigam ter um rendimento minimamente próximo ao seu. Para ilustrar, nas Paralimpíadas do Rio, ele conseguiu o ouro no salto à distância com uma marca de 8,21 metros. O segundo colocado, o holandês Ronald Hertog, fez apenas 7,29 metros, 92 centímetros a menos. A melhor marca do alemão é 8,4 metros, obtido no mundial de 2015. Com esta marca, Markus teria conseguido a medalha de ouro nas três edições anteriores das Olimpíadas (Atenas, Pequim e Londres).

Por isso, o atleta tenta obter a autorização junto ao COI e à Associação Internacional de Federações de Atletismo (AIFA) para competir em ambos os eventos, mesmo que não pudesse ganhar medalha nas Olimpíadas. Ele não consegue devido à polêmica sobre o uso de prótese. Especula-se que a sua prótese chamada de *blade*, devido ao seu formato, pode oferecer um ganho competitivo em comparação aos atletas convencionais.

Para tentar resolver a situação, tanto a AIFA quanto o próprio alemão encomendaram estudos sobre o caso, que obtiveram resultados inconclusivos. Por um lado, um atleta com amputações demora mais a acelerar por causa da *blade*, por outro, ele também pode ter um desempenho melhor na hora do salto por causa dessa tecnologia, que ajuda em seu impulso. Esta é uma das perguntas da vez na área acadêmica, mas ainda não é possível determinar com precisão sua resposta.

CAPÍTULO 2 – COMEÇA O MATA-MATA: O JORNALISMO ESPORTIVO E AS PARALIMPIADAS NO CONTEXTO DOS MEGAEVENTOS

Passada a fase de grupos, chegou a hora do momento em que todo fã de esporte mais espera em uma disputa por medalha: o mata-mata. É a hora em que o nervosismo fica a flor da pele porque apenas uma partida pode mudar tudo no caminho de uma seleção rumo ao lugar mais alto do pódio. É o momento em que as emoções são mais visíveis, da paixão à raiva.

Este capítulo se debruça sobre três grandes temas importantes e que levantam a paixão, mas que possuem uma boa dose de polêmica: o Jornalismo Esportivo, os Megaeventos Esportivos e o Esporte Paralímpico.

2.1 O esporte paralímpico: das origens no século XIX a PyeongChang-2018

Como mencionado no capítulo anterior, a história do Esporte Adaptado vem de antes das Paralimpiadas, nos Estados Unidos, ainda no século XIX. Mas a criação dos Jogos se encontra em outro momento da história, como um resultado indireto de um dos mais violentos conflitos já vistos: a 2ª Guerra Mundial. A história do Movimento Paralímpico se inicia com uma pessoa que hoje é considerada o pai dos Jogos: Dr. Ludwig Guttmann.

Nascido em 3 de julho de 1899, na cidade de Tost, na Prússia, Guttmann teve seu primeiro contato com a medicina durante a Primeira Guerra Mundial, quando trabalhou como voluntário em um hospital na Polônia. Após o final do conflito, iniciou seus estudos no país antes de se mudar para a Alemanha, onde recebeu seu título de médico em 1924. Durante a ascensão do Partido Nazista, Guttmann se consolidava como o principal neurocirurgião do país. Mas com a perseguição dos nazistas aos judeus, precisou se mudar com sua família. Seu destino foi a Inglaterra, e lá passou a trabalhar junto com o governo britânico durante a Segunda Guerra. Foi designado para a cidade de Stoke Mandeville, para criar o Centro Nacional de Tratamento para Lesões na Coluna no hospital local. Ao assumir o posto de diretor do centro, em 1944, ele passou a incluir a prática esportiva como forma de tratamento. A maior parte dos pacientes era composta por soldados e civis feridos em batalha.

Com a realização dos Jogos Olímpicos de 1948 em Londres, Guttmann decidiu organizar um evento esportivo paralelo, entre os pacientes em tratamento. No dia da

Cerimônia de Abertura dos Jogos de Londres, tinha início a primeira edição dos Jogos de Stoke Mandeville. Com apenas uma modalidade esportiva, o Tiro com Arco, 14 homens e duas mulheres integraram a competição.

Os Jogos de Guttman logo chamaram a atenção do mundo e quatro anos depois, em 1952, foi realizada a primeira edição dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, com a participação de uma delegação holandesa. Ao longo da década de 50, o número de participantes cresceu junto com as nações presentes até que, em 1960, o evento mudou de sede. Com a intenção de internacionalizar os Jogos de Stoke Mandeville, a organização recebeu um convite para a mudança do local de realização da 9ª edição. A cidade que havia se candidatado era Roma, já que a capital italiana sediaria também as Olimpíadas no mesmo ano. Entre 18 e 25 de setembro, cerca de 400 atletas de 23 países, todos com diferentes tipos de lesão na coluna, competiram por medalhas em Tiro com Arco, Atletismo, Dardos, Sinuca, Tênis de Mesa, Natação, Basquete e Esgrima em Cadeira de Rodas. Na ocasião, a Itália terminou em primeiro no quadro de medalhas, com 29 ouros, nove à frente da Grã-Bretanha, local de origem dos Jogos.

Mesmo ainda com o nome de Jogos Internacionais de Stoke Mandeville, essa edição representou o nascimento das Paralimpíadas. O termo, porém, passou a ser utilizado apenas a partir de 1984, após a aprovação oficial do Comitê Olímpico Internacional, já que, até então, o nome oficial do evento era “Jogos Olímpicos para Deficientes”

Inicialmente, acreditava-se que o termo original, Paraolimpíada, originava-se da junção das palavras “Para”, de paraplégico, e “Olímpico”. Posteriormente, confirmou-se que a origem vem da preposição grega “Para”, de paralelo, com a palavra “Olímpica”. Isso se deu porque desde o seu surgimento, em 1960, as Paralimpíadas são realizadas como eventos paralelos às Olimpíadas, sempre iniciando cerca de duas ou três semanas após o fim dos Jogos Olímpicos.

Assim como as Olimpíadas, as Paralimpíadas também possuem Jogos de Inverno. A primeira edição foi realizada na cidade sueca de Örnköldsvik, em 1976. Até 1992, as provas de verão e inverno aconteciam no mesmo ano. A mudança veio em 1994, com os Jogos de Lillehammer, na Noruega. A partir daí as Paralimpíadas de Inverno e de Verão passaram a se intercalar, com uma edição de cada evento a cada dois anos.

Desde 1960, já foram realizadas 27 edições de Jogos Paralímpicos, 15 deles de verão e 12 de inverno. Os Estados Unidos são o país que mais vezes recebeu o evento: três vezes, em 1984 e 1996 os Jogos de Verão e, em 2002, os de Inverno. Além disso, já

é certo que será sede mais uma vez, em Los Angeles-2028. E entre as cidades-sede, Pequim será a única a receber tanto as Paralimpíadas de Verão, em 2008, quanto as de Inverno, ainda em 2022.

Até o início dos anos 80, as Paralimpíadas eram organizadas por diferentes entidades que regulavam o esporte para pessoas com deficiência do mundo inteiro. Com o objetivo de organizar os jogos de modo mais eficiente e fortalecer o Movimento Paralímpico, quatro grupos formaram o Comitê de Coordenação Internacional (ICC em inglês), parte da Organização Mundial de Esportes para a Pessoa com Deficiência, em 1982. O Comitê foi ganhando importância, principalmente com a inclusão dos Comitês Paralímpicos Nacionais e, em 1989, foi formalizada a criação do Comitê Paralímpico Internacional (IPC, em inglês e forma que será utilizada nesta pesquisa).

O IPC tem como função hoje a organização dos Jogos Paralímpicos, além de funcionar como federação internacional de nove modalidades, como Atletismo, Hockey no Gelo, Halterofilismo e Dança. Com sede na cidade alemã de Bonn, o atual presidente do IPC é o ex-presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro Andrew Parsons, eleito em 2017, após atuar como vice-presidente na gestão anterior.

Após a criação do IPC, houve um estreitamento das relações entre a entidade e o COI. Desde Seul-1988, as sedes Olímpicas e Paralímpicas de Verão e Inverno passaram a ser as mesmas, devido a um acordo de cooperação entre os eventos para fortalecimento. Isso foi oficializado em 2001, e a versão mais recente do documento mantém o acordo até 2032, pelo menos. Assim, toda cidade que se candidata a ser sede olímpica, tem a obrigação de receber também as Paralimpíadas. Isso acontece também com outros megaeventos como o Pan e o Parapan-Americano, cujas edições mais recentes, de 2019, têm Lima, capital do Peru, como sede.

Ao longo de seus quase 60 anos de existência, as Paralimpíadas cresceram em número de atletas, nações participantes, modalidades disputadas e audiência. De 400 atletas de 23 países e 8 modalidades em disputa em Roma-1960, saltou para 4342 competidores, de 159 nações e 22 modalidades na Rio-2016, os maiores números até então. E em nível de audiência, os Jogos de 2016 registraram um público acumulado, ao longo dos 11 dias de evento, de 4,1 bilhões de espectadores apenas pela televisão. Esse número é 222% maior que Atenas-2004, com 1,85 bilhão.

No início, apenas atletas com lesões na coluna podiam participar das Paralimpíadas. Hoje, o número de deficiências permitidas nos Jogos aumentou. No total, são dez os tipos que integram as Paralimpíadas. São elas: de potência muscular, de

movimento, de membro, no comprimento da perna, baixa estatura, de tônus muscular (hipertonia), de coordenação muscular (ataxia), de controle dos movimentos (atetose), visual e intelectual.

Atualmente, o programa paralímpico é composto por 22 modalidades, nos Jogos de Verão e seis nos de Inverno. Dentro de cada esporte, há diversos eventos, para comportar as diversas deficiências dos atletas, em tipo e grau. Esse sistema é chamado de classificação funcional e tem como objetivo prevenir que um atleta ou um grupo tenha vantagens sobre outros. Assim, os competidores passam por avaliações médicas que também analisam o potencial do atleta considerando sua lesão ou patologia e o impacto que essas limitações trazem ao desempenho competitivo. Por isso, uma mesma prova olímpica pode ser disputada mais de dez vezes nas Paralimpíadas. Tomando a Natação como exemplo, nas Olimpíadas, a prova dos 100 metros livres é disputada duas vezes: masculino e feminino. Nas Paralimpíadas, além da divisão por gênero, os atletas são divididos em 14 classificações, de S1 a S14, de acordo com o tipo e o grau da deficiência. Na Rio-2016, os 100 metros livres foram realizados 18 vezes, de 28 possíveis.

Outras modalidades, como o Rugby em Cadeira de Rodas, são limitadas a atletas com tipos específicos de deficiência e se organizam de outro modo. No Rugby, os atletas, todos com lesões nos membros superiores e inferiores, recebem um índice que reflete seu nível funcional variando entre 0.5 e 3.5. Quanto mais baixo o índice, menor é o seu nível de mobilidade. Entre os cinco jogadores em quadra, a soma dos índices não pode exceder oito pontos. Mas caso haja mulheres entre esses atletas, a somatória pode exceder meio ponto para cada uma. Ou seja, se uma equipe jogar com duas mulheres, pode-se ter até nove pontos em quadra.

O sistema de classificação, porém, não é perfeito e recebe diversas críticas, principalmente de atletas, que reclamam por terem sido classificados em classes que não correspondem à realidade da sua deficiência, tendo assim uma desvantagem em comparação aos seus competidores. Um dos casos mais recentes envolvendo a classificação funcional aconteceu em abril de 2019, com o nadador brasileiro André Brasil.

André, que em seu currículo possui 14 medalhas paralímpicas, competia na classe S10, a mais alta das classes funcionais (maior nível de mobilidade), devido à uma poliomielite contraída aos três meses de vida e que deixou como seqüela uma diferença de cinco centímetros no comprimento de uma perna em comparação com a outra. Ao longo de seus 14 anos competindo na natação paralímpica, André havia passado por três

classificações que o haviam considerado apto para participar de competições paralímpicas. Mas devido a uma mudança nas regras pelo IPC, na sua reclassificação mais recente, ele se tornou inapto para praticar o esporte paralímpico, por considerar que ele levaria uma vantagem contra os demais. Por competir na classe funcional mais alta, André foi barrado das competições que disputaria, como os Jogos Parapan-Americanos de Lima, em agosto de 2019. O caso levantou novamente dúvidas sobre a confiabilidade da classificação funcional e a decisão recebeu diversas críticas de pessoas ligadas ao esporte paralímpico.⁶

Fora do âmbito das Paralimpíadas, na História do Esporte existem diversos casos de atletas com algum tipo de deficiência que foram bem-sucedidos disputando modalidades com pessoas convencionais, como descreve Winnick (1995, p. 3)

Although most individuals with unique needs remain rather obscure, some have become sport celebrities. For example, Wilma Rudolph – despite birth defects and polio – was a triple gold medalist in the 100m, 200m, and 400m relays in the 1960 Rome Olympics. Peter Gray, whose right arm was amputated, played centerfield for the St. Louis Browns in 1945. Others include Harry Cordellos, a sightless distance runner who ran the 1975 Boston Marathon with a sighted partner in 2 hours, 57 minutes, and 42 seconds; [...] and Jim Abbott, who became an award-winning lefthanded pitcher for the New York Yankees despite an impaired right hand.⁷

Nos últimos 30 anos, tivemos diversos casos de atletas que competiram tanto nas Olimpíadas quanto nas Paralimpíadas. São duas situações que podem levar a isso: primeiro, um atleta que adquire uma deficiência ao longo da vida e passa a ter que competir nos Jogos Paralímpicos; segundo, atletas paralímpicos que, através de autorizações do Comitê Olímpico Internacional e das Associações reguladoras de suas modalidades, conseguiram competir simultaneamente em ambos os eventos.

O primeiro caso registrado de alguém que obteve a autorização para competir em Olimpíadas foi da neozelandesa Neroli Fairhall. A atleta do tiro com arco já havia

⁶ <https://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/com-14-medalhas-paralimpicas-nadador-brasileiro-e-considerado-inelegivel-para-o-esporte.ghtml>. Acesso em: 19 jul. 2019

⁷ Tradução: “Apesar de a maioria dos indivíduos com necessidades únicas permanecerem escondidos, alguns se tornaram celebridades esportivas. Por exemplo, Wilma Rudolph – apesar de deficiências congênitas e poliomielite – foi três vezes medalhista de ouro nos revezamentos de 100m, 200m e 400m nas Olimpíadas de Roma. Peter Gray, que teve o braço direito amputado, jogava como central no St. Louis Browns em 1945. Entre outros têm-se Harry Cordellos, um corredor de longas distâncias cego que correu a Maratona de Boston em 1975 com um parceiro com visão em 2 horas, 57 minutos e 42 segundos [...] e Jim Abbott, que se tornou um arremessador vitorioso com o New York Yankess apesar de problemas com sua mão direita”

competido nas Paralimpíadas de Arnhem, em 1980, mas em 1984, foi a primeira cadeirante a competir na modalidade olímpica, nos Jogos de Los Angeles.

Existem diversos registros, como a iraniana Zahra Nemati, do tiro com arco, que esteve presente na Rio-2016, a polonesa do tênis de mesa Natalia Partyka, que desde 2008 compete em ambos os Jogos e o sul-africano Oscar Pistorius, do atletismo. Após uma disputa judicial com o COI, Pistorius conseguiu competir pela primeira vez em jogos olímpicos em Londres-2012. Além desses, existem casos como o do italiano Alessandro Zanardi. O atleta compete em jogos paralímpicos no ciclismo, mas também continua participando de campeonatos automobilísticos com carros modificados.

Em anos mais recentes, foram realizadas eleições para definir as cidades-sedes das futuras edições das Olimpíadas e Paralimpíadas de Verão e Inverno. Em setembro de 2013, Tóquio foi eleita para sediar os Jogos de Verão de 2020, vencendo Istambul, na Turquia, e Madrid, na Espanha. Pequim, na China, venceu Almaty, no Cazaquistão, pelo direito de sediar os Jogos de Inverno, em 2022. Em 2017, em uma decisão inédita do Comitê Olímpico Internacional, Paris e Los Angeles foram selecionadas, por unanimidade, para receberem os Jogos de Verão de 2024 e 2028, respectivamente. Isso se deu por problemas nas candidaturas de diversas cidades, devido à insatisfação popular por causa dos altos custos de construção e melhorias que passaram cidades como Londres e o Rio de Janeiro. Após diversas reclamações, o COI anunciou modificações nos compromissos das cidades-sedes, com a intenção de reduzir os custos de receber os megaeventos e, assim, voltar a ter mais candidaturas para edições futuras. A última eleição, que aconteceu no Congresso Anual do COI em 2019, definiu as sedes dos Jogos de Inverno de 2026, Milão e Cortina d'Ampezzo na Itália. Para os Jogos Olímpicos, é uma decisão inédita de ter duas cidades-sedes, mas para as Paralimpíadas isso já havia acontecido antes, na edição de Verão em 1984, que teve como sedes Nova York, nos Estados Unidos e Stoke Mandeville.

Essa situação se deu por problemas de organização por parte das instituições norte-americanas. Os Jogos seriam realizados em Los Angeles, após o fim das Olimpíadas na cidade, tendo o apoio do Comitê Olímpico Internacional. Mas, em 1980, foi descoberto que os grupos responsáveis pelos esportes das Paralimpíadas não haviam firmado qualquer acordo com o Comitê Organizador Local. Assim, a Associação Americana de Esportes para Cadeirantes resolveu trocar a sede de seus jogos para Stoke Mandeville, por ser o berço das Paralimpíadas. Enquanto isso, as instituições responsáveis pelos atletas amputados, com deficiências visuais e com paralisias cerebrais conseguiram um

acordo para que o estado de Nova York recebesse as demais competições no Mitchel Field, em Long Island.

2.2 A relação do Brasil com o esporte paralímpico e a Rio-2016

A organização do esporte adaptado no Brasil teve início na década de 1950. Em abril de 1958, o alagoano Robson de Almeida Sampaio criou o Clube do Otimismo no Rio de Janeiro, iniciando treinos para ensinar os fundamentos do basquete em cadeira de rodas para pessoas com deficiência das camadas mais pobres da cidade. A ideia de Robson veio de seu período nos Estados Unidos. Quando morava em Houston, no Texas, trabalhava em uma fábrica de bobinas para jornal.

Um dia, uma pilha de bobinas de quase 200 quilos caiu sobre ele, e Robson acabou tetraplégico. Durante o seu período em tratamento de reabilitação, aprendeu a jogar o Basquete em Cadeira de Rodas. Ao retornar ao Brasil, no início de 1958, resolveu repassar seus aprendizados dos Estados Unidos. Robson teve como parceria o treinador do Piedade Tênis Clube do Rio, Aldo Miccolis, na fundação do Clube e nas aulas.

Além do Clube do Otimismo, outra iniciativa para pessoas com deficiência ocorreu ainda em 1958. Em São Paulo, Sérgio Del Grande fundou o Clube dos Paraplégicos, após também passar por um período de reabilitação nos Estados Unidos. Del Grande ficou paraplégico em 1951, em uma partida de Futebol enquanto ainda estava no colégio.

Uma das motivações de Sérgio para a fundação do Clube foi uma partida de exibição em novembro de 1957. Na época, a AACD trouxe funcionários da empresa *Pan American World Air Ways*, que fizeram demonstrações do Basquete em Cadeira de Rodas, Arco e Flecha e Tênis de Mesa (ARAÚJO, 1998, p. 30).

Entre os apoiadores do Clube dos Paraplégicos estava Paulo Machado de Carvalho, na época vice-presidente da Federação Paulista de Futebol e que hoje dá nome ao estádio do Pacaembu. Em depoimento a Araújo (1998), Paulo afirma que foi responsável por conseguir dez cadeiras de rodas para os treinamentos de basquete, que aconteciam no Hospital das Clínicas.

Não demorou muito para que as equipes brasileiras passassem a integrar o calendário esportivo mundial. Em dezembro de 1959, o Clube dos Paraplégicos fez uma viagem à Argentina para enfrentar três clubes de Basquete em Cadeira de Rodas do país. No ano seguinte, competiram no 1º Campeonato Mundial da modalidade, que foi

realizado em Roma. Ainda em 1959, os clubes de São Paulo e do Rio fizeram seu primeiro amistoso, que foi repetido ao longo de três anos, com duas vitórias cariocas contra uma paulista.

Os dois clubes disputavam a posição de representante brasileiro em competições internacionais. O clima acirrou em 1975, com a quinta edição dos Jogos Pan-Americanos para Paraplégicos, na Cidade do México. Na época, o Brasil competiu com duas delegações inscritas, uma originária de cada instituição. Mas para os Jogos seguintes, que seriam realizados no Rio de Janeiro, a Federação Pan-Americana de Desportos em Cadeira de Rodas exigiu que o país tivesse apenas uma unidade representativa (MACIEL, 2008, p. 35).

Para solucionar o problema, Aldo Miccolis fundou a ANDE – Associação Nacional de Desporto para o Excepcional, e Robson Sampaio assumiu como o primeiro presidente. Mas devido ao número de modalidades adaptadas e os múltiplos tipos de deficiência, foram sendo criadas entidades específicas para cada necessidade, como a Abradecar (Cadeira de rodas), CBDS (Surdos), ABDA (Amputados), entre outras.

Em 1989, com a fundação do Comitê Paralímpico Internacional, as instituições brasileiras sentiram a necessidade de centralizar novamente a organização do esporte adaptado no país. Assim, em 9 de fevereiro de 1995 foi fundado, em Niterói, o Comitê Paralímpico Brasileiro, CPB, que passou a intermediar a comunicação entre as associações nacionais e internacionais e teve como primeiro presidente João Batista Carvalho e Silva.

A participação brasileira em Paralimpíadas se iniciou na década de 70. Nos Jogos de Heidelberg, Alemanha, em 1972, oito atletas compuseram a primeira delegação paralímpica nacional da história, mas voltaram sem medalhas. A primeira vez que atletas brasileiros subiram ao pódio foi na edição seguinte, em Toronto-1976. Na ocasião, os atletas Robson Almeida e Luiz Carlos Costa conquistaram a prata no *Lawn Bowls*, um esporte semelhante a bocha, porém praticado na grama.

No século XX, a melhor participação brasileira em Paralimpíadas aconteceu na edição de 1984, que teve como cidades-sede Stoke Mandeville, na Inglaterra e Nova York, nos Estados Unidos. Com uma delegação de 30 atletas, o país subiu 28 vezes ao pódio, conquistando 7 medalhas de ouro, primeira vez que isso acontecia em Jogos Paralímpicos, 17 de prata e 4 de bronze, terminando na 24ª posição geral.

A edição de Atlanta-1996 representou uma mudança importante para o esporte paralímpico nacional. Pela primeira vez o CPB estava responsável pela organização da

delegação nacional, composta por 58 atletas que competiram em 10 modalidades. Para promover maior visibilidade ao evento no Brasil, o Comitê convidou jornalistas de veículos como *O Estado de S. Paulo*, *Correio Brasiliense*, *O Fluminense* e *O Globo* a viajarem para os Estados Unidos com o objetivo de produzir conteúdo sobre o desempenho dos brasileiros e da competição.

Essa proposta do Comitê continuou e se expandiu até Londres-2012. Nesse período de 16 anos, jornalistas de veículos impressos, televisivos e radiofônicos integraram delegações com o objetivo de informar o público brasileiro sobre o esporte paralímpico.

A partir de 2001, com a sanção da Lei N° 10.264, conhecida como Lei Agnelo/Piva, a situação do esporte paralímpico brasileiro passou por uma profunda transformação. Com o repasse de 2% da arrecadação bruta das loterias federais indo 85% para o Comitê Olímpico Brasileiro e 15% para o CPB, houve a possibilidade de uma maior estruturação do órgão, passando a colaborar de modo mais direto com os atletas paralímpicos e fomentando a base. Assim, o Brasil viu uma melhora nas performances das delegações dos Jogos, como comenta Marcus Scarpa:

O sucesso dos nossos atletas corre o mundo e hoje não existe a possibilidade de ouvirmos falar em esporte paraolímpico sem que sejam ressaltados o desempenho brasileiro e os títulos conquistados. Ao longo do tempo eles construíram uma história verde-e-amarela e deixaram nossa marca nos torneios que competiram (SCARPA *apud* MACIEL, 2008, p. 7-8)

De 64 atletas em Sydney-2000 para 287 na Rio-2016, o Brasil tenta colocar-se como uma das potências paralímpicas mundiais, tendo terminado em 7º lugar em Londres-2012 e em 8º em 2016. Nos Jogos do Rio, a delegação brasileira obteve o maior número de medalhas até o momento. Foram 72 no total, sendo 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze. Até então, o recorde era de Pequim-2008, com 47 no total. Mesmo com o recorde de medalhas, a delegação brasileira não conseguiu atingir a meta estipulada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro, que era o quinto lugar no quadro geral de medalhas. Entre os motivos apontados estão um fortalecimento dos países que ficaram nos primeiros lugares, além da falta de resultados de algumas das principais promessas do país nos Jogos.

Com o aumento nos investimentos aos esportes olímpicos e paralímpicos, o Governo Federal começou a apostar em candidaturas brasileiras para sediar as

Olimpíadas e as Paralimpíadas. Em 1936, já havia tido uma tentativa de candidatura para o Rio de Janeiro, que foi vencida por Berlim.

As duas tentativas seguintes vieram ainda nos anos 90, de Brasília para sediar os Jogos de 2000 e do Rio, para os de 2004, que foram vencidos por Sydney e Atenas, respectivamente. Em ambas, o Brasil ficou de fora da lista de candidaturas oficiais, após a primeira rodada de votação. No início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, mais uma tentativa: para a edição de 2012, mas novamente, o Rio de Janeiro ficou de fora da votação final

O sucesso da realização dos Jogos Pan Americanos e Parapan-Americanos no Rio de Janeiro em 2007 deu força a uma nova candidatura brasileira. Além disso, no mesmo ano o Brasil havia sido escolhido para sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014, após ter sido escolha unânime da Conmebol, entidade representante do futebol sul-americano, para receber o megaevento. Para 2016, outras seis cidades demonstraram interesse em sediar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos: Chicago (Estados Unidos), Madrid (Espanha), Tóquio (Japão), Baku (Azerbaijão), Doha (Catar) e Praga (República Tcheca). Em 2008, o Comitê Olímpico Internacional anunciou que apenas Rio, Chicago, Madrid e Tóquio seguiriam como candidatas oficiais e a eleição seria realizada no ano seguinte, no encontro oficial do Comitê em Copenhague, na Dinamarca.

No encontro, o presidente Lula fez um discurso afirmando que o projeto brasileiro era um projeto de superação. Apostando em um momento econômico favorável do país e em um discurso de Jogos ecológicos, superou os problemas da candidatura inicial, como segurança e transporte público, que deixavam o Rio como a candidata com a nota mais baixa na avaliação inicial. E após eliminar Chicago na primeira votação e Tóquio na segunda, restavam apenas Rio e Madrid no páreo. Com um placar de 66 a 32, o Rio de Janeiro foi oficialmente eleito em 2 de outubro de 2009 como sede dos Jogos de 2016. Assim, o país completaria mais de uma década sediando alguns dos principais megaeventos esportivos do planeta. O percurso iniciou no Pan-Americano de 2007, passando pela Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo, 2014, as Olimpíadas e Paralimpíadas em 2016 e finalizado com Copa América em 2019 (que inicialmente seria realizada em 2015, mas devido à Copa do Mundo, o Brasil solicitou a alteração da data em 2012, trocando a vez com o Chile).

Com Carlos Arthur Nuzman à frente do Comitê Organizador, o Rio iniciou as preparações para receber os Jogos em 2010, tendo o apoio dos Governos Federal e

Estadual. Os eventos seriam distribuídos em quatro regiões, com destaque para a Barra da Tijuca, que abrigaria o Parque Olímpico.

Diversas obras foram realizadas na cidade para receber não só a Rio-2016 como também a Copa do Mundo de 2014, que teria o Maracanã como palco da final. Além da construção do Parque Olímpico, foram feitas restaurações no Centro Histórico, projeto que ficou conhecido como Porto Maravilha, construção de duas novas linhas do metrô, instalação do BRT e do VLT para ajudar na mobilidade urbana da cidade, além das construções e melhorias nas arenas esportivas.

O local escolhido para a construção do Parque Olímpico foi motivo de diversas polêmicas, entre elas a retirada da comunidade “Vila Autódromo” do espaço e a destruição do Autódromo de Jacarepaguá. Ao longo de sua história, o circuito já havia sediado provas da Fórmula 1, MotoGP, Indy e Stock Car. Assim, o estado do Rio de Janeiro ficou sem um autódromo, situação que persiste até o fechamento deste texto, devido às polêmicas envolvendo o projeto do Autódromo de Deodoro. No espaço foram construídas as Arenas Carioca 1, 2 e 3, o Velódromo, o Centro de Imprensa, entre outras estruturas.

Ao longo dos sete anos que separaram a eleição do Rio como sede e a Cerimônia de Abertura das Olimpíadas, em 2016, o forte apoio popular que era visto em 2009 virou um grande descontentamento por parte da população não só da cidade, como do país todo. Isso foi causado principalmente pela forte crise econômica que o Brasil atravessava, a Operação Lava Jato, que desgastou a imagem de diversos políticos que estavam diretamente ligados com a organização dos Jogos, como a presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Lula e o processo que culminou no processo de *impeachment* de Dilma em agosto de 2016, dias após o encerramento das Olimpíadas.

Dentro do Rio de Janeiro, outros problemas também causavam preocupação, da população, do governo e da imprensa internacional. O maior deles era a segurança, devido aos problemas de violência urbana na cidade. Os atrasos nas construções também preocupavam, chegando a receber críticas de membros do COI, que precisou intervir na situação. A poluição hídrica em alguns locais de competição também representava problemas, principalmente para os atletas. Foram divulgados projetos de expansão da infraestrutura de saneamento básico como parte do projeto olímpico, mas as obras não ficaram prontas a tempo.

Essas preocupações se refletiram no interesse da população pelos Jogos. Em junho de 2013, o Instituto *Datafolha* divulgou uma pesquisa mostrando que 38% dos brasileiros

acreditavam que os jogos seriam prejudiciais ao país e apenas 35% se diziam “muito interessados pelos jogos”. Ao refazer a pesquisa em 2016, o percentual de pessoas que acreditavam que os jogos seriam prejudiciais havia saltado para 63%, enquanto os muito interessados, caído para 16%⁸. De acordo com reportagem da *ESPN Brasil*, os dados compilados no site do Banco Mundial mostraram que desde 1981, quando foi iniciado o levantamento pelo órgão, o Brasil é o primeiro país a receber os Jogos Olímpicos e Paralímpicos a não ter um crescimento do PIB nem no ano anterior quanto no ano da disputa dos Jogos⁹.

Nas Cerimônias de Abertura e Encerramento, tanto das Olimpíadas quanto das Paralimpíadas, foi possível perceber a insatisfação popular com os Poderes local, estadual e nacional. Nas Paralimpíadas, o recém-empossado presidente Michel Temer foi amplamente vaiado ao declarar os Jogos abertos. A organização do evento tentou blindar ao máximo a imagem do presidente, não exibindo sua imagem nos telões localizados dentro do Maracanã, mas não foi possível evitar a manifestação, no dia em que sua gestão completava uma semana. Na mesma noite, o discurso de Carlos Arthur Nuzman foi interrompido por cerca de um minuto devido a vaias quando ele agradeceu ao apoio dos Governos Federal, Estadual e Municipal.

A imprensa internacional repercutiu bastante os Jogos no Brasil, realizando matérias que teciam críticas e elogios à organização, preocupações com o país antes e depois do evento e curiosidades sobre o Brasil, como representados nas imagens, respectivamente. Mas, no geral, o resultado foi positivo, com os próprios atletas, o COI e o IPC fazendo diversos elogios ao público, principalmente, pelo acolhimento. As imagens abaixo mostram algumas das matérias e reportagens publicadas em veículos internacionais sobre os Jogos, os cariocas e o Brasil.

⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/07/1793059-para-63-dos-brasileiros-jogos-vao-trazer-mais-prejuizos-do-que-beneficios.shtml>. Acesso em: 14 out. 2018

⁹ Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/561492_em-32-anos-brasil-sera-primeiro-pais-a-fazer-olimpiada-ficando-mais-pobre. Acesso em: 14 out. 2018

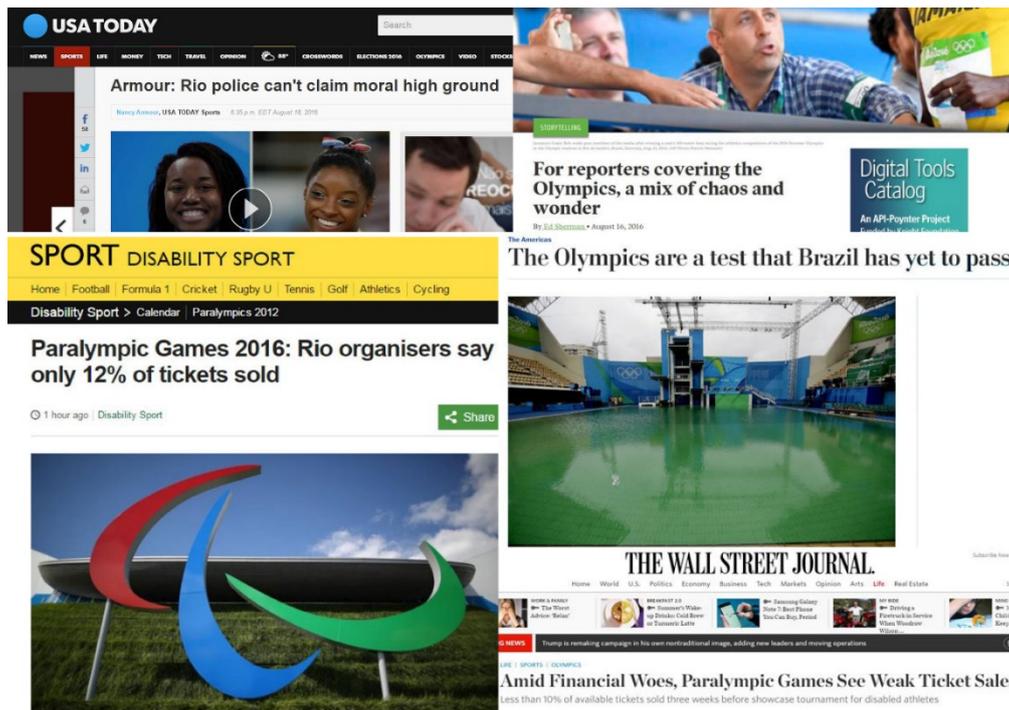


Imagem 2: Manchetes de reportagens com críticas à organização da Rio-2016. Traduções: “Armadura: a polícia do Rio não pode exigir respeito” / “Para repórteres cobrindo as Olimpíadas, um misto de caos e maravilha” / “Jogos Paralímpicos 2016: organizadores do Rio dizem que apenas 12% dos ingressos foram vendidos” / “As Olimpíadas são um teste que o Brasil ainda precisa ser aprovado” / “No meio de uma crise financeira, Jogos Paralímpicos veem venda fraca de ingressos” (Fonte: *gl.com.br*)

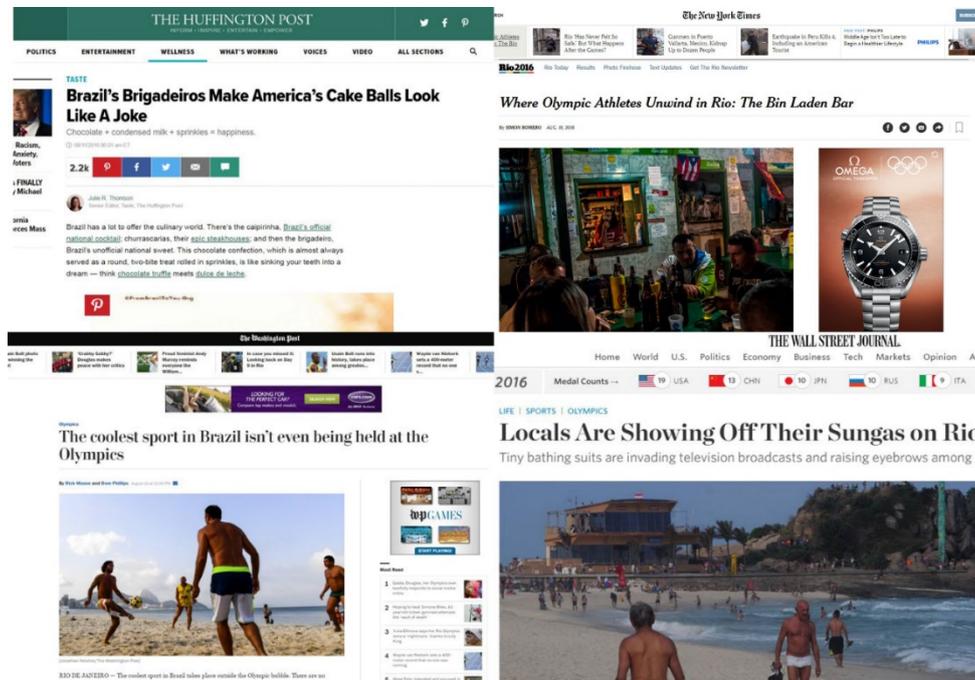


Imagem 3: Manchetes de reportagens com curiosidades sobre o Brasil. Traduções: “O brigadeiro brasileiro faz os *cake balls* americanos parecerem piada” / “Onde os atletas olímpicos relaxam no Rio: o Bar do Bin Laden” / “O esporte mais legal do Brasil não faz nem parte das Olimpíadas” / “Moradores estão mostrando suas sungas no Rio” (Fonte: *gl.com.br*)

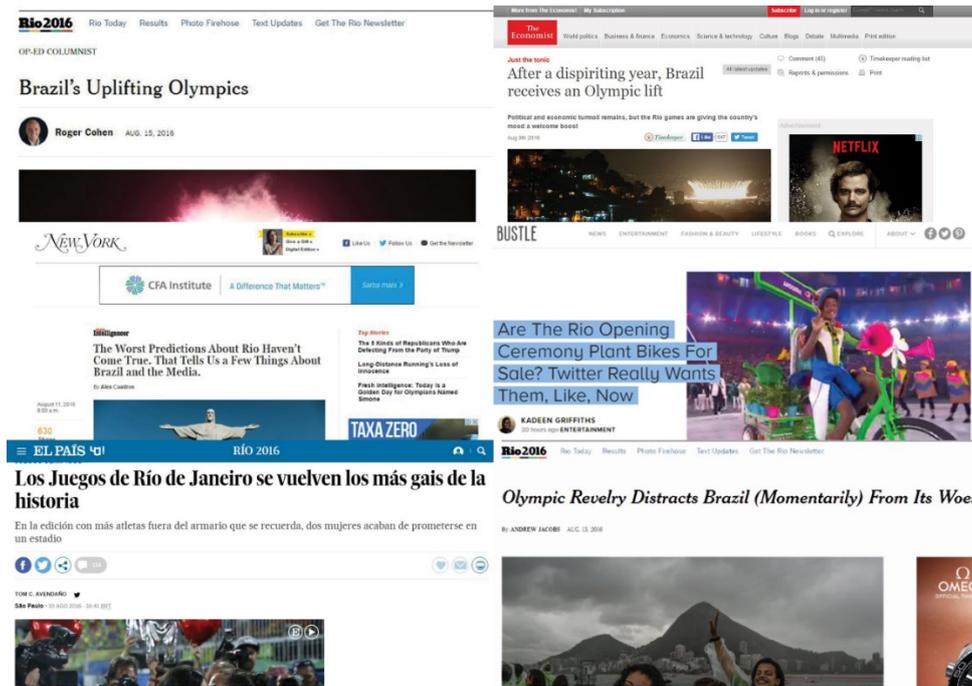


Imagem 4: Manchetes de reportagens com elogios à Rio-2016. Traduções: “As Olimpíadas revigorantes do Brasil” / “Depois de um ano desesperançoso, o Brasil recebe uma injeção de ânimo olímpica” / “As piores previsões sobre o Rio não aconteceram. Isso nos diz algumas coisas sobre o Brasil e a imprensa” / “As bicicletas da Cerimônia de Abertura estão à venda? O *Twitter* quer elas para já” / “Os Jogos do Rio se mostram os mais gays da história” / “A folia olímpica distrai o Brasil (momentaneamente) de seus problemas” (Fonte: *gl.com.br*)

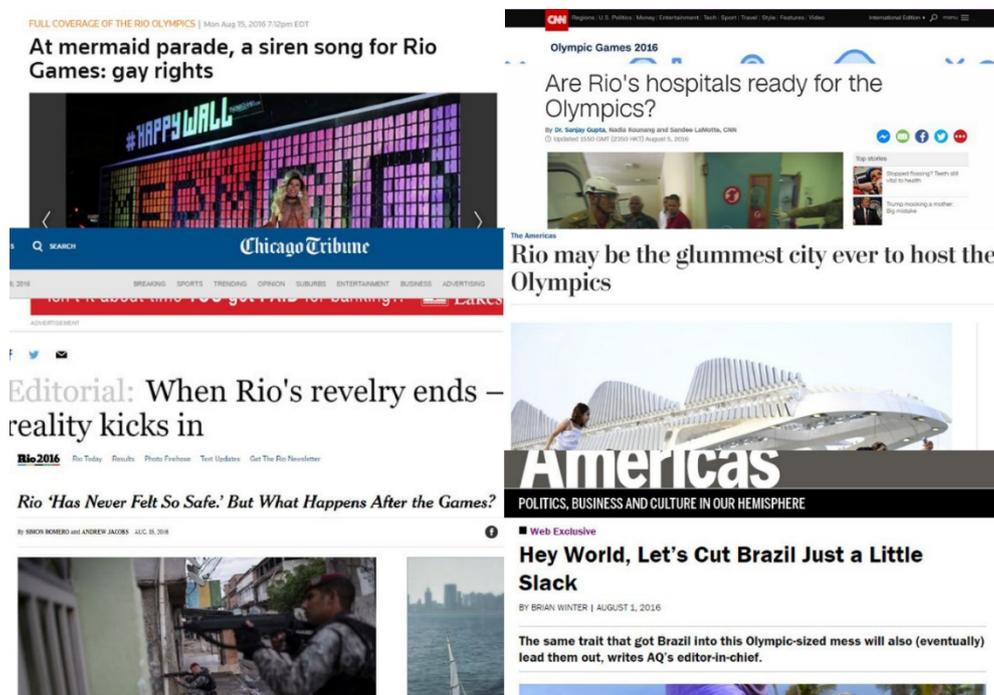


Imagem 5: Manchetes de reportagens com preocupações sobre a situação brasileira. Traduções: “Na parada das sereias, um alerta para os Jogos do Rio: direitos da população gay” / “Os hospitais do Rio estão prontos para as Olimpíadas?” / “Editorial: quando a folia do Rio termina – e a realidade começa” / “O Rio talvez seja a cidade mais triste a sediar uma Olimpíadas” / “Rio ‘nunca pareceu tão seguro’. Mas o que acontecerá após os Jogos?” / “Ei mundo, vamos reduzir as críticas ao Brasil um pouco” (Fonte: *gl.com.br*)

2.3 Megaeventos Esportivos: definições, legado e o caso brasileiro

Para a compreensão da problemática de eventos como as Paralimpíadas, primeiro é preciso debater a sua classificação como um megaevento esportivo. O termo é originário da área do turismo, e debatido por diversos pesquisadores. Autores, como Ritchie (1984), concordam com características essenciais desse tipo de evento, como a sua duração e a busca pelo lucro e a melhora da imagem de uma sede:

Major one-time or recurring events of limited duration, developed primarily to enhance the awareness, appeal and profitability of a tourism destination in the short and/or long term. Such events rely for their success uniqueness, status or timely significance to create interest and attract attention. (RITCHIE, 1984, p. 2)¹⁰

A definição de Ritchie condiz com o que se vê com relação a sediar eventos como uma Copa do Mundo ou Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Além da sua duração limitada, há também a ideia de promoção do local como destino turístico, com o objetivo de conseguir um maior número de turistas no local e, conseqüentemente, a injeção de dinheiro na economia local.

Hall (1992), aprofunda a definição de Ritchie, acrescentando ainda os impactos a longo prazo não apenas na questão econômica, mas também para a população como um todo:

Mega-events, such as World Fairs or the Olympic Games are events which are expressly targeted at the international tourism Market. (...) Nevertheless, it is the international dimension in the promotion of these short-term tourist attractions which leads to the large scale impacts which have become associated with the hosting of hallmark events (HALL, 1992, p. 264)¹¹

¹⁰ Tradução: “Grandes eventos, de edição únicas ou recorrentes de duração limitada, desenvolvidos principalmente para aumentar o conhecimento, apelo e lucratividade de um destino turístico a curto e/ou a longo prazo. Estes eventos se apoiam nas características únicas, status ou importância para criar interesse e garantir a atenção”

¹¹ Tradução: “Megaeventos, como as Feiras Mundiais ou os Jogos Olímpicos são eventos direcionados expressivamente ao mercado do Turismo Internacional. (...) Mesmo assim, é a dimensão internacional da promoção destas atrações de curta duração que levam aos impactos em larga escala que são associados a sediar os megaeventos”

A atração turística e a promoção da sede são questões essenciais para os megaeventos. Horne e Manzenreiter, em artigo de 2006, fizeram uma revisão literária sobre os megaeventos esportivos e conseguiram determinar três características que foram essenciais para o crescimento de eventos como as Olimpíadas e a Copa do Mundo. A primeira é o avanço das tecnologias de comunicação, que tornaram possível a audiência a nível mundial e um engajamento maior do evento. O segundo, diretamente ligado ao primeiro, está a nova fonte de renda para os Comitês e Federações organizadores destes eventos: os direitos de transmissão, patrocínios, *merchandising* e, mais recentemente, os *namings rights*. Por último, a possibilidade de lançar as cidades-sedes a nível global.

Uma das características mais notáveis dos megaeventos, percebidas principalmente a partir da candidatura de Barcelona para sediar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 1992, é a transformação da sede do evento não apenas para o período dos Jogos, mas pensando também a longo prazo. Com isso, tem sido observada cada vez mais a influência do poder público, que trabalha também com a população para criar o interesse das pessoas pelo evento, como afirma Hall (1992):

The amount of local involvement and the dominant level of government in the planning of hallmark events would appear to be crucial to deriving the maximum benefit from hosting an event for the host community. The more an event is seen by the impacted public as emerging from the local community, rather than being imposed on them, the greater will be that community's acceptance of the event. (HALL, 1992, p. 264)¹²

As Paralimpíadas de 2016 se encaixam nas definições e debates colocados acima, desde a questão da candidatura de uma cidade-sede para a realização dos Jogos, até a proposta de colocar o Rio como um pólo turístico para o mundo que tentava superar seus problemas. Para a população, também havia promessas de uma revitalização da cidade, com novas obras, meios de transporte e reforma de sistemas. E para as pessoas com deficiência, diretamente interessadas no megaevento, a busca por uma mudança de mentalidade quanto à acessibilidade e a inserção das PCD na sociedade.

Como observado em subcapítulos anteriores, a falta de apoio popular foi essencial para movimentos recentes do Comitê Olímpico Internacional. Na Copa do Mundo e nos

¹² Tradução: “A quantidade de envolvimento local e a presença do governo no planejamento do megaevento parece ser crucial para atingir o máximo de benefícios de sediar um evento para a comunidade-sede. Quanto mais o evento é visto pelo público impactado como surgido a partir da comunidade local, ao invés de uma imposição a eles, maior será a aceitação desta comunidade ao evento”

Jogos do Rio, a crise política e econômica e as diversas denúncias de corrupção nas obras fizeram com que o apoio da população ao megaevento se transformasse em insatisfação, inclusive com grandes manifestações realizadas em diversas cidades pelo país. O exemplo do Rio e a falta de unidade política levaram a Hungria a desistir da candidatura de Budapeste para os Jogos de 2024.

A ausência de respaldo popular também afetou outras candidaturas para as Olimpíadas de 2024 e 2026, como Roma, na Itália, Calgary, no Canadá e Sion, na Suíça. Nos três casos, as candidaturas, que já estavam em estágios avançados, foram retiradas após referendos populares que mostraram que a maioria da população não concordava com a realização dos Jogos devido aos altos custos.

É necessário destacar que, na língua inglesa, alguns autores, como Frost (2012) fazem uma distinção entre *hallmark events* e *mega events*. Para estes, a diferença está no local de realização. Os primeiros são eventos realizados em locais fixos, como os Grandes Prêmios de Fórmula 1 e os torneios de tênis como o *US Open*. São eventos que fazem parte do calendário fixo de uma cidade ou país. Por outro lado, para um local receber um *mega event*, como no caso da Copa do Mundo ou das Olimpíadas, é necessário passar por um processo de candidatura, que já leva a um gasto extra por parte do comitê organizador.

Levando estas informações em consideração, é possível notar algumas diferenças básicas entre esses dois tipos de eventos, como o tamanho, público, número de turistas, financiamento e a cobertura midiática. Mas, em pesquisas feitas pelo autor em materiais sobre o tópico na língua portuguesa, não encontrou pesquisadores que trabalham com esta distinção entre os eventos.

Os megaeventos também estão atrelados a diversas atividades paralelas, que possuem diferentes graus de relação com a promoção principal. No caso dos esportivos, isso é notável através de uma série de ações, como os eventos-teste. A Copa das Confederações, organizada pela FIFA, é um exemplo disso. Mesmo sendo um megaevento próprio, funciona como um teste para a Copa do Mundo. Ambos são realizados no mesmo país, com um ano de diferença. Isto com a intenção de observar a construção dos estádios e estruturas para a Copa do Mundo. No Brasil, a Copa das Confederações foi realizada em 2013, utilizando seis dos doze estádios que seriam sedes da Copa do Mundo em 2014.

Além disso, existem também as atividades e locais criados em função dos eventos. No caso da Rio-2016, pode-se citar as casas de diversos países que foram abertas com exposições e atividades culturais de diversas regiões do planeta (Casa Brasil, Casa Japão,

Casa Alemanha...), além da construção do Museu do Amanhã e o Boulevard Olímpico. Afora toda sua agenda criada para as Olimpíadas e as Paralimpíadas, estes últimos fazem parte também do legado dos Jogos à população (GURGEL, 2012).

O Brasil possui uma relação histórica com megaeventos esportivos, mas foi apenas na década atual que esta atingiu seu ápice, com a realização de quatro dos principais megaeventos do mundo em menos de quatro anos. Um dos primeiros registros data de 1922, quando no Centenário da Independência foram promovidos no Rio de Janeiro, os Jogos Latino-Americano Olímpicos, precursor do Pan-Americano. Realizado em conjunto com outros campeonatos, cerca de 1.200 atletas competiram na então capital nacional para um público de 162 mil pessoas, cerca de 15% da população carioca do período.

Ainda no século XX, temos também dois anos bastante importantes: 1950, com a realização da Copa do Mundo, vencida pelo Uruguai após a final contra a seleção brasileira e 1963, quando São Paulo sediou a quarta edição dos Jogos Pan-Americanos, em abril, e Porto Alegre, a Universíada de Verão, em agosto e setembro.

Os debates em torno dos megaeventos, embora originários do turismo, atualmente abrangem diversas áreas como política, economia, relações internacionais, ciências ambientais, comunicação, entre outras. Villano e Terra (2008, p. 103), ao comentarem sobre os megaeventos esportivos, refletem que esses acontecimentos se tornaram tão grandiosos que os estudos precisam considerar impactos econômicos e ambientais, as circunstâncias políticas, tecnologias aplicadas e outras questões. Isto não apenas na avaliação posterior, como também nas questões prévias, como é o caso dos dossiês de candidatura de potenciais cidades-sede olímpicas.

É inevitável que cidades que se preparam para receber megaeventos precisam realizar obras para a construção ou reforma de instalações. Na maioria dos casos, o Estado é quem acaba custeando a maior parte destes gastos, seja na esfera nacional, estadual ou local. No caso brasileiro, com relação à Copa do Mundo e à Rio-2016, como comentam Freitas, Lins e Santos (2014, p. 8-9), isto pode levar a diversos problemas:

Além do alto custo das construções dos megaeventos – Exposições Universais com pavilhões e monumentos, Copa do Mundo com estádios e Jogos Olímpicos com seu mix de instalações -, na maioria das vezes feitas com recursos públicos e onde muitas vezes ronda o fantasma da corrupção, o caráter efêmero das construções gera dúvidas na sociedade sobre a relevância e a legitimidade dessas obras. Em países como o

Brasil, de maioria pobre, o fato se agrava, visto que experienciar um megaevento é para poucos.

Foi exatamente o que aconteceu com o Brasil, que teve seus eventos cercados por diversos escândalos de corrupção que levaram o público a questionar e ser contra a realização da Copa e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Outro problema foi a falta de planejamento a longo prazo das obras realizadas, com diversas instalações sucateadas antes mesmo do término dos Jogos, e diversas outras que nem chegaram a ser concluídas a tempo. Como dizem Freitas, Lins e Santos (2014, p. 4) “os megaeventos não têm o poder de mudar a realidade se não fizerem parte de um projeto amplo de reformas urbanas e sociais”. Um exemplo é o de Barcelona, que sediou as Olimpíadas de 1992. A cidade é sempre lembrada como um caso de altos custos das obras, mas com um pensamento de melhoria da infraestrutura da cidade pensado a longo prazo.

Essas projeções a longo prazo são os chamados legados dos megaeventos, e têm constituído uma grande parte dos estudos sobre o tema. Para o debate dos legados, utiliza-se como base as ponderações de Poynter (2006, p. 7)

First, the concept of ‘legacy’ arising from the major international sporting ‘mega-event’ is now firmly focused upon non sport-related outcomes as a major source of legitimation for hosting the Games. Second, cities that have bid for the Olympics, have allied their applications to economic development and regeneration strategies that tend to reflect the relatively dynamic nature of their regional and national economies (Seoul, Beijing) or the relative lack of dynamism of their economies (Barcelona, Atlanta, Sydney, Athens, London) with the latter group of mainly ‘western’ cities using the bid in an attempt to ‘catalyze’ local regeneration through the expansion of service-led consumer-based industries. Third, cities, particularly since the Barcelona Olympics of 1992, that have used the Games as a catalyst of regeneration have relied heavily upon different forms of state intervention to promote themselves as ‘global’ cities¹³

Poynter, assim como outros pesquisadores (GUALA; BONDONIO, 2016), levanta a importância de se pensar nas questões além do esporte nos legados dos

¹³ Tradução: “Primeiro, o conceito de ‘legado’ que surge dos maiores ‘megaeventos’ esportivos está focado em questões não-esportivas como forma de legitimação por sediar os Jogos. Em segundo, cidades que se candidataram às Olimpíadas, aliam suas candidaturas ao desenvolvimento econômico e estratégias de regeneração que tendem a refletir a natureza relativamente dinâmica de suas economias regional e nacional (Seul e Pequim) ou a relativa falta de dinamismo de suas economias (Barcelona, Atlanta, Atenas, Sydney, Londres) com o segundo grupo, feito principalmente por cidades ‘ocidentais’, usando a candidatura para tentar ‘catalisar’ a regeneração local através da expansão da indústria de serviços e consumo. Em terceiro, particularmente desde os Jogos de Barcelona-1992, que usaram os Jogos como catalisadores de regeneração que foram bastante dependentes da intervenção estatal para se promoverem como cidades ‘globais’”

megaeventos esportivos. Principalmente os econômicos e políticos, já que os impactos podem resultar em grandes benefícios ou prejuízos para a cidade ou país sede. Mas também devem ser considerados os indicadores de áreas como turismo, meio ambiente e segurança, definidos como legados tangíveis por Guala e Bondonio e questões intangíveis, como o orgulho local, a imagem da sede e a identidade da população. Nesse caso, são avaliados principalmente como que o povo avaliou a realização do evento como também como foi representado pela imprensa nacional e internacional.

Em artigo de 2015, Toledo, Grix e Bega, ao analisar em literatura internacional sobre o tema, conseguiram identificar cinco tipos de legados distintos e os ganhos que podem representar para o país ou cidade anfitriã de um megaevento:

- (i) Megaeventos esportivos podem inspirar as massas, incluindo os jovens, a praticar esporte ou outra forma de atividade física, de modo a aprimorar a saúde;
- (ii) Esses eventos são economicamente lucrativos, trazendo oportunidades para, entre outros aspectos, incrementar o turismo no país/cidade-sede;
- (iii) Megaeventos esportivos engendram um “fator de bem-estar” entre os cidadãos, de forma a produzir efeitos para o bem-estar geral da população no país em que o evento se realiza;
- (iv) A organização dos megaeventos acelera muito da regeneração urbana demandada pela cidade-sede, aprimorando a sociedade e “incluindo as cidades no mapa”;
- (v) Megaeventos esportivos trazem benefícios para a imagem do país, uma vez que a exposição internacional gera um incremento do prestígio internacional, ou seja, alteram positivamente o modo como o país/cidade-sede e sua população são vistos por outros Estados ou pelo público estrangeiro. (TOLEDO; GRIX; BEGA, 2015, p. 22)

É importante notar que em anos recentes, algumas das características listadas pelos autores a partir da literatura internacional têm se manifestado de modo oposto. Pegando o exemplo das Olimpíadas e Paralimpíadas do Rio, a prática esportiva tem, sim, aumentado, mas, por outro lado, o bem-estar da população e a regeneração urbana pode ser bastante questionada.

Como já mencionado, as obras dos megaeventos que o país sediou foi alvo de diversas polêmicas, como o superfaturamento. Isso levou com que a população deixasse de apoiar o país como sede da Copa e das Olimpíadas. E a própria imagem do Brasil perante o mundo foi bastante prejudicada ao longo desta década por causa dos eventos, devido a escândalos de corrupção, atraso na entrega das arenas e no caso das Paralimpíadas, a baixa venda de ingressos semanas antes do início dos Jogos.

Posteriormente, o país conseguiu se redimir, com as Olimpíadas e Paralimpíadas sendo bastante elogiadas pela imprensa internacional, mas sem deixar de questionar se realmente era o momento de o país estar recebendo tais megaeventos. Vale lembrar que, no momento do fechamento desta dissertação, em julho de 2019, alguns dos principais nomes da campanha carioca para os Jogos do Rio estão presos por denúncias de corrupção e compra de votos para a eleição, como Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Organizador dos Jogos Rio-2016 e o ex-Governador do Rio Sérgio Cabral.

Isso não está restrito apenas ao Brasil. Na África do Sul, a realização da Copa do Mundo de 2010 também foi e é bastante questionada até hoje, com diversos estádios se tornando “elefantes brancos” após o fim do evento. Além disso, a influência da FIFA no país foi bastante polêmica. A entidade máxima do futebol mundial recebeu várias concessões do governo, como liberação do pagamento de taxas, além da criação de um tribunal especificamente para lidar com casos policiais durante a Copa.¹⁴

No Brasil, uma das grandes polêmicas em 2014 foi a pressão política que a FIFA fez no Governo para a reversão da lei de 2003 que proibia a venda de bebidas alcoólicas em estádios. Por ter a *Budweiser*, empresa do ramo de bebidas alcoólicas, como patrocinadora oficial, a entidade pressionou até conseguir a liberação desejada. Cinco anos depois, esta exceção criada para a Copa do Mundo ainda reverbera na legislação e no esporte brasileiro, com alguns dos principais times de futebol do país tentando reverter permanentemente a proibição.

O legado da Copa do Mundo e das Olimpíadas e Paralimpíadas do Rio tem sido bastante questionado após o fim dos eventos. Para a Copa das Confederações, realizada em 2013 e a Copa do Mundo, em 2014, foram utilizados 12 estádios, entre novos, construídos especificamente para receber as partidas, e reformados.

Foram 7 arenas novas: Estádio das Dunas (Natal), Arena Amazônia (Manaus), Arena Pantanal (Cuiabá), Arena Fonte Nova (Salvador), Arena Pernambuco (Recife), Estádio Nacional / Mané Garrincha (Brasília) e Arena Corinthians (São Paulo). Já os reformados foram: Beira Rio (Porto Alegre), Arena da Baixada (Curitiba), Maracanã (Rio de Janeiro), Mineirão (Belo Horizonte), Estádio Castelão (Fortaleza). Dentre os 12, apenas três pertencem a entidades privadas, todos times de futebol que atualmente

¹⁴ O programa *Last Week Tonight with John Oliver* do canal americano *HBO*, fez um segmento dedicado aos impactos da pressão política da FIFA na África do Sul e no Brasil com relação à Copa do Mundo de Futebol que aprofunda as informações detalhadas nestes parágrafos. O vídeo pode ser acessado no link: <https://www.youtube.com/watch?v=DIJEt2KU33I>

disputam a Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol: o Beira Rio, do Internacional, a Arena da Baixada, do Athletico Paranaense e a Arena Corinthians, do Corinthians.

Desde o anúncio das cidades-sede da Copa, algumas escolhas, como Manaus, Cuiabá e Brasília foram bastante questionadas, pela falta de times de expressão nos locais com capacidade de encher os estádios após o fim do megaevento. Além disso, o aumento dos custos de construção e reforma das arenas ao longo dos anos levaram a diversos protestos, como mencionado no item anterior.

Após o fim da Copa, alguns dos nove estádios pertencentes ao poder público se tornaram dores de cabeça, pela falta de eventos para ocupar as arenas e assim manter a arrecadação para que não dessem prejuízos. Nos primeiros anos, muitos ficaram abandonados, sendo subutilizados, recebendo poucas partidas de futebol ou eventos culturais.

Para evitar prejuízos ainda maiores, esses estádios passaram a ter diversas utilidades, como o caso da Arena Pantanal, que se tornou uma escola pública para cerca de 300 estudantes com idade entre 12 e 17 anos. Os custos do estádio giram em torno de 700 mil reais por mês para o Estado, gerando prejuízo de milhões por ano. Mesmo cidades como Recife, que possui três times fortes e tradicionais, não consegue público para lotar a Arena Pernambuco.

A proposta do governo do Mato Grosso se mostrou um método inovador de lidar com esses “elefantes brancos”. Já que o estádio conta também com instalações poliesportivas, existe o projeto de que essa escola passe a ter foco na prática esportiva. De acordo com a Secretaria de Educação, Esporte e Lazer, em entrevista à BBC Brasil, a ideia é que os alunos tenham o turno da manhã com aulas normal e à tarde, prática diária de esportes por três horas. Além da oferta de dez modalidades, os estudantes teriam o acompanhamento de médicos e fisioterapeutas, visando um fomento ao esporte de alto rendimento.

A reportagem da *BBC Brasil*, publicada em junho de 2017, no aniversário de três anos no início da Copa do Mundo de 2014, divulgou os números das cinco arenas que representam os maiores problemas para os governos estadual e federal:

Estádio	Custo de Construção	Custo Mensal de Manutenção	Arrecadação em 2016	Prejuízo
Arena da Amazônia	R\$ 660, 5 milhões	R\$ 550 mil	R\$ 1,1 milhão	R\$ 5,5 milhões
Arena Pantanal	R\$ 628 milhões	R\$ 700 mil	Não informou	R\$ 8,3 milhões
Arena das Dunas	R\$ 423 milhões	Sem Informações Disponíveis	Sem Informações Disponíveis	Sem Informações Disponíveis
Arena Pernambuco	R\$ 532 milhões	R\$ 860 mil	R\$ 2,4 milhões	R\$ 7,92 milhões
Mané Garrincha	R\$ 1,8 bilhão	R\$ 700 mil	R\$ 1,7 Milhão	R\$ 6,4 milhões

Tabela 1: Dados referentes aos custos e arrecadação dos estádios utilizados na Copa do Mundo que são considerados “elefantes brancos” (Fonte: *BBC Brasil*)

Com as construções que receberam as Olimpíadas e Paralimpíadas, em 2016, a situação não foi muito diferente. Antes dos Jogos, sofreram com atrasos e superfaturamentos, que causaram revoltas na população e levaram o Rio de Janeiro a uma forte crise econômica e política.

Após o fim dos Jogos, o Parque Olímpico da Barra teve uma taxa de utilização maior que algumas arenas da Copa, recebendo eventos nacionais e internacionais de diversas modalidades, além de festivais como o Rock in Rio. Mas passado um primeiro momento, mesmo com a ocupação esparsa, o local sofre com o abandono.

Uma reportagem feita pelo portal *Globoesporte.com*, em abril de 2019, mostra a degradação de diversos locais do Parque. O Velódromo teve problemas em seu circuito elétrico após uma pane causada por infiltrações e inundações. O Centro de Tênis ainda possui reformas incompletas, que foram abandonadas e as cadeiras, que deveriam ser retiradas e colocadas a cada evento, foram deixadas pela Prefeitura. E em locais de circulação, como o Boulevard Olímpico, mato cresce no meio do concreto.

Algo que atrapalha a conservação do Parque Olímpico é o grande número de instituições responsáveis por diferentes partes do lugar. A área está dividida entre Prefeitura do Rio, Ministério do Esporte, Comitê Olímpico Brasileiro, a Jeunesse Arena (que teve seu *naming rights* comprado por uma marca de cosméticos americana) e a Rio Mais. Assim, muitas obras básicas de conservação acabam sendo dificultadas pela falta de diálogo entre as entidades.

A parte do Parque Olímpico de responsabilidade do Ministério do Esporte era mantida pela Autoridade de Governança do Legado Olímpico. À AGLO cabia a administração das Arenas Cariocas 1 e 2, do Velódromo e do Centro Olímpico de Tênis. Já a Prefeitura ficou responsável pela Via Olímpica, a Arena Carioca 3, o Centro Aquático e a Arena do Futuro. Já a Rio Mais ficou com o restante da área, que inclui o *International Broadcasting Center*, destinado aos os estúdios de transmissão televisiva e o *Media Press Center*, local onde ficavam os jornalistas e assessores dos Comitês Nacionais e Internacionais.

Desde o início do projeto, a prefeitura do Rio havia prometido que algumas instalações como a Arena do Futuro e o Centro Aquático seriam temporárias. Após os Jogos, elas seriam desmontadas e repassadas para escolas públicas da cidade. Isso não aconteceu até o momento.

A situação tende a piorar nos próximos meses e, possivelmente, anos. No dia 30 de junho de 2019, a AGLO foi extinta, tendo encerrado seu prazo de existência determinado pelo próprio decreto que a criou. A AGLO foi criada pelo Governo Federal em caráter temporário após a prefeitura do Rio não conseguir realizar a concessão do Parque à iniciativa privada através Parcerias Público Privadas (PPP).

Com o fim da Autoridade, o legado volta a ser de responsabilidade do Ministério da Cidadania, que no início do governo do presidente Jair Bolsonaro passou a aglutinar as pastas do Esporte, Cultura e Desenvolvimento Social. Mas não há, no Ministério, cargos específicos para lidar com essa situação e apenas com aprovação da Câmara, esses novos cargos comissionados podem ser criados.

No início de julho, foi anunciada a criação de um novo órgão, que seria menor e subordinado à Secretaria Especial de Esporte, atualmente sob o comando do general Décio Brasil e atuará com metade do número de funcionários da AGLO.

Fora do âmbito esportivo, o legado desses megaeventos também deixou lacunas no dia a dia das capitais. Diversas obras como construção de novas formas de transporte público, linhas de metrô, túneis e estradas foram entregues anos após o fim do ciclo ou nem chegaram a ser concluídas até o momento de redação desta dissertação, em julho de 2019.

O próprio processo de candidatura de um país ou cidade-sede a uma Copa do Mundo ou Olimpíadas já inclui questões de legado além do esporte. Na candidatura do Rio aos Jogos de 2016, haviam diversas garantias governamentais apresentadas pelo Comitê. De um total de 34, três eram obrigações conjuntas da cidade e do estado do Rio

de Janeiro e nove eram de exclusividade do Governo Federal, como a reforma do Aeroporto do Galeão. Entre as outras estavam as melhorias no sistema de transporte já mencionados e também reformas na saúde e promessas ambientais, como a despoluição da Baía de Guanabara.

Essas promessas vieram na esteira do sucesso que Barcelona, na Espanha, teve com a realização dos Jogos de Verão em 1992. A cidade passou por profundas transformações para receber as Olimpíadas e as Paralimpíadas, mas por ter pensado nessas obras a longo prazo, obteve resultados significantes nos anos seguintes, com o aumento no número de turistas e injeção de dinheiro na economia local.

Mas, desde então, foram poucas as cidades que conseguiram obter um resultado positivo minimamente próximo ao de Barcelona. No geral, isso representou um aumento no custo necessário para receber uma Olimpíadas ou uma Copa do Mundo. Por isso nos últimos anos tem sido bastante comum ver candidaturas em potencial sendo retiradas após manifestações populares contrárias em função dos altos custos, como é o caso de Roma para as Olimpíadas de Verão de 2020 e Estocolmo para os Jogos de Inverno de 2022.

Outro legado deixado pelos megaeventos esportivos que o Brasil sediou está no modo de acompanhar o esporte. Devido ao processo de modernização que os estádios de Futebol passaram pelo Brasil, tendo ou não recebido a Copa do Mundo, houve um impacto muito grande no preço dos ingressos. Com isso, o perfil do torcedor que frequenta os estádios começou a mudar, e isso impactou também o tradicional modo de torcer do brasileiro. Em pesquisa com membros de torcidas organizadas dos quatro principais times do estado de São Paulo, Hollanda e Medeiros (2019), notaram uma profunda insatisfação por parte dos membros das agremiações, com quase 50% dos entrevistados apontando que as novas arenas são piores para as torcidas. Essa mudança, porém, possui correspondência com uma movimentação que já havia acontecido em outros locais anteriormente, como a Europa entre os anos 90 e início dos 2000:

No decorrer do século passado, assistira-se à passagem do espectador, visto como personagem passivo, em torcedor, ser ativo e participativo da cena esportiva, em meio à massificação proporcionada pelas multidões dos grandes estádios. Presencia-se agora a conversão do tradicional torcedor em um modelo distinto, mais próximo à figura do consumidor ou do cliente. (HOLLANDA; MEDEIROS, 2019, p. 23)

2.4 O Jornalismo Esportivo no Brasil

Para entender a cobertura realizada pela imprensa brasileira nas Paralimpíadas Rio-2016, é necessário percorrer a trajetória do Jornalismo Esportivo no país. As informações neste subcapítulo estão baseadas em Léo (2016), Frange (2016), Ribeiro (2007), Coelho (2003) e Rangel e Guerra (2012).

Um dos marcos da introdução do futebol no Brasil foi a chegada de Charles Miller ao país, em novembro de 1894. Mas o esporte já estava presente no Jornalismo desde antes, com modalidades como Críquete, Turfe, Ciclismo e Remo. A primeira publicação do tipo, *O Atleta*, teria sido publicado pela primeira vez em 1856, com receitas para o aprimoramento físico da população carioca.

Enquanto o Futebol se tornava popular pelas ruas de São Paulo e do Rio, o Jornalismo não via a nova febre com bons olhos. Mas na virada do século chegou a um ponto em que ficava difícil de ignorar o crescimento da modalidade. Isso também foi impulsionado por jornalistas que aderiram à febre do Futebol e trabalhavam em jornais da época, como Mário Cardim. Aos poucos, os principais veículos passaram a criar colunas para tratar do tema, e na década de 1910, jornais e semanários especializados em esportes começaram a aparecer nas bancas.

Jornalistas como Cardim foram essenciais para o crescimento do Futebol pelo país, ao participar da criação de organizações como a Confederação Brasileira de Desportos e organizando campeonatos entre times amadores da época.

No Jornalismo impresso brasileiro, há grandes nomes de jornalistas e publicações que marcaram a história, como Mário Filho, Thomas Mazzoni, o *Jornal dos Sports*, a *Gazeta Esportiva*, *O Mundo Sportivo*, entre outros que surgiram nas primeiras décadas e se mantiveram relevantes por boa parte do século XX.

No rádio, foram alguns anos entre o início das emissões e a primeira transmissão de Futebol. Em 1931, quase 10 anos após a fundação da *Rádio Sociedade*, o narrador Nicolau Tuma fez história com a partida entre a seleção de São Paulo e a seleção do Paraná. Em 1936, com o lançamento da *Rádio Nacional* no Rio de Janeiro, o esporte passou a ter grande espaço dentro da programação, já que logo no segundo dia de existência foi transmitido o jogo entre Flamengo e Fluminense.

A Copa da Itália, em 1938, marcou a estreia do rádio brasileiro em Mundiais de Futebol. Em 5 de junho, o país pôde acompanhar pela primeira vez uma transmissão ao vivo do tipo, com a narração de Gagliano Neto, da vitória do Brasil sobre a Polônia por 6 a 5, pela *Rádio Clube do Brasil*, no Rio de Janeiro. O meio era hegemônico e se manteve assim até a Copa de 1962, quando passou a sofrer com a concorrência da televisão.

Em 1950, o Brasil sediava pela primeira vez uma Copa do Mundo de Futebol. Havia uma grande expectativa no país de que a seleção pudesse ganhar pela primeira vez o título. O combinado nacional correspondeu ao público e foi avançando até chegar ao quadrangular final com Uruguai, Suécia e Espanha. Os resultados colocavam o Brasil em uma situação confortável na última partida: um empate contra o Uruguai dava o título ao país.

Quase 200 mil pessoas estiveram presentes no Maracanã em 16 de julho, data da partida. Entre os jornais e emissoras de rádio presentes no estádio, a *Rádio Nacional* era a de maior audiência e importância no território nacional e deu amplo espaço à cobertura da Copa. Para o jogo, a *Nacional* teria uma dupla de narradores, um para cada metade do campo, formada por Jorge Curi e Antônio Cordeiro. Curi foi o responsável por narrar o gol de Giggia, da virada uruguaia, garantindo o bicampeonato da seleção celeste. A decepção nacional foi grande, já que desde antes da partida, alguns veículos já publicavam edições de seus jornais sagrando a seleção brasileira como campeã.

Foi em 18 de setembro de 1950 que a televisão entrou no ar no Brasil pela primeira vez, com a inauguração da *TV Tupi* de São Paulo. Naquela primeira noite, o esporte já se fazia presente. O narrador e comentarista Aurélio Campos teve a responsabilidade de apresentar a equipe que seria responsável pelas transmissões. Menos de um mês depois no ar, a *Tupi* realizou sua primeira exibição de uma partida de Futebol. Foi o clássico Palmeiras e São Paulo, televisionado diretamente do Pacaembu.

O formato inicial de narração criado pela equipe da Tupi não empolgou o público, mas a existência das imagens chamou a atenção, como coloca Léo (2016, p. 13) ao reproduzir um editorial publicado no *Diário da Noite*, no início de 1951:

Um verdadeiro espetáculo desportivo. Emocionante, empolgante, forte, sacudindo os nervos, arrancando homens barbados de suas cadeiras e atirando-os quase que de joelhos para diante do receptor a gritar loucamente gol, gol. Eis a televisão nos esportes. Éramos umas vinte pessoas, algumas crianças e, no entanto, todos estavam fascinados e interessados a seu modo. Víamos coisas que o espectador comum, aquele que estava sentado nas arquibancadas não via. E víamos os impedimentos, antes e muito melhor do que o próprio juiz. E víamos tudo. A bola que avançava entre as pernas dos jogadores, os passes, os dribles, as cabeçadas, os golpes de braços, os encontrões, tudo. Maravilhosa descoberta. (LÉO, 2016, p. 13)

No início, não era apenas o Futebol que estava presente na grade dos canais de televisão pioneiros do país. Assim como no início do Jornalismo Esportivo brasileiro, o

Turfe também tinha o seu espaço. E o Boxe, que crescia em popularidade, começou a aparecer na programação. A partir do início dos anos 60, acompanhou o crescimento de um dos maiores nomes da modalidade na história: Éder Jofre.

Mas nem tudo eram rosas nos primeiros anos de cobertura esportiva televisiva. As primeiras transmissões eram permeadas por problemas, causados por uma tecnologia frágil e que ainda não era totalmente dominada pelos trabalhadores. Léo (2016) afirma que esse período inicial foi caracterizado pelo amadorismo e pela busca da linguagem específica da televisão. Assim, o esporte se mostrou (e se mostra até hoje) um grande aliado do meio televisivo na evolução tecnológica. Isso também foi notado com o rádio, mas cerca de duas décadas antes.

Em 1954, o rádio ainda representava a única opção para a população acompanhar os jogos da Copa do Mundo, realizada na Suíça. Já na edição seguinte, em 1958, na Suécia, ano do primeiro título brasileiro, a televisão ensaiava seus primeiros passos na cobertura do maior megaevento esportivo do planeta. A *TV Tupi*, em São Paulo, e a *TV Rio*, no Rio de Janeiro, não conseguiram exibir os jogos na íntegra, mas criaram programas ao longo de 58 sobre a Copa, além da exibição de compactos das partidas com os gols e melhores momentos.

Além da Copa de 1962, que marcou o bicampeonato da seleção brasileira, os anos 60 na televisão ficaram marcados também pela cobertura de outros eventos, como as Olimpíadas de 1960, em Roma, o Mundial de Basquete de 1963, vencido pelo Brasil e os títulos mundiais de Éder Jofre. No campo da tecnologia, as primeiras utilizações do *videotape* ajudaram a mudar o Telejornalismo Esportivo dali em diante.

Foi também nos anos 1960 que surgiu um dos programas mais importantes da história da televisão brasileira. Inicialmente com o nome de *Grande Revista Esportiva*, foi o primeiro programa do formato mesa-redonda do país, em 1963, na *TV Rio*. Pouco tempo depois, passou para a novata *TV Globo* e ganhou o nome de *Grande Resenha Facit*, devido ao patrocínio da fabricante de máquinas de escrever. Contou com uma equipe formada por alguns dos maiores nomes do Jornalismo Esportivo do país, como Armando Nogueira, João Saldanha, Nelson Rodrigues e José Maria Scassa. Todo domingo à noite, os comentaristas se juntavam em um estúdio para comentar as partidas do dia.

Em 4 de fevereiro de 1969, uma notícia mudou o esporte e o Jornalismo Esportivo brasileiro. O presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), João Havelange, anunciava a nova contratação para o cargo de técnico da seleção brasileira, com o objetivo de conseguir a classificação brasileira para a Copa de 1970. João Saldanha

saía da função de comentarista esportivo direto para um dos cargos mais importantes do esporte nacional. A trajetória de Saldanha pela seleção foi marcada por sucessos e polêmicas. Mesmo com 100% de aproveitamento nas eliminatórias, as polêmicas envolvendo o treinador acabaram causando sua demissão meses antes da Copa do México. Seu substituto na conquista do tri foi Zagallo, enquanto Saldanha voltava à *Rede Globo* para ser comentarista.

O período da Copa de 1970 registrou também o lançamento de uma das mais importantes publicações esportivas do país: a revista *Placar*. Pertencente à *Editora Abril*, teve uma história de altos e baixos, sendo extinta e trazida de volta diversas vezes, com propostas diversas. Mas em seu período áureo, entre 70 e 84, foi responsável por diversas reportagens investigativas que marcaram o Jornalismo Esportivo, como a máfia da loteria esportiva. A *Placar* contou com alguns dos maiores nomes da área, como Juca Kfourri, Milton Coelho da Graça e Michel Laurence.

A Copa do México destacou as primeiras transmissões ao vivo do evento, ainda em preto e branco. Foi o primeiro momento em que a televisão conseguiu bater de frente com o rádio, que continuava sendo o mais importante meio para acompanhar esportes. Mas já eram realizadas as primeiras exibições coloridas, em caráter experimental. A estreia foi em fevereiro de 1972 no Rio Grande do Sul, com a Festa da Uva, em Caxias do Sul, e uma partida entre Grêmio e Caxias, que terminou em zero a zero. Ainda em 1972, a TV ao vivo transmitia um novo megaevento: as Olimpíadas de Munique, que ficaram marcadas pela ação terrorista que matou onze atletas israelenses.

Na época, as coberturas de eventos como as Olimpíadas e as Copas do Mundo representavam custos muito grandes para as emissoras de televisão e rádio. Por isso, até a década de 1990, as transmissões eram marcadas pelos *pools* entre os canais, misturando as equipes a cada jogo.

Nos anos 70, também se destaca a estreia das exibições de duas novas modalidades na televisão. Com o apoio da *TV Globo*, a Fórmula 1 chegava ao Autódromo de Interlagos e nos aparelhos brasileiros. Motivados pelo sucesso de Emerson Fittipaldi, a emissora deu total apoio à Confederação Brasileira de Automobilismo para cumprir os critérios necessários para realizar uma etapa ao país. Foi também a estreia do Surfe, que teve como narrador em sua primeira exibição, Léo Batista.

Três dos principais programas esportivos ainda em exibição na TV brasileira também iniciam naquela época. Na *TV Globo*, o *Esporte Espetacular* e o *Globo Esporte* e na *TVE*, atual *TV Brasil*, *Stadium*.

Em 1987, com a dificuldade da CBF em arcar com as despesas do campeonato brasileiro, alguns dos principais clubes do país criaram o Clube dos 13, uma liga independente. Fizeram parte da ata de fundação Corinthians, São Paulo, Palmeiras, Santos, Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Grêmio, Internacional, Cruzeiro, Atlético Mineiro e Bahia e, posteriormente, Goiás, Coritiba e Santa Cruz foram convidados a integrar a organização. A *Globo*, que apoiou a criação do Clube dos 13, recebeu a exclusividade da transmissão do campeonato nacional organizado pela instituição: a Copa União, cuja edição inaugural divide opiniões até os dias de hoje quanto ao verdadeiro campeão da competição, Sport ou Flamengo.

Com um jejum na Copa do Mundo que já durava 24 anos, os brasileiros viam alguma esperança na conquista do tetracampeonato na edição que seria realizada em 1994 nos Estados Unidos. Mas antes desse evento, o Jornalismo brasileiro precisou realizar uma incômoda cobertura 45 dias antes do início da Copa.

Em primeiro de maio de 1994, Ayrton Senna bateu forte na curva Tamburello, no início da sétima volta do Grande Prêmio de Ímola, enquanto liderava a prova. Poucas horas depois, foram confirmadas a morte cerebral e a morte do piloto. Tinha início uma cobertura que movimentou o planeta e principalmente o Brasil. Emissoras de televisão e rádio dedicavam programas especiais para falar sobre a vida e a carreira de Senna, além de transmitir ao vivo boletins com os principais desdobramentos do acidente, o transporte do corpo para o Brasil e o velório. Jornais e revistas publicaram diversas edições especiais, alguns com tiragem de milhões de exemplares.

A cobertura da Copa do Mundo, que iniciou em junho, estava dividida, na televisão, entre os principais canais do país. Em todos os meios, as estruturas montadas foram enormes, garantindo agilidade à produção.

A década de 90 também ficou marcada pela entrada a TV por assinatura no Brasil. Com ela, chegaram os primeiros canais dedicados exclusivamente ao esporte. Em 1991, *Top Sport*, que em 1994 teve seu nome alterado para *SporTV*, pertencente ao *Globosat* e em 1995, a *ESPN Brasil*. Nos anos 2000, novas emissoras se juntaram: *BandSports*, em 2002 e a *Fox Sports*, em 2012 na TV a cabo. Em 2007, o *Esporte Interativo* foi lançado como o primeiro canal aberto de esportes do país, via antena parabólica e em 2014, a emissora migrou para a transmissão a cabo.

A internet chegou ao Brasil na década de 90, mas foi apenas na virada do milênio que os veículos começaram a apostar no novo meio. Sites foram criados constantemente, tirando grandes nomes das principais redações. Mas foi uma expansão rápida. Em 2001,

muitos sites já anunciavam a falência, entre eles a PSN, *Pan American Sports Network*, que tentou entrar no Brasil como canal a cabo e site. A PSN chegou a juntar uma equipe de Jornalismo com grandes nomes, mas o investimento acabou sendo muito mais alto que o retorno e sua trajetória acabou sendo curta.

Após esse primeiro momento, os veículos passaram a tratar a internet com mais cautela, mas atualmente veem no meio um grande aliado. Todos possuem seus portais, páginas em redes sociais e produção multimídia. Com o barateamento dos instrumentos de produção, também cresceu no Brasil nos últimos anos os sites de Jornalismo alternativos, que focam em diferentes modalidades esportivas ou em viés pouco explorados pela imprensa tradicional.

Em 1997, chegou às bancas do Rio e de São Paulo uma ideia ousada para a época. O jornal diário *Lance!* foi uma aposta do empresário Walter Mattos Jr., que em poucos meses conseguiu juntar uma equipe e produzir edições no formato tabloide, com quarenta páginas totalmente coloridas. Após um susto inicial com as vendas, as previsões de Walter se confirmaram e o seu objetivo de venda de 120 mil exemplares diários estava cumprida. O objetivo do *Lance!* é a cobertura do que acontece dentro das quatro linhas, com pouco foco nas questões econômicas e políticas do esporte como um todo.

O século XXI, até o momento, ficou marcado pela cobertura dos megaeventos esportivos pelos veículos brasileiros. Da conquista do pentacampeonato da seleção de futebol na Copa de 2002, e as edições de 2006 e 2010, passando também pelas Olimpíadas de Atenas-2004, Pequim-2008 e Londres-2012. Mas os principais momentos do Jornalismo Esportivo brasileiro no novo milênio ficaram marcados pelos eventos que tiveram o Brasil como sede nos últimos 11 anos.

A década dos megaeventos esportivos se iniciou com os Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos do Rio de Janeiro, em julho de 2007. Seis anos depois, foi realizada a Copa das Confederações, que funcionou como evento-teste para a Copa do Mundo, que aconteceria um ano depois.

Para a Copa, a primeira em solo brasileiro desde 1950, os veículos planejaram coberturas extensas, como o *SporTV*, que dedicou em seu canal principal uma cobertura 24 horas ao vivo durante todo o evento. Pela primeira vez, *SporTV*, *ESPN*, *Fox Sports*, *BandSports* e *Esporte Interativo* exibiram simultaneamente as partidas.

Após a Copa, se iniciava o planejamento para as Olimpíadas e Paralimpíadas Rio-2016, novamente com transmissão simultânea dos cinco canais de esportes da televisão brasileira. Detentora dos direitos de transmissão, a *SporTV* organizou sua maior cobertura

da história nas Olimpíadas. Além dos três canais habituais, abriu mais 13, totalizando 16, além de 40 sinais na internet, cobrindo assim todo o programa esportivo olímpico.

Ainda em 2016, foi realizada uma última grande cobertura pelo Jornalismo Esportivo brasileiro. Em 28 de novembro, a equipe da Associação Chapecoense de Futebol viajava para a cidade de Medellín, na Colômbia, para disputar a final da Copa Sul-Americana contra o Atlético Nacional. Antes de chegar ao Aeroporto Internacional José María Córdova, em Rionegro, o voo 2933 da LaMia caiu próximo ao aeroporto, em um local de floresta chamado *Cerro El Gordo*. Entre passageiros e tripulantes, 71 pessoas morreram e seis foram resgatadas com vida. Dos mortos, dezenove eram jogadores da Chapecoense, vinte eram jornalistas, nove dirigentes, dois convidados, quatorze membros da comissão técnica e sete tripulantes.

A cobertura do acidente se mostrou particularmente difícil para os jornalistas brasileiros, principalmente pela presença de diversos companheiros de profissão entre os mortos. Ao longo dos dias que se seguiram ao acidente, diversos repórteres escreveram textos sobre as dificuldades do momento e vários chegaram a chorar na frente das câmeras.

Após a Copa da Rússia, em 2018, o ano de 2019 marca uma fase inédita para o Jornalismo Esportivo brasileiro e o esporte feminino, com a realização da Copa do Mundo Feminina de Futebol na França. As transmissões foram realizadas na TV aberta e fechada, com a grande maioria das partidas recebendo espaço nas grades de programação, mesmo acontecendo simultaneamente com mais um megaevento esportivo no Brasil: a Copa América.

A *Rede Globo* exibiu apenas as partidas da seleção feminina brasileira em sua grade de programação, mas trouxe bons resultados de audiência. A partida contra a seleção italiana, válida pela terceira rodada da fase de grupos, no dia 19 de junho, obteve média de 21 pontos de audiência em São Paulo e 23 no Rio de Janeiro.¹⁵

A cobertura de esportes paralímpicos pela imprensa brasileira vem de um período mais recente. Ela está ligada à criação do Comitê Paralímpico Brasileiro, em 1995. Para os Jogos de Atlanta, em 1996, o CPB tinha como objetivo aumentar a visibilidade do esporte e dos atletas. A partir daí, estabeleceu estratégias que envolviam uma divulgação própria, como a criação da revista *Brasil Paraolímpico*, a veiculação de peças

¹⁵ Disponível em: <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/noticia-da-tv/2019/06/vitoria-do-brasil-contra-italia-na-copa-do-mundo-feminina-explode-audiencia-da-globo-confira-previa>. Acesso em: 19 jun. 2019

publicitárias e, principalmente, a compra dos direitos de transmissão de diversas edições das Paralimpíadas e de Jogos Parapan-Americanos.

Em Atlanta, além da compra dos direitos, o Comitê custeou os gastos da equipe da TVE, emissora pública de televisão. Não foram realizadas transmissões ao vivo, mas as imagens eram disponibilizadas para as emissoras interessadas. Além disso, convidou repórteres de quatro jornais para fazer a cobertura: *O Globo* (RJ), *O Estado de S. Paulo* (SP), *Correio Braziliense* (DF) e *O Fluminense* (RJ) e mais dois jornalistas e fotógrafos próprios, com o objetivo de produzir conteúdo que fosse distribuído para os jornais brasileiros.

Para os Jogos de Sydney, em 2000, esse esquema foi mantido e intensificado, ao convidar jornalistas de 27 jornais e duas emissoras de televisão. Quatro anos depois, em Atenas, o CPB deu mais um passo no seu objetivo de aumentar o conhecimento das pessoas sobre o esporte paralímpico, como comenta Hilgemberg (2017a, p. 121):

Em 2004, objetivando que o movimento paralímpico tivesse ampla divulgação e maior valorização, o CPB contratou a produtora de vídeo Íntegra Produções para captar, editar e transmitir gratuitamente imagens dos jogos de Atenas, para as emissoras brasileiras interessadas. Além disso, oito emissoras abertas e fechadas foram convidadas pelo Comitê para cobrirem a competição (Rede TV, Record, TVE, TV Nacional, SporTV, Rede Gazeta, NSB e Rede Bandeirantes); outros dez veículos também foram convidados, Rádio Eldorado, Rádio CBN, Folha de S. Paulo, Jornal da Tarde, Lance!, Estado de Minas, Diário de Pernambuco, Tribuna do Norte, Jornal de Brasília, O Dia, O Globo e o portal UOL (HILGEMBERG, 2017a, p. 121)

Esse processo continuou até os Jogos de Londres, em 2012, mas a partir de Pequim-2008, o Comitê passou a notar que alguns veículos já mandavam representantes para a cobertura de modo espontâneo. Em 2012, inclusive, o CPB não precisou comprar os direitos de transmissão, que haviam sido adquiridos pelo *Grupo Globo* e a *TV Brasil* (MIRANDA, 2011; SILVA, 2018b).

2.5 A Cobertura Jornalística de Megaeventos Esportivos

Uma das grandes polêmicas envolvendo o Jornalismo Esportivo é que muitas pessoas defendem que é uma área menor do Jornalismo, não apenas pelo produto em si só como o seu conteúdo, justificando uma aproximação com o entretenimento. Para esta pesquisa, concorda-se com a visão de Barbeiro e Rangel (2006) sobre essa crítica:

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13)

À presença do Jornalismo na transmissão dos acontecimentos e conteúdos referentes aos megaeventos, esportivos ou não, utiliza-se o termo cobertura. Para esta pesquisa, recorre-se às definições postas por Emerim e Brasil (2011) sobre cobertura jornalística. Conforme os autores, corresponde:

[...] ao trabalho de reportagem a ser realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado [...] Na atualidade, é comum nas redações designar cobertura para praticamente todo o trabalho de reportagem que apresenta um tema sob diferentes abordagens, ou seja, que aprofunde, desenvolva ou diversifique o tema central” (EMERIM; BRASIL, 2011, p. 4).

Em eventos como as Olimpíadas e as Paralimpíadas, a imprensa realiza coberturas mostrando não apenas o que está acontecendo nas arenas, no sentido das competições esportivas. Também desenvolve pautas diversas como curiosidades sobre os atletas, as estruturas, atividades paralelas, entre outros. Emerim e Brasil (2011) ainda definem esse tipo de trabalho como uma “grande cobertura”, pelas diferentes perspectivas que podem ser exibidas ao público. Isso seria diferente de uma “cobertura grande”, que remete a um assunto que permanece por um longo período de tempo como pauta. Um exemplo recente que pode se encaixar em ambos os casos é o da Copa do Mundo de 2014 no *SporTV*. À época, o canal especializado em esporte, pertencente ao grupo Globosat, organizou uma programação 24 horas ao vivo durante os 31 dias de competição, criando novos programas para sua grade, com uma equipe de 600 profissionais.¹⁶

Os autores utilizam essas definições para as coberturas realizadas no meio televisivo, mas para esta pesquisa entende-se que podem também ser aplicadas aos meios impresso, *online* e radiofônico, mesmo com suas diferenças e especificidades de produção.

Em cobertura de megaeventos como Olimpíadas, Paralimpíadas e Copa do Mundo, boa parte do trabalho fica por conta dos jornalistas da área de esportes, além de

¹⁶ Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/noticia/2014/04/sportv-com-programacao-24-horas-ao-vivo-durante-copa-do-mundo.html>. Acesso em 10 out. 2018

diversos profissionais que acabam sendo deslocados para a editoria em função da demanda. Por isso, faz-se necessário também discutir o que é o Jornalismo Esportivo. Concorde-se com a definição de Tubino (2007, p. 719), como apresentado no *Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte*:

[...] é uma atividade especializada de Jornalismo na qual são transmitidas informações, opiniões (interpretações e críticas) e análises do esporte em qualquer aspecto de sua abrangência sociocultural. O jornalismo esportivo é exercido por jornalistas com conhecimento em esportes em geral ou em aspectos esportivos [...] A cobertura jornalística esportiva, na sua maioria, é setorizada, podendo incidir sobre clubes, modalidades, entidades, dirigentes, ou outros aspectos esportivos importantes [...] O jornalismo esportivo, cada vez mais, tem buscado o sentido do espetáculo, o que leva a uma identificação integrada com o show, o profissionalismo e o negócio. A criação, a difusão e o reconhecimento de ídolos e mitos no Esporte têm sido algumas das iniciativas do Jornalismo Esportivo na construção do espetáculo. (TUBINO, 2007, p. 719)

Ao mesmo tempo que é uma abordagem utópica do Jornalismo Esportivo, ao discorrer sobre como deveria ser, Tubino também apresenta uma perspectiva do que acontece na realidade. Ao invés de uma cobertura ampla, tratando de diversas modalidades, além das questões políticas, econômicas e sociais do esporte, o que se vê é uma presença massiva do futebol, devido à sua popularidade no país e no mundo e uma identificação com esse lado do entretenimento que a editoria possui.

Como colocam Unzelte e Prado (2009), mesmo com as características específicas do Jornalismo Esportivo, as quais serão tratadas em seguida, a produção do conteúdo de esporte passa pelos mesmos processos de qualquer editoria, indo da pauta para a apuração e finalmente a redação.

Uma das características mais únicas do Jornalismo Esportivo é a paixão. Segundo Carvalho (*apud* PENA, 2005), é a sua característica fundamental. Ela envolve toda a cadeia de produção esportiva. Começa no repórter, que muitas vezes entra no Jornalismo Esportivo devido à paixão pelo esporte, ou como em muitos casos, o Futebol e o time de seu coração, e chega até o leitor. É algo que o jornalista precisa estar muito ciente, já que os torcedores são conhecidos por cobrarem os repórteres em diferentes situações, desde o espaço dedicado a um time ou outro até ao próprio modo de tratamento.

É preciso ter muito cuidado com essa paixão. Por um lado, há uma aproximação entre o jornalista e seu objeto que não existe em nenhuma outra editoria. Por outro, pode

ser usado como uma ferramenta de manipulação para o seu próprio interesse (GURGEL, 2009)

Outra característica notável do Jornalismo Esportivo é a especialização. Além dos conhecimentos específicos de uma editoria, muitos repórteres, quando se tornam setoristas principalmente, acabam tornando-se especialistas em uma modalidade específica, como o Futebol ou Vôlei ou Futebol Americano. Lembra Coelho (2003), que algumas modalidades, como o Automobilismo, necessitam de conhecimentos ainda mais específicos. Mas o que se observa hoje, devido à diminuição das equipes de Jornalismo nos veículos, é uma necessidade de polivalência dos repórteres, que precisam cobrir ao mesmo tempo diferentes esportes.

Não existe jornalista de esportes. Existe o jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades. Que se torna muitas vezes melhor quando é, de fato, conhecedor do assunto específico. Quando vira jornalista de basquete, de vôlei, de futebol, de automobilismo. Nunca de esportes.

O problema é que o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis. O que vale dizer que não há jornalistas de basquete, de vôlei, de atletismo, de judô, etc. Isso explica o aparecimento de atletas como comentaristas sempre que é preciso aprofundar-se em grande competição. O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter de brigar muito mais por isso (COELHO, 2003, p. 38)

Bruel (1989), analisando a função social do esporte, define três categorias que, no campo do Jornalismo, podem ser aplicados como tipos de pautas / temas. São eles o Esporte Performances, as modalidades de alto rendimento e o espetáculo do esporte, o Esportes Participação, que seria todo o tipo de atividade esportiva praticada pela população de forma espontânea, e o Esportes Formação, com o objetivo de formar cidadãos úteis à sociedade.

No Jornalismo Esportivo brasileiro, é bem mais comum encontrar as pautas do primeiro tipo. O segundo acaba ficando mais restrito a publicações especializadas, tendo ganhado mais espaço e visibilidade com o surgimento da internet. Já o terceiro é um tipo pouco comum.

Alguns atletas também possuem maior visibilidade na mídia, seja por conta de sua qualidade na prática esportiva, seja por polêmicas em que se envolve, ou até mesmo ambos. Temos como exemplos a nível mundial Neymar, Messi, Cristiano Ronaldo, Michael Phelps, Usain Bolt, Ryan Lochte, entre outros. Mas concorda-se com a visão de

Cardoso (2016, p. 4) de que o foco do Jornalismo Esportivo não deve estar voltado apenas para este tipo de atletas:

Entendemos que pautas como as que revelam o esportista bem-sucedido, uma celebridade, são inevitáveis, porém, atletas com menos expressão, batalhadores e que enfrentam dificuldades sem deixar de lado valores como a humildade e a ética precisam ser lembrados com mais frequência e não apenas em épocas que antecedem eventos esportivos (CARDOSO, 2016, p. 4)

Em eventos como as Olimpíadas e as Paralimpíadas, isso acaba ficando ainda mais evidente, já que se trata de um alto número de modalidades sendo disputadas simultaneamente e poucos veículos conseguem montar equipes para cobrir cada modalidade de modo exclusivo.

A mídia possui um papel de grande importância na divulgação dos megaeventos esportivos, principalmente com a transmissão das disputas. Isto porque a maior parte das pessoas não consegue acessar os locais de competição, seja pela distância ou pelo valor dos ingressos.

Mas o Jornalismo Esportivo possui grandes desafios quanto a esse tipo de evento. Não é mais possível se limitar apenas à cobertura dos acontecimentos dentro das quadras, arenas e estádios. Nesses casos, as editorias se misturam e matérias de viés econômico, político e social se tornam bastante presentes no noticiário esportivo diário. Algo que ainda é bastante diferente da realidade do dia-a-dia, onde apenas algumas modalidades específicas, como o futebol, recebem atenção, em detrimento de outras, ou do esporte amador e do esporte para além da competição.

A internet se mostrou um campo muito fértil para o Jornalismo como um todo, não apenas a área esportiva. Mas o esporte se beneficiou bastante deste novo meio, que possibilitou que modalidades que não possuem muita visibilidade nos veículos tradicionais tivessem seus espaços próprios de divulgação. Por outro lado, também trouxe mudanças profundas no modo de se fazer Jornalismo.

Esse mesmo processo de intensificação da utilização da internet certamente se apresenta como algo ambíguo: pode permitir um maior acesso a visões diferentes quanto aos objetos/eventos que recebem atenção midiática, mas também pode apresentar uma banalização e perda da qualidade diante do imediatismo e da própria velocidade que é característica “natural” desse meio de informação (DORENSKI; MEZZARROBA; PIRES, 2018, p. 141)

Além da prevalência do futebol em comparação com as outras modalidades e tipos de esporte, existe também uma outra predominância no Jornalismo Esportivo. Os veículos, independente do meio, impresso, televisão, rádio ou *online*, tendem a focar no que acontece dentro das quatro linhas de uma arena de competições, focando mais em resultados, além de pré e pós-jogos, abordando treinos, entrevistas coletivas, e material mais opinativo, como palpites de resultados e a revisão de partidas. Abordar as questões econômicas, sociais e políticas do esporte acaba muitas vezes de fora das pautas do dia a dia dos veículos. Isso tem se mostrado mais presente em programas e publicações de periodicidade menos frequente (semanais, mensais).

Por isso, concorda-se com a visão de Gurgel (2012) sobre como o Jornalismo Esportivo deve se posicionar, podendo ser aplicado não apenas na cobertura dos megaeventos, como também na produção diária:

O caminho que defendemos como uma forma de atualizar o jornalismo esportivo é o da ampliação da ênfase nos aspectos socioeconômicos do esporte na cobertura dos eventos e do cotidiano das modalidades desportivas. Mesmo que inicialmente soe como contraditório, o fato é que para se produzir um bom jornalismo esportivo, cada vez mais, é fundamental entender os aspectos sociais, políticos e fundamentalmente econômicos envolvidos no contexto da prática esportiva dos megaeventos esportivos em observação jornalística (GURGEL, 2012, p. 13)

CAPÍTULO 3 – DISPUTANDO A MEDALHA DE OURO: A IMPRENSA BRASILEIRA NAS PARALIMPIADAS DO RIO

O caminho até aqui não foi fácil. Diversos desafios tiveram que ser vencidos, mas agora é a hora da final: a disputa pela medalha de ouro. Para garantir essa conquista, é necessária uma análise profunda do competidor, entender como ele se organiza, sua movimentação e quem são seus destaques. E a própria equipe precisa montar seu plano de ação, seu esquema tático. Depois, em campo, é preciso jogar no ataque, sempre buscando marcar e se manter à frente no marcador, para que o momento de glória venha com o apito final.

Por isso, antes da análise do material empírico que compõe esta pesquisa, este capítulo possui dois itens essenciais. Primeiro, uma revisão da pesquisa acadêmica sobre a relação entre Paralimpíadas e mídia. E em seguida o detalhamento dos procedimentos metodológicos.

3.1. A relação entre Paralimpíadas e a mídia na pesquisa acadêmica

A pesquisa acadêmica na área de Jornalismo Esportivo vem crescendo no Brasil e no mundo nos últimos anos. De início, a área sofria com o preconceito de jornalistas e pesquisadores, por não considerarem a editoria como de Jornalismo. Resistência que ainda hoje pode ser observada, mas já em menor grau, tanto na Academia quanto na área profissional.

Um dos marcos do campo de estudos acadêmicos é a criação do Grupo de Trabalho Mídia e Esporte, em 1997 na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação, a Intercom. Inicialmente coordenado pelo professor Sérgio Carvalho, da Universidade Federal de Santa Maria, contou com uma grande participação de pesquisadores da área da Educação Física. Em 2004, foi extinto pela Intercom junto com outros Grupos de Pesquisa e passou a integrar o grupo de Comunicação Científica. Ressurgiu em 2009, com o nome atual, Comunicação e Esporte e, desde então, se consolidou como um dos principais GP's nos Congressos da Intercom.

Por mais que a pesquisa em comunicação e esporte tenha avançado no país nos últimos anos, a produção de conhecimento sobre a relação entre Paralimpíadas e mídia ainda se consolida, enquanto a nível mundial, já existe em maior quantidade. Junto com o pouco material existente, o acesso também representou um dos maiores problemas deste

projeto, já que a maioria das produções internacionais estão em acervos de revistas científicas de acesso restrito, apenas mediante pagamento.

Hilgemberg (2010, 2017a) é um dos principais nomes, no país, da pesquisa sobre a cobertura de Jogos Paralímpicos pela imprensa, tendo analisado os Jogos de 1996 a 2008 em veículos brasileiros e portugueses, em sua dissertação de mestrado. Já na sua tese, estudou os Jogos de 2012.

Uma de suas principais contribuições para o campo, na visão desta pesquisa, está em sua tese (HILGEMBERG, 2017a), onde entrevistou seis atletas paralímpicos, André Brasil, Dirceu Pinto, Maciel Sousa Santos, Jerusa Santos, Yohansson Nascimento e Terezinha Guilhermina. Nas entrevistas, os paratletas¹⁷ expõem suas visões acerca da cobertura dos esportes paralímpicos pela mídia brasileira, as modalidades com maior visibilidade e a representação nos textos e imagens. Sobre este último tópico, Hilgemberg reflete sobre os resultados obtidos:

Os atletas entrevistados para esse estudo percebem que há sub-representação do esporte paralímpico, seja quantitativa ou qualitativa. No entanto ao serem questionados sobre como gostariam de ser representados pela mídia não houve consenso. Alguns afirmaram que preferiam ter seus feitos esportivos exaltados, outros, sua história de vida, com foco na superação da deficiência, outros ainda apontaram que ambos deviam estampar as páginas dos jornais. Essa falta de consenso demonstra que este é ainda um tema em ebulição que merece maior escrutínio e que os atletas são, na verdade, muito mais complexos do que estudos anteriores nos fizeram crer. (HILGEMBERG, 2017a, p. 199)

Entre as demais perguntas feitas pela pesquisadora, as respostas convergem para opiniões de que a cobertura ainda está longe de ser a ideal, mas avançou bastante nos últimos anos e precisa continuar nesse caminho. Avaliam que ainda há muito que percorrer. Houve consenso também de que os Jogos do Rio representariam um marco na cobertura de esportes paralímpicos (HILGEMBERG, 2017a).

Devido à proximidade entre as Olimpíadas e Paralimpíadas, por causa de modalidades presentes nos dois eventos, a realização dos Jogos nas mesmas sedes, usando as mesmas arenas, entre outras questões, acaba sendo inevitável estabelecer comparações entre os dois eventos no que tange a cobertura feita pelos veículos. Mas vale notar que os resultados em trabalhos encontrados não foram necessariamente similares.

¹⁷ O termo “paratletas” também será utilizado a partir deste ponto para se referir aos atletas paralímpicos

Um dos estudos, de Chang *et al* (2011), analisou a cobertura dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Pequim-2008 no jornal canadense *The Globe and Mail*. Os autores encontraram 302 artigos sobre as Olimpíadas contra apenas 11 sobre as Paralimpíadas. Alguns temas foram notados em ambos, como resultados e ética esportiva. Por outro lado, a cobertura olímpica trouxe pautas sobre economia, política e identidade nacional, enquanto na paralímpica, foi comum encontrar comparações com as Olimpíadas, o que ainda é muito recorrente até hoje. Mesmo assim, segundo a conclusão dos autores, os paratletas não foram retratados de modo estereotipado, como “coitadinhos” ou “super-deficientes”, mas sim como atletas de alto rendimento.

Novais e Figueiredo (2010) analisaram o material publicado em quatro portais, dois do Brasil e dois de Portugal, comparando também a cobertura dos Jogos de Pequim. Os resultados já foram bastante diferentes do anterior. 70% dos artigos publicados tratavam das Olimpíadas, enquanto 30% eram sobre as Paralimpíadas. Um percentual bem maior se comparado com o do veículo canadense, que não chegava nem a 4%.

Outra pesquisa, que analisa um período maior de tempo, é a de Tynedal e Wolbring (2013), que realizaram um mapeamento de publicações do *The New York Times* sobre as Olimpíadas e Paralimpíadas entre 1955 e 2012. Sobre os Jogos Paralímpicos foram encontradas 246 notícias com alguma relação com o evento, contra 10.487 do Olímpico. Quanto aos textos, os autores apontaram que havia um predomínio da visão do atleta paralímpico como vítima ou exemplo de superação. Esta abordagem é criticada por eles, por não contribuir nem para a consolidação do esporte nem para mostrar à sociedade as barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência no acesso ao esporte.

A pesquisadora tcheca Alice Tejkalová (2015a; 2015b) investigou a cobertura dos Jogos Paralímpicos em seu país entre 1992 e 2008, com foco no espaço concedido pelos jornais impressos diários. Ela não restringiu o período apenas aos dias dos Jogos, começando duas semanas antes da Cerimônia de Abertura e finalizando um mês após o Encerramento. Quanto ao primeiro objetivo, a autora notou que houve um crescimento constante de matérias até 2004, que variavam de tamanho, segundo os parâmetros da pesquisa. Mas, em 2008, houve uma queda brusca, atribuída à distância da sede (China) e crise econômica que seu país e o mundo atravessavam. Assim, segundo Tejkalová, os quatro jornais analisados preferiram focar o conteúdo esportivo apenas em eventos que eram de fácil acesso e poderiam resultar em um bom retorno.

Uma das temáticas mais presentes em estudos sobre a relação entre atletas com deficiência e mídia é o debate acerca dos estereótipos de “coitadinho” e “super-herói”. O

primeiro possui um foco maior na própria deficiência, despertando um sentimento de pena dos leitores e espectadores. A visão de “coitadinho” transmite dois tipos de mensagens, distintas e contraditórias: a história de sucesso, que também cria uma certa aura por dar o entendimento de que nem todos conseguirão atingir o mesmo resultado. Já o segundo estereótipo, do “super-herói”, coloca a deficiência como algo que deve ser superado. Esta concepção acaba focando nas realizações e superações em vez de mostrar o que pode e deve ser feito para a integração total da pessoa com deficiência na sociedade. Este modelo não está restrito apenas aos atletas de alto rendimento, podendo também estar presente em situações do dia-a-dia (SCHELL; DUNCAN, 1999).

Para além do estereótipo, foram encontradas pesquisas que analisam questões como a inclusão e a visibilidade na mídia de pessoas com deficiência no esporte, como a de De Pauw (1997). O autor conseguiu identificar três níveis nesse tópico. O primeiro, chamado de “Invisibilidade da Deficiência no Esporte”, aborda a exclusão desse tipo de atleta da cobertura. O segundo, “Visibilidade da Deficiência no Esporte”, indica conteúdos em que os atletas com deficiência aparecem na mídia, mas o foco é a deficiência. Esta tem ligação com a própria história da pessoa, sendo uma deficiência congênita ou adquirida. Já a última, “(In)Visibilidade da (D)Eficiência no Esporte”, fala das situações que podem ser consideradas as mais próximas do ideal para esta pesquisa. Neste caso, os atletas ganham visibilidade como competidores de alto rendimento e suas deficiências não são escondidas, mas também não aparecem em primeiro plano: são apenas uma das muitas características inerentes às pessoas.

Além das pesquisas que tratam do conteúdo jornalístico como um todo ou somente o texto, existem também trabalhos recortados em partes específicas, como as fotos publicadas por jornais e revistas. Pappous é um dos principais nomes encontrados nesta categoria, identificado em boa parte do material coletado pela pesquisa.

Pappous, juntamente com De Léséleuc e Marcellini (2009; 2010; 2011), analisaram a cobertura jornalística dos Jogos de Sydney-2000 em oito jornais impressos de quatro países europeus (Espanha, Inglaterra, Alemanha e França) nos dois primeiros artigos referenciados acima, e no último, compararam a cobertura fotográfica de Sydney-2000 e Pequim-2008 em dez jornais impressos de cinco países, acrescentando a Grécia. Os autores notaram que, no período comparado, houve um aumento no número de imagens publicadas nos jornais analisados. Porém, também registraram um crescimento das imagens que escondiam a deficiência dos atletas ou os retratavam de forma passiva mais ou menos na mesma proporção. Como será mostrado no próximo subcapítulo, os

guias de mídia, em especial o da Rio-2016 (PAPPOUS; SOUZA, 2016), defendem que isso seja evitado pelos jornalistas, recomendando que a deficiência não deve ser escondida ou o foco da imagem.

Outra pesquisa no âmbito da fotografia é a de Buysse e Borcharding (2010). Os autores também analisaram a cobertura das Paralimpíadas de Pequim-2008, mas o *corpus* foi composto por jornais de cinco países e continentes diferentes. Entre os dados encontrados a partir da análise, está uma tendência maior dos jornais em retratar atletas masculinos em momentos de competição ao invés das mulheres. Esse número acaba seguindo uma tendência do Jornalismo Esportivo a nível mundial, onde o esporte de alto rendimento praticado por mulheres tem ganhado mais visibilidade apenas nos últimos anos, como é o caso do futebol, mencionado no capítulo anterior.

De acordo com os autores, a cobertura midiática não acompanha o crescimento do esporte paralímpico no mundo. Um dos motivos para isso seria o de esconder uma das características essenciais de um paratleta: sua deficiência. Tal prática acaba levando a uma não-legitimação do esporte paralímpico como esporte de alto rendimento.

Na imprensa especializada em esportes, a situação foi um pouco diferente, como mostrou a pesquisa de Hardin e Hardin (2005). Os autores analisaram as fotos de atletas com deficiência na revista americana *Sports 'n Spokes*. Identificou-se que a característica mais predominante foi o retrato dos atletas em posturas ativas, no momento da prática esportiva. De acordo com os autores, este tipo de imagem é essencial para ajudar a romper a visão de que o corpo de uma pessoa com deficiência é incapaz.

Entre as poucas pesquisas encontradas que não abordam os meios impresso e *online*, está a de Schell e Duncan (1999), que analisou a cobertura das Paralimpíadas de Atlanta-1996 pela rede de televisão americana CBS. Das conclusões encontradas pelos autores, uma se destaca por lidar com o tratamento dado pelo canal aos atletas, mais especificamente aos que saem das arenas derrotados. Segundo os autores, enquanto no esporte convencional há uma visão de que o fracasso representa uma perda trágica, no paralímpico o discurso é bastante diferente, seguindo a ideia de que todo paratleta é vencedor apenas pelo fato de estar ali competindo em alto rendimento, o que colabora com a visão do exemplo de superação.

Para além do conteúdo jornalístico, os próprios jornalistas que cobrem ou cobriram eventos como as Paralimpíadas também foram focos de pesquisas, como a de Santos (2018). Em sua tese de doutorado, o autor entrevistou 15 jornalistas de diferentes veículos de imprensa, estados e alcance nacional ou regional que trabalharam na cobertura

dos Jogos de modo direto ou indireto. Considera-se direto os repórteres que estavam *in loco* e indireto os que trabalharam à distância, incluindo também editores. Além disso, entrevistou também pessoas ligadas à área de comunicação do Comitê Paralímpico Brasileiro.

A intenção era compreender como eram as rotinas desses profissionais, além dos critérios e valores que nortearam a cobertura dos Jogos. A partir do exposto através das entrevistas, o autor concluiu que existe uma necessidade, não apenas dentro do Jornalismo como um todo, mas também no Jornalismo Esportivo, de se ter uma formação voltada à essa área, buscando espaço dentro dos currículos universitários. Isso porque o esporte paralímpico e a representação das pessoas com deficiência em geral possui diversas especificidades que precisam ser tratadas e explicadas.

3.2. Definindo os procedimentos metodológicos da análise

Esta etapa representou um dos maiores desafios da execução deste projeto. Para atingir o objetivo desejado com essa pesquisa, chegou-se à conclusão de que apenas uma análise qualitativa não seria suficiente para responder todas as perguntas existentes. Por se tratar de uma cobertura relativamente extensa, de 13 dias de duração e uma frequente produção de matérias, percebeu-se que a parte quantitativa também deveria ser levada em consideração na hora da reflexão do conteúdo, já que o ritmo de trabalho pode afetar a qualidade do mesmo, o que é agravado com o atual modo de produção imposto pelos modelos de mercado nos mais diversos meios, principalmente em equipes de *online*.

Por isso, optou-se por utilizar uma articulação de técnicas e métodos de pesquisas com vistas a dar conta dos propósitos desta investigação. Assim, foi definido a criação de um protocolo que traz características qualitativas e quantitativas, por achar que ambas são complementares para os objetivos desta análise, sem necessariamente colocar um abaixo do outro, como defende Flick (2009, p. 43):

Um estudo poderá incluir abordagens qualitativas e quantitativas em diferentes fases do processo de pesquisa sem concentrar-se necessariamente na redução de uma delas a uma categoria inferior ou em definir a outra como sendo a verdadeira abordagem da pesquisa (...) Neste caso, as diferentes perspectivas metodológicas complementam-se para a análise de um tema, sendo este processo compreendido como a compensação complementar das deficiências e dos pontos obscuros de cada método isolado

Esta decisão ajuda na compreensão geral do material analisado, já que, na visão do autor, falar apenas que foi uma “cobertura bem-feita, sem erros”, pode não significar nada se ao longo de 13 dias foram veiculadas apenas uma pequena quantidade de matérias, que permite aos repórteres trabalhar com mais calma em cima da pauta.

Uma das maiores dificuldades iniciais foi a concepção das categorias da análise quantitativa. Por estar analisando materiais dos quatro meios jornalísticos (impresso, televisão, rádio e *online*), não era possível encontrar um protocolo que abarcasse características dos quatro.

Outro problema é que o campo acadêmico do Jornalismo sofre com a falta de métodos e técnicas de análise que sejam próprios da área. É bastante comum que os pesquisadores acabem tendo que utilizar procedimentos oriundos de áreas como Letras, História, Antropologia e Ciências Sociais, como as Análises de Discurso e de Conteúdo e a Etnografia, para suas pesquisas, o que pode acabar em resultados que não resolvem todos os problemas propostos. Silva e Maia (2011a, p. 21) analisam esse problema:

Em resumo, a falta de preocupação com metodologias mais apropriadas conduz à repetição de fórmulas metodológicas sem as considerações e adaptações necessárias. Aplicadas indistintamente a perguntas de pesquisa variadas e com escopos os mais diversos, essas fórmulas acabam por compor um quadro limitado de respostas, quase sempre circunscritas ao domínio do meio/mensagem, e também por encobrir a deficiência das metodologias de pesquisa em jornalismo.

Levando em consideração os dois problemas levantados acima, optou-se pelo desenvolvimento de modelo próprio, satisfazendo às principais dúvidas quanto ao conteúdo que seria analisado. Assim, também se espera que esta pesquisa possa contribuir para o desenvolvimento de métodos e técnicas próprias à área do Jornalismo.

O modelo desenvolvido para essa pesquisa, em sua etapa quantitativa, tem como base o protocolo metodológico denominado *Análise de Cobertura Jornalística*, desenvolvida por Silva e Maia (2011a; 2011b), que foi proposto como complementar aos métodos mais comumente utilizados por pesquisadores de Jornalismo, como a Análise de Conteúdo e o *Newsmaking*.

A proposta de Silva e Maia (2011a; 2011b), uma das primeiras desenvolvidas especificamente para o campo do Jornalismo, analisa o objeto de estudo por diferentes lentes, com as autoras fazendo analogias que remetem à área da fotografia. O primeiro, chamado de “Marcas de Apuração”, seria como uma lente teleobjetiva, procurando

questões mais específicas como a assinatura e a origem da informação. Em seguida, “Marcas da Composição do Produto”, similar à uma lente normal, procurando informações sobre localização na página, foto e diagramação. Por último, tem-se os “Aspectos do Contexto de Produção”, como uma grande angular, verificando aspectos da dimensão organizacional e o contexto de produção de uma matéria.

Como é possível notar pela explicação acima, o protocolo de Silva e Maia é feito especificamente para o meio impresso. Por isso, para se adequar às especificidades desta pesquisa, precisava passar por adaptações. Assim, optou-se por utilizar a Análise de Cobertura Jornalística como inspiração para o modelo a ser desenvolvido aqui.

No geral, a lista de itens a serem quantificados em cada meio é bastante similar, atendendo a demandas básicas como o número de conteúdos veiculados e o tipo de material. Optou-se por manter a análise quantitativa em parâmetros mais básicos devido à extensão do *corpus* desta pesquisa e o tempo que levaria para executar todos os protocolos. Essa decisão foi tomada após uma análise-teste feita com parte do material e uma lista de categorias mais extensa, que não tiveram o resultado esperado.

1º - Categorias de Análise Quantitativa do material oriundo do meio impresso

- 1) Número de Conteúdos Veiculados
- 2) Número de Páginas com Conteúdo no Jornal e no Caderno de Esporte
- 3) Tipo de Material
 - a. Matéria
 - b. Reportagem
 - c. Opinativo (Colunas ou Editoriais)
 - d. Nota
 - e. Serviço
- 4) Capa
 - a. Foto
 - b. Chamada com texto
 - c. Citação
 - d. Outros

2º - Categorias de Análise Quantitativa do material oriundo do meio televisivo

- 1) Tempo dedicado
 - a. Por Programa
 - b. Pelo veículo
- 2) Quantidade de matérias veiculadas
- 3) Tipo de Material
 - a. Entrada ao Vivo
 - b. Matéria
 - c. Reportagem
 - d. Entrevista
 - e. Nota Pelada ou Coberta
 - f. Quadro de Medalhas
 - g. Outros

3ª – Categorias de Análise Quantitativa do Material Oriundo do Meio Rádio

- 1) Tempo dedicado
 - a. Por Programa
 - b. Pelo Veículo
- 2) Quantidade de Matérias
- 3) Tipo de Material
 - a. Entrada ao vivo
 - b. Boletim
 - c. Reportagem
 - d. Entrevista
 - e. Nota
 - f. Quadro de Medalhas
 - g. Outros

4º - Categorias de Análise Quantitativa do Material Oriundo do Meio *Online*

- 1) Quantidade de Matérias
- 2) Tipo de Material
 - a. Nota
 - b. Matéria

- c. Reportagem
 - d. Opinativo
 - e. Serviço
- 3) Recursos Presentes
- a. Texto
 - b. Foto
 - c. Vídeo
 - d. Áudio
 - e. Redes Sociais
 - f. Infográficos

Definida a parte quantitativa, partiu-se para a criação das categorias de análise do material da parte qualitativa. Para esta etapa, decidiu-se por se basear nos guias de mídia produzidos pelos Comitês Paralímpicos Nacionais e o Internacional. Esses materiais têm como função discutir como a imprensa faz e / ou deveria fazer a cobertura do esporte paralímpico, além de como se relacionar e representar as pessoas com deficiência na mídia.

Os textos apresentam sugestões de termos que podem ser usados para se referir aos diferentes tipos de deficiência, dão dicas sobre como se portar ao conversar com pessoas com deficiência, além de panoramas gerais sobre a estruturação do Esporte Paralímpico.

Esses guias funcionam de modo similar aos manuais de estilo e redação, comuns aos veículos de mídia do Brasil e do mundo. Em sua tese, Rojas Torrijos analisa os manuais de estilo criados por jornais, chegando inclusive a propor um destinado especificamente a veículos digitais que trabalham com a área esportiva, mas ao longo de seu desenvolvimento teórico, também tece considerações que, para esta pesquisa, podem se relacionar com a importância dos guias de mídia:

(...) valora este tipo de instrumentos de autorregulación porque dignifican la profesión y promueven un reconocimiento social de las informaciones periodísticas, porque aportan entidad y estatus, permiten conocer y medir algunos parámetros del desarrollo profesional y ético de la profesión en un medio concreto o en un país, complementan la formación de los profesionales y contribuyen a formar una audiencia

más cualificada, con la posibilidad de ser más crítica y exigente (ROJAS TORRIJOS, 2010, p. 59)¹⁸

Aqui, os itens funcionam mais como sugestões, já que não possuem força para obrigar os jornalistas a utilizá-los. Porém, de acordo com Santos (2018), os jornalistas entrevistados pelo autor para sua tese de doutorado recorreram ao produzido para os Jogos Rio-2016 (PAPPOUS; SOUZA, 2016), chegando inclusive a mudar a percepção que tinham com relação ao Esporte Paralímpico

Em síntese, o que podemos extrair desta seção do trabalho é que os guias de imprensa e de orientações à mídia configuraram-se como relevante suporte informativo na rotina produtiva dos jornalistas durante a cobertura dos JP. (...) Por outro lado, o guia de orientações à mídia evidenciou-se como uma ferramenta crítica e reflexiva, potencializadora de transformações paradigmáticas do trabalho jornalístico voltado ao esporte paraolímpico. (SANTOS, 2018, p. 145)

Os guias de mídia, por mais que não sejam necessariamente produzidos por jornalistas, também podem colaborar para algumas das questões apontadas acima, como o reconhecimento social não apenas das informações jornalísticas como também das pessoas retratadas nas matérias, a complementação da formação do profissional e a criação de uma audiência mais qualificada, ao discutir e sugerir as melhores formas de cobertura e de se referir a determinadas pautas e questões, como as pessoas com deficiência. Isso é demonstrado por Santos (2018), ao perguntar para os jornalistas envolvidos na cobertura das Paralimpíadas do Rio sobre o guia desenvolvido por Pappous e Souza (2016) para aquela edição. As respostas mostram que os guias foram capazes de influenciar até certo ponto a linguagem e a abordagem que até então era comum ao esporte paralímpico.

Assim, foram selecionados cinco dos principais guias de mídia produzidos na última década referentes à cobertura de Esportes Paralímpicos. A escolha do recorte pela década de 2010 se deu pela mudança da percepção e do tratamento da pessoa com deficiência pelo Jornalismo e a sociedade como um todo.

¹⁸ Tradução: “(...) valoriza este tipo de instrumento de autorregulação porque dignificam a profissão e promovem um reconhecimento social da informação jornalística, porque proporcionam entidade e status, permitem conhecer e mensurar alguns parâmetros do desenvolvimento profissional e ético da profissão em um meio específico ou em um país, complementar a formação dos profissionais e contribuir para um público mais qualificado, com a possibilidade de ser mais crítico e exigente”.

A seleção foi feita com base em diferentes momentos do esporte, através das quatro últimas edições dos Jogos Paralímpicos, de Verão ou de Inverno, começando em Londres em 2012 e terminando em PyeongChang, em 2018. Os quatro guias foram produzidos por Comitês de diferentes locais, sendo dois deles de países-sedes (Londres e Rio) e dois de participantes (Sochi – Austrália / PyeongChang – Nova Zelândia). Após essa primeira seleção, também se optou por incluir o guia produzido pelo próprio Comitê Paralímpico Internacional em 2014, que se refere não apenas aos Jogos, como às pessoas com deficiência em geral.

Para os Jogos de Londres, em 2012, o Comitê Paralímpico Britânico lançou o primeiro dos cinco guias utilizados na análise. Com o nome *British Paralympic Association Guide to Reporting on Paralympic Sport* (“Guia do Comitê Paralímpico Britânico sobre Cobertura do Esporte Paralímpico”), o folheto de oito páginas foi escrito devido a uma preocupação do Comitê com o fato de que, para muitos jornalistas, os Jogos seriam o primeiro contato com o esporte paralímpico.

Logo na introdução, Tim Hollingsworth, então presidente do *ParalympicsGB*, trouxe os objetivos por trás do guia, destacando a necessidade de mostrar os paratletas como atletas de elite, em vez de serem colocados apenas como exemplos de superação, modo de representação mais comum à época. Segundo Hollingsworth, a deficiência não define os atletas e suas conquistas, mas, para este autor, ela também não é dissociável da pessoa. Afinal, se ela está competindo em Jogos Paralímpicos, possui algum tipo de deficiência.

O guia possui duas partes distintas. A primeira é dedicada à linguagem utilizada. Os termos são apresentados na forma de uma tabela, algo que se repete em quase todos os materiais, começando com uma descrição do que se pretende ser dito, expressões corretas e incorretas e uma breve explicação dos porquês. Mesmo abordando questões diversas, que vão desde como descrever os atletas até as condições médicas, acaba sendo superficial nessa etapa, com pouco mais de 10 itens explicados.

Duas ideias se destacam no guia britânico: a primeira, de que a linguagem é importante e pode ajudar na mudança da percepção das pessoas com deficiência e a outra é que os atletas paralímpicos querem ser vistos como atletas em primeiro lugar e pessoas com algum tipo de deficiência no mínimo em segundo plano. Ambas as visões ressoaram e se mostraram presentes nos demais guias analisados.

A segunda parte, referente ao comportamento, aborda o contato direto entre jornalistas e pessoas com deficiência, não apenas atletas. E a maioria das dicas pode ser

aplicada no dia a dia, como, por exemplo, oferecer assistência, ser direto e agir naturalmente. Por outro lado, algumas expressões usadas no guia podem parecer estranhas em um primeiro momento, como “aja naturalmente”, que passa a impressão de se referir a um animal ao invés de uma pessoa. Mas elas se mostram importantes para evitar situações constrangedoras entre repórteres e atletas.

Mesmo sendo um guia importante, cujo conteúdo influenciou os que vieram depois, o texto do Comitê britânico ainda é bastante deficitário. Além do pouco conteúdo referente à termos e linguagens, não existe nenhuma referência à parte audiovisual, especialmente foto e vídeo, que são dois meios muito presentes nas coberturas esportivas.

Nos Jogos de Inverno de Sochi, em 2014, o Comitê Paralímpico Australiano produziu seu próprio guia. Diferente do britânico de dois anos antes, este não foi um documento abordando especificamente as questões envolvendo a cobertura do esporte paralímpico e das pessoas com deficiência. Neste caso, foram apenas poucos itens dentro do livreto distribuído aos jornalistas, com todas as informações sobre a delegação australiana nos Jogos. Por isso, tem um tamanho menor que os demais. Mesmo assim apresenta contribuições para a análise.

O primeiro item recebeu o título de “Etiquetas para a Mídia”, consistindo em dicas gerais e específicas sobre como lidar com pessoas com deficiência no geral, sendo ou não atletas de alto rendimento. Existem seções específicas para cada tipo de deficiência: cadeirantes, intelectual, visual e comunicação, o que torna essa primeira parte bastante completa, ao discorrer sobre como conversar, como entrevistar, modos de abordagem e como oferecer ajuda, algo que ainda levanta muitas dúvidas nas pessoas convencionais. Por mais que não especifique um meio no corpo do texto, essas dicas podem ser aplicadas ao audiovisual, algo não abordado no guia britânico.

A segunda e última parte do guia específica para esse tema traz dicas que para o Comitê, “devem ser lembradas ao escreverem suas reportagens” (APC, 2014. p. 13). Entre o levantado, existem várias semelhanças ao texto do Comitê Britânico, como o não uso do sensacionalismo, evitar termos de tom negativo e uma ênfase no fato de que a deficiência não define uma pessoa.

Por fazer parte do guia completo distribuído aos jornalistas australianos credenciados nas Paralimpíadas de Sochi-2014, outras informações também estão presentes no texto, como um breve histórico dos Jogos, explicações sobre as modalidades e sobre a classificação funcional, tornando-o mais completo. Isso se mostra um diferencial em comparação a outros manuais, por fornecer materiais essenciais para repórteres que

estão trabalhando pela primeira vez na cobertura do evento, podendo tirar eventuais dúvidas sobre o dia-a-dia do Movimento Paralímpico.

Para os Jogos Rio-2016 também foi produzido um manual para ser distribuído entre os jornalistas credenciados no evento. Diferente dos que são analisados nessa etapa da pesquisa, “Guia para a Mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos” não foi escrito por nenhum Comitê Paralímpico. Ele foi idealizado por Athanasios Pappous, da Universidade de Kent, na Inglaterra e Doralice Lange de Souza, da Universidade Federal do Paraná, ambos professores que pesquisam a relação entre mídia e Paralimpíadas, tendo apenas o apoio dos Comitês Paralímpicos Brasileiro e Internacional na divulgação e na assinatura dos prefácios escritos pelos presidentes das duas instituições.

Este guia, diferente do britânico e do australiano, não foi produzido apenas para jornalistas de um país. Com as versões em português, inglês e espanhol, ele pôde alcançar um número maior de credenciados e, principalmente, quem nunca havia trabalhado em uma cobertura paralímpica, ideia recorrente nos guias analisados, como comenta o então presidente do CPB, Andrew Parsons (*apud* PAPPOUS; SOUZA, 2016. p. 2):

Nesse período vimos o encantamento dos profissionais de imprensa que nunca tinham presenciado competições paraolímpicas, mas também tivemos muitas vezes que lidar com estereótipos, interpretações equivocadas e preconceitos

O texto de Parsons acaba funcionando como uma justificativa para a existência dos guias, destacando que, mesmo com o fascínio de alguns jornalistas com o esporte paralímpico e os feitos dos atletas, o Movimento ainda tem um longo caminho a seguir com o combate ao preconceito e a estereotipificação das pessoas com deficiência dentro da mídia, devido à posição em que são inseridos, os aspectos que são tratados ou omitidos e os textos e imagens utilizadas (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009). Para Pappous e Souza (2016, p. 4), materiais como este podem colaborar com essa situação:

O fato de os jogos estarem ocorrendo no Brasil, associado a uma boa cobertura por parte da mídia, pode possibilitar a promoção de imagens mais positivas dos atletas e pessoas com deficiência em geral. Ou seja, a mídia pode contribuir para com a promoção da visibilidade reconhecimento dos atletas paralímpicos, o que conseqüentemente, pode ajudar as pessoas com deficiência a supera problemas de acessibilidade e preconceitos sociais.

Dos guias analisados, o de Pappous e Souza é diferente dos demais, por ter conteúdo referente não apenas à parte textual, como também visual, podendo ser aplicado tanto a fotos quanto a vídeos.

Diferente dos outros guias, os autores desenvolvem o capítulo referente ao texto e vocabulário com breves explicações e dicas, em vez de apenas uma tabela de substitutos, seguido de exemplos. Isso pode ajudar a melhorar a compreensão dos jornalistas sobre as especificidades desse tipo de cobertura.

Na parte referente às imagens, os autores mostram exemplos que se encaixam em dois grupos: as que devem ser evitadas e as que promovem o empoderamento dos atletas paralímpicos, todas bastante ilustradas. Entre as do primeiro tipo, estão as poses passivas que enfatizam a deficiência, as que escondem o rosto, mostram situação de isolamento e as que escondem ou enfatizam a deficiência. A proposta segue o que é reforçado nos demais guias, de que a deficiência não define o atleta, mas acaba indo além, mostrando que existe entre os dois uma relação intrínseca. Isso aparece ao destacar que as fotos e vídeos não devem descaracterizar a deficiência e nem focar nela.

Mas uma das indicações do guia causa certo estranhamento: o de evitar fotos e textos que enfatizem as falhas dos atletas durante as competições. Os erros e as derrotas são intrínsecos do esporte, ainda mais a nível competitivo, onde apenas um pode ganhar. Na Rio-2016 tivemos vários casos que se encaixam nessas características, como o de Terezinha Guilhermina. A velocista passou por duas desclassificações nos Jogos, a primeira na prova dos 100 metros T11, para atletas com perda total da visão, sob a explicação de que teria sido puxada pelo guia no final da prova, algo proibido pelas regras do esporte, e a segunda nos 200 metros T11, após queimar a largada. São momentos rotineiros e que podem mudar o curso de um evento, então não podem simplesmente ser ignorados. A justificativa dada pelos autores é de que essas situações podem colaborar com o discurso de médicos e familiares que acreditam que o esporte para pessoas com deficiência é algo que deve ser contraindicado. Mas, indo por essa linha de raciocínio, qualquer falha no âmbito esportivo, convencional ou adaptado deveria ser evitado na mídia. Santos (2018) também defende que essas situações representam sim momentos de interesse jornalístico:

Noticiar a trajetória esportiva de atletas que não saem vitoriosos de competições esportivas (não só paraolímpicas) pode ser uma forma de reconhecer e valorizar o esforço esportivo desses atletas que competem em alto rendimento e se esforçam tanto quanto os vencedores. Além

disso, informar o consumidor de esporte sobre trajetórias esportivas que acabam derrotadas também é uma forma de esclarecer ao público que o cenário esportivo não é feito somente de glórias (SANTOS, 2018, p. 232)

Além das seções referentes as questões textuais e visuais, o guia ainda apresenta dois itens curtos no final: um sobre classes funcionais e outro com dicas gerais para interagir com atletas com deficiência. Ambos são incompletos, já que abordam de modo muito raso duas questões importantes e que são focos constantes de dúvidas por parte dos jornalistas.

No geral, o guia de Pappous e Souza se mostra um dos mais completos dos analisados na pesquisa, mas peca por não se aprofundar em pontos essenciais e por nem abordar outros temas que podem ser interessantes para jornalistas iniciantes na cobertura de uma Paralimpíadas, como a história dos Jogos e talvez uma breve explicação sobre as modalidades.

Na edição mais recente de uma Paralimpíadas, os Jogos de Inverno de PyeongChang, na Coreia do Sul, em 2018, o Comitê Neozelandês produziu seu próprio guia de terminologias para os jornalistas do país que iriam cobrir o evento. A intenção foi de aumentar e melhorar o perfil do esporte e dos atletas da Nova Zelândia e suas conquistas.

Essencialmente o texto foca apenas nos termos e vocabulários, com dicas sobre o que usar, o que evitar e breves explicações, sem se aprofundar muito no conteúdo. Além disso, segue a mesma ideia do guia britânico, ao abordar apenas a parte textual, sem sequer se referir a outros meios. Assim, acaba não trazendo nenhuma novidade sobre o tema.

Fora dos períodos de Jogos de Verão e Inverno, o Comitê Paralímpico Internacional lançou, no final de 2014, seu próprio guia sobre o tema. Desde o início, o manual chama a atenção pelo fato dele não se referir exclusivamente à paratletas, como pode ser notado no título dado: “Guia de como se referir a pessoas com deficiência”.

O primeiro tópico abordado se refere a um problema inexistente na língua portuguesa: a existência de diversas palavras para se referir à deficiência. Em inglês, são três: *disability*, *impairment* e *handicap*. Traduzindo, o *disability* reflete a interação entre o corpo e partes da sociedade, inferindo que a pessoa não é capaz de fazer algo, estando mais ligado à ideia do modelo social. *Impairment* se refere mais diretamente à perda estrutural e de função no corpo, ao invés do que eles conseguem fazer ou não, estando

mais relacionado ao modelo médico. Já o *handicap*, é um termo mais superado na língua inglesa, ao tratar a deficiência como uma desvantagem frente às suas funções normais.

No guia, o IPC afirma estar seguindo as recomendações da Organização Mundial da Saúde de abandonar o *disability* em detrimento de *impairment*. Segundo o texto, a ideia do Comitê é de que o foco mude para as habilidades dos atletas, ao invés de destacar o que eles são capazes de conseguir, uma visão comum ao se referir a atletas de alto rendimento. E que a longo prazo, o objetivo é de que no futuro não seja necessário utilizar nenhum dos termos dentro das transmissões e coberturas.

A segunda parte do guia é composta por regras gerais, iguais às vistas em outros textos sobre como entrevistar, conversar ou socializar com pessoas com deficiência no geral e escrever textos sobre o tema, falando sobre agir naturalmente, identificar sempre a pessoa primeiro e a deficiência em seguida, evitar o uso de palavras de cunho dramático, entre outros. Assim, não trouxe nenhuma colaboração nova a esse assunto.

A última e maior seção do guia aborda as palavras e expressões corretas. Usando uma tabela dividida entre “evite” e “use” e breves explicações, discorre-se sobre as terminologias dos Jogos Paralímpicos, do IPC e de seus braços ao redor do mundo, e de Eventos.

Por mais que a proposta do guia seja abordar a cobertura de pessoas com deficiência no geral, o texto final acaba enfatizando as questões relacionadas ao Comitê Paralímpico Internacional. Em comparação com os outros quatro materiais já analisados, a única novidade deste é o primeiro item, abordando o *disability* e o *impairment*, que para jornalistas de países de língua inglesa é interessante, mas para os brasileiros, acaba não ajudando em quase nada.

Entre as questões levantadas nessa análise dos guias de mídia, houve uma que apresentou resultados diferentes do esperado. Como comenta Rojas Torrijos (2010, p. 64), os manuais e os guias não são obras concluídas, sendo na verdade abertas e dinâmicas, principalmente devido às mudanças periódicas do idioma e do comportamento da sociedade. Nos cinco materiais verificados, nenhuma mudança significativa foi encontrada quanto ao tratamento e nem em relação aos termos mais comumente utilizados para se referir aos atletas paralímpicos, mesmo com um crescimento recente do debate sobre a representação das pessoas com deficiência pela imprensa.

Ao final da verificação dos cinco guias de mídia produzidos ao longo desta década, foram selecionados os que serviram como base para a reflexão do material empírico selecionado para esta pesquisa. Eles foram vistos por três óticas distintas, sendo

estas as categorias da análise qualitativa. Primeiro, chamado aqui de “Textual”. Segundo, “Visual”, e por último “Produção e Edição”. A base para esta investigação foi o guia de Pappous e Souza (2016), por ser o mais completo dos cinco analisados, além de ser o único material que se refere à fotos e vídeos. Assim, a distribuição da categoria para o material de cada meio ficou desse modo:

1º - Categorias de Análise Qualitativa do material oriundo do meio impresso

- 1) Textual
- 2) Visual
- 3) Produção e Edição

2º - Categorias de Análise Qualitativa do material oriundo do meio televisivo

- 1) Textual
- 2) Visual
- 3) Produção e Edição

3ª – Categorias de Análise Qualitativa do Material Oriundo do Meio Rádio

- 1) Textual
- 2) Produção e Edição

4º - Categorias de Análise Qualitativa do Material Oriundo do Meio *Online*

- 1) Textual
- 2) Visual
- 3) Produção e Edição

De acordo com os depoimentos coletados por Santos (2018) de jornalistas que trabalharam direta ou indiretamente na cobertura das Paralimpíadas do Rio, os guias, principalmente o de Pappous e Souza (2016), foram documentos importantes e bastante utilizados, em especial para sanar dúvidas:

VINICIUS: (...) Ajuda muito porque é um tema que não faz parte do nosso cotidiano com tanta intensidade, e isso que a ‘Nacional 1’ ainda é uma TV que trabalha muito com esses temas. Temas de inclusão e acessibilidade (...) Não é uma questão de patrulha, e de politicamente correto não. É uma questão de aprendizado mesmo, porque a gente não tem contato com esse material em outras situações. É um material que as vezes até passa pela gente, mas a gente não dá o devido valor dele né? (SANTOS, 2018, p. 142)

3.3. Nas ondas da radiodifusão pública: a cobertura da Empresa Brasil de Comunicação

A partir deste ponto, cada um dos próximos quatro subcapítulos trata da análise do material empírico desta dissertação, sendo um para cada veículo escolhido. O primeiro é a Empresa Brasil de Comunicação. Sua escolha para integrar o *corpus* desta pesquisa se deu por dois motivos distintos: a relação histórica com o esporte e o fato de representar a radiodifusão pública brasileira.

Primeiro, para a compreensão das produções analisadas, se mostrou necessário compreender a importância da radiodifusão pública para a sociedade. Esta temática representa um debate antigo, mas ainda em alta na realidade brasileira, principalmente após diversos ataques à EBC por parte do Governo Federal nos últimos anos. Um dos documentos mais importantes sobre o tema foi divulgado em 2006 pela Unesco. O texto abordava indicadores que as emissoras deveriam sempre buscar, para atingir os objetivos do rádio público. São eles a independência editorial, universalidade, diferenciação, informação imparcial, educação ou instrução, conhecimento, coesão social, cidadania, responsabilidade e credibilidade (UNESCO, 2006).

No país, o início do rádio, nas décadas de 1920 e 1930 foi marcado por características similares às citadas acima, principalmente a disseminação de cultura e conhecimento. Mas além da transmissão de programas informativos, musicais ou de variedades, a cobertura esportiva também esteve presente desde os primórdios. O esporte é, inclusive, responsável por profundas modificações na produção radiofônica ao longo dos anos, especialmente na introdução de novas tecnologias.

Durante a “Era Vargas”, mais especificamente em 12 de setembro de 1936, foi realizada a primeira transmissão da PRE-8, *Rádio Nacional do Rio de Janeiro*, que posteriormente se tornou uma das mais importantes emissoras de rádio da história do país, em termos de produção, elenco, alcance e audiência. Como parte de um dos principais

grupos de mídia da época, do jornal *A Noite*, a irradiação inaugural ficou marcada pelo início com os acordes de Luar do Sertão.

Pouco tempo depois, em 1940, foi estatizada por Vargas. Mas mesmo transformada em emissora de rádio pública, ainda manteve sua gestão no formato comercial. Tornou-se referência nacional e mundial da chamada Era de Ouro do Rádio, nas décadas de 1940 e 1950. Foi a líder disparada de audiência do país e tinha em seu elenco os maiores nomes da época, desde o entretenimento até o Jornalismo e o esporte. A programação da *Nacional* mesclava diferentes formatos, como programas de auditório, radionovelas e transmissão de eventos esportivos.

A programação esportiva estava presente desde o início da *Nacional*. No seu segundo dia do ar, fez sua primeira transmissão do tipo, com um Flamengo x Fluminense, narrado por Oduvaldo Cozzi, um dos grandes nomes da narração esportiva brasileira. Além de Cozzi, outros pilares do Jornalismo Esportivo brasileiro trabalharam na *Nacional* em seu auge, como Jorge Curi, Antônio Cordeiro, César de Alencar e Pilar Drummond, que ficaram marcados pela final de Copa de 1950, quando o Uruguai venceu a seleção brasileira em pleno Maracanã Lotado.

A Era de Ouro do Rádio brasileiro começou na década de 1940 e durou até o início dos anos 60, mais ou menos no mesmo período da chegada da televisão no Brasil. Esse momento foi o auge da *Nacional* no país, se fixando como a emissora mais importante, de maior alcance e audiência. Após o fim desse período, a *Nacional* passou por grandes problemas, principalmente na busca por sua identidade e função enquanto um veículo público.

Esse debate continuou nas décadas seguintes e foi apenas nos anos 1990 e, principalmente, nos anos 2000, na presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, que a radiodifusão pública esteve mais presente na pauta do governo (LIEDTKE; AGUIAR, 2011). O foco principal foi uma revitalização do modelo. Após tentativas malsucedidas com seus antecessores, um dos marcos veio com a criação da Empresa Brasil de Comunicação, a EBC.

Em outubro de 2007, foi publicado no Diário Oficial da União o decreto nº 6.246/2007, que oficializou a criação da EBC. A Empresa nasceu da união de patrimônios e pessoal da Radiobrás com os bens públicos da União, que estavam sobre a guarda da *Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto*, que era responsável pela *TVE Brasil*. A empresa, pública, está vinculada à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República.

É preciso uma compreensão rápida sobre como a EBC vê não apenas a Radiodifusão Pública, mas o Jornalismo Público como um todo. Em 2013, a Empresa lançou o seu Manual com as diretrizes que deveriam ser seguidos não apenas pelos seus veículos, mas todo o tipo de emissoras consideradas públicas. Para a EBC, o Jornalismo é “espaço público por onde são transferidas informações relevantes, com potencial para alterar a realidade, que sucedem no tempo e no espaço, objeto de interesse da coletividade e abrangidos pelos seus critérios de cobertura” (EBC, 2013, p. 21).

No documento, são elencadas diversas prerrogativas para a prática jornalística, como a isenção, imparcialidade, independência, ausência de preconceitos, preocupação com a contextualização e conteúdo analítico, além da pluralidade, diversidade, liberdade de pensamento e o regionalismo. As prerrogativas citadas pela EBC coadunam com o que se defende como sendo Jornalismo público ao redor do mundo, não só na pesquisa acadêmica, mas também em outros sistemas de radiodifusão pública como a britânica BBC (SILVA, 2018b).

A ideia da EBC não era a de reproduzir as práticas da mídia comercial, e sim se apresentar como uma alternativa para a população. E por isso, o esporte e a cobertura esportiva se mostraram uma grande dúvida para a Empresa nos seus primeiros anos. É função da radiodifusão pública divulgar o esporte? Se sim, quais modalidades? Segue o formato da mídia tradicional, com predominância do futebol ou se coloca como uma segunda via? E principalmente: qual a função social do esporte no contexto da Radiodifusão Pública?

De início, optou-se pela retomada da cobertura e das transmissões. Só que essa decisão encontrou resistência dentro da EBC. Zuculoto (2017, p. 71) mostra uma troca de e-mails entre gestores, onde tecem críticas a questões como o foco nos times do Rio de Janeiro, o que significava uma retomada a práticas antigas da Nacional:

Não acredito que haja dúvida sobre a necessidade dos veículos da EBC oferecerem informações sobre o esporte ao seu público [...] não creio que apenas a tradição histórica justifique a retomada de produções de conteúdo que não se revelam adequadas ao nosso tempo [...] vejo no documento uma contradição com uma linha editorial clara da EBC quando se defende que a transmissão dos jogos de futebol dos clubes do Rio de Janeiro é uma imposição nacional. [...] a EBC nasceu justamente para romper com a tradição de concentração das informações distribuídas para todo o Brasil a partir da avenida Paulista e do Leblon (ZUCULOTO, 2017, p. 71)

Essa troca de e-mails mostrou uma preocupação com o direcionamento da empresa, com o foco em uma modalidade e um ponto de vista, o carioca. Isso ia contra a proposta de divulgação de conteúdos regionais em uma cobertura a nível nacional. A resposta veio em 2010, quando a diretoria encaminhou ao Conselho Curador um documento que detalhava uma proposta de política de esportes. Isso resultou na resolução 03/2010, estabelecendo os parâmetros da programação esportiva de seus veículos. Logo na abertura, a diretoria discorre sobre a função e a contribuição que o esporte pode trazer ao fazer parte da grade:

A Diretoria-executiva avalia que a difusão de informações relativas a eventos esportivos nas diferentes modalidades, bem como a transmissão desses eventos, faz parte da missão da Empresa Brasil de Comunicação. Tal avaliação deriva da compreensão de que a prestação deste tipo de serviço contribui para a formação da cidadania, seja pela divulgação de práticas de saúde, civismo, superação das limitações, seja pelo fortalecimento da identidade cultural ou nacional, ao destacar feitos, vitórias e derrotas de equipes nacionais ou internacionais, bem de ídolos e desportistas (EBC, 2010, p. 6)

Anexado à resolução estava o parecer produzido pela Câmara Temática de Jornalismo e Esportes do Conselho Curador. O documento afirmava que a iniciativa da diretoria executiva era bem-vinda, principalmente por “trazer o esporte, reconhecidamente uma carência, em especial na programação da televisão, à atenção do Conselho” (EBC, 2010, p. 2).

Além da resolução, outro documento oficial produzido pela EBC discorre sobre sua política à cobertura esportiva. Lançado em 2013, o Manual de Jornalismo da Empresa lista as principais características desde trabalho a ser desenvolvidos não apenas pelos veículos da EBC, mas também a radiodifusão brasileira como um todo. Sua principal proposta é a ampliação do universo esportivo, indo além de apenas divulgar os resultados do que acontece dentro das quatro linhas. Afirma também sobre a necessidade de uma abordagem econômica, além de pensar o esporte como algo que é visto pelas pessoas e praticado pela população em geral. Esse último, segundo o Manual, deve ter um espaço especial nos veículos da EBC, como o esporte amador. Assim, ele poderia ser um instrumento de promoção de saúde, mobilização e inclusão (EBC, 2013). Silva (2018b, p. 108) comenta sobre como essas premissas se aproximam da proposta do Jornalismo Público:

A premissa de trazer conteúdo analítico e contextualizado, a importância de valorizar regionalismos em detrimento da cultura globalizada, a intenção de pautar processos educacionais e o compromisso com a paz são algumas características do jornalismo da EBC que corroboram com os preceitos do Jornalismo Público. A ruptura com padrões comerciais fica nítida quando o jornalismo esportivo se propõe a tratar do futebol amador, amplamente praticado no país, mas sem o apelo do vultoso número de anunciantes que patrocinam futebol profissional. (SILVA, 2018b, p. 108)

Entre as diversas premissas listadas, uma das mais importantes é pensar o esporte para além do Futebol profissional, por mais que seja a prática mais comum nos veículos comerciais e o que atrai a maior atenção da população, além de não focar apenas no esporte de alto rendimento.

Quanto às coberturas, fala-se da oportunidade de incluir informações que possam despertar o interesse do torcedor para a prática esportiva, o combate à vida sedentária e ações de cidadania, além de oferecer análises independentes e incluir pautas sobre assuntos como a formação dos atletas e a violência nos estádios.

O Manual ainda possui um item que discorre especificamente sobre o Esporte Adaptado: “As práticas esportivas das pessoas com deficiência devem ser cobertas pelo jornalismo da EBC em igualdade de oportunidade com as que são praticadas pelas demais pessoas” (EBC, 2013, p. 61).

Essa retomada da cobertura esportiva representou um marco não apenas para a EBC, mas também para um de seus veículos mais tradicionais, a *Rádio Nacional*, já que o esporte era algo presente desde o seu início.

A volta das grandes coberturas esportivas foi considerada fundamental pelos gestores da EBC para a recuperação da qualidade, popularidade e capacidade de agregar mais audiência, conferindo novamente uma identidade não apenas à Nacional como aos demais veículos da Empresa. A programação esportiva fez parte da grade da Nacional desde sua estreia e a marcou ao longo de toda sua história (ZUCULOTO, 2017, p. 69)

Durante a Copa do Mundo de 2014, a EBC encabeçou uma extensa cobertura do evento em emissoras de rádio. Foi criada uma inédita cobertura em rede que foi integrada por 26 Emissoras Públicas, que mantinham convênios ou parcerias com a *Associação de Rádios Públicas do Brasil* (ARPUB). A Empresa contou com a participação de cinco de suas emissoras: as Nacionais AM de Brasília, da Amazônia e do Alto Solimões, as

Nacionais FM de Brasília e do Rio de Janeiro e a MEC AM, também do Rio (ZUCULOTO, 2015).

Outro marco da Radiodifusão Pública também se estabeleceu durante o governo de Vargas. Inicialmente com o nome de *Programa Nacional, A Voz do Brasil* ia ao ar pela primeira vez em 1934 (SILVA, 2018b), com a intenção de realizar a integração das regiões do país. Em um primeiro momento, era responsabilidade do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, subordinado ao Ministério da Justiça e Relações Exteriores.

No início, sua transmissão não era obrigatória. Isso foi acontecer apenas em 1937 ou 1938, algo que ainda não foi possível de ser determinado, de acordo com pesquisas sobre a temática (SILVA; ZUCULOTO, 2017). Primeiro, a obrigatoriedade aconteceu apenas dentro do Distrito Federal e, em 1939, passou a vigorar para o país inteiro. Mesmo com a queda de Getúlio, em 1945, o programa se manteve no ar e em 1946, ganhou o nome atual.

Durante o período ditatorial, principalmente nos Anos 70, *A Voz do Brasil* passou por uma reformulação onde o esporte foi incluído na pauta diária. Isso foi motivado por uma pesquisa que revelou uma baixa audiência do noticiário. Assim, a cobertura esportiva ganhou espaço, principalmente em períodos de Copa do Mundo. Para a ditadura e para *A Voz do Brasil*, o Futebol era interessante porque ajudava na divulgação de valores patrióticos (MATOS, 2001, p. 39).

Em 1975, foi criada a Empresa Brasileira de Comunicação – Radiobrás, antecessora da EBC, para gerir de modo centralizado as emissoras de rádio e televisão da União, e em 1988, esta se funde com a Empresa Brasileira de Notícias (EBN). Durante os 33 anos da existência da Radiobrás, o esporte passou a ter uma visão mais próxima do que é colocado pelo Manual da EBC e isso se aplicou também à *A Voz do Brasil*, como é descrito pelo seu Manual de Jornalismo:

Entre todas essas dimensões, a única que nos importa é a da cidadania. Isso significa que, onde um veículo especializado em esporte vê a mera narração de uma partida, nós buscamos as políticas públicas ali envolvidas, de que modo o esporte estará mais ou menos acessível, que vinculação ele tem com a educação e assim por diante (NUCCI, 2006, p. 41)

Essa visão se repete em outros momentos do Manual. Em trecho posterior, ao listar o que não seria notícia no Telejornalismo da Radiobrás, estão os “fatos esportivos”.

Curiosamente, essa diretriz não se repete na lista do que não seria pauta no Radiojornalismo. Essa diferenciação se deve, muito provavelmente, ao fato de que as emissoras ligadas à Radiobrás, como a Nacional, já possuíam uma tradição história com a cobertura esportiva.

No início dos anos 2000, com o início do governo Lula, houve uma primeira grande mudança editorial em *A Voz do Brasil*:

Em 2003, como parte do novo conceito de comunicação pública do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Radiobrás promoveu a mais profunda reforma editorial realizada no programa. A parte destinada ao Poder Executivo adquiriu enfoque jornalístico e formato atual. A reportagem deixou os gabinetes para sair às ruas em busca da relação entre as políticas públicas implementadas e as necessidades da sociedade. Pela primeira vez, *A Voz do Brasil* abria seus microfones para a população perguntar, comentar e avaliar os projetos e ações do governo abordados no programa. “O Guarani” foi remixado ao ritmo de forró, samba, choro, bossa-nova, capoeira, moda de viola e até Techno. E o tradicional “Em Brasília, dezenove horas” foi substituído por “Sete da noite, em Brasília”, sinal da opção pela linguagem mais simples, usual e em tom de diálogo. (EBC, 2019)

Para o esporte, essa mudança corrobora com o que foi citado acima sobre como a Radiobrás via a presença do esporte dentro dos veículos e produtos da Empresa. Passou a ser mais ligado às políticas do esporte e como isso influenciava o dia a dia da população, além de atentar para a prática esportiva como algo ligado à saúde.

Nos últimos anos, mais nitidamente durante a presidência de Michel Temer, *A Voz do Brasil* passou por uma segunda mudança editorial. Se durante os governos de Lula e Dilma Rousseff, havia uma defesa de que o programa deveria informar também as notícias negativas (BUCCI, 2008), essa prática foi abandonada em seguida. O noticiário passou a divulgar ações governamentais e defender projetos do governo, mesmo enquanto eles ainda se encontravam em trâmite no Congresso, o que pode ser caracterizado como um intervencionismo em sua linha editorial. Isso cria uma certa similaridade em como *A Voz* era produzida na época de sua criação (SILVA, 2018b).

Essa condição é considerada preocupante, de acordo com Silva (2018b), devido a dois fatores: a diminuição do espaço para o conteúdo jornalístico nas emissoras de rádio, além dos grandes espaços do país que podem ser considerados “desertos de rádio e TV”, como indica o *Atlas da Notícia*, estudo publicado em 2018 pelo *Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo* (Projor) com a *Agência de Jornalismo de Dados Volt Data Lab*. Segundo o Atlas, cerca de 51% dos municípios brasileiros, que abrigam

aproximadamente 30 milhões de pessoas – 15% da população nacional, não possuem veículos jornalísticos locais, sediados principalmente nas regiões Norte e Nordeste. Para essa população, *A Voz do Brasil* se mostra ainda mais como uma fonte de conteúdo informativo para essa parcela populacional, por isso é necessária essa preocupação com o que é veiculado pelo programa, principalmente sem a interferência governamental.

Antes de partir para a análise do material propriamente dito, é necessário abrir parênteses para uma rápida discussão acerca dos termos que serão utilizados e os conceitos aos quais eles estão relacionados. No texto jornalístico, independente do meio, entre os vários gêneros existentes, dois se destacam pela sua importância e presença: a notícia e a reportagem.

A notícia é considerada, por muitos autores, o gênero jornalístico por excelência, por ser o mais presente, como aponta Silva (2016). Lage (2006, p. 19) define a notícia como “o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. Concorde-se com essa visão de Lage pensando que a notícia precisa prender a atenção do leitor desde o seu início. Além disso, o formato mais comumente utilizado, da pirâmide invertida, faz com que as informações estejam presentes já nas primeiras frases, tendo o *lead* como estrutura essencial.

O gênero “notícia” é mais usado no Jornalismo para a produção de material factual, noticiando os acontecimentos recentes. Lage (2001, p. 50) faz também outra definição de notícia a partir do ineditismo: “a notícia trata de um fato, acontecimento que contém elementos de ineditismo, intensidade, atualidade, proximidade, identificação que o tornam relevante”. Essa visão de Lage é importante para agregar à definição do termo, já que o autor aplica também à sua definição alguns critérios para determinar o que é notícia, como a proximidade e a identificação. Por isso para se referir aos conteúdos mais factuais, será utilizado o termo “notícia” ou que, nesta pesquisa, serão considerados sinônimos em cada meio. No rádio, “boletim” e na televisão, “matéria”.

Já a reportagem é considerada um gênero mais rico a partir da perspectiva informativa (PRADO, 1989). Uma de suas características mais marcantes é a ausência de uma estrutura rígida, tendo uma grande presença da criatividade do jornalista, cuja visão de mundo está mais presente que na notícia. A reportagem não trata apenas de buscar o desdobramento dos acontecimentos, mas também vai atrás das implicações, precedentes e a interpretação do que foi encontrado (LAGE, 2001; PRADO, 1989).

A partir destes dois autores, esta pesquisa trata como reportagem os conteúdos que fogem da estrutura tradicional do Jornalismo, independente do meio que está sendo discutido. Mesmo tendo como base acontecimentos do presente, vai além, buscando informações do passado para complementar e explicar o seu foco. Diferente de notícia, o termo “reportagem” será utilizado nos quatro meios analisados.

É preciso também deixar claro que essas duas estruturas não são absolutas, ou seja, é possível encontrar elementos comuns à reportagem em textos noticiosos. O que leva a classificar tais textos como notícia é a pauta, a utilização das características inerentes à reportagem e o espaço ocupado pelo material (no caso de meios televisivos e radiofônicos, a sua duração). Um exemplo disso que será muito visto ao longo desta análise são notícias sobre atletas que conquistaram medalhas e, nas quais, em algum momento do texto o repórter aborda também a origem de sua deficiência. A simples menção de informações de tom mais históricos não é suficiente para qualificar o produto como reportagem.

Foram selecionados quatro veículos e produtos da EBC, para garantir uma abrangência dentro da Empresa. A escolha se deu pela importância histórica dos programas, além de materiais feitos pelas emissoras da EBC. São eles o noticiário *A Voz do Brasil*, o programa especial *Resenha Paralímpica*, o programa da *Rádio Nacional*, *Bate Bola Nacional* e as produções da Radioagência Nacional.

A coleta do material da EBC foi realizada diretamente no site, nas páginas específicas de cada programa ou ramo da Empresa. A proposta inicial desta pesquisa era que o *corpus* da EBC fosse maior, com mais programas da *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro incluídos na lista, como *Tarde Nacional* e *Repórter Nacional*. Mas esses programas acabaram sendo excluídos devido à falta das edições desses programas nos acervos da EBC.

Em um primeiro momento, eles foram buscados no site oficial da EBC, onde foi possível encontrar as quatro produções que compõem a análise final. Após essa etapa inicial, foi feito um contato com a Central de Pesquisas da EBC, que inclui o acervo. Mas este também não possuía os arquivos dos programas. Por último, houve uma tentativa de contato com a *Rádio Nacional*, também não bem-sucedida.

Na tabela abaixo estão informações sobre o material coletado da EBC, referente ao tempo total de cada programa / produto e à quantidade dedicada para noticiar as Paralimpíadas.

Produto	Tempo total do material coletado	Tempo dedicado às Paralimpíadas
<i>A Voz do Brasil</i>	03 horas 21 minutos	35 minutos 25 segundos
<i>Bate Bola Nacional</i>	09 horas 03 minutos 43 segundos	01 hora 32 minutos 04 segundos
<i>Resenha Paralímpica</i>	02 horas 01 minuto 23 segundos	02 horas 01 minuto 23 segundos
Radioagência Nacional	03 horas 55 minutos 52 segundos	03 horas 13 minutos 53 segundos
TOTAL	16 horas 21 minutos 58 segundos	05 horas 50 minutos 45 segundos

Tabela 2: Números da coleta de materiais da Empresa Brasil de Comunicação (Fonte: Autor)

O primeiro analisado é o noticiário *A Voz do Brasil*. O programa é veiculado de segunda à sexta, entre as 19h e 22h, agora com a flexibilização. Porém, em feriados, não vai ao ar. Assim, o *corpus* é composto por apenas oito edições, já que no período analisado, sua primeira edição é a do dia 08 de setembro.

As oito edições de *A Voz do Brasil* analisadas totalizaram 3 horas e 21 minutos de duração. Isso porque optou-se por estudar apenas os 25 minutos iniciais do programa, dedicados ao Poder Executivo. A escolha se deu por essa ser a parte do noticiário que aborda pautas e conteúdo que tenham relação com as Paralimpíadas. Desse total, 35 minutos e 25 segundos foram sobre os Jogos.

O noticiário da EBC ficou responsável por fazer a atualização do quadro de medalhas e da performance dos brasileiros, tendo assim uma função mais factual. Mas também trazendo, ao longo dos 8 dias, alguns materiais com tom mais próximo ao de reportagem.

A parte dedicada às Paralimpíadas tinha estrutura variada. Em quatro das oito edições, o evento ganhou espaço na escalada, quase sempre do mesmo modo, informando que as Paralimpíadas estavam acontecendo e as medalhas do dia. Na maioria dos dias, começava com uma vinheta exclusiva sobre os Jogos, chamada “A Voz do Brasil nas Paralimpíadas”. O conteúdo sobre o evento iniciava com a atualização do quadro de medalhas, sempre destacando a performance dos paratletas brasileiros nas modalidades que disputaram ao longo do dia.

Quase todas as edições contavam com entrevistas com os medalhistas do dia, como o judoca Willians Araújo, além de pessoas envolvidas com o esporte paralímpico, como o chefe da delegação brasileira, Edilson Tubiba.

O boletim com a entrevista de Willians também possui uma característica que merece uma maior atenção. A proposta do material é contar a história do judoca e o texto do repórter já começa com o acidente que causou sua deficiência. Após essa primeira etapa, o jornalista afirma que não tinha como não falar do incidente. É uma afirmação muito complicada de se fazer, mesmo que seja apenas o caso de Willians. Foi uma frase bastante desnecessária de se colocar no texto, mesmo que tenha sido previamente combinado com o judoca, porque vários atletas divergem dessa visão.

O espaço era finalizado com um boletim sobre os Jogos. É interessante notar que esse boletim nem sempre abordava o lado esportivo das Paralimpíadas. Era aqui que se concentravam os conteúdos que destacavam as ações do Governo, como as operações militares e as reformas de acessibilidade.

Foi em *A Voz do Brasil* que se encontrou alguns dos principais problemas de conteúdo e execução de pautas não só da EBC, como do *corpus* inteiro. Entre os boletins veiculados, haviam pautas sobre o legado dos Jogos, as melhorias no aeroporto do Galeão, as operações militares durante as Olimpíadas e as Paralimpíadas e o Bolsa Atleta, programa governamental de incentivo aos atletas de alto rendimento.

O primeiro grande problema encontrado foi o grande destaque dado às ações do Governo Federal. No boletim sobre o Galeão, por exemplo, a equipe acompanhou uma cadeirante em seu trajeto dentro do aeroporto. A cada comentário feito pela convidada sobre a obra, a repórter enfatizava o valor milionário investido pelo Governo na reforma. Essa ênfase nas ações governamentais também esteve bastante presente nas entrevistas feitas com atletas. Sempre havia pelo menos uma pergunta sobre o Bolsa Atleta e a importância que o programa teve no ciclo paralímpico do atleta.

Sobre o Bolsa Atleta, isso aparece de modo bem notável na edição do dia 12 de setembro. Os primeiros minutos dedicados aos Jogos Paralímpicos noticiam sobre as medalhas conquistadas ao longo do dia, como Israel Stroh no Tênis de Mesa. Ao final do boletim, na volta ao estúdio, um dos apresentadores emenda com a seguinte frase: “Ah, e todos os medalhistas têm patrocínio do Governo Federal” (A VOZ DO BRASIL, 2016). Isso condiz bastante com o que foi detalhado por Silva (2018b) sobre a mudança editorial no noticiário, que passou a destacar as ações do Governo, sempre as enaltecendo.

Essa prática aparece também de outro modo. No dia 08 de setembro, ao informar sobre a cerimônia de abertura em um dos boletins exibidos, o texto dá grande destaque à agenda política do presidente Michel Temer, informando sobre seu encontro com líderes de estado que estavam no Rio de Janeiro para acompanhar os Jogos. Além disso, ignora o fato de que Temer foi bastante vaiado pelo público no momento em que declarou o início dos Jogos, embora tenha sido um dos momentos de maior repercussão nacional e internacional do dia.

Apesar do boletim sobre o Galeão ter a presença de uma pessoa com deficiência testando as reformas de acessibilidade, o segundo grande problema de *A Voz do Brasil* veio em situação similar. No programa de 08 de setembro, primeiro dia do noticiário nesta análise, foi veiculado um boletim sobre turismo acessível no Rio de Janeiro, produzido pela repórter Taíssa Dias. A matéria focava, novamente, nas ações do Governo, inclusive com uma entrevista com o então Ministro Interino do Turismo, Alberto Alves. Na sequência, a equipe foi até a Feira de São Cristóvão, importante polo da cultura nordestina no Rio, realizar um teste de acessibilidade. Mas em nenhum momento as pessoas com deficiência foram ouvidas ou fizeram parte da matéria para que pudessem julgar se as melhorias eram de fato efetivas. As entrevistas exibidas eram apenas de donos de lojas da Feira, e eles comentaram sobre como a falta de acessibilidade afastava clientes em potencial.

Trazer a opinião dos varejistas não é incorreto, pois está entre as características fundamentais do Jornalismo ouvir todos os lados envolvidos em uma história. Mas uma matéria sobre reformas de acessibilidade sem inserir a palavra e o julgamento daqueles diretamente impactados pelas obras, não corresponde aos propósitos de produção jornalística nem tampouco dos manuais de produção jornalística que defendem a inclusão e a acessibilidade, como o da EBC (2013). Faltou o testemunho dos envolvidos que referenda a ação do Jornalismo. Assim, pode-se dizer que, além de parecer sem sentido, a pauta inicial não foi cumprida.

Algo curioso de se notar sobre a cobertura de *A Voz do Brasil* são os tempos bastante desiguais dedicados ao evento ao longo dos dias. Duas edições, a de 08 de setembro (primeiro programa e dia seguinte à Cerimônia de Abertura) e a do dia 16 do mesmo mês (última edição antes da Cerimônia de Encerramento), dedicaram mais de 10 minutos cada para as informações sobre os Jogos. E a primeira ainda veiculou materiais sobre o Bolsa Atleta e o turismo acessível. Já o outro trouxe boletins sobre a aprovação do Rio pelos turistas e a expectativa de fluxo no aeroporto do Galeão no dia 19, além de

duas entrevistas, uma feita ao vivo com a repórter Taíssa Dias sobre sua experiência cobrindo as Paralimpíadas e outra com o judoca Willians Araújo. Por outro lado, em 15 de setembro, não chegou a dedicar nem um minuto. Em aproximadamente 50 segundos, noticiou apenas atualizações ao vivo pelos locutores sobre a performance dos atletas brasileiros na Canoagem, Hipismo e Atletismo.

No geral, a cobertura de *A Voz do Brasil* deixou bastante a desejar, se analisarmos pela ótica do Manual de Jornalismo da EBC (2013) e as diretrizes para a radiodifusão pública da Unesco. Ela acabou sendo muito similar ao que foi visto e esperado dos veículos comerciais, com muito foco nas medalhas e nas modalidades que mais rendiam medalhas, como Natação e Atletismo. Por isso, várias modalidades tiveram pouco ou nenhum espaço. Mesmo o que trouxe das medalhas e medalhistas acabou sendo, na maioria dos dias, bastante superficial, não cumprindo suas obrigações como programa da EBC.

O segundo é o programa *Bate Bola Nacional*, produzido pela equipe da *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro, mas que é retransmitido para todo o país pelas demais emissoras Nacional (Brasília, Alto Solimões e Amazônia). Na época da Rio-2016, era veiculado das 12h30 às 13h30, com uma característica peculiar. Entre 12h30 e 13h, sua exibição era feita apenas pelas Rádios Nacional do Rio e de Brasília. As da Amazônia e Alto Solimões se juntavam à cadeia apenas na segunda metade do programa.

No total, foram coletadas nove edições no período analisado, porque o programa é veiculado de segunda a sexta. Esse conjunto somou 9 horas, 3 minutos e 43 segundos de transmissão, enquanto o conteúdo específico sobre as Paralimpíadas estava presente em um total de 1 hora, 32 minutos e 4 segundos.

Desde o início da primeira edição analisada, é possível perceber um esforço da EBC em fazer uma divulgação da própria cobertura das Paralimpíadas. Todos os dias, os membros da mesa incentivavam o público a acompanhar as transmissões pela TV Brasil. Em alguns dias, apontavam destaques da programação. Chegaram inclusive a convidar a gerente de programação da TV Brasil, Verônica Dalcanal, para comentar sobre números da cobertura e convidar os ouvintes.

A maior parte do conteúdo era divulgado dentro do quadro fixo “Momento Stadium”. O nome é uma referência ao programa da *TV Brasil* e da *Rádio Nacional*, o mais antigo ainda em veiculação na televisão brasileira, na área esportiva. Na maioria dos dias, o quadro era comandado pela repórter Astrid Nick, apresentando atualizações dos brasileiros em competição e o quadro de medalhas. Fora isso, sempre incluía notas,

boletins ou entrevistas sobre outros eventos das Paralimpíadas e demais modalidades esportivas.

No primeiro dia, 07 de setembro, Astrid dedicou o maior espaço e quantidade de conteúdos diferentes sobre os Jogos. Entre eles, uma breve explicação sobre como funciona a classificação funcional dos atletas, a repercussão de uma matéria do jornal inglês *The Guardian* sobre atletas que mascaravam suas reais deficiências na hora da avaliação que designava suas classificações e um boletim sobre a Cerimônia de Abertura, sobre o propósito do evento e a implementação do serviço de audiodescrição, com o objetivo de aproximar os públicos da Rio-2016.

Um destaque positivo quanto ao conteúdo é a classificação funcional. Diferente de outros programas, da EBC e dos outros veículos analisados, o *Bate Bola* dedica um tempo para explicar como funciona e ao longo dos dias, é sempre dado uma breve explicação sobre o que significam as classes dos atletas mencionados. Isso é algo muito importante quando se discute a cobertura de esportes paralímpicos. O público, muitas vezes, não sabe diferenciar as classes e porque alguns atletas competem com uns e não com outros. Cabe aos jornalistas responsáveis apresentarem essas explicações para seus leitores e espectadores.

A maioria do material foi ao ar ao vivo, mas a partir do estúdio, sem intervenções externas. Porém, ao longo dos nove programas, existem alguns boletins gravados, sobre a história dos Jogos e a cerimônia de abertura.

O *Bate Bola* segue o formato mais tradicional dos programas de mesa redonda, tendo um tom mais descontraído. Isso fica bem perceptível nos outros dois modos que a equipe usou para informar sobre as Paralimpíadas. São eles os comentários e as atualizações ao vivo.

Começando pelas atualizações ao vivo, temos alguns exemplos que mostram o tom mais descontraído. No programa de 16 de setembro, a atleta do Salto feminino T11, Silvânia Costa, conquistou a medalha de ouro em seu último salto, enquanto o programa estava no ar. O anúncio foi bastante comemorado pelos presentes na mesa. É possível ouvir inclusive gritos de “é ouro!”. Isso acontece também no dia 08, quando Ricardo Costa ganha o ouro no Salto, que também era a primeira medalha de ouro brasileira nos Jogos.

Por outro lado, os comentários representam um formato pouco visto na divulgação e na cobertura do Esporte Paralímpico. O formato de comentário esteve presente no *Bate Bola* seguindo o modelo tradicional do programa, destacando principalmente duas

modalidades: o Futebol de 5 e o Futebol de 7. A razão, para isso, é explicada pelos próprios membros da mesa, ao mencionarem que eles estavam participando das transmissões feitas pela *TV Brasil*, exercendo a função de comentaristas. Assim, era possível notar um maior domínio, ao abordar com profundidade a performance das seleções brasileiras. Entre os outros tópicos abordados em comentários, verificou-se a meta do Comitê Paralímpico Brasileiro de terminar as Paralimpíadas no quinto lugar no quadro de medalhas, a presença do público nas arenas, o baixo rendimento de atletas com altas expectativas, como o de Terezinha Guilhermina e Alan Fonteles, e o tratamento dado ao paratleta pela imprensa brasileira.

Neste último tema, destaca-se uma discussão dentro do programa do dia 08. No dia, a equipe debate sobre a comparação que é feita pelos veículos entre atletas e paratletas, como Daniel Dias e Michael Phelps. É interessante notar que eles criticam essa atitude, defendendo uma quebra desse tipo de comparação, pois é uma observação muito sugerida por autores da área, mas que sempre está presente na cobertura paralímpica. Porém, na mesma edição, um dos comentaristas solta a expressão “Bolt Paralímpico” ao se referir a um dos atletas, indo contra o que havia sido discutido.

Nos últimos dias, a pauta que dominou no espaço dedicado às Paralimpíadas foi a performance da delegação brasileira. Falou-se bastante sobre a falta de resultados de certos atletas, ouros que eram dados certos como medalhistas e não obtiveram os resultados esperados. A conclusão foi de que, mesmo ficando fora dos cinco primeiros lugares no quadro de medalhas, era possível considerar que o país tinha ido bem nos Jogos. Foram debates bem embasados, destacando a melhora dos adversários, as modalidades que ainda não haviam rendido medalhas para o Brasil.

Um diferencial do *Bate Bola Nacional*, em comparação com outros produtos da EBC analisados nesta pesquisa, é a interatividade com o público. Todos os dias a equipe abria com uma pergunta para o público, cujas respostas seriam enviadas através do *What's App* oficial do programa. Nas nove edições analisadas, duas perguntas foram sobre as Paralimpíadas. No primeiro dia, 07 de setembro, perguntava aos ouvintes se era possível para a delegação brasileira atingir a meta de 5º lugar no quadro de medalhas como determinado pelo CPB. E no último dia, 19 de setembro, pedia para o público enviasse quais haviam sido os momentos mais emocionantes dos Jogos.

Só que essa interatividade era um pouco falha. Ao longo dos nove dias analisados, poucas vezes as respostas foram lidas ao vivo. Não foi possível averiguar se isso

aconteceu por falta de planejamento da equipe ou se na verdade a participação do público é baixa.

O maior problema com o *Bate Bola* e a divulgação de informações sobre as Paralimpíadas tem a ver com o seu horário de veiculação. Em todos os nove programas analisados, o “Momento Stadium”, que era responsável pela maior parte do conteúdo sobre os Jogos, esteve presente apenas no primeiro bloco. Como já mencionado acima, os ouvintes da Nacional da Amazônia e do Alto Solimões entravam na rede apenas as 13h, após o fim do quadro e assim receberam pouquíssimo conteúdo sobre os Jogos Paralímpicos, apenas cerca de 15 minutos entre as nove edições. No segundo bloco, foram apenas atualizações de provas que aconteciam enquanto o programa estava no ar. Isso também vai contra as diretrizes de esporte da EBC.

O segundo bloco é comumente formado por comentários sobre as atuações dos times de futebol cariocas e paulistas que disputam a primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol. Esse é um dos principais problemas apontados por Berger (2008) sobre as dificuldades no crescimento do esporte adaptado. Segundo o autor, a pouca divulgação das modalidades paralímpicas faz com que o público tenha pouco conhecimento sobre o tema, e isso se reflete na dificuldade em criar o interesse por esse esporte.

O terceiro programa é o *Resenha Paralímpica*. O *Resenha* foi um programa desenvolvido pela equipe da EBC em Brasília como forma de divulgar os Jogos Paralímpicos do Rio, seguindo o exemplo das Olimpíadas, quando foi produzido o *Resenha Olímpica*. Aqui, a ideia era uma abordagem do Esporte Paralímpico por um viés pouco observado na imprensa. Com o foco variado, as temáticas iam desde a explicação sobre a classificação funcional dos atletas e a situação dos atletas-guia até debates que importavam às pessoas com deficiência como um todo, como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, a acessibilidade no Rio de Janeiro e o legado dos Jogos.

Assim como *A Voz do Brasil*, o *Resenha* era transmitido em cadeia nacional, mas não obrigatória. Sua veiculação acontecia em três horários: 7h05, 14h03 e 18h30. No total, o programa teve 12 edições, tendo sido veiculado diariamente entre 07 e 18 de setembro de 2016, indo desde o dia da Cerimônia de Abertura das Paralimpíadas, até a Cerimônia de Encerramento.

Por ser um programa dedicado inteiramente ao Esporte Paralímpico, o tempo dedicado à cobertura do evento corresponde à totalidade da duração de suas edições.

Assim, variando de 9 a 13 minutos em cada programa, o *Resenha Paralímpica* teve uma duração total de 2h01min23s.

Todas as edições tiveram o mesmo formato. Após sua abertura, o primeiro conteúdo consistiu de boletins, lidos no estúdio pelos próprios apresentadores, introduzindo a pauta do dia. Essa pauta do dia foi bastante variada em seu conteúdo, como mencionado acima. No primeiro dia, foram apresentados dados gerais sobre as Paralimpíadas, o histórico da participação brasileira e a delegação presente nos Jogos do Rio. Nos dias seguintes, continuou abordando as Paralimpíadas, com a história dos Jogos e apresentando algumas das modalidades que compunham o programa paralímpico.

Outras pautas esportivas abordadas pelo *Resenha* foram a classificação funcional no Esporte Paralímpico, os acompanhantes dos atletas, como guias e calheiros e a tecnologia envolvida no esporte para pessoas com deficiência.

Terminada esta primeira “fase”, as pautas do dia do *Resenha* passaram a abordar questões mais gerais sobre as pessoas com deficiência. As edições de 11 e 12 de setembro, por exemplo, trouxeram conteúdos referentes à acessibilidade, primeiro dentro do Parque Olímpico da Barra e outros locais de competição e na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil em geral. Nas edições finais, realizou um balanço da participação brasileira nas Paralimpíadas, além de uma discussão sobre o legado que os Jogos deixariam para o Rio e o país.

Essa primeira parte do programa é a mais importante das três. Deixa bem claro um dos principais objetivos da existência do *Resenha Paralímpica*: ajudar a aumentar a visibilidade do esporte paralímpico no Brasil, informando as pessoas para além dos resultados durante os 11 dias de competição, além de pautas importantes para as pessoas com deficiência como um todo, fazendo com que elas entendam seus direitos garantidos por lei, realizando um trabalho próximo ao que é defendido por Gurgel (2012) quanto à cobertura jornalística dos megaeventos esportivos. Também cumpre alguns dos valores do Manual de Jornalismo da EBC (2013), como o interesse público.

Por ser um programa de curta duração, não chegando a ter nem 15 minutos em nenhuma edição, os conteúdos referentes à pauta do dia acabam não sendo muito aprofundados, abordando mais dados gerais. Mas, considerando que o objetivo do programa é informar as pessoas sobre pautas que lhes são desconhecidas ou de pouco conhecimento, pode se considerar bem-sucedido, já que transmite o suficiente para que o ouvinte tenha uma noção geral, podendo ele próprio se aprofundar sobre o tema posteriormente.

Ao final desta primeira parte, entra na sequência uma entrevista, com a intenção de ir além do debate da pauta do dia. Ela esteve presente em todas as edições, com um convidado que tinha relação direta com o tema. No caso do primeiro e do último dia, que abordavam dados gerais sobre os Jogos e um balanço da participação brasileira nas Paralimpíadas do Rio, as entrevistadas foram repórteres da EBC participantes da cobertura para os diversos veículos da Empresa.

Faz-se interessante notar que a entrevistada do primeiro dia, Carla Maia, é uma pessoa bastante envolvida com os dois lados: o do Jornalismo e do movimento paralímpico. Carla chegou a ser oito vezes campeã brasileira de Tênis de Mesa na classe dois, e no Jornalismo, trabalhou no *SporTV* comentando as Paralimpíadas de Pequim, em 2008 e depois chegou à EBC. Isso coloca Carla como uma importante analista do esporte paralímpico brasileiro, o que foi refletido em sua entrevista.

Nos outros dias, os entrevistados vieram de uma grande gama de funções, como o então vice-presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro à época, Ivaldo Brandão, o Secretário Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência Rodrigo Machado, membro do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, Luiz Fernando Janot e a deputada federal Rosinha da Adefal. Mesmo com vários entrevistados ligados ao Governo Federal ou membros de sua base aliada, o *Resenha Paralímpica* acabou sendo bastante diferente de *A Voz do Brasil*, ao fugir da visão propagandística das ações do Governo. Especialmente nas entrevistas sobre acessibilidade e legado, foi tratado também sobre o que os Poderes Executivo e Legislativo ainda precisam fazer para garantir o direito de inclusão da pessoa com deficiência na sociedade.

Por último, foram exibidos boletins que perfilavam atletas de expressão dentro da delegação brasileira. Entre os homenageados estavam Terezinha Guilhermina, Verônica Hipólito e Shirlene Coelho, do Atletismo, Daniel Dias, Clodoaldo Silva e André Brasil, da Natação, Jovane Guissone, da Esgrima, entre outros.

Os perfis se mostraram alguns dos materiais mais interessantes dessa análise, por apresentarem um formato bastante diferente do que comumente vemos. Aqui, não existiam repórteres, apenas entrevistadores. Os boletins eram construídos apenas com as falas dos entrevistados, que não eram necessariamente os próprios atletas. Cônjuges, pais, parentes e amigos comentavam sobre a vida do perfilado, apenas um para cada atleta. Por exemplo, enquanto Terezinha Guilhermina e Clodoaldo Silva falaram de si próprios, as histórias de Daniel Dias, Shirlene Coelho e Dirceu Pinto, foram contadas, respectivamente por seu pai, marido e cuidador.

O “Atleta do Dia” se mostrou um bom exemplo de conteúdo. Os boletins mesclavam a vida pessoal dos atletas com a sua vida esportiva. Abordavam as origens de suas deficiências, se eram adquiridas ou congênitas, como foi a entrada no esporte, apoio da família, mas também abordaram rotinas de treino, histórico de competições, rituais e as expectativas para os Jogos do Rio. Essa mescla de conteúdos é importante, já que não existe entre os atletas um consenso sobre como seria o melhor modo de abordar suas histórias em reportagens, como já demonstrado por Hilgemberg (2017a).

Entre os próprios jornalistas também não há um consenso quanto a esse tema. Santos (2018) mostrou através dos depoimentos coletados em sua pesquisa que os próprios repórteres diferem. Todos concordam que a deficiência é algo inerente do atleta e sua história e do esporte paralímpico. Porém, alguns defendem que isso precisa aparecer apenas em segundo plano, como algo complementar, enquanto outros afirmam que a deficiência tem sim lugar central, inclusive destacando que nisso há também um componente de curiosidade do leitor, ouvinte ou telespectador.

Esses boletins variaram em tom dependendo do atleta perfilado, do dia e da pessoa responsável por contar aquela história. O de Clodoaldo Silva possui um tom muito descontraído, principalmente por ter sido o próprio entrevistado e ele chegar aos Jogos do Rio em clima de despedida. Mas mesmo os mais sérios não chegam ao sensacionalismo ou o sentimentalismo.

Ao longo das 12 edições, o formato do programa se manteve, com exceção do último dia. No *Resenha* de 18 de setembro, o boletim da perfilada do dia, Shirlene Coelho, foi exibido antes da entrevista. Isso aconteceu porque a entrevistada do dia foi a repórter da EBC Taíssa Dias, que comentou sobre os Jogos, a emoção de participar da cobertura de um megaevento e fazendo um balanço geral, ou seja, não apenas da participação da delegação brasileira, mas também do trabalho da EBC.

É importante destacar que toda a produção do programa foi feita previamente e a distância. Incluindo os boletins com os perfis dos atletas e as entrevistas com pessoas ligadas à pauta do dia. Assim, era bastante comum ver nos boletins sobre os atletas, os apresentadores acrescentando ao final, já de volta ao estúdio, informações sobre como os perfilados haviam se saído em suas provas, já com resultados. Em outros casos, os locutores informavam sobre a participação do atleta nos dias seguintes.

Para o *Resenha*, a decisão de focar mais em pautas relacionadas à Rio-2016 foi central. Assim, é possível notar uma aproximação das características da radiodifusão pública fixadas pela Unesco (2006). Também corrobora com pesquisadores como

Schantz e Gilbert (2001), que defendem que a cobertura do esporte paralímpico deve ser similar a das modalidades convencionais que aparecem no Jornalismo Esportivo, abordando não apenas o que acontece dentro das quatro linhas, mas falando também de temas essenciais como os lados político, econômico e social. A proposta dos autores é bastante interessante para o noticiário esportivo, mas o que se percebe é que no dia-a-dia isso está bem longe de ser concretizado.

Um ponto negativo para o *Resenha Paralímpica* está em sua produção. Considerando que é um programa onde nenhum conteúdo é produzido ao vivo, era possível notar vários problemas ou erros durante a veiculação, como momentos em que os locutores se perdiam no roteiro ou mesmo nas entrevistas gravadas. Na entrevista com Rosinha da Adefal, durante todo o tempo é possível ouvir um barulho de celular tocando, o que pode acabar desconcentrando o ouvinte fazendo com que ele perca informações importantes. Isso poderia ter sido melhor trabalhado para evitar tais falhas.

Outro problema notável aconteceu na edição de 16 de setembro, com o atleta Luiz Claudio Pereira. Luiz foi convidado para comentar sobre a evolução do Esporte Paralímpico e o relacionamento com o público, mas os locutores esqueceram de apresentar o entrevistado e justificar sua presença para estar ali falando sobre esse tema, o que pode deixar os ouvintes perdidos.

Não é possível afirmar se foi estratégia da EBC, mas é interessante notar que *A Voz do Brasil* e o *Resenha Paralímpica* fizeram coberturas quase que complementares. Enquanto o *Resenha* possuía um tom menos factual, focando em temas amplos de interesse geral ou conhecimento básico sobre as Paralimpíadas, *A Voz do Brasil* noticiava o dia-a-dia, os resultados, relatos e o quadro de medalhas.

O último ramo da EBC analisado nesta pesquisa é a Radioagência Nacional. A agência foi criada em 11 de outubro de 2004, ainda no período da Radiobrás e posteriormente foi incorporada à EBC. A função da Radioagência é produzir e distribuir gratuitamente conteúdos radiofônicos, que são produzidos pela sua equipe própria, veículos ligados à EBC e por emissoras parceiras em toda América Latina. Esse material é disponibilizado no portal para cerca de cinco mil estações de rádio do país, entre públicas, educativas, comunitárias e webrádios.

A agência segue a linha editorial dos veículos da EBC, com foco na informação para o exercício da cidadania, além de outras características listadas no Manual de Jornalismo da Empresa, como o regionalismo, construção da cidadania, subordinação aos interesses da sociedade, pluralidade, imparcialidade, entre outros. São produzidas

matérias, programetes, radionovelas e *spots*, que podem ser utilizados livremente.

Diferente dos outros três programas já analisados neste subcapítulo, o material da Radiogência é constituído por dois tipos: programetes e matérias factuais. Existem três quadros que são recorrentes, mas não possuem periodicidade constante. São eles o “Nacional Informa”, noticiário de cerca de cinco minutos com um compilado de matérias do dia, “Boletim Paralímpico”, de aproximadamente um (01) minuto a um minuto e meio de duração com uma breve atualização dos últimos acontecimentos dos Jogos e “Minuto da Inclusão”, material que não necessariamente aborda questões sobre as Paralimpíadas, com temas que iam desde os atletas refugiados e a história dos Jogos até as legislações referentes às pessoas com deficiência.

No total, foram coletados 3 horas 55 minutos e 52 segundos de material da Radioagência Nacional referente ao período em análise e que traziam as Paralimpíadas no título ou na descrição do conteúdo. Nem todas as peças analisadas falavam exclusivamente sobre os Jogos, por isso, o tempo dedicado ao megaevento foi de 3 horas 13 minutos e 53 segundos.

O “Nacional Informa” não aborda exclusivamente pautas sobre os Jogos Paralímpicos, noticia acontecimentos gerais nas áreas de política, economia, polícia, entre outros. As partes dedicadas aos Jogos possuem uma vinheta própria de introdução e algo que chama a atenção é que boa parte do material veiculado no noticiário também é utilizado em outras produções da EBC. No dia 08, um dos boletins informou sobre a cerimônia de abertura e a perspectiva do público e esse mesmo material havia sido veiculado também no *Bate Bola Nacional* do mesmo dia e aparece no site da Radioagência como um material para veiculação separada. Além desses boletins, o espaço sobre as Paralimpíadas geralmente tinha também a agenda do dia, notas rápidas sobre os brasileiros e a posição do país no quadro de medalhas.

Diferente de *A Voz do Brasil*, a Radioagência chegou a produzir um boletim que abordava especificamente as vaias ao presidente Michel Temer na Cerimônia de Abertura das Paralimpíadas. Isso constitui uma evidência de que as normas editoriais aplicadas à *Voz*, não são necessariamente aplicadas também aos outros produtos da EBC.

Por estarmos tratando de uma agência de notícias, não surpreendeu a quantidade quase inexistente de reportagens. Embora seja uma prática cotidiana e comum das agências um foco na produção de conteúdo factual, não se está defendendo que não possam existir reportagens. Dos 90 materiais coletados sobre as Paralimpíadas ou pessoas com deficiência ao longo dos 13 dias que compõem esta pesquisa, apenas quatro possuem

um tom mais próximo da reportagem. É interessante notar que todos esses materiais são boletins com perfis de diferentes atletas que estavam competindo nos Jogos.

O restante do material, que não incluía quadros recorrentes ou reportagens, consistia em boletins factuais. Entre esses, foi possível aglutiná-los em três grupos diferentes. O primeiro, abordava única e exclusivamente a prova, de duração mais curta, apenas relatando os resultados e um ou outro acontecimento mais marcante. O segundo, já com um pouco mais de conteúdo e conseqüentemente de duração maior, tratava não apenas da prova, mas contava a história dos atletas e trazia sonoras deles. E o terceiro, um pouco à parte, era sobre o evento, mas pela perspectiva do público presente, muitas vezes repetindo o discurso do herói e do exemplo de superação.

Esses boletins que dedicam espaço para contar a história do atleta geralmente abordavam, bem brevemente, a origem da deficiência do atleta e há quanto tempo praticam esporte ou entraram para o esporte paralímpico. Isso representa um trabalho diferente, pois deixa de fazer uma cobertura esportiva balizada apenas pelos resultados, positivos ou negativos, além de ajudar a humanizar os atletas e o esporte e a disseminar o conhecimento acerca do movimento paralímpico, como defendem Tynedal e Wolbring (2013).

Observou-se também poucos boletins que abordavam os Jogos, mas fora de seu âmbito esportivo. Tinham um tom mais de serviço, informando a população do Rio sobre questões de trânsito ou funcionamento de órgãos como a Defensoria Pública. São boletins mais localizados, destinados apenas à veiculação dentro do Rio de Janeiro, mas estavam disponíveis no site para qualquer um.

O público se mostrou bastante presente nos materiais da Radioagência, inclusive proporcionalmente maior que nos demais veículos da EBC e até dos outros que compõem essa pesquisa. Na sua grande maioria, são falas que destacam como o evento é muito legal e que os atletas são exemplos de superação e que precisam ser mais valorizados.

Isso levantou uma dúvida quanto ao propósito da inserção dessas falas: seria isso uma tentativa de validação do evento e atrair a atenção das pessoas? Não foi possível determinar, mas é bastante provável, já que um aumento na audiência das Paralimpíadas seria benéfico para a EBC, já que a *TV Brasil* era a única emissora de TV aberta a transmitir o evento.

Um boletim com essa tônica se destaca dos demais. Divulgado no dia 13, ele apresenta a história da prova do atleta Edson Pinheiro do Atletismo. Enquanto a maioria dos boletins sobre as provas segue um mesmo padrão textual, aqui o repórter optou por

utilizar uma angulação diferente. O resultado foi contado pela perspectiva do atleta, enquanto ele esperava sair o veredito oficial, que levou mais que o normal para ser anunciado pela organização. Isso aconteceu porque havia uma dúvida quanto as posições, já que Edson e mais um atleta haviam cruzado a linha de chegada simultaneamente, precisando do auxílio da tecnologia para determinar o medalhista de bronze

Algo bastante positivo do material da Radioagência é a grande presença de pessoas com deficiência entre os entrevistados, em uma média maior que nos outros veículos analisados. No dia da Cerimônia de Abertura, por exemplo, entrevistaram PCD que comentavam sobre suas expectativas. Já no dia 09, há um outro boletim que merece destaque por analisar as condições de acessibilidade do Parque Olímpico da Barra. Nesse mesmo boletim, os entrevistados mencionavam também sobre a emoção em estar presentes em um evento onde os destaques eram pessoas nas mesmas condições que elas. Vale notar que nesse dia houve um entrevistado com deficiência intelectual e problemas de fala, algo que não é muito comum no Jornalismo, que tende a dar mais espaço para deficiências que sejam as mais próximas do convencional possível, como é o caso dos cadeirantes.

Para a EBC, os Jogos Paralímpicos representaram uma oportunidade para fomentar a discussão da acessibilidade não apenas no Rio de Janeiro, mas também no país. Essa temática só não esteve presente no *Bate Bola Nacional*, já que estamos falando de um programa esportivo. Diversos boletins da Radioagência destacavam a importância da acessibilidade e conduziam testes com pessoas com deficiência, reportando os resultados. Nessa última categoria, um boletim do dia 10 de setembro, intitulado “Cadeirantes reclamam de falta de espaço em trens”, informa sobre a acessibilidade no transporte público e nos locais de competição além do Parque Olímpico. Aborda-se, por exemplo, que as rampas do Engenhão e do Maracanã apenas transmitem uma ilusão de acessibilidade, já que possuem curvaturas que dificultam o acesso das pessoas com deficiência. Esse tipo de informação é importante, principalmente para mostrar ao público que não basta apenas a criação de uma rampa e todos os problemas serão solucionados: eles precisam ser pensados e testados para verificar se de fato resolvem a situação. Mesmo com a presença do tópico no material, esperava-se que estivesse ainda mais presente, principalmente pelas características delimitadas no Manual da EBC (2013).

Entre os 90 arquivos que compuseram o material da Radioagência, alguns eram, na verdade, trechos editados de programas das emissoras da EBC. No dia 07 de setembro, um boletim chamado “Entrevista – Entenda as Paralimpíadas” era parte do programa

Tarde Nacional, da *Rádio Nacional* do Rio de Janeiro. Esse material trouxe uma entrevista com um professor de Educação Física da Universidade Mackenzie, que falou sobre a história e a evolução dos Jogos e da participação brasileira e alguns destaques da delegação para os Jogos de 2016.

Mas nessa entrevista alguns trechos chamaram atenção, como o professor utilizar a expressão “pessoas normais” para se referir a quem não possui deficiências. Esse termo, conforme compreendido ao longo da pesquisa e trajetória profissional do autor, não é utilizado para esta finalidade, já que passa a impressão de que uma pessoa com deficiência teria algum tipo de anormalidade. Por isso, um dos termos que têm sido usado mais comumente é “pessoas convencionais”.

Como mencionado anteriormente, uma das características fixadas pela EBC para o seu Jornalismo é a promoção do conteúdo sobre as diversas regiões do país. Isso aparece nos materiais da Radioagência, mas esperava-se esta característica mais presente. São poucos os boletins que destacam os locais de origem dos atletas. Talvez isso aconteça devido à ideia de se criar uma identificação com os brasileiros como um todo, a nível nacional, podendo ajudar também na divulgação dos Jogos.

Algo notável sobre os formatos dos boletins é que muitos deles acabam funcionando como pequenos noticiários, por aglutinar diversas provas da mesma ou de diferentes modalidades. Assim, é possível notar que muitos desses boletins acabam com informações repetidas, “requeentadas”. Isso não foi algo restrito à EBC, como será visto na análise da Rede Globo e nos outros veículos.

No último dia da análise, em 19 de setembro, a Radioagência apresentou conteúdos diversificados. Além dos já esperados, como a cerimônia de encerramento e um balanço da participação brasileira nos Jogos, disponibilizou boletins com pautas importantes para o esporte paralímpico. Em um, informa sobre os programas de incentivo do Governo Federal ao esporte, destacando a previsão de que esses devem aumentar suas verbas para os próximos anos. Diferente do que se viu em *A Voz do Brasil*, não evidenciou propaganda oficial, observou-se um trabalho mais jornalístico. Em outro, debate especificamente as modalidades de futebol que compõem o programa paralímpico. Neste boletim, há uma entrevista com o atleta do Futebol de 5, Jefinho, defende a importância do investimento na base para o descobrimento de novos atletas e que os times da elite do futebol convencional do país invistam em suas equipes paralímpicas, para aumentar a visibilidade do esporte.

Realizando uma comparação com a *Globo*, único outro veículo audiovisual que compõe esta pesquisa, é notável um problema da equipe da EBC, em especial da Radioagência. Em diversos momentos os repórteres erram os nomes das pessoas envolvidas com os Jogos, entre atletas e dirigentes. Um dos mais comuns é o de Andrew Parsons, então presidente do CPB, que frequentemente era entrevistado. É um cuidado que todo repórter, principalmente de rádio e televisão, precisa ter para não criarem situações desconfortáveis com seus entrevistados.

Um ponto positivo quanto à informação, não apenas da Radioagência Nacional, mas da EBC como um todo é a visibilidade dada aos brasileiros. Mesmo focando em modalidades específicas, principalmente as que mais distribuem medalhas, como atletismo e natação, os repórteres e apresentadores sempre buscam informar o resultado dos atletas que não conquistavam medalhas. Eles frequentemente indicaram suas colocações finais nas provas e às vezes uma sonora onde o atleta explica como foi sua performance.

Por outro lado, a EBC acabou falhando na cobertura em dois pontos muito importantes. Primeiro, foi a falta de visibilidade para esportes coletivos. Como o foco da cobertura se deu muito nas modalidades que mais distribuem medalhas, outras como o Rugby e o Basquete em Cadeira de Rodas e o Vôlei Sentado quase não tiveram espaço. O Rugby, por exemplo, apareceu apenas em um boletim da Radioagência Nacional entre todo o material coletado da EBC. Assim, essas modalidades continuam desconhecidas para o público e se torna mais difícil o fomento do esporte.

A outra falha foi a falta de explicação dos repórteres quanto ao detalhamento dos significados das diferentes classes dos atletas. Isso é um problema muito grande, pois representa uma falta na transmissão da informação para o público-alvo. É necessário explicar o que significa um atleta ser T11 ou T12 no atletismo, pois representam diferentes graus de uma mesma deficiência. Esse problema não esteve presente apenas na EBC, se repetindo ao longo das análises dos demais veículos.

3.4. As Paralimpíadas Rio-2016 nas páginas do Jornalismo Impresso: a cobertura da *Folha de S. Paulo*

Concluída a etapa de análise da Empresa Brasil de Comunicação, seguiu-se para o segundo veículo selecionado para esta pesquisa: a *Folha de S. Paulo*. O caderno de esportes é um dos mais lidos no jornal, de acordo com o próprio veículo. Um de seus

diferenciais é que, além das informações técnicas e referentes aos acontecimentos esportivos, como resultados de partidas, também aborda assuntos relacionados à política dos clubes e a níveis estadual e nacional, marketing e legislação. Isso condiz com o perfil do próprio jornal, que possui um foco maior na cobertura política.

A escolha da versão impressa da *Folha* para compor essa pesquisa se deu por dois motivos: primeiro, já mencionado acima, o relacionamento que o veículo possui com o esporte, que vai além de apenas falar sobre os acontecimentos dentro das quatro linhas, abordando também a parte política, econômica e social. Segundo, sua importância histórica, como um dos veículos de circulação nacional mais influentes. Segundo o *Índice de Circulação de Vendas*, em 2018, a *Folha* era a terceira maior tiragem de um jornal impresso no país, com cerca de 121 mil exemplares vendidos diariamente. À frente estavam apenas os jornais *O Globo*, do Rio de Janeiro, e *Super Notícia*, de Minas.¹⁹

A estrutura do caderno de Esportes variou ao longo dos anos, chegando a ter até 16 páginas em anos de maior tiragem. Atualmente, varia entre 4 e 8 páginas, dependendo do dia da semana e se há algum evento esportivo acontecendo. Seu foco maior é o Futebol, assim como os principais veículos de comunicação do país. O destaque fica com as equipes do estado de São Paulo, além da cobertura da Seleção Brasileira. Os times de outros estados e o Futebol internacional também tem espaço.

Os demais esportes já tiveram mais espaço nas páginas do caderno, mas nos últimos anos tem sido mais limitado, mais presentes em rápidas notas, ganhando destaque apenas em momentos pontuais. Entre os mais encontrados estão Vôlei, Natação, Tênis e a Fórmula 1. Além disso, o caderno também possui um espaço para as tabelas de classificação, os resultados das partidas dos principais campeonatos nacionais e internacionais e uma agenda com os eventos televisionados.

Antes de entrar no período de análise que compõe esta pesquisa, vale destacar que o jornal realizou uma cobertura prévia das Paralimpíadas. Em artigo produzido pelo autor (LONGO; ZUCULOTO, 2018) sobre a cobertura dos Jogos antes, durante e depois do evento na *Folha*, *Estadão* e *O Globo* em suas edições impressas, chamou a atenção que entre o fim das Olimpíadas e o início das Paralimpíadas, a *Folha* fez uma série de infográficos com explicações sobre cada uma das modalidades que compunham o programa paralímpico da Rio-2016.

¹⁹ <https://www.poder360.com.br/midia/tiragem-impressa-dos-maiores-jornais-perde-520-mil-exemplares-em-3-anos/>. Acesso em: 05 mai. 2019

Os infográficos, lançados ao longo das duas semanas que separaram os dois eventos, apresentavam brevemente da história de cada modalidade, seu funcionamento, classes funcionais, atletas para o público ficar de olho e o histórico das delegações brasileiras. Eles seguiram o mesmo projeto que já havia sido realizado nas Olimpíadas, com o mesmo formato. É um tipo de conteúdo bastante interessante e importante para o leitor, para que já chegue no período dos Jogos tendo uma compreensão geral sobre como funciona uma Paralimpíada, seus esportes e suas particularidades, por se tratar de um evento mais complexo que o Olímpico.

Assim como na EBC, a cobertura das Paralimpíadas pela *Folha* foi bastante desigual. Os primeiros e últimos dias receberam mais espaço e destaque, mas durante o evento, o número de matérias chegou a cair consideravelmente. A menor quantia foi constatada em 14 de setembro, quando apenas uma página foi dedicada aos Jogos, com uma reportagem sobre os atletas que adquiriram suas deficiências através de guerras, uma matéria sobre as medalhas do atletismo e um espaço para notas diversas.

Entre matérias, reportagens, notas e espaços opinativos, como editoriais e colunas, foram encontradas 62 produções dos repórteres da *Folha* que abordam as Paralimpíadas ou pessoas com deficiência em geral, excluindo a capa e o *Folha Corrida*, que serão abordados abaixo. Vale destacar que destes 62, 10 foram textos opinativos, escritos pelos editores do jornal ou colunistas fixos.

O material foi coletado através do acervo que a *Folha* possui em seu próprio site das edições impressas. Assim, foi possível analisar com facilidade o material para que nenhum texto passasse por despercebido.

Assim como no número de páginas, a quantidade de matérias também flutuou. À exceção dos dias 08 e 19, que repercutiram a Abertura e o Encerramento, com 10 e 11 materiais, respectivamente, o número de textos foi baixo. Em seis dos treze dias analisados nesta pesquisa, foram apenas três.

De cara, o que mais chama a atenção na cobertura da *Folha* é que este foi o único dos veículos analisados que optou por usar a palavra “Paraolimpíada” ao invés de “Paralimpíada”. A explicação veio na edição de 08 de setembro do jornal, em coluna assinada pelo Professor Pasquale Cipro Neto, na editoria de Cotidiano. É um dos poucos textos que compõem este *corpus* que não foram publicados no caderno de Esportes.

No editorial, Pasquale explica a decisão do *Grupo Folha* pelo uso da versão original do termo, ao invés da atualizada, através de decisão do Comitê Paralímpico Internacional ratificada pelo representante nacional. Segundo o professor, a Paralimpíada

não é a Olimpíada, mas “segue muitos dos seus ritos (os esportes, as premiações, as cerimônias, o espírito que norteia as competições, etc.) ou seja, é algo paralelo à Olimpíada, daí levar o ‘par(a)’” (CIPRO NETO, 2016, Folha de S. Paulo, p. 24)

Pasquale faz uma pequena crítica à decisão do IPC, onde a proposta da retirada da letra “o” seria única e exclusivamente comercial. O que na realidade não é a única justificativa. Para o Comitê, o principal seria retirar as Paralimpíadas da sombra dos Jogos Olímpicos, deixando de ser visto apenas como um evento suporte.

Mas, no geral, a opção se deu pela utilização da norma culta do português. Pasquale explica a origem do termo “paraolímpico” e porque a retirada do “o” iria contra ao idioma:

O que temos em “paraolímpico” (ou “paralímpico”?) é a formação de um termo que resulta da soma do elemento grego “par(a)” com o adjetivo “olímpico”. De acordo com o “Houaiss”, o elemento “par(a)” ocorre com a noção de “junto”, “ao lado de”, “ao longo de”, “para além de”, o que se vê em vocábulos como “paramédico”, “parapsicologia”, “paratireoide”, “paranormal” etc.

(...) Pois bem. Chegamos ao xis da questão: a supressão do “o”. “Portuguesamente” falando, essa supressão do “o” não faz o menor sentido, já que, na nossa língua, o que pode ocorrer é a supressão da vogal final do primeiro elemento e não da vogal inicial do segundo elemento. (CIPRO NETO, 2016, Folha de S. Paulo, p. 24)

Compreende-se a decisão da *Folha* pela utilização do termo “Paraolimpíada”. Mas discorda-se de algumas das justificativas, principalmente a comercial. Mas também é necessário destacar que isso criou alguns problemas para a cobertura do jornal. Como o nome oficial do evento era “Jogos Paralímpicos Rio-2016”, os repórteres da *Folha* acabaram tendo uma limitação, pois usar Jogos Paraolímpicos iria contra o nome do evento, por isso o termo foi pouco utilizado durante os 13 dias.

Ao longo do período analisado, os Jogos tiveram alguma presença na capa do jornal. Na maior parte, eram fotos com legendas, destacando momentos do dia anterior, como a medalha de algum brasileiro ou um recorde mundial quebrado. A legenda comentava brevemente sobre a prova e o atleta, mas não chegava a chamar o leitor a continuar sua leitura sobre o assunto no caderno de esportes. Chamadas em texto apareceram apenas no dia 08, mas destacando as vaias ao presidente Michel Temer e no dia 19, sobre a Cerimônia de Encerramento. No último dia, além da chamada, o quadro de medalhas final das Paralimpíadas também apareceu na capa.

Além de sua capa principal, a *Folha* também possui algo que pode ser chamado de “capa secundária”, o Folha Corrida. A proposta do Corrida é resumir os acontecimentos principais do dia em cinco minutos para o leitor que não tem tempo de ler o jornal inteiro (de segunda à sábado) e trazer os destaques da semana (aos domingos). No Corrida, as Paralimpíadas também tiveram bastante destaque, inclusive aparecendo de modos diversos, que incluíam frases de atletas e pessoas ligadas ao movimento paralímpico, fotos e chamadas para diversas matérias.

No geral, a maior parte do conteúdo veiculado sobre Paralimpíadas ou pessoas com deficiência no jornal durante o período analisado estava dentro do caderno de Esportes. Houve pouca presença deste tipo de material em outras editorias. Foram uma matéria, uma reportagem e algumas colunas e editoriais, como a do professor Pasquale já citada acima e outra, do repórter Jairo Marques, ambas na editoria de Cotidiano.

A primeira foi veiculada no caderno Poder, que aborda as pautas de política do jornal. A matéria, do dia 08, informava sobre a agenda do presidente Michel Temer no feriado de 07 de setembro, Dia da Independência. O texto não abordava apenas sua presença na Cerimônia de Abertura dos Jogos, onde foi bastante vaiado. Abordava também de sua participação no desfile militar realizado na manhã do mesmo dia em Brasília. Vale destacar que, mesmo sendo uma matéria de tamanho relativamente normal, ocupando cerca de 1/3 da página, foi assinada por seis repórteres.

A segunda, de 11 de setembro, saiu no caderno Cotidiano, que trata das pautas do dia-a-dia de São Paulo. Esta, de tamanho maior, é uma reportagem que discute a acessibilidade no transporte público em São Paulo. No início da matéria o repórter já deixa claro que os Jogos foram o gancho para a realização desta pauta. É um tipo de matéria que esperava-se ver com mais frequência durante a Rio-2016, mas não esteve muito presente nos veículos analisados, com exceção da EBC. Este tipo de material corrobora e inclusive vai além do que foi proposto por Gurgel (2012) sobre como deveria ser o trabalho do Jornalismo na cobertura de megaeventos esportivos, pois utiliza o momento como gancho para discutir questões sociais importantes não apenas na sede dos Jogos.

Na produção, foi realizado um teste de acessibilidade com pessoas com diferentes tipos de deficiência, incluindo o próprio repórter, que é cadeirante. O texto detalha as dificuldades que os participantes passaram em diversos locais e situações, como rodoviária, metrô, semáforos, banheiro, balcão de informações e até lojas. O repórter descreve um dos contatos feitos durante um teste em uma loja: “Em vez de me entregar

objetos ou descrever o que havia, já foi dizendo que ali não tinha nada para mim. Pedi para ela me auxiliar a ir em outra loja. Ela ficou sem ação. Por fim, chamou um funcionário da rodoviária” (MARQUES, 2016, Folha de S. Paulo, p. 36).

O próprio teste terminou sem a etapa final, que seria o acesso ao aeroporto de Congonhas. Isso aconteceu porque a equipe ficou mais de 40 minutos no ponto de ônibus esperando a passagem de um ônibus acessível, o que não aconteceu. Jairo Marques, repórter responsável pela reportagem, termina o texto com suas conclusões: “O problema maior é que a vida real não tem simulações – só situações concretas de falta de acesso” (MARQUES, 2016, Folha de S. Paulo, p. 36). É interessante notar que essa conclusão vai diretamente contra ao que se viu nas produções da EBC que também fizeram testes de acessibilidade. Isso pode ser justificado pela atual política editorial da Empresa, que foca em defender as ações do Governo Federal (SILVA, 2018b).

A reportagem ainda dá espaço para a fala do outro lado, no caso as empresas mencionadas ao longo do texto, cumprindo uma das funções básicas do Jornalismo, que é ouvir o contraditório. Em um box separado, as empresas procuradas exaltam suas práticas de acessibilidade, porém pouco comentam ações concretas que podem fazer para melhorar o que foi criticado.

Jairo, um dos nomes mais recorrentes na cobertura da *Folha*, assina também a coluna “Paraolimpíada é esperança” (p. 18, 07 set. 2016), onde destaca a importância dos Jogos e como eles podem ser catalizadores de mudanças profundas na sociedade. O repórter faz uma analogia sobre como ver atletas com diversos tipos e graus de deficiência dando o seu melhor em alto rendimento pode ajudar as pessoas em geral a procurar coragem para enfrentar seus problemas, como desgosto no amor e no trabalho.

Os colunistas da *Folha* aparentam ter a liberdade de escrever como eles veem o mundo. Essa observação se deu a partir da comparação da coluna de Jairo com a de Mariliz Pereira Jorge, publicada no dia 17 no caderno de Esportes. Enquanto o primeiro coloca os atletas como exemplo de superação, que podem promover mudanças de atitudes nas pessoas, Mariliz escreve um texto que reforça a ideia de atletas paralímpicos não são super-heróis, fazendo quase uma coluna de *ombudsman*, analisando a cobertura da Folha e de outros veículos das Paralimpíadas.

O texto de Mariliz é um dos principais destaques positivos do *corpus* que compõem esta pesquisa, por fazer críticas bastante contundentes à imprensa brasileira e que se concorda quase que integralmente com sua visão, que vai além de mostrar apenas a visão do super-herói (SCHELL; DUNCAN, 1999):

Muitas vezes faltou informar o telespectador que aquele atleta tinha esta ou aquela deficiência. Fiquei boiando em várias ocasiões por não ser tão óbvio. A sensação é que prevaleceu a lei do “para não errar é melhor não falar”. E assim, perpetuamos os tabus (JORGE, 2016, Folha de S. Paulo, p. 36)

Este pensamento de Mariliz vai ao encontro de uma das principais críticas que surgiram a partir da análise do material desta pesquisa. Em boa parte do *corpus*, os repórteres deixavam de informar coisas básicas sobre os atletas, como a sua classe funcional dentro de sua modalidade e / ou inclusive o que esta significa, como já descrito no subcapítulo anterior.

A liberdade dos colunistas também é percebida em texto de Juca Kfourri, do dia 08. Em sua coluna, Juca faz uma colcha de retalhos dos acontecimentos esportivos e políticos dos primeiros dias daquela semana, mas acaba fazendo uma comparação infeliz:

Sem ironia, ao contrário, com verdadeira tristeza e indignação, vivemos no Brasil, e especialmente em São Paulo, tempos de uma inclemente corrida sem obstáculos para que as Polícias Militares também excedam todos os limites, mas de violência para reprimir manifestações contra o governo federal.

O dissimulado governador Geraldo Alckmin e seu ex-secretário da Segurança, hoje ministro de botas da Justiça, Alexandre de Moraes, que acaba de implodir a Comissão da Anistia, competem para ver quem destrói primeiro a jovem democracia brasileira.

Estariam concorrendo para ver quem produz mais eventuais atletas para futuras Paraolimpíadas, seja por deficiência visual, seja para amputados? (KFOURI, 2016, Folha de S. Paulo, p. 34)

Juca não foi o único no material analisado nesta pesquisa a estabelecer uma comparação entre a violência, independentemente de sua origem ou razão, e os atletas paralímpicos. E esta não foi a única comparação dentro da própria coluna. Em outro momento do texto, ele ainda fala sobre o aumento da velocidade das vias e como os acidentes podem “engrossar as fileiras da delegação paraolímpica brasileira” (KFOURI, 2016, Folha de S. Paulo, p. 34). Entende-se a origem de sua crítica, que vem de uma grande insatisfação com os governos estadual e federal da época, mas no momento da publicação da coluna, se mostrou bastante infeliz e em nada condizia com que estava sendo passado pelos Jogos e pela própria cobertura do jornal.

Na página 2, conhecida na *Folha* e em diversos jornais como espaço para editoriais e colunas opinativas de profissionais de fora dos veículos, foram encontrados

três textos que abordaram as Paralimpíadas. Dois no dia 09 e o último no dia 19. O primeiro, intitulado “Emoções Paraolímpicas” (p. 02, 09 set. 2016), não possui assinatura de um repórter específico, sendo assim a própria visão editorial do jornal. O texto informa números gerais dos jogos e estabelece várias comparações com as Olimpíadas, como a diferença de verba repassada para os Comitês Nacionais Olímpico e Paralímpico e algumas promessas de medalhas. Termina com a queda da ex-atleta Marcia Malsar, que no trecho final do revezamento da tocha caiu no meio palco montado no Maracanã e se levantou sozinha. Neste texto, a superação aparece novamente, no trecho:

Afinal, se no esporte de alto rendimento quase tudo se resume a triunfo muitas vezes infinitesimal sobre os limites do corpo e da mente humanos, o espetáculo passa agora a ser protagonizado por corpos e mentes dotados de limitações bem mais básicas – o que dá nova vida a toda a retórica sobre superação e esforço, tão exaurida após a maratona Rio-2016 (FOLHA DE S. PAULO, 2016, p. 2)

Ainda no dia 09, o texto “Um mundo para todos” da jornalista Claudia Costin, usa o “gancho” das Paralimpíadas para escrever sobre inclusão e o que pode e deveria ser feito para que se torne viável. Para Claudia, o debate sobre a inclusão da pessoa com deficiência deve incluir crianças, jovens, adultos e idosos e também defender outros grupos em situações vulneráveis, como afetados pela guerra, perseguição e pobreza.

No dia 19, foi a vez de Ruy Castro escrever um texto sobre as Paralimpíadas, onde falou sobre o grande número de pessoas com deficiência que o Rio recebeu durante os Jogos e a avaliação positiva que a Rio-2016 obteve dentro e fora do país. O jornalista utilizou números e informações que já haviam sido apresentadas em outras matérias do jornal, sem trazer qualquer nova informação, diferente de boa parte dos colunistas da *Folha*.

No primeiro dia, o caderno de Esportes dedicou as páginas centrais para as Paralimpíadas. Não apenas sobre a Cerimônia de Abertura, mas também as expectativas sobre a participação brasileira. A primeira matéria informa sobre a delegação nacional, explicando que ela foi formada por atletas de diversas gerações, os investimentos recebidos pelo CPB no ciclo, patrocínios privados, entre outros tópicos. As demais se dedicam ao revezamento da tocha pelo Rio e detalhes da Cerimônia de Abertura

Além dessas matérias, foram apresentados alguns infográficos que também possuem uma função de serviço. Primeiro, com o nome “Rio Paraolímpico”, apresenta o calendário de competições, com os locais e os dias de eventos. A partir do calendário,

aparecem boxes com três grandes destaques do Brasil: Daniel Dias, Terezinha Guilhermina e a seleção de Futebol de 5. Um segundo, sem título, mostra um mapa do Rio de Janeiro com os locais de competição e os modos de acesso, como metrô, trem, BRT e VLT.

Fora as matérias e reportagens, outros dois tipos de conteúdo estiveram presentes na cobertura. O primeiro foi a coluna “Cariocas”, que consistia em notas com outros acontecimentos do dia anterior no Parque Olímpico, como medalhas, curiosidades e números da Rio-2016. O segundo é o “Na TV”, que já é de prática comum na *Folha*, mas aqui teve uma adaptação para abordar especificamente sobre as principais provas e eventos das Paralimpíadas que seriam transmitidas na TV. Mas como estes não foram publicados em todos os dias dos Jogos, acabou deixando algumas lacunas, principalmente a agenda televisiva.

A tecnologia no esporte paralímpico foi uma pauta bastante presente durante a cobertura do jornal, principalmente por ser uma característica intrínseca aos Jogos. As pautas tinham como função, em sua maioria, explicar como funciona, como foi o caso do perfil da alemã Denise Schindler. O texto não fala apenas da trajetória de Denise, que na realidade aparece em segundo plano. O foco era a discussão e apresentação das inovações tecnológicas da Rio-2016 como próteses feitas em impressoras 3D, como a da própria Denise. É detalhado como funciona a criação de uma nova prótese para os atletas.

A matéria também inclui um dos debates mais importantes dos últimos anos no esporte paralímpico: se essas inovações podem trazer vantagem para os atletas paralímpicos, em comparação inclusive com os olímpicos. O repórter cita alguns momentos onde a tecnologia esteve no centro das polêmicas, ambos dos Jogos de Londres-2012. O primeiro foi a solicitação de Oscar Pistorius, que permitiu sua participação nas Olimpíadas, junto aos atletas convencionais. O segundo, também envolvendo Pistorius, foi a final paralímpica dos 400 metros categoria T44, para biamputados. Naquela edição, o sul-africano, que era o favorito ao ouro, foi batido pelo brasileiro Alan Fonteles. Posteriormente, Pistorius acusou Fonteles de levar vantagem na performance com sua nova *blade*, nome dado à prótese de velocistas.

Dentro desta reportagem, havia também um box que contava a rotina da oficina da Ottobock, empresa alemã de próteses, que estava como responsável pela manutenção não apenas das próteses dos atletas, mas também cadeiras de rodas e bicicletas.

Pelos parâmetros estabelecidos nesta pesquisa, o melhor texto acerca deste tema da tecnologia veio em uma coluna. Escrito pela jornalista Mariana Lajolo, no dia 09, o

texto apresenta o caso de Markus Rehm, que já foi citado no primeiro capítulo desta dissertação. Mesmo sendo um formato de texto essencialmente opinativo, Lajolo faz quase uma reportagem, analisando o caso do alemão e as possíveis implicações deste pedido.

Lajolo se mostrou um dos principais destaques positivos desta pesquisa, produzindo materiais bem escritos, sempre bastante embasados em dados e até entrevistas, mesmo escrevendo uma coluna, espaço onde ela poderia aplicar mais sua opinião, mas preferiu ir por outro caminho. Outro exemplo de Lajolo é o texto “Corre, Petrócio!”, do dia 16. Nesta coluna, ela escreve sobre a mecânica do movimento de Petrócio Ferreira, do atletismo, que não possui parte do membro superior esquerdo. A jornalista inclusive entrevistou médicos especializados em treinamento esportivo para informar o leitor com mais bases científicas. Um ótimo esforço em apresentar conteúdos que não são comuns na cobertura paralímpica.

No quesito textual, são poucos os equívocos de informação notados nas matérias e reportagens do jornal. Mas algumas se sobressaem, como no dia 09, onde o repórter Jairo Marques informava sobre a primeira medalha de Daniel Dias nos Jogos e escreve: “Depois de passar tranquilamente pela classificatória dos 200m livre na classe S5, para pessoas com deficiência física (...)” (MARQUES, 2016, Folha de S. Paulo, p. 38). Aqui temos uma falha de informação, já que, na realidade, existem várias classes e graus distintos para deficiência física nas Paralimpíadas, especialmente na natação. Faltou falar do grau de deficiência, pois assim fica possível diferenciar Daniel Dias (S5) de André Brasil (S10) e outros atletas.

Sobre as classes funcionais e suas explicações, há a impressão de que o jornal não buscou uma padronização com seus repórteres. Existem textos que passam a informação completa, a classe e o que significa, outros escrevem que apenas se trata “de uma prova para deficientes mentais”, enquanto um terceiro grupo utilizam as siglas das classes sem contextualização. Esta terceira é a mais problemática, como já mencionada anteriormente, porque acaba tratando o leitor como uma pessoa que entende o funcionamento do esporte paralímpico, o que não acontece na maior parte dos casos.

Por outro lado, é interessante notar que a *Folha* variou bastante em sua abordagem das matérias, indo ao encontro do que foi apresentado por Hilgemberg (2017a) sobre como os atletas preferem ser representados pela imprensa. Há textos que abordam a história de vida dos competidores e a origem de suas deficiências, enquanto há outros que focam no histórico competitivo do atleta, suas melhores performances em Jogos e

Mundiais e, no caso de textos de maior fôlego, como perfis e reportagens, essas duas características acabaram se mesclando.

Sobre a história dos atletas nos âmbitos pessoal e esportivo, a *Folha* ainda produziu outros conteúdos sobre a temática. No dia 13, o jornal dedicou quase meia página para tratar deste tópico com outro viés. Era uma reportagem sobre como que metade dos atletas brasileiros que competiram nas Paralimpíadas do Rio haviam começado a praticar seus esportes apenas após se tornarem deficientes. O texto se baseou em uma pesquisa do *DataSenado*, que traçou um perfil do atleta paralímpico baseado em duas questões: se o atleta já praticava o esporte antes da deficiência e o que o levou ao esporte paralímpico. Os resultados são interessantes e a *Folha* foi o único veículo a abordar esta pesquisa, mas vale notar que ela é falha em um componente básico: a primeira pergunta tem uma grande limitação. Como existem diversos paratletas com deficiências congênitas, ou seja, já nasceram com elas, não seria possível a prática esportiva antes de adquirirem a deficiência.

Durante as Olimpíadas, a *Folha* tirou o seu caderno de Esportes de circulação e colocou no lugar o suplemento Rio-2016 pela duração dos Jogos. Já nas Paralimpíadas não foi tomada a mesma atitude. Os Jogos Paralímpicos tiveram que dividir o espaço com as demais modalidades dentro do próprio caderno de Esportes.

A única exceção se deu no dia 19, quando a *Folha* produziu um caderno de Esportes e um especial Rio-2016, no mesmo molde do projeto das Olimpíadas, tratando exclusivamente sobre as Paralimpíadas. A principal diferença é que a edição paralímpica contava com mais conteúdo de reportagens, abordando brevemente os acontecimentos do último dia dos Jogos. O especial, com 8 páginas, abriu com um texto introdutório do repórter Jairo Marques, autor da reportagem sobre a acessibilidade em São Paulo, sobre as matérias presentes no caderno e fazendo um breve balanço da participação brasileira.

A primeira reportagem fazia um balanço da participação brasileira nos Jogos, debatendo a meta não alcançada de ficar entre os cinco primeiros no quadro de medalhas. O texto destacava nomes que tiveram participação positiva, como Daniel Dias, e outros que deixaram a desejar como Terezinha Guilhermina e Alan Fonteles e comparava o Brasil com outros países, principalmente China e Grã-Bretanha. Isto pelo fato de terem sido as duas últimas sedes, o que normalmente representa uma performance acima da média para o país anfitrião. O texto ainda possui uma correlata, com informações da coletiva do presidente do CPB, Andrew Parsons, onde ele falou sobre a performance

brasileira, a renovação de atletas para Tóquio e suas críticas à países como China e Ucrânia por “esconderem” seus principais talentos ao longo do ciclo paralímpico.

Os infográficos estiveram bastante presentes neste caderno especial. Primeiro, com um histórico da participação brasileira em Paralimpíadas. Além disso, a colunista Mariana Lajolo produziu uma lista com 10 destaques entre os atletas brasileiros e 10 destaques entre os de outros países. Todos os atletas tinham uma foto e um box com informações gerais (nome, idade, medalhas conquistadas, categoria e um breve texto explicando sua escolha). Houve uma certa variedade de modalidades entre os 20 destaques, mas o atletismo foi o mais representado com nove nomes, três entre os brasileiros e seis entre os estrangeiros. Além disso, natação, tênis de mesa, bocha, judô, ciclismo entre outros foram destacados. Lajolo ainda escolheu um de cada lista como o destaque principal. Ambos são do atletismo: no Brasil, Petrucio Ferreira e no internacional, a americana Tatyana McFadden.

Um dos textos que mais chamou a atenção no caderno também foi escrito pela colunista Mariana Lajolo. Em “Com China no topo, elite paraolímpica destoa da olímpica” (p. 44, 19 set. 2016), a jornalista faz uma ótima análise sobre como cada um dos países do Top 4 no quadro e medalhas trabalham para o desenvolvimento do esporte paralímpico. Os projetos da China e da Ucrânia com maior destaque e Estados Unidos e Grã-Bretanha em menor. É um ótimo texto para entender a realidade de outros países e comparar com a situação brasileira, que já vinha sendo apresentada pelo jornal ao longo dos Jogos.

O caderno encerra com dois conteúdos na sua última página. Primeiro, uma análise das Paralimpíadas, pela ótica da organização. Segundo a matéria, que não possui assinatura, os Jogos representaram um momento emblemático da inclusão no Brasil, colocando o evento como um sucesso que não foi abalado por críticas pontuais. Críticas estas que já haviam sido destacadas pela *Folha* durante os 11 dias: rampas fora de padrão, banheiros com barras de apoio irregulares, desinformação de alguns voluntários e as filas no transporte público. A reportagem ainda traz o contraponto do Comitê Organizador, que pouco rebateu as reclamações, preferindo comentar sobre outras questões que eles viam como positivas.

O último é um combinado de galeria fotográfica com infográficos. A equipe do jornal selecionou cinco fotos que mostravam momentos diferentes dos Jogos. Três imagens, reproduzidas abaixo, batem de frente com as recomendações do guia de Pappous e Souza (2016). A primeira, na última linha à esquerda que mostra o atleta japonês sendo

consolidado por seu guia após terminar em último em sua prova, entra na categoria onde discorda-se do guia, já que a derrota é algo inerente ao esporte competitivo e não faz sentido mostrar apenas os momentos e reações dos vencedores. Na segunda, na linha de cima à direita, também discorda-se do guia. O texto afirma que os atletas não devem ser retratados fora do contexto esportivo e em condição de isolamento. Mas acredita-se que a imagem não mostra um isolamento do atleta e nem que não possui relação com o esporte, já que no momento do clique ele está se preparando para sua prova, algo comum no dia-a-dia.



Imagem 6: Galeria fotográfica publicada no suplemento “Rio-2016” pela *Folha de S. Paulo* no dia 19/09/2016 (Fonte: *Jornal Folha de S. Paulo*)

Já a terceira foto, na última linha à direita é mais complicada, segundo os parâmetros do guia. Ela mostra um atleta chinês da natação se alongando e a legenda fala que essa foto foi tirada após sua prova, mas a impressão que fica é de que na verdade ela foi tirada antes. O atleta está sendo fotografado de costas e ele estica o seu braço (amputado a partir da metade do seu antebraço) acima da cabeça. Ela também vai contra o que é colocado pelo guia de Pappous e Souza, mas neste caso específico há uma ressalva

da recomendação, já que esta foto não passa uma impressão de diminuição ou isolamento do paratleta e não há necessariamente um foco na deficiência.

Por outro lado, as outras duas fotos são boas, segundo os parâmetros do guia, com destaque para a do britânico William Bayley no tênis de mesa, comemorando o ouro após bater o brasileiro Israel Stroh pulando em cima da mesa com Israel ao lado.

Já os dois infográficos mostram números gerais das Paralimpíadas do Rio, com ingressos vendidos, voluntários envolvidos e recordes quebrados e *tweets* que viralizaram durante o evento, como o da atleta do ciclismo Sophie Thornhill emocionada após receber uma mensagem de apoio de seu time, o Manchester United.

Ao longo dos 13 dias analisados, a *Folha* publicou 75 fotos que estavam ligadas às matérias e reportagens da pesquisa, além das capas e Folha Corrida. As imagens não mostravam apenas os atletas em momento de competição: também foram verificadas fotos de personalidades ligadas ao esporte paralímpico, como Andrew Parsons, então presidente do CPB, do público no Parque Olímpico e nas arenas e situações diversas, como a mascote das Olimpíadas, Vinícius, na cerimônia de abertura das Paralimpíadas.

O tipo de foto mais presente na cobertura é a que retrata os acontecimentos esportivos. Jorge Pedro Sousa (2002) defende que as fotos de esporte não deveriam constituir uma categoria própria, podendo ser classificadas como as de notícias em geral ou *features*, mas analisa manuais de redação que individualizam o esporte, por causa da diversidade de modalidades e o espetáculo que é proporcionalizado. Ainda segundo o autor, as fotos esportivas devem ter ação e transmitir uma emoção para o leitor. Assim, a imagem poderá revelar a linguagem do corpo do jogador e suas expressões faciais e oculares durante a disputa (SOUSA, 2002).



Imagem 7: Fotos publicadas pela *Folha de S. Paulo* ao longo da cobertura dos Jogos (Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*)

As imagens exibidas acima são alguns dos exemplos encontrados, mostrando três modalidades paralímpicas diferentes: atletismo, natação e tiro esportivo. Com a exceção das fotos já analisadas acima na galeria do caderno publicado no dia 19, as imagens que retratam a ação esportiva, apresentadas aqui ou não, seguem os padrões, não apenas os de Sousa (2002), como os de Pappous e Souza (2016).

Em quantidade menor, existem outros dois tipos de fotos encontradas: imagens posadas, localizadas principalmente em reportagens e perfis e não posadas, mas que não retratam os acontecimentos esportivos, como as imagens das Cerimônias de Abertura e Encerramento, dos atletas antes do início de uma partida ou as fotos da reportagem sobre a acessibilidade em São Paulo. Abaixo, exemplos dos dois tipos:



Imagem 8: Fotos publicadas pela *Folha de S. Paulo* ao longo da cobertura dos Jogos (Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*)



Imagem 9: Fotos publicadas pela *Folha de S. Paulo* ao longo da cobertura dos Jogos (Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*)

Entre as 75 fotos que compõem a cobertura fotográfica da *Folha*, apenas uma foi considerada mais problemática pelos parâmetros desta pesquisa. Esse é um resultado positivo e que é bastante diferente do que foi encontrado em outras pesquisas, como de De Léséleuc, Pappous e Marcellini (2009), que apontaram um grande número de imagens que focavam mais na deficiência. A imagem em questão foi publicada na edição de 07 de setembro, nas páginas centrais do caderno de Esportes dedicadas às Paralimpíadas.



Imagem 10: Foto publicada pela *Folha de S. Paulo* no dia 07/09/2016 (Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*)

A imagem informa pouco o leitor. Não é possível aferir a nacionalidade dos atletas, nem o local onde ela foi tirada ou o que estão fazendo. A legenda diz: “Atletas em recepção na Vila Paraolímpica na Barra; competições começam na quinta-feira (8)” (FOLHA DE S. PAULO, 2016, p. 27). Além da falta de informação para o leitor do jornal, ela vai contra uma das recomendações mais importantes do guia de Pappous e Souza (2016): há um foco excessivo na deficiência. A foto mostra em primeiro plano dois atletas utilizando próteses nas pernas, contrastando com os atletas em segundo plano. Esse close descaracteriza os atletas e não acrescenta nada na informação que está sendo repassada na matéria.

A *Folha* conseguiu aplicar à cobertura das Paralimpíadas um pouco de sua proposta original do caderno de Esportes. Não ficou restrita aos resultados dos eventos esportivos, mas também conseguiu abordar as questões políticas e econômicas do esporte, além de perfis de atleta brasileiros e internacionais, seguindo a análise de Gurgel (2012). Em comparação aos demais veículos, o número de reportagens foi satisfatório, porque conseguiu abordar várias questões importantes para o esporte e o movimento paralímpico.

Entre as pautas abordadas pelas reportagens estava o aumento dos recursos destinados para o esporte paralímpico ao longo dos anos. O texto, de 08 de setembro, informava sobre convênios, a Lei Agnelo/Piva e o financiamento pós ciclo Rio-2016, fazendo uma comparação interessante com outros países que disputavam com o Brasil as primeiras posições no quadro de medalhas. Sobre as medalhas, no mesmo dia, outra matéria noticiava a inversão de poderes entre as Olimpíadas e as Paralimpíadas, os países

que ganham forças nas disputas paralímpicas, como Ucrânia, China e Grã-Bretanha. Ainda no âmbito econômico, outra reportagem do mesmo dia abordava sobre a investigação que o Tribunal de Contas da União estava fazendo sobre a prestação de contas do CPB e do presidente Andrew Parsons. A reportagem apresenta o caso e traz também a defesa de Parsons, com as explicações, além de uma certa crítica ao TCU, falando que o órgão havia se precipitado.

Os atletas também tiveram espaço dentro das matérias da Folha, onde conseguiram não apenas comentar sobre suas performances na Rio-2016 como também apresentaram suas visões e opiniões sobre a estrutura do esporte paralímpico no Brasil e o financiamento, que à época era um dos tópicos mais preocupantes. Durante os ciclos de Londres e do Rio, os Governos Federal e Estaduais investiram grandes quantias de dinheiro para ajudar a desenvolver ainda mais os atletas que almejavam os Jogos do Rio e aumentar o processo de fomentação na base. Tudo isso para garantir uma boa performance da delegação brasileira.

Havia a preocupação se esse financiamento seria mantido ou pelo menos sofresse um corte que não prejudicasse os atletas. E isso acabou acontecendo mesmo antes da Rio-2016. No dia 11, a *Folha* fez uma matéria com o judoca Antônio Tenório, após conquistar sua sexta medalha paralímpica. No texto, o repórter abre espaço para Tenório tecer críticas ao Governo de São Paulo, por este ter cortado seu patrocínio no meio do ciclo, o que o deixou sem equipamentos e suplementos. Ele ainda comenta sobre a crueldade do esporte de alto rendimento ter os patrocínios atrelados aos resultados. Para o esporte paralímpico, esta condição pode ser ainda pior. Como é um tipo de esporte de visibilidade menor, conseqüentemente já existe um menor número de empresas e instituições dispostas a vincular seus nomes aos atletas. Por isso, para muitos paralímpicos, os financiamentos governamentais são essenciais para o desenvolvimento.

Se comparado à EBC, a *Folha* também deu maior destaque às modalidades mais tradicionais, como o Atletismo e a Nataçãõ, mas em menor grau. Não deixou de pautar as outras modalidades, que apareceram mais em conteúdo não-factuais, como perfis e reportagens. Mesmo assim, as coletivas acabaram meio esquecidas, aparecendo mais em notas ou tendo espaço apenas em situações pontuais. Um exemplo é o tetracampeonato da seleção brasileira de Futebol de 5 e o perfil do atleta iraniano do Vôlei Sentado Morteza Mehradselkjani, que se destacou devido à sua altura de 2,46m.

3.5. Na agilidade do *online*: a cobertura do portal *Estadão*

Concluída a segunda etapa, iniciou-se a terceira análise: do *Portal Estadão*, ligado ao jornal impresso *O Estado de S. Paulo*. O *Estado* é um dos veículos mais antigos e tradicionais do estado de São Paulo e do Brasil, tendo uma trajetória iniciada ainda no século XIX, em 1875.

A escolha da versão *online* do *Estadão* em vez do jornal impresso se deu por dois motivos: primeiro, ao fazer a comparação entre as edições impressas do *Estadão* e da *Folha*, percebeu-se que esta última possuía uma visão diferenciada da cobertura esportiva da maioria dos jornais. Essa diferenciação já foi melhor explicada no subcapítulo anterior, onde se analisou a visão do jornal em abordar o esporte além da competição.

A segunda razão tem uma ligação com o meio *online*, mas vai além. O *Grupo Estado* tem uma tradição de investir em suportes além do impresso e em conteúdos multimídia. Desde a década de 1950 tinha uma emissora de rádio como parte de seu grupo, a *Eldorado*, que em 2011 ganhou o nome de *Rádio Estadão ESPN* e posteriormente apenas *Rádio Estadão*, até o seu encerramento em 2017.

Nos últimos anos, o *Estadão* foi um dos veículos que mais apostou na produção de conteúdos multimídia para suas plataformas na internet. Possui canal no *YouTube*, perfis no *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, produz material para os *stories* no *Instagram* e *podcasts*.

O *Estadão* entrou no mercado de *podcasts* brasileiro em 2017, quando o número de programas nacionais disponíveis ainda não era tão grande quanto hoje. Eles começaram com quatro programas e com menos de seis meses, já haviam atingido mais de um milhão de *downloads* e reproduções e o número de *podcasts* aumentou para 16, com temas diversos dentro de suas editorias, indo da política à tecnologia, da economia aos esportes.

Assim, esperava-se que o conteúdo do *Portal Estadão* tivesse uma diversidade maior de formatos, indo além do material mais comumente encontrado no Jornalismo *online*: o texto que pode ou não ser acompanhado de uma foto. Mas não foi o que aconteceu. Registrou-se apenas uma pequena quantidade de conteúdos que fugiam disso.

Outra decisão tomada foi a de não analisar os materiais de redes sociais. Essa opção se deu porque poderia aumentar demais o *corpus* desta pesquisa, que já era bastante volumoso. Além disso, boa parte das postagens dos veículos nas redes sociais são apenas chamadas para matérias em seus portais, o que não em nada agregaria à análise.

Assim como a *Folha*, o *Estadão* também entrou no debate “Paralimpíada” x “Paraolimpíada”. Em uma breve matéria, o veículo explica a origem da palavra sem “o” e informa ao público que preferiu seguir o padrão baixado pelo Comitê Paralímpico Internacional, alegando que foi um processo para criar uma padronização nos países de língua portuguesa. Mas termina lembrando que mesmo adotando essa versão, ela ainda vai contra as regras de ortografia da língua portuguesa.

Com isso, o material coletado do *Portal Estadão* para esta pesquisa totaliza 168 peças, entre matérias, reportagens, notas de colunas e vídeos. No caso do portal, a pesquisa se mostrou um pouco mais complexa que os demais veículos, já que foi necessária uma busca avançada pelo site, utilizando diversas palavras-chave, como “Paralimpíadas”, “Paralímpico”, “Rio-2016”, “Deficiência”, “Deficiente”, “Acessibilidade”, entre outras, para garantir que nenhum material relevante para a análise fosse deixado para trás.

No primeiro dia analisado, a cobertura foi marcada por um tom de situar o leitor sobre os Jogos. Foram produzidas matérias sobre a organização das Paralimpíadas, o orçamento reduzido e a crise que foi evitada com o aumento da venda de ingressos, a história das Paralimpíadas, a organização do esporte paralímpico a nível nacional e internacional, brasileiros para o público ficar de olho e o calendário de competições. A Cerimônia de Abertura também esteve presente no material do dia 07, informando o que o público poderia esperar e o revezamento da tocha, que percorria o Rio durante o dia.

Durante a Cerimônia, os repórteres também publicaram matérias. Uma falou sobre as críticas feitas por cadeirantes sobre o acesso ao Maracanã. O texto destacou que havia uma grande quantidade de pessoas com deficiência presentes no estádio e que o trajeto havia sido facilitado para chegar ao local, mas ainda estava longe do que deveria ser o ideal. Incluía ainda depoimentos de pessoas sobre os problemas do acesso de carro devido às diversas barreiras de proteção colocadas ao redor do local.

O presidente Temer também fez parte do material do primeiro dia. Ele aparece em três textos, sendo que é o destaque em dois. Primeiro, informa sobre seu encontro com chefes de governo antes da Cerimônia de Abertura e outras duas abordavam as vaias à Temer no momento que declarava os Jogos abertos.

As matérias com os resultados dos eventos esportivos foram produzidas como uma “cascata de resultados”. Um mesmo texto abordava várias provas, de uma mesma modalidade ou de diversas, dependendo da proposta. Uma matéria que dava destaque a um brasileiro, por exemplo, apresentava resultados de diversos atletas do Brasil que

competiram naquele dia. Enquanto uma que tratava do Basquete em Cadeira de Rodas noticiava também os placares das outras partidas do dia.

Chama a atenção que, com isso, em várias matérias havia repetição da mesma informação. A medalha de um brasileiro ganhava um texto próprio, mas também aparecia outras vezes ao longo do dia, provavelmente para que o público que acessa o site em horários diferentes tomasse conhecimento do que estava acontecendo no Rio de Janeiro.

Com esse formato de noticiar o resultado de vários brasileiros simultaneamente, mesmo que a cobertura fosse pautada pelos resultados positivos ou destaques negativos (a desclassificação de Terezinha Guilhermina, por exemplo), os atletas que não conquistavam medalha também apareciam nos textos. Mas geralmente consistia apenas em uma citação rápida mencionando que haviam competido e terminado em uma posição fora do pódio.

Por outro lado, essa forma de produção e edição criou um certo problema de informação, que pode ser exemplificado na matéria do dia 08 de título “Após ouro no Rio-2016, Daniel Dias diz que quer ‘conquistar respeito do povo’”. Tanto o título quanto a linha fina falam apenas de Daniel Dias. O texto descreve a emoção do atleta por estar competindo em casa, números de sua carreira, recordes e os seus objetivos nos Jogos do Rio. Porém, nos parágrafos finais, a participação de Daniel no primeiro dia é usada como gancho para tratar de outro brasileiro: Ítalo Pereira

Ítalo, que também é da Natação, havia competido no primeiro dia e conquistado sua primeira medalha nos Jogos. Porém, os três parágrafos dedicados a ele possuem uma abordagem totalmente diferente a de Daniel. Informa sobre como ele começou no esporte paralímpico, as dificuldades que teve ao longo de sua vida em conciliar os treinos. Fica a indagação de que se, em casos como esse, não deveria ter um intertítulo ou algo que separasse do texto e do destaque da matéria, além de alguma indicação na linha fina.

O trecho dedicado a Ítalo também tem outra característica que merece ser mais analisada: o foco no texto é mais a sua vida dentro do âmbito esportivo, falando inclusive das sessões de fisioterapia que o atleta fazia antes de começar na natação. Mas, em momento algum a repórter explica qual é a deficiência de Ítalo, se é congênita ou adquirida, nem qual classe ele compete nos Jogos. A abordagem acaba sendo similar ao que é visto em alguns guias (PAPPOUS; SOUZA, 2016; INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014) e até mesmo o que alguns atletas defendem (HILGEMBERG, 2017a), de que a deficiência não deveria ser o foco das matérias e

reportagens sobre eles. Mas a impressão que fica, como leitor, é que há uma lacuna de informação, uma omissão por parte da jornalista.

Mesmo com as matérias focando nos resultados dos atletas, é necessário destacar que houve um esforço, por parte dos repórteres, de trazer também informações sobre os atletas, além da competição. Na grande maioria, o foco era a história pessoal e o momento de entrada no esporte paralímpico. Mas, foram encontrados outros textos que apresentavam informações similares a de Ítalo, mostradas acima.

Mais do que em qualquer um dos outros analisados, o meio *online* representa um espaço livre para a produção, em vários âmbitos, como quantidade de matérias, tamanho das mesmas, variedade de suportes utilizados, entre outros, sendo uma de suas principais potencialidades (SALAVERRÍA, 2014). Entrando especificamente no tamanho das matérias, uma característica bastante presente no material do *Portal Estadão* chamou a atenção. Assim como em outros veículos, a informação veio, de certo modo, incompleta, ao não explicar para o leitor as classes e os seus significados.

Porém, para o *online*, o espaço não é uma desculpa para justificar o porquê deste tipo de informação não estar presente. No rádio, na televisão e no impresso até é possível compreender, já que os repórteres lidam com limitações de tempo e espaço, tentando colocar o máximo de conteúdo em uma edição predeterminada. No *Portal Estadão* isso não acontece.

Além de representar uma desinformação para o leitor, pode também causar confusão. No dia 08, por exemplo, uma matéria informava sobre sete nadadores brasileiros que haviam avançado para as finais de suas respectivas provas. A falta de informação sobre a classe destes atletas acaba criando um erro pelo modo como o texto foi escrito. Ao ler, fica a impressão de que Ítalo Pereira e Talisson Glock iriam competir juntos na final dos 100 metros costas masculino, quando, na realidade, isso não aconteceu, já que o primeiro está na classe S6 e o segundo na S7.

Existem outros exemplos onde a equipe do portal fez um ótimo trabalho em passar a informação completa, de modo sucinto. Em matéria do dia 08, de Marcio Dolzan, sobre a prata de Odair Santos no Atletismo, o repórter escreve: “O atleta de 35 anos ficou com a prata na prova dos 5.000 metros T11 (cego total), na primeira final disputada no Engenhão” (DOLZAN, 2016a). Esse caso exemplifica muito bem como que a informação completa não é necessariamente algo complexo de ser transmitido para o leitor. Outro exemplo, no dia 13, em matéria sobre o pódio de André Brasil e Phelipe Rodrigues: “A

classe S10 é disputada por nadadores com afetação leve de uma ou duas extremidades ou comprometimento leve de uma ou diversas articulações” (DOLZAN, 2016b).

Outros erros de informação também foram cometidos. No dia 08, por exemplo, em matéria que informava o primeiro ouro de Daniel Dias, a repórter escreveu que o brasileiro disputava a “categoria S5 de dificuldade” (REZENDE, 2016a). Isso se constitui em um erro, já que a numeração, por mais que tenha a ver com graus de deficiência, não tem relação com graus de dificuldade.

O *Portal Estadão* chegou a dar mais destaque às modalidades coletivas, em comparação aos outros veículos. A proposta dos textos que noticiavam resultados de diversas modalidades colaborou para isso. Em boa parte dos textos, eles foram abordados em conjunto. Uma matéria sobre o Futebol de 5 informava, em sequência, os resultados do Basquete em Cadeira de Rodas, do Futebol de 7 e do Rugby em Cadeira de Rodas, por exemplo. Mas também por ser muito pautado pelos resultados, houve poucas matérias que aprofundassem essas modalidades, explicando o funcionamento, ou perfis dos atletas.

Uma dessas reportagens tratava do Futebol de 5 a partir da performance de Jefinho, destaque da seleção nos Jogos. Como já analisado no subcapítulo sobre a Empresa Brasil de Comunicação, é visível o quão mais confortáveis os repórteres de esporte se sentem para falar do esporte paralímpico quando abordam o Futebol, principalmente o de 5, que é tão vitorioso quanto a Seleção Brasileira de Futebol. Isso é exemplificado em trechos como o seguinte:

O jogo é elegante. Bola dominada, atletas fazendo fila a dribles, jogadas sempre com a cabeça erguida, gols invariavelmente bonitos. O Futebol de 5, praticado por cegos, é de alta qualidade, principalmente quando se trata da seleção brasileira, que venceu as três primeiras competições nos Jogos Paralímpicos do Rio e agora encaminha sua classificação para o tetra (DOLZAN, 2016c)

Nesta reportagem há mais um exemplo de comparação entre atletas paralímpicos e convencionais, neste caso entre Jefinho e Neymar. Mas, para além do jogador, o texto também aborda o funcionamento da modalidade, o silêncio nas arenas e a dificuldade do público em manter esse silêncio em diversos momentos da partida.

Outra reportagem dá destaque a uma modalidade que pouco esteve presente nos materiais dos quatro veículos analisados nesta pesquisa: o Rugby em Cadeira de Rodas. Este foi um dos melhores textos produzidos pelo *Estadão* durante a cobertura, pelo fato de explicar o Rugby por uma perspectiva diferente. Através da atuação do mecânico,

figura chave para manutenção do jogo em andamento, o repórter consegue trazer a emoção para o público, como pode ser lido já no primeiro parágrafo do texto:

A cada *tackle* parece que vai sair faísca nas trombadas das cadeiras de rodas. O público se levanta nessa hora e também quando os atletas marcam o *try*, o famoso gol do rúgbi. O campo de jogo é menor que no esporte tradicional, mas a emoção do Rúgbi em Cadeira de Rodas é parecida. Só que nesta modalidade dos Jogos Paralímpicos existe uma figura central: o mecânico (FAVERO, 2016)

Houve uma certa tentativa, por parte da equipe do *Portal* de fazer com que o público entendesse melhor o funcionamento das Paralimpíadas. Ao longo dos 13 dias analisados, diversas matérias trouxeram, ao final, um infográfico interativo sobre as modalidades. Ele era formado pelos pictogramas de cada esporte do programa paralímpico que, ao clicar, abria embaixo uma breve descrição da organização e funcionamento e uma foto de um atleta de destaque nos Jogos. As descrições eram breves, porém, como o exemplo do atletismo mostra, eram efetivas:

Dividido em provas de pista (incluindo maratona) e campo (saltos, arremessos e lançamentos), a modalidade permite a presença de deficientes intelectuais e visuais (orientados por guias), amputados, cadeirantes, paralisados cerebrais e anões. As siglas das classes são T (*Track*) e F (*Field*) (FAVERO, 2016)

Como já dito acima, a explicação é curta, mas ajuda a sanar várias dúvidas sobre o funcionamento. Obviamente poderia ser mais completa, informando os números referentes a cada tipo de deficiência. No entanto, já ajuda a suprir boa parte da lacuna de informação dos leitores.

Também foram encontradas matérias com um tom mais histórico. Além da tradicional sobre a história das Paralimpíadas e da participação brasileira nos Jogos, que foram comuns a todos os veículos, também houve pautas que pouco foram observadas ao longo da pesquisa.

Uma delas, do dia 08, tratava da fraude da seleção espanhola de Basquete em Cadeira de Rodas. Nos Jogos de Sydney-2000, parte dos atletas que competiram pelo time da Espanha não tinham as deficiências que eram requerimento para participar na modalidade. Isso foi descoberto por um jornalista, Carlos Ribagorda, que estava infiltrado entre os atletas. O escândalo levou a exclusão das provas para deficientes intelectuais nas Paralimpíadas, que estão sendo retomadas aos poucos, mas até o momento apenas em

poucas modalidades. Por algum motivo, essa mesma matéria foi republicada no dia seguinte, com título diferente e sem foto, entretanto, o texto era o mesmo do início ao fim.

Uma das principais observações da análise é que as matérias acabavam sendo muito repetitivas. Chegava inclusive a parecer que havia uma fórmula pronta, bastando as repórteres preencher os campos e inserir uma ou outra informação diferenciada.

Isso foi ainda mais presente nas diversas matérias que focavam em Daniel Dias. Por ter conquistado nove medalhas na Rio-2016, ele foi o personagem mais presente na cobertura da imprensa brasileira em geral. Assim, os textos pareciam muito similares, com a mesma informação e outros nomes.

Essa percepção pode ser exemplificada em três textos, todos publicados no dia 08 de setembro, assinados por Constança Rezende e que falavam sobre a primeira medalha de Daniel. O primeiro texto, publicado às 12h04, vinha com a seguinte frase: “Daniel Dias é o maior medalhista do País, com 15 conquistas, sendo dez de ouro, quatro de prata e um de bronze, conquistadas nos Jogos Paralímpicos de Pequim (2008) e Londres (2012). Também é dono de 14 títulos e seis recordes mundiais” (REZENDE, 2016b). A segunda, de 20h18, atualiza a informação após Daniel conquistar seu primeiro ouro no Rio: “Dias é o maior medalhista do País, com 15 conquistas, dez de ouro, quatro de prata e um de bronze, conquistadas nas Paralimpíadas de Pequim-2008 e Londres-2012. Também é dono de 14 títulos e seis recordes mundiais” (REZENDE, 2016a). Esse segundo texto possui, inclusive, um erro de informação. A matéria fala que ele havia ganhado o primeiro ouro, então na verdade Daniel tinha 16 conquistas e 11 medalhas de ouro. Já na terceira e última matéria, publicada às 22h35, há a atualização: “Dias é o maior medalhista do país, agora com 16 conquistas, 11 de ouro, quatro de prata e um de bronze, conquistadas nas Paralimpíadas de Pequim-2008 e Londres-2012. Também é dono de 14 títulos e seis recordes mundiais” (REZENDE, 2016c).

Pode ter sido uma estratégia do veículo, apesar de não ter sido possível confirmar devido à opção desta pesquisa de não realizar entrevistas com os jornalistas envolvidos na cobertura. Levanta-se esta hipótese porque, pelo que foi detectado na análise, o Estadão enviou poucos repórteres para o Rio de Janeiro. A grande maioria das matérias era assinada pelos mesmos dois jornalistas: Márcio Dolzan e Constança Rezende. Assim, havia uma carga muito grande de trabalho para poucas pessoas e esses modelos prontos poderiam ser uma ajuda para aliviar a condição.

Chama a atenção que mesmo matérias que poderiam ter sido feitas da redação do jornal, em São Paulo, eram assinadas pelos repórteres que estavam no Rio, como os textos que informavam apenas o resultado de provas que haviam brasileiros competindo. Reflete-se que se tratou de má utilização do trabalho dos jornalistas. Os profissionais poderiam aproveitar que estavam cobrindo o evento *in loco* para correr atrás de pautas diversas, que trouxessem um diferencial para o *Portal* em comparação com seus concorrentes.

Algo que notável é o fato de que são poucas as matérias coletadas do portal que discutem a acessibilidade. No subcapítulo anterior, sobre a *Folha de S. Paulo*, o tema foi mais debatido, inclusive levado para as ruas de São Paulo, para verificar se a cidade seria de fato acessível ou não para pessoas com diferentes deficiências. No *Portal Estadão*, o tema já aparece com pouquíssima frequência. Sobre o Rio de Janeiro, duas, sendo uma com as reclamações na Cerimônia de Abertura. Em São Paulo, mais duas. Uma sobre a campanha de inclusão no clássico entre Corinthians e Palmeiras e outra sobre acessibilidade nas escolas paulistanas.

Já a outra sobre o Rio de Janeiro, quebra um pouco o padrão do que foi visto até então nas matérias sobre acessibilidade. Diferente da grande maioria publicada na editoria de Esportes, essa é de Economia e noticia sobre como as empresas aéreas tiveram que se adequar e criar, antecipadamente, soluções para problemas que eles teriam durante as Paralimpíadas. Cita a empresa aérea *Latam*, por exemplo, e algumas das soluções apresentadas, como banheiros especiais para cães-guias.

Tirando poucos casos, a quase todas as reportagens presentes no material do *Portal Estadão* foram replicações do jornal impresso. Isso foi verificado através de uma comparação com as versões digitalizadas do jornal, disponíveis no acervo *online* do Portal. Elas foram formadas por perfis, como o da atleta belga Marieke Vervoort, que ganhou notoriedade nos Jogos com a sua decisão de praticar eutanásia, questões históricas como o caso da seleção espanhola de Basquete em Cadeira de Rodas, ou abordavam questões “extracampo”, como os imbrólios financeiros do Comitê Organizador Rio-2016 com as Paralimpíadas.

Um dos perfis que se destacou foi o do velocista Gustavo Araújo, medalha de ouro no Atletismo. Em um trecho, Gustavo fala como ele lida com o fato de ser hoje atleta paralímpico:

Quem vê a gente sorrindo, não sabe o que a gente passa. Essa situação dói muito. Eu não pensava que a visão fosse tão importante assim, achava que os óculos resolviam a minha situação e depois vi que não. Mas com energia positiva, as coisas dão certo (...) A mecânica do deficiente é diferente. A gente olha sempre para o chão, que é o campo de visão mais próximo. Também tenho sensibilidade à luz, não uso óculos por marra. Esses fatores atrapalham a corrida (REZENDE, 2016d)

Este perfil de Gustavo é um dos mais distintos entre os encontrados nesta pesquisa. Vai além de apenas contar sua história e inclui o seu ponto de vista sobre o que é ser deficiente e o que é ser atleta paralímpico. É algo que não se vê normalmente nos textos, que acabam seguindo muito o mesmo formato, contando a história do atleta, como chegou ao esporte paralímpico, objetivos e desejos.

Outro que chamou a atenção foi o do alemão Markus Rehm. Também do atletismo, mas do salto em distância, a reportagem se destacou por não abordar apenas a história de Rehm. Assim como o texto de Mariana Lajolo, da *Folha*, analisado no subcapítulo anterior, o foco aqui foi o seu pedido junto ao Comitê Olímpico Internacional e a Federação Internacional de Atletismo para competir nos Jogos Olímpicos.

O texto é acompanhado por um infográfico bastante completo, dividido em três partes. A primeira explica a estrutura e o formato de sua *blade*, chamada *Cheetah Xtreme*. Na segunda, uma ficha com dados gerais de Markus. E a terceira explica como funciona a prova do salto em distância e as implicações por trás de seu pedido. É uma reportagem bastante completa, mostrando diferentes aspectos do atleta, não apenas sua história de vida.

É bastante notável o uso do hipertexto nas matérias do portal. O hipertexto, segundo Canavilhas (2014), é um recurso que, na mídia *online*, permite ao leitor uma leitura não sequencial dos textos, através da ligação destes por meio de *links*. Assim, é possível efetuar diversas escolhas que vão criando seu próprio modo de leitura. No Jornalismo, esse recurso tem sido usado como forma de retomar e complementar informações que estão fora de um texto principal, como textos produzidos anteriormente. No *Portal Estadão*, esse recurso aparece principalmente nas matérias que analisam a participação brasileira ao longo dos Jogos. Ao falar dos resultados dos brasileiros, é possível acessar as matérias que tratavam mais a fundo as provas citadas.

Um tipo de material que apareceu ao longo dos dias de Jogos foi a lista com cinco eventos que o leitor não poderia deixar de assistir na televisão. Esse conteúdo era lançado na noite anterior ou no início do dia de competições. Pelo menos no *Portal* os esportes

coletivos tiveram mais visibilidade, diferente do que se viu em praticamente todo o material da análise. Mas vale registrar que, dos 55 eventos anunciados (5 por dia ao longo de 11 dias de competição), praticamente todos eram colocados como transmitidos apenas pelo *SporTV*. A cobertura da *TV Brasil* foi essencialmente ignorada, aparecendo em apenas três oportunidades.

Textos opinativos tiveram pouca presença ao longo dos 13 dias de análise. Todos discutiam a mesma questão: a performance da delegação brasileira e a busca pela meta de terminar entre os cinco melhores no quadro de medalhas. No geral, possuem tom similar: mesmo sem atingir a meta, a delegação brasileira deve se orgulhar das medalhas conquistadas. E destacavam que o problema foi a falta de ouros para poder pensar no quinto lugar, com alguns atletas que não estavam entregando os resultados esperados.

Um último tipo de texto que apareceu no material coletado foram as notas de colonistas. Foram duas, ambas de Sonia Racy. A primeira, do dia 15, usava as Paralimpíadas como gancho para relatar um acontecimento de Brasília. Na posse de Cármen Lúcia como presidente do STF, a deputada Mara Gabrilli, que é cadeirante, não conseguiu acompanhar a cerimônia no plenário por causa de uma escada. Sonia usou os Jogos para criticar a falta de acessibilidade na capital. A segunda, no dia 18 de setembro, tem mais um tom de curiosidade para o leitor, já que trata do desafio da equipe de figurinistas da Cerimônia de Encerramento, por causa da quantidade de roupas que tiveram que passar por prova e ajustes.

Com relação às fotos, elas estiveram presentes em boa quantidade. Foram 199 imagens publicadas entre os 168 materiais coletados. Mas é necessário fazer algumas ressalvas quanto a esse número. Como mencionado acima, durante os 11 dias de competição, o veículo fazia uma lista com cinco eventos que o leitor não poderia perder. Desses 11 dias, oito deles foram acompanhados por fotos, uma para cada competição. Assim, 40 das 199 vieram desse tipo de texto.

Segundo, foram publicadas três galerias fotográficas durante os 13 dias analisados. Uma sobre a performance da atleta Amy Purdy durante a Cerimônia de Abertura, outra sobre a Cerimônia de Encerramento e a terceira com imagens tiradas pelo fotógrafo João Maia. As três galerias totalizaram 30 fotos publicadas.

Assim, subtraindo as 70 fotos dessas duas categorias, sobram 129 imagens para as demais matérias. Muitos textos, principalmente os que apenas relatavam resultados, não eram ilustrados por fotos. Em cinco destes casos, foram utilizados outros recursos

para complementar a informação, como *tweets* e vídeos divulgados nos canais oficiais dos Jogos Paralímpicos.

Outra característica notada quanto às fotos é que elas foram repetidas diversas vezes ao longo dos 13 dias analisados. Em alguns casos, como o exibido abaixo, no mesmo dia. As duas matérias foram publicadas no dia 08 e tinham como foco o nadador Daniel Dias. Ambas utilizaram a mesma foto feita pelo fotojornalista Fabio Motta, do próprio *Estadão*. Ela ainda foi utilizada outras vezes, como na matéria do dia 09 que fazia uma breve análise sobre o primeiro dia de competições e os resultados alcançados pelos brasileiros.



Imagem 11: Print de duas matérias publicadas no *Portal Estadão* em 08 de setembro de 2016 e que utilizavam a mesma foto do nadador Daniel Dias (Fonte: *Portal Estadão*)

Devido à utilização das agências de notícia por parte dos veículos brasileiros, várias mesmas fotos acabaram publicadas tanto no *Portal Estadão* quanto na *Folha de S. Paulo*. Mas uma se destaca das demais. Tirada pelo fotojornalista Jaison Cairnduff, da *Reuters*, ela foi bastante reproduzida por estar lidando com duas pautas diferentes, simultaneamente.



Imagem 12: Foto do fotógrafo Jaison Cairnduff, da Agência *Reuters*, que mostra a linha de chegada dos 1.500 metros classe T13 (Fonte: *Portal Estadão*)

A imagem mostra a prova dos 1.500 metros, classe T13, para atletas com baixa visão. Ela ganhou notoriedade em primeiro lugar por causa do resultado. Com o tempo de 3 minutos, 48 segundos e 290 milésimos, o argelino Abdellatif Baka teria conquistado o ouro olímpico nessa mesma prova. Não apenas ele como o segundo, terceiro e quarto colocados.

Em segundo lugar, o protesto do etíope Tamiru Demisse também ajudou na sua divulgação. Tamiru repetiu o gesto feito por um de seus compatriotas nas Olimpíadas, como forma de protesto ao governo etíope. Assim, a foto acabou aparecendo nas matérias que se referiam às duas situações.

A curadoria das fotos utilizadas pelo *Portal Estadão* foi bem feita. Por isso, exceto os casos já levantados acima, nenhuma foto foge das recomendações do guia de Pappous e Souza (2016). Não foram notados casos de enfoque na deficiência ou de escondê-la. Mesmo as fotos tiradas no momento da ação esportiva balancearam esses dois lados, como se pode ver nos exemplos abaixo:



Imagens 13 e 14: Exemplos de imagens publicadas em matérias do *Portal Estadão* ao longo da cobertura
(Fonte: *Portal Estadão*)

Além dos textos e fotos, o portal publicou também dois vídeos ao longo dos 13 dias. Um número pequeno para um suporte que poderia ter sido mais aproveitado pela equipe do *Estadão*. O primeiro vídeo é do dia 07 de setembro, que mostra o público chegando para a Cerimônia de Abertura. O segundo, do dia 15, mostra o fotógrafo João Maia, que ficou famoso durante a Rio-2016 por exercer a profissão, mesmo sendo cego.

O vídeo do dia 07, entre outras informações, aborda o percentual de pessoas com deficiência no país, mas nesse momento e no material como um todo, elas aparecem bem pouco, mesmo estando presentes em peso no Maracanã. Além disso, traz falas de brasileiros e estrangeiros comemorando o início dos Jogos. O vídeo foi reproduzido no Portal integralmente como foi entregue pela Agência *France-Presse*, sem nenhum complemento de informação para os momentos de silêncio, o que causa um certo estranhamento.

O segundo vídeo, também da AFP, já possui mais conteúdo, com entrevistas com o fotógrafo, falas de um repórter não creditado, provavelmente da Agência, no entanto peca em não apresentar exemplos de fotos produzidas por João. Em vez disso, mostra apenas imagens dele, no Parque Olímpico, tirando algumas fotos. É possível, inclusive, notar que algumas imagens são repetidas ao longo do vídeo. Esse conteúdo pode também ser ligado à uma reportagem publicada sobre João no *Portal* no mesmo dia.

3.6. A detentora dos direitos de transmissão: a cobertura da *Rede Globo de Televisão*

Depois da EBC, *Folha e Estadão*, chega-se ao último veículo selecionado para esta pesquisa: a *Rede Globo de Televisão*. Desde o início estava na lista de selecionados para a análise, por sua relação história com o Jornalismo Esportivo e por ser a detentora dos direitos de imagem das Paralimpíadas do Rio na TV aberta desde 2012.

O material da *Rede Globo* foi coletado através de sua plataforma oficial de *streaming*, *GloboPlay*. Através da assinatura mensal, o conteúdo jornalístico de acervo fica disponibilizado para visualização por um certo período de tempo, o que facilitou o acesso aos materiais de todos os telejornais do canal.

A origem da *Rede Globo de Televisão*, que também será referida nesta pesquisa como *Globo*, está em um período anterior ao início da televisão no Brasil. A gênese do *Grupo Globo*, na qual o canal faz parte, está no início do século XX, mais especificamente em 1911, quando Irineu Marinho fundou o jornal *A Noite*. Em 1925, pouco tempo antes de sua morte, Irineu fundou seu segundo jornal, que posteriormente se tornaria um dos mais importantes e influentes do país: *O Globo*. Após a morte de Irineu e de seu sucessor Eurycles de Matos, o filho, Roberto Marinho, assumiu a direção do jornal, iniciando assim a construção de um dos maiores impérios de mídia do mundo.

A fundação da *Rádio Globo*, em 1944, marcou o início das operações das *Organizações Globo*, como era chamada até 2014, para além do Jornalismo Impresso. Mas foi apenas com a criação da *Globo*, a partir de 1965, que se tornou líder no segmento de mídia do Brasil e expandindo os negócios internacionalmente a partir dos anos 90.

Atualmente, além da *Globo*, o *Grupo Globo* (nova denominação a partir de 2015), possui diversos canais de televisão no país, na TV aberta e fechada, como *SporTV*, *Viva*, *Multishow* entre outros. Na mídia impressa, continua com *O Globo*, além de outros jornais e revistas como *Época*, *Globo Rural* e *Marie Claire*. No rádio, além da *Rádio Globo* possui outras três emissoras, sendo uma delas a *CBN*, uma das principais emissoras *all news* do país, e na internet mantém portais como o *GI* e *Globoesporte.com*.

A *Globo* é um dos principais canais de televisão do Brasil e líder de audiência no país. E uma das áreas que o canal mais investe é a esportiva, juntamente com o conjunto de canais a cabo *GloboSat*. O *Grupo Globo* é detentor, há anos, dos principais eventos esportivos do Brasil e do mundo. A nível nacional, o Campeonato Brasileiro de Futebol, a Copa do Brasil, a Stock Car Brasil e outras categorias de automobilismo, a Superliga de Vôlei masculina e feminina, entre outros. A nível internacional, Copa do Mundo e Copa das Confederações de Futebol e outros mais, Fórmula 1, MotoGP e seus campeonatos satélites, além de megaeventos como as Olimpíadas (tendo recuperado o

direito de transmissão após uma edição com a *Record*) e a partir de 2012, as Paralimpíadas.

Nos últimos anos, tem enfrentado uma maior concorrência, principalmente o *SporTV*, devido ao crescimento dos canais a cabo de esportes, como a *ESPN* e a *Fox Sports*, que tiraram do canal alguns eventos que o *Grupo Globo* tinha direito de transmissão.

Além da exibição dos eventos esportivos, o canal possui uma equipe de jornalistas dedicada quase que exclusivamente à cobertura esportiva. Os eventos, então, não ficam restritos às suas transmissões propriamente ditas, mas também estão presentes nos noticiários do canal, os quais dedicam espaços diários às notícias do esporte nacional e internacional.

Para os Jogos Olímpicos do Rio, o *Grupo Globo* montou uma grande operação para a cobertura do evento, com a construção de uma estrutura fixa dentro do Parque Olímpico da Barra, dedicada à transmissão de seus jornais diários e semanais, além dos portais de internet. Na *Globo*, foi realizada uma média de 10 horas diárias de veiculação das competições das Olimpíadas, além de extensa cobertura dos acontecimentos do dia nos diversos telejornais.

Já o *SporTV*, organizou uma cobertura nunca feita antes. Com o objetivo de transmitir todas as competições de todas as modalidades olímpicas, foi feita uma expansão. Além dos três canais tradicionais, foram abertos outros 13 na TV a cabo, totalizando 16. E na internet, foram mais de 40 sinais. Assim, totalizou-se mais de 4 mil horas de cobertura ao longo dos 19 dias de evento.^{20 21}

Nas Paralimpíadas, por outro lado, a cobertura realizada foi bem diferente. A *Globo* optou por não realizar transmissões ao vivo dos eventos, bem diferente do que foi visto nas Olimpíadas. O trabalho ficou restrito aos telejornais e entradas ao vivo durante a programação, mas em pequena quantidade. E a estrutura montada no Parque Olímpico não foi utilizada nos Jogos Paralímpicos. Todo o trabalho foi feito a partir dos estúdios tradicionais do canal. Acabou cedendo os direitos para a *TV Brasil*, canal de televisão pertencente à EBC, que transmitiu cerca de 10 horas diárias de competições paralímpicas.

²⁰ <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/07/sportv-entrega-maior-cobertura-dos-jogos-olimpicos-rio-2016.html>. Acesso em: 17 jul. 2019

²¹ <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/08/sportv-anuncia-programacao-dos-16-canais-em-hd-para-os-jogos-do-rio.html> Acesso em: 17 jul. 2019

Essa diferença entre as coberturas é bastante marcante, já que nas Olimpíadas, o *Grupo Globo* foi inclusive patrocinador²². E no período entre os megaeventos, quando havia uma grande preocupação com a baixa venda de ingressos para as Paralimpíadas, era comum ver nos telejornais do canal matérias que tentavam incentivar o público a prestigiar os Jogos.

Já o *SporTV*, fez a sua maior cobertura paralímpica da história. Mesmo assim, os números foram bem mais modestos que nas Olimpíadas. Ao invés dos 16 canais e 40 sinais de internet, foram apenas 4 canais, com apenas um deles (*SporTV 2*) dedicado exclusivamente ao megaevento, totalizando 150 horas de transmissão. Menos de 5% se comparado com as Jogos Olímpicos.²³

Em outra comparação, esse número também é maior que outros eventos paralímpicos. Em 2018, as Paralimpíadas de Inverno de PyeongChang, na Coreia do Sul não chegou nem a ser transmitida pelo canal, bem diferente das Olimpíadas, que teve extensa cobertura, inclusive com repórteres trabalhando *in loco*.

Para esta pesquisa, foram selecionados os telejornais diários (*Hora 1*, *Bom Dia Brasil*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional* e *Jornal da Globo*), os programas esportivos (*Globo Esporte* e *Esporte Espetacular*) e o *Fantástico*, programa jornalístico semanal da emissora. Entre 07 e 19 de setembro, a emissora veiculou 256 peças sobre os Jogos, entre matérias, reportagens, entradas ao vivo, entrevistas e atualização do quadro de medalhas. Isso representa um total de 8 horas, 27 minutos e 59 minutos de cobertura. Essa somatória de 13 dias não chega próximo ao que o canal dedicou às Olimpíadas em um único dia.

A tabela abaixo mostra o tempo dedicado ao evento em cada um dos programas selecionados:

Programa	Número de peças coletadas	Total de tempo dedicado
Hora 1	12	34 minutos 08 segundos
Bom Dia Brasil	35	01 hora 01 minuto 31 segundos
Jornal Hoje	50	01 hora 41 minutos 21 segundos
Jornal Nacional	57	01 hora 43 minutos 25 segundos
Jornal da Globo	29	43 minutos 38 segundos

²² <http://redeglobo.globo.com/novidades/esportes/noticia/2015/06/grupo-globo-anuncia-patrocinio-de-midia-dos-jogos-olimpicos-rio-2016.html> Acesso em: 22 jul. 2019

²³ <http://sportv.globo.com/site/programas/paralimpiadas-rio-2016/noticia/2016/09/sportv-prepara-grande-cobertura-para-os-jogos-paralimpicos-rio-2016.html> Acesso em: 17 jul. 2019

Globo Esporte	41	01 hora 19 minutos 38 segundos
Esporte Espetacular	16	01 hora 06 minutos 40 segundos
Fantástico	7	17 minutos 38 segundos
TOTAL	247	08 horas 27 minutos 59 segundos

Tabela 3: Números da coleta de materiais da Rede Globo de Televisão (Fonte: Autor)

Duas observações precisam ser feitas nesse momento. Primeiro: de todos os selecionados, o *Globo Esporte* é o único que possui versões locais para cada estado e afiliada. Por isso, o *corpus* do noticiário é composto apenas pelo material veiculado no que é chamado de “Edição Nacional”. Segundo, foi utilizado o termo peça na tabela por não se estar fazendo distinção entre o formato. Isso será tratado a seguir.

No geral, os resultados referentes à parte visual do material da *Globo* são surpreendentes. Nas imagens produzidas pelas próprias equipes da *Globo*, houve uma preocupação grande com a apresentação dos atletas e suas deficiências. Foram poucos os casos em que foi notado um conteúdo contrário às recomendações do guia de Pappous e Souza (2016).

Mas é preciso fazer uma ressalva quanto a isso também. O material da *Rede Globo* não discrimina as origens de cada imagem utilizada nas matérias, reportagens, entradas ao vivo e outros formatos televisivos. Assim, não foi possível quantificar, mas era bastante notável que grande parte das imagens presentes nos materiais eram na realidade das transmissões oficiais das provas. Essa transmissão é feita pela empresa *Olympic Broadcasting Services*, ligado ao Comitê Olímpico Internacional, responsável pela geração de imagens não apenas das Olimpíadas como das Paralimpíadas. Assim, trata-se de uma equipe que já possui um conhecimento maior acerca desta temática e a chance de situações problemáticas diminui.

A cobertura da *Globo* apresenta um diferencial em relação aos outros três veículos já analisados. Na *Folha* e no Portal *Estadão*, tem-se uma equipe que produz conteúdo apenas para um produto, no caso o jornal impresso e o site, respectivamente. A EBC tinha alguns repórteres que apareceram em mais de um programa, mas isso aconteceu em pequena quantidade. Já a *Globo* tinha essencialmente uma mesma equipe que estava responsável pelo fornecimento de material para todo o departamento de Jornalismo da emissora.

Por isso nota-se uma certa repetição de conteúdo entre os programas ao olhar com atenção. Mas, diferente do que se viu na EBC, aqui houve poucos casos de repetição integral de matérias, apenas trechos ou imagens. Uma matéria que informava sobre três medalhas conquistadas por brasileiros no *Jornal da Globo* repetia no *Hora 1* e talvez no *Bom Dia Brasil*, mas acrescentando uma nova informação, como a agenda de competição do dia ou dos próximos, se estivesse abordando um atleta específico. Em alguns casos também houve uma tentativa de mudança de angulação, como no *Bom Dia Brasil* de 09 de setembro, que tratava das primeiras partidas das seleções de Basquete em Cadeira de Rodas, mas pela perspectiva dos estudantes da rede de ensino público do Rio.

Isso tem se tornado prática comum nas emissoras, e pode-se apontar diversas razões para justificar. A primeira, é de que nem sempre o público de um telejornal é o mesmo de outro, que é exibido horas depois, então a renovação da audiência pode ajudar a explicar essa repetição das informações. Outra justificativa é a economia dos recursos de produção (BACKES, 2018).

O *Fantástico* foi o programa que menos dedicou espaço para as Paralimpíadas, como apontado na tabela. É necessário levar em consideração que é um programa semanal, então apenas duas edições entraram dentro dos 13 dias de análise, mas mesmo assim a cobertura teve um índice muito baixo. Foram menos de 20 minutos entre os dois dias para um programa de aproximadamente duas horas de duração.

Diferente dos demais programas da *Globo*, o *Fantástico* teve menos foco nos acontecimentos factuais. Mesmo em matérias que falavam sobre os medalhistas do domingo, o foco era mais voltado para as histórias desses atletas do que suas performances no Rio de Janeiro. Isso representa um grande problema, porque o *Fantástico* é o único programa jornalístico do canal nas noites de domingo.

Por mais que se considere uma “revista eletrônica”, com um formato mais voltado a conteúdos mais aprofundados, como a reportagem, o *Fantástico* tradicionalmente dedica uma parte do programa todas as semanas para tratar de últimos acontecimentos. Inclusive para a área de esporte, com os resultados das partidas do Campeonato Brasileiro de Futebol do final de semana.

Os apresentadores, nas duas edições analisadas, explicam essa falta de cobertura factual justificando que os principais acontecimentos do dia seriam exibidos no *Boletim Paralímpico*, programa veiculado pela *Globo* diariamente durante os Jogos no início da madrugada com os melhores momentos do dia. Mas isso acaba representando um problema, porque o horário de veiculação do *Boletim* era variável, dependendo do

programa que o antecedia, mas sempre após a meia-noite, um período na qual poucas pessoas estão assistindo televisão.

Também chama a atenção que no segundo dia, 18 de setembro, o programa não faz nenhuma menção à Cerimônia de Encerramento, que acontecia simultaneamente com a transmissão do *Fantástico*. No dia da Abertura, o *Jornal Nacional* fez uma entrada ao vivo, com imagens da transmissão oficial sobre o que estava acontecendo no momento.

Do material veiculado pelo *Fantástico*, um chama a atenção por não se tratar nem de uma matéria nem de uma reportagem. “Paralimpíada do Rio deixará saudade”, do dia 18, possui um formato mais próximo da crônica jornalística. De acordo com Sobral e Dantas (2018), a crônica é uma mistura de gêneros, com um fato único e o repórter

(...) impõe com a presença de seu ponto de vista um juízo crítico sobre a realidade. No entanto, o cronista vive o paradoxo: ao mesmo tempo em que deve respeitar as normas instituídas para a preparação do texto, é ele o transgressor da língua que impõe inovações estilísticas e narrativas nos jornais (SOBRAL; DANTAS, 2018, p. 244)

A crônica, narrada pelo apresentador Tadeu Schmidt, possui um tom mais literário e menos jornalístico, e resgata os principais acontecimentos dos Jogos, falando das qualidades dos atletas, a emoção do esporte, a alegria pela vitória e também a tristeza pelo fracasso. Por ser um texto mais voltado a despertar a emoção nas pessoas, alguns clichês estavam presentes, como “Caramba, como são habilidosos, como são coordenados, como conseguem controlar tantos movimentos ao mesmo tempo?” (PARALIMPÍADA..., 2016) ou “Se na Olimpíada o ser humano busca o seu limite, na Paralimpíada o ser humano mostra que não tem limite” (PARALIMPÍADA..., 2016).

Esse mesmo formato já havia aparecido nas Olimpíadas. Mas, naquela, o tom foi diferente, dando maior destaque a aproveitar o momento que o Rio passava, e menos tempo nos atletas. Aqui, o foco maior era a superação e a surpresa com a performance dos paratletas.

A crônica também esteve presente em outros programas da *Globo*. No *Esporte Espetacular* apareceu uma vez, no dia 18, em um compilado com os melhores momentos da Abertura e dos Jogos. No *Bom Dia Brasil* no dia 19, inclusive com várias imagens que já haviam aparecido na crônica de Tadeu Schmidt. E no *Jornal Nacional*, mais duas vezes, só que apenas nos primeiros dias de cobertura.

Daniel Dias foi o nome mais presente na cobertura da *Globo*. Isso também foi notável nos outros veículos, mas no canal isso se viu em uma quantidade ainda maior. É

compreensível esse destaque todo para o atleta: já havia chegado aos Jogos do Rio como o maior destaque da delegação brasileira, sendo a maior promessa de medalhas. E Daniel ainda poderia quebrar um recorde e se tornar o nadador masculino com o maior número de medalhas paralímpicas, se subisse ao pódio nas nove vezes que iria competir, o que aconteceu. Daniel esteve presente em todos os dias analisados, seja para informar sobre as nove medalhas conquistadas, das provas que ainda iria competir ou em formatos além da matéria, como duas que merecem destaque.

Primeiro no *Fantástico* do dia 18, com uma reportagem com um perfil de Daniel, sobre como entrou no esporte paralímpico e sua performance na Rio-2016. A reportagem também aborda a emoção do atleta em estar competindo em casa com sua família assistindo, o apoio e admiração da torcida por Daniel e o seu reconhecimento como novo ídolo brasileiro.

A segunda foi no *Jornal Nacional* do dia seguinte, 19. Naquela ocasião, Daniel não foi apenas personagem de uma matéria que fazia um balanço de sua participação nos Jogos como também foi entrevistado ao vivo na bancada do noticiário pelos âncoras William Bonner e Renata Vasconcellos. Essa entrevista é importante não apenas para o atleta como para o movimento paralímpico como um todo. Segundo informações divulgadas pelo CPB à época, Daniel era apenas o terceiro atleta que recebia essa distinção da entrevista em estúdio no telejornal de maior audiência do canal e do país. Além dele, apenas o tenista Gustavo Kuerten e o jogador Ronaldo Nazário haviam passado por situação semelhante.

O segundo programa semanal da emissora analisado é o *Esporte Espetacular*. O programa dominical é um dos mais antigos da TV brasileira de temática esportiva. Em termos de proporção, foi o programa que mais dedicou espaço para as Paralimpíadas no canal. Foram aproximadamente 33 minutos em cada um dos domingos. Mas para um noticiário com cerca de 4 horas de duração (variável de acordo com a programação da *Globo* no dia), ainda é relativamente pouco. Somente no dia 11, primeira edição analisada, o futebol brasileiro e internacional teve mais espaço que os Jogos nos dois domingos.

A cobertura do *Esporte Espetacular* abriu no dia 11 com uma reportagem que tinha um tom introdutório ao Esporte Paralímpico. O repórter Guilherme Roseguini explicou ao telespectador algumas questões básicas das Paralimpíadas, falou sobre as comparações que são feitas entre atletas olímpicos e paralímpicos e abordou casos onde essa linha é mais tênue, como a de Markus Rehm. O que chama a atenção é que o jornalista deixou de lado alguns clichês que foram recorrentes em diversas matérias da

Globo e focou no Esporte Paralímpico como de alto rendimento, como mostra a frase que encerra a reportagem:

Todos os paralímpicos tem histórias de superação. Mas não vieram ao Rio só para conta-las. Eles querem competir, quebrar recordes, vencer. Faça um teste. Olhe para eles como se tivesse assistindo à Olimpíada. E você verá o essencial. Atletas. Simplesmente grandes atletas (ATLETAS..., 2016)

Além desta, foram veiculadas outras quatro reportagens durante os dois dias. Todas eram perfis de atletas de destaque nos Jogos. Duas eram sobre atletas brasileiros: Jane Karla, do tiro com arco e Clodoaldo Silva da natação. Uma mostrava as histórias da brasileira Susana Schnarndorf da natação e a belga do atletismo Marieke Vervoort. E a última sobre o sírio Ibrahim Al-Hussein, da natação, que nos Jogos do Rio competiu como parte do Time de Refugiados.

A reportagem de Jane era parte do quadro “Mulheres Espetaculares”, que a cada edição destaca o trabalho de atletas de diferentes modalidades. É um material de longa duração, com 15 minutos, o maior conteúdo produzido pela *Globo* durante os Jogos. O foco deste quadro é um pouco diferente do tradicional. Além da história da atleta perfilada, a repórter tenta aprender o esporte praticado e participar de um campeonato da modalidade.

A de Susana começa com a atleta brasileira, sua medalha conquistada no Rio e faz a ligação com sua doença degenerativa e a trajetória do esporte, destacando que a evolução da Atrofia de Múltiplos Sistemas deixa sua participação em Tóquio em dúvida. A partir disso, é feita uma ligação com o caso da belga Marieke Vervoort, que ganhou destaque nos Jogos por causa de sua liberação para fazer a eutanásia quando decidir. É interessante como o caso de Marieke fez a imprensa no geral discutir abertamente a questão da eutanásia, que é muito delicada no Brasil, ainda mais por envolver questões religiosas.

De tom totalmente diferente das outras, a reportagem sobre Ibrahim é bem mais dramática. O sírio se tornou deficiente após salvar um amigo de uma bomba durante a guerra. E a reportagem abre exatamente com isso, com uma música dramática e áudios que se assume que são do conflito sírio, com lamentos, tiros e explosões. Mesmo quando passa a tratar da parte esportiva do atleta, ainda mantém a mesma dramaticidade.

Já a de Clodoaldo tinha como foco a sua despedida nas piscinas que aconteceu durante as Paralimpíadas do Rio. A reportagem conta a história do atleta, sua performance

em Jogos, além de depoimentos de companheiros do esporte falando de sua importância para o Esporte Paralímpico. Após o fim da reportagem, Clodoaldo está no estúdio do *Esporte Espetacular* para uma entrevista ao vivo, onde comenta sobre o aumento da visibilidade do Esporte Paralímpico antes, durante e depois da Rio-2016, sua despedida e a emoção em acender a pira.

Clodoaldo não é o único entrevistado em estúdio do *Esporte Espetacular*. Também no dia 18, parte da equipe do Futebol de 5 esteve ao vivo conversando com os apresentadores. A participação dos jogadores Jefinho e Ricardinho e do treinador Fábio Vasconcelos foi introduzida por uma matéria sobre a final disputada contra o Irã no dia anterior. O foco era o relato da partida, mas também explicou o funcionamento da modalidade. Diferente de Clodoaldo, o tom foi bem mais descontraído, com Flávio Canto testando a bola usada no Futebol de 5. Os apresentadores também aproveitam o momento para anunciar que Ricardinho seria o porta bandeira da delegação brasileira na Cerimônia de Encerramento.

Além do conteúdo produzido pelos próprios repórteres, em duas ocasiões o *Esporte Espetacular* fez uma retransmissão na íntegra de provas que haviam sido exibidas anteriormente no *SporTV*, como a de Petrúcio Ferreira e de Yohansson Nascimento, sem acrescentar nada de novo após. É o único programa do canal a fazer isso.

Por outro lado, o outro programa esportivo da *Globo* fez um trabalho de cobertura totalmente diferente. O *Globo Esporte*, que vai ao ar de segunda a sábado, teve um foco bem maior no factual. Ao longo dos dias de análise, quase todas as medalhas conquistadas foram noticiadas. Porém esse conteúdo foi exibido em sua maioria em notas cobertas de curta duração ou matérias que informavam sobre várias provas de uma vez. Por ter sido muito pautada pelas conquistas, as modalidades coletivas quase não tiveram espaço no programa.

Mesmo com esse problema, as matérias factuais que foram exibidas souberam apresentar elementos importantes para a compreensão do público, como a explicação de modalidades como o Basquete em Cadeira de Rodas e o sistema de classificação funcional do Atletismo.

Por ser exibido no horário do almoço, houve também vários momentos de entradas ao vivo dos repórteres nos locais de competição, principalmente do Engenho, palco do Atletismo. O formato das entradas era similar: falavam das provas da manhã, destacando as performances dos brasileiros e passavam para a agenda da tarde. Em alguns dias,

também contavam com entrevistas com os competidores brasileiros ou até mesmo com seus familiares.

Houve também alguns momentos mais voltados para o entretenimento do que o Jornalismo, algo que recorrente no *Globo Esporte*, especialmente nos últimos anos. Um deles é um vídeo que mostra as danças de comemoração feitas pelos atletas do Atletismo. Em um deles, o apresentador Alex Escobar faz uma piada com a cantora Anitta, colocando uma de suas músicas para tocar, porque o nome da atleta era Laurita.

Passando agora para os telejornais diários, o *Hora 1* foi o que menos dedicou espaço para as Paralimpíadas. Inclusive foi o único noticiário ao longo da análise, não só da *Globo* como de todo o *corpus*, que passou um dia sem tratar dos Jogos, em 14 de setembro. Em média, o programa, que vai ao ar de segunda a sexta, não dedicou mais do que 3 minutos e meio para os Jogos, chegando ao pico de 6 minutos no dia 13.

Vale notar que devido aos horários de veiculação, *Hora 1*, *Bom Dia Brasil* e *Jornal Hoje* ainda faziam uma cobertura prévia do evento no dia 07 de setembro, já que a Abertura aconteceria apenas na noite do feriado e, diferente das Olimpíadas, as Paralimpíadas não possuem modalidades começando antes da Cerimônia. Por isso, no dia 07, a única matéria sobre os Jogos no *Hora 1* misturava questões gerais da organização dos Jogos, o trajeto do revezamento da tocha ao longo do dia e a agenda de competições com alguns destaques.

No geral, o foco da cobertura do *Hora 1* foi apresentar os resultados do dia anterior. Basicamente todo o material coletado era composto por matérias factuais, sendo que poucos iam um pouco além, seja contando a história de um atleta ou o funcionamento de uma modalidade. Atletismo e Natação foram os que receberam mais espaço e o número de esportes que apareceram no telejornal foi bem pequeno.

Como já apontado no início da análise sobre a *Globo*, houve muita repetição de material da noite anterior, o que tem se tornado prática comum dos canais de televisão. Mas o *Hora 1* talvez tenha perdido uma oportunidade de ter um diferencial quanto ao seu conteúdo. Pela hora da veiculação, poderia ter apostado em fazer prévias das competições do dia, algo que poderia ser feito dentro do próprio estúdio mesmo, sem precisar de repórteres na rua para isso.

A agenda do dia ficou com o telejornal nacional que sucede o *Hora 1* na grade da *Globo*, o *Bom Dia Brasil*, na forma de entradas ao vivo de repórteres que estavam no Parque Olímpico, mas não esteve presente em todas as edições do período. No geral,

também focou mais nos resultados do dia anterior, mantendo o tom geral de pautar a cobertura em cima das medalhas e dos resultados.

Mesmo se pautando pelos resultados, o *Bom Dia Brasil* conseguiu dar uma diversificada no conteúdo exibido para o telespectador, com pautas extracompetições como a presença dos militares na segurança dos Jogos, a venda de ingressos e a visita do treinador da seleção masculina de Vôlei, Bernardinho às seleções de Vôlei Sentado. O problema é que estas apareceram em pequena quantidade, além de estarem apenas nos primeiros dias, nas edições dos dias 08, 09 e 12. Depois disso, apenas no dia 16 que aparecem conteúdos similares novamente.

O primeiro é um que merece destaque dentro da cobertura da *Globo* como um todo. A reportagem é sobre o comentarista do *SporTV* Hilário Neto. Hilário ganhou destaque por ser um comentarista de televisão que também é cego. O repórter faz um bom trabalho detalhando como foi o processo de formação de Hilário como comentarista e descreve o seu trabalho, que possui a ajuda de um guia.

O segundo foi uma matéria sobre medalhas conquistadas, mas esse não era o foco. O material era sobre Alessandro Zanardi, do Ciclismo e das medalhas que o italiano havia conquistado no Rio. Lembrava também de sua trajetória no Rio de Janeiro, não apenas nas Paralimpíadas, mas também no Automobilismo, onde tentou, mas não conseguiu ganhar uma prova no antigo Autódromo de Jacarepaguá quando competia pela *Indy*.

Sobre as modalidades coletivas, vale notar que o espaço que elas tiveram no telejornal variou com o passar dos dias. No início, tinham mais destaque, como o Vôlei Sentado e do Basquete em Cadeira de Rodas. Passados os três primeiros dias de competições, elas quase somem e voltam apenas nos últimos dois dias com mais espaço, principalmente por causa das disputas por medalhas.

Seguindo para o próximo telejornal, o *Jornal Hoje* teve um formato bastante diferente dos demais. Das 50 peças coletadas, 20, ou seja, 40%, foram entradas ao vivo. Assim, houve uma conexão muito grande entre o estúdio e os locais de competição, sendo o jornal da *Globo* que mais fez isso. Quase todos os dias havia uma entrada ao vivo para falar sobre a movimentação no Parque Olímpico da Barra, além do Engenho e do Estádio Aquático para informar sobre as competições do Atletismo e da Natação. As demais modalidades apareciam nas matérias chamadas no estúdio ou na entrada do Parque.

O conteúdo das entradas ao vivo do Engenho e do Estádio Aquático seguiam o mesmo formato que havia sido utilizado no *Globo Esporte*, sendo na maioria das vezes, o mesmo repórter. Falava das provas que haviam acontecido pela manhã e a programação

da tarde e da noite. Em metade das entradas, o próprio repórter chamava uma matéria, que abordava uma outra modalidade.

A reportagem que iniciou a cobertura do *Jornal Hoje* foi a mais diferente dos telejornais da *Globo* em termos de pauta. O tema era o projeto no Hospital Sara Kubitscheck, em Brasília, que usa o esporte como forma de reabilitação, assim como foi o início do movimento paralímpico na Inglaterra na década de 1940. A reportagem traz três exemplos de pessoas que foram pacientes do hospital e participaram do projeto em diferentes modalidades: Tênis em Cadeira de Rodas, Tênis de Mesa e Hipismo. O gancho para os Jogos era que essas três pessoas eram atletas que iriam competir nas Paralimpíadas.

A venda de ingressos foi uma pauta bastante presente na cobertura da *Globo* como um todo. Entre os telejornais diários, apenas o *Hora 1* não falou sobre isso, mas nos demais sempre era mencionada a quantidade de ingressos que ainda estavam disponíveis, quais modalidades já estavam esgotadas e a partir do dia 12, que não haviam mais ingressos para o segundo final de semana de Jogos. A movimentação do dia no Parque sempre estava atrelada a isso, com os números do dia e apresentando as atividades que existiam no local além das competições, como as atividades para crianças experimentarem o esporte paralímpico.

Diferente dos outros telejornais, o *Jornal Hoje* teve uma quantidade menor de matérias que abordassem as histórias dos atletas. Isso se deve pela quantidade de entradas ao vivo, onde os repórteres acabavam mencionando isso rapidamente apenas. Dois dos registrados merecem nota por uma abordagem diferente. O primeiro foi do mesa tenista Israel Stroh, onde o repórter destacou o fato do atleta ser formado em Jornalismo e assim ser um companheiro de trabalho que já havia estado “do outro lado”. O segundo foi do cavaleiro Sérgio Oliva, onde a angulação foi a relação dele com seu cavalo e o processo para uma pessoa encontrar o animal ideal para a prática do Hipismo. Os demais seguiam o formato que foi mais comum: apenas uma menção rápida no meio da matéria.

Havia também uma outra reportagem que traçava perfis, mas nesse caso os perfilados não eram atletas, como a de Hilário Neto, no *Bom Dia Brasil*. Na veiculada pelo *Jornal Hoje*, o foco eram jornalistas que trabalhavam na cobertura dos Jogos que também possuíam deficiência. Eram três os perfilados. Primeiro, João Maia, fotógrafo cego que também havia sido perfilado pelo *Portal Estadão*. Segundo, Taiana Lopes, que usa uma prótese na perna. E terceiro, o jornalista alemão David Hock, que nasceu com má formação nos dois braços, e que, nos Jogos, trabalhou no mesmo projeto que o autor.

Outra reportagem veiculada pelo *Jornal Hoje* tratava sobre o serviço de audiodescrição. Esperava-se que essa pauta estivesse mais presente na cobertura dos veículos, por ter sido um elemento bastante presente e divulgado nos Jogos, mas foi visto apenas aqui e no *Bate Bola Nacional*, mas de modo rápido neste último, porque dividiu espaço com a Cerimônia de Abertura no boletim. A reportagem explicou como funcionava o serviço e porque era diferente do que já havia sido visto, por misturar a audiodescrição com a narração e o comentário esportivo. Outro serviço apresentado pelo *Jornal Hoje* foi o dos animadores das arenas, abordando também como eles também eram responsáveis por controlar o silêncio em modalidades como o Goalball.

Os atletas-guias também tiveram espaço no *Jornal Hoje*. A pauta era sobre a medalha conquistada pela equipe feminina do revezamento, mas pelo ponto de vista destes guias, porque era a primeira edição de Paralimpíadas que eles também receberiam medalhas. A matéria apresentou alguns planos-detalhes, apresentados abaixo, que fizeram um ótimo trabalho de detalhar o trabalho desses atletas, que podem passar por despercebido pelo público.



Imagens 15 e 16: Capturas de imagens da matéria do *Jornal Hoje* que fala sobre os atletas-guias (Fonte: *GloboPlay*)

Ainda no lado esportivo, o *Jornal Hoje* também tentou entender a força da delegação ucraniana nos Jogos Paralímpicos, assim como a *Folha* havia feito. Mas no caso do telejornal, o caminho e o resultado foi bastante diferente. Além de contar a história do programa de fomento ao Esporte Paralímpico do país, a reportagem abordou também a guerra que o país atravessava por causa da região da Criméia. O conflito inclusive causou a destruição do maior centro de treinamento paralímpico ucraniano. Foi uma angulação diferente, que ainda não havia sido vista na pesquisa.

O principal telejornal da *Globo*, *Jornal Nacional*, iniciou sua cobertura no dia 07 com a Cerimônia de Abertura acontecendo simultaneamente no Maracanã. Por isso no primeiro dia foi exibido uma curta matéria mostrando alguns dos destaques que já haviam

acontecido e ao final passou para o Maracanã ao vivo, no momento em que o presidente do Comitê Organizador da Rio-2016, Carlos Arthur Nuzman fazia o seu discurso. No dia seguinte, a Abertura teve um grande espaço dentro do telejornal, com uma matéria de quase seis minutos de duração, que contou também com uma introdução da âncora Renata Vasconcellos de um tom muito similar aos das crônicas que foram evidenciadas antes.

A cobertura do *Jornal Nacional* se destacou dos demais programas da Globo, não apenas por ter sido o que mais deu espaço para as Paralimpíadas, mas também porque foi o que mais diversificou o conteúdo. Diversas matérias que falavam das medalhas do dia, informações que já haviam aparecido em outros jornais e seriam reexibidas nos seguintes, apresentavam detalhes que se diferenciavam. Como no dia 08, ao noticiar as duas primeiras medalhas do Atletismo, a repórter também explicou que, em algumas provas da modalidade nas Paralimpíadas, existe troca de guias, algo que não apareceu em nenhum outro lugar na cobertura.

No dia 09, ao falar da prata conquistada pelo nadador Phelipe Rodrigues, o repórter Renato Peters também trouxe uma angulação diferente para a cobertura paralímpica. Ele optou por contar a história da medalha através do contato com o público, que levou Phelipe a mudar um dos rituais mais tradicionais dos atletas na natação: o de ouvir músicas antes da prova.

O gancho usado por Peters é interessante, por lembrar algo que seria visto na cobertura de Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo, onde existe um número muito maior de matérias e se cria a necessidade de buscar novas visões para não fazer sempre a mesma coisa. Nos Jogos de 2016 isso foi mais presente nos materiais analisados sobre as Paralimpíadas, consequência direta de uma cobertura maior.

No dia 10, o *Jornal Nacional* abriu espaço para uma das principais características do Esporte Paralímpico: a classificação funcional. Por mais que esse tópico tenha aparecido ao longo da cobertura, esta foi a única reportagem que tratava exclusivamente sobre esse tópico, explicando como funciona o sistema de classificação, o que é levado em consideração na avaliação e porque uma mesma prova nas Olimpíadas pode ser disputada diversas vezes nas Paralimpíadas. Também aborda os pontos negativos, como a possibilidade de um atleta enganar os classificadores e a possibilidade de serem cometidos equívocos. Mesmo no *Resenha Paralímpica*, que pela proposta deveria se debruçar em cima do tema, não foi tão aprofundado.

Diferente dos jornais da manhã e da tarde, a entrada ao vivo não foi muito comum no *Jornal Nacional*. Ela foi utilizada em poucos momentos, na sua maioria quando saía

alguma medalha para o Brasil no período noturno, como foi o caso da equipe de revezamento masculino para deficientes físicos na natação, quando a repórter Carol Barcelos entrevistou três dos quatro nadadores, porque Phelipe Rodrigues havia passado mal minutos antes.

No penúltimo dia de competições, dia 17, o *Jornal Nacional* veiculou uma matéria sobre os voluntários dos Jogos. Até então nesta cobertura eles haviam aparecido apenas por menções, de críticas do público sobre a desinformação deles. Mas no caso desta reportagem, o tom foi bastante diferente. O repórter contou a história de dois voluntários do Estádio Aquático, que na realidade eram nadadores que não haviam obtido índice para competir nas Paralimpíadas. Eles haviam conseguido, assim, uma forma de estar presentes nos Jogos. A reportagem teve um tom emotivo, condizente com a pauta, sendo um dos melhores materiais do telejornal, por tão ter apelado para o sensacionalismo.

Algumas particularidades do esporte paralímpico foram bastante destacadas na cobertura da *Globo*, ao ponto de se tornar cansativo. O silêncio no Futebol de 5 é um dos maiores exemplos. Isso se repetiu em todos os noticiários e em alguns, como o próprio *Jornal Nacional*, mais de uma vez. Entende-se que existe a renovação da audiência de acordo com o horário de veiculação, mas dentro do mesmo telejornal se torna estranho.

O principal problema no material do *Jornal Nacional* veio em uma reportagem veiculada no dia 12. Feita pelo repórter Marcos Uchôa, a pauta era o grande número de atletas paralímpicos que haviam se tornado deficientes por causa de guerras e conflitos civis. Uchôa não foca em apenas um atleta e traz a história de diversas pessoas de diferentes modalidades, sem nenhuma entrevista, contando apenas com o texto do repórter.

Ao longo de seu *off*, termo utilizado no Telejornalismo para designar as falas do repórter que são acompanhadas de imagens diversas, Uchôa usa diversas expressões que criam um efeito muito mais dramático que o necessário, como “corpos dolorosamente transformados” (NO CORPO..., 2016). Algumas frases do *off* são inclusive apresentadas no vídeo em caracteres. Abaixo estão algumas capturas de imagens da reportagem



Imagens 17 a 21: Capturas de imagens da matéria do Jornal Nacional de 12 de setembro sobre os atletas que se tornaram deficientes após guerras (Fonte: *GloboPlay*)

No que tange as imagens, existem diversos momentos que não seguem as recomendações do guia de Pappous e Souza (2016), como três representados acima. O terceiro e o quarto são imagens do Vôlei Sentado, e focam na deficiência do atleta, totalmente descaracterizando a pessoa. Inclusive o momento da quarta imagem, é acompanhado de uma frase do repórter que juntos deixam uma sensação ruim para o telespectador: “Várias jogadoras trazem na carne as marcas de uma guerra civil particularmente violenta” (NO CORPO..., 2016).

Já a última imagem também seria uma descaracterização do atleta e enfoque na deficiência, mas isso não acontece porque é possível ler o nome e o país dela em seu uniforme, além da ação esportiva no momento da captura. É a triatleta americana Melissa Stockwell, que foi a atleta estrangeira que mais apareceu na cobertura da Globo, em função do aniversário do atentado às Torres Gêmeas de 11 de setembro de 2001, que completou 15 anos durante os Jogos. Melissa não foi vítima do atentado, mas perdeu a perna durante a Guerra do Iraque, consequência direta do caso.

O último telejornal desta análise, e o que fecha a programação diária da *Globo*, o *Jornal da Globo*, foi o segundo diário que menos dedicou espaço aos Jogos, atrás apenas do *Hora 1*. E assim como os demais, o foco foram os acontecimentos e as medalhas do Atletismo e da Natação.

Por ser o último telejornal do dia, foram poucas as vezes em que trouxe algum conteúdo que o diferenciasse dos demais. Isso observou-se com mais intensidade no primeiro dia, porque foi o único que foi ao ar após o fim da Cerimônia de Abertura. Assim noticiou mais sobre o que aconteceu no Maracanã e também destacou o Boulevard Olímpico, onde havia uma transmissão simultânea. Junto com o *Hora 1*, foram os únicos telejornais da *Globo* que fizeram uma cobertura exclusivamente factual, não tiveram

nenhuma reportagem. O *Hora 1* se explica pelo fato de que boa parte do seu conteúdo é replicado da edição da noite anterior do *Jornal da Globo*.

No geral, o *Jornal da Globo* realizou um trabalho bastante limitado, com pouco conteúdo e nada que o diferenciasse dos demais. Mas a razão para isso é porque o programa era sucedido na grade da *Globo* pelo *Boletim Paralímpico*, que era dedicado às Paralimpíadas.

CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO: CONCLUSÕES

Depois de uma batalha árdua, com os últimos pontos sendo conquistados apenas nos últimos segundos, o objetivo finalmente foi cumprido. Com a ajuda da torcida empurrando o time para frente em uma final muito disputada, a vitória veio e com ela a tão sonhada medalha de ouro. O momento de consagração.

Mas nenhum megaevento termina com o pódio de uma modalidade. O último ato é a Cerimônia de Encerramento. Assim como na Abertura, todos se reúnem para celebrar as semanas anteriores, as conquistas e até as derrotas. É o momento de juntar e relembrar os principais acontecimentos.

A ideia da pesquisa que resultou nesta dissertação veio de um momento que marcou a trajetória profissional do autor e partiu de uma observação constante durante o trabalho feito na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio-2016. O objetivo principal foi compreender como o trabalho de cobertura de quatro veículos selecionados, em termos de tempo e espaço, além de tentar entender como os materiais noticiavam os atletas paralímpicos para o público. Acredita-se que o objetivo foi atingido.

Estudar as Paralimpíadas e seus atletas no âmbito acadêmico é importante para o Jornalismo Esportivo, que ainda sofre com um certo preconceito de pesquisadores que o consideram uma área de menor importância, pelo seu flerte com o entretenimento.

É importante também para as pessoas com deficiência em geral, que representam um dos maiores grupos minoritários do país. Como foi percebido ao longo da análise do material, boa parte do público deficiente entrevistado via esses atletas como exemplos, não necessariamente pelos estereótipos de “coitadinho” ou “exemplo de superação”, mas como pessoas que poderiam ajudar a promover uma mudança na sociedade brasileira quanto a aceitação das diferenças e que poderiam fomentar discussões importantes sobre acessibilidade e inclusão. Esses tópicos estiveram presentes, sim, na cobertura, mas em quantidade menor do que se esperava.

A proposta desta dissertação de equiparar os capítulos com etapas da disputa de uma modalidade coletiva em megaeventos teve como principal objetivo ajudar a guiar o leitor pela linha de raciocínio do autor, justificando a presença dos tópicos ao longo do texto.

No primeiro capítulo, foram levantados temas referentes à pessoa com deficiência. Retomando o que disse Marialva Barbosa (2019, p. 130), é preciso compreender que o presente está inserido em uma linha temporal que vem do passado até o agora e por isso,

é preciso estudar também o passado para compreender o momento atual. Por mais que ela falasse sobre o campo da Comunicação, entende-se aqui que essa visão pode e deve ser aplicada às demais áreas do conhecimento.

Por isso, o primeiro capítulo trouxe já no início a história das pessoas com deficiência em diferentes sociedades, para entender como esse tratamento se modificou profundamente ao longo dos séculos. E a partir do século XX houve uma mudança de atitude por parte das PCD, que passaram a lutar por seus direitos e o modo como eles eram vistos pelo mundo, o que levou ao surgimento do Modelo Social da Deficiência.

Para finalizar, o capítulo ainda trouxe uma seção para discutir a importância do esporte na vida de uma PCD. No caso deste grupo, possui um valor que vai além da simples manutenção de uma vida saudável, sendo componente fundamental em tratamentos de reabilitação, não apenas médica como social. Mas o esporte passou também a assumir o seu outro lado, que é o do alto rendimento, que hoje levanta perguntas importantes como, por exemplo, a influência da tecnologia na performance dos atletas. Muitas dessas perguntas ainda estão longe de terem uma resposta mais concreta, mas foi importante trazê-las para esta dissertação porque a temática esteve presente ao longo da cobertura.

O segundo capítulo continuou abordando a pessoa com deficiência, mas já inserido dentro do contexto do Esporte Paralímpico. Era necessário entender a história do Movimento Paralímpico e do Esporte Adaptado no Brasil e no mundo para entender o crescimento da Paralimpíada e sua colocação como megaevento esportivo. Em quase 70 anos, os Jogos cresceram cerca de 300 vezes em número de atletas, indo de 14, na primeira edição dos Jogos de Stoke Mandeville, para 4500 na Rio-2016. São poucos os megaeventos atuais que possuem um número maior de atletas.

Além do número de atletas, os Jogos também cresceram em audiência e interesse do público. No Rio, isso se refletiu de dois modos: primeiro, o grande número de ingressos vendidos, mesmo com toda a preocupação inicial; segundo, com a cobrança das pessoas nas redes sociais exigindo dos veículos uma cobertura maior, que fosse semelhante à das Olimpíadas.

Mas era preciso compreender que o caminho que levou o Brasil a sediar não apenas as Paralimpíadas como também todos os outros megaeventos entre 2007 e 2019 foi bastante turbulento e deixou marcas profundas na sociedade brasileira. A festa vista em 2007 e em 2009 com o anúncio das candidaturas vitoriosas do Brasil e do Rio para a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos de 2016 acabou transformando-se em grandes

revoltas populares a partir de 2013. A boa fase econômica que o Brasil passava na década anterior tinha acabado e a população via os megaeventos como supérfluos, e os investimentos deveriam ser redirecionados a áreas como saúde, educação e segurança.

Vieram Copa das Confederações, Copa do Mundo, Olimpíadas e Paralimpíadas e, mesmo com todas as turbulências, os eventos foram considerados bem-sucedidos pelos turistas e atletas. Mas o que se viu depois foi uma falta de planejamento prévio. Diversas obras prometidas não foram entregues a tempo, algumas ainda se encontram inconclusas ou paradas até o momento de fechamento deste texto, além de estruturas esportivas que viraram “elefantes brancos”, como os estádios da Copa do Mundo. No Rio, a situação ainda foi mais agravante. O custo para receber os Jogos quebrou a cidade e o estado, que também se afunda ainda mais em escândalos de corrupção descobertos a partir de investigações sobre os megaeventos.

E qual era o papel do Jornalismo dentro de tudo isso? Logicamente de informar ao leitor, ouvinte ou telespectador todas as facetas destes megaeventos. Saber balancear entre o lado esportivo e o que acontecia dentro das quatro linhas de disputa de uma arena e as consequências econômicas, sociais, políticas e culturais de tudo isso. Essa década se mostrou um verdadeiro desafio para o Jornalismo brasileiro, principalmente o Esportivo, que ficou responsável por esta cobertura tão complexa. Nas Olimpíadas e Paralimpíadas, ainda tinha outros nuances, como contar a história das pessoas envolvidas nesses megaeventos.

Coloca-se isso como uma das características mais comuns às Olimpíadas e Paralimpíadas, porque grande parte dos atletas em destaque nesses eventos não está rotineiramente nas pautas dos cadernos de Esporte, como acontece com o Futebol e suas personalidades. Por isso esse foi o caminho trilhado pelo segundo capítulo, passando por estas questões históricas, uma contextualização abrangente até chegar ao ponto final, que era entender o papel do Jornalismo dentro da cobertura de um megaevento.

Já o último capítulo compreendeu a análise do material empírico. Mas antes foram necessários dois passos. O primeiro foi entender a condição da pesquisa acadêmica entre Paralimpíadas e mídia. Compreender os materiais analisados, as metodologias utilizadas e os resultados encontrados, para estabelecer a comparação com o que seria encontrado nesta. Mas esse foi um dos grandes desafios: além da pesquisa no Brasil estar em fase de crescimento, a nível mundial, os acessos eram restritos nos bancos das revistas científicas.

O segundo passo foi determinar os procedimentos metodológicos. As primeiras opções foram descartadas por não contemplarem o propósito desta pesquisa. Por

considerar que só o qualitativo não era suficiente, optou-se por seguir um caminho quali-quantitativo, que ajudasse a entender não apenas o conteúdo, como também o tempo / espaço que as Paralimpíadas tiveram nos veículos.

Quanto ao qualitativo, a escolha por se basear nos guias se deu por serem materiais produzidos nas Paralimpíadas para ajudarem os jornalistas com sugestões de termos que devem ser evitados, enquadramentos, entre outras características. E como mostrou um dos estudos que nos referenciou, os envolvidos na cobertura da Rio-2016 levaram esses materiais em consideração como se fossem Manuais de Estilo similares aos feitos pelos próprios veículos.

A escolha pelos quatro veículos se deu principalmente para tentar chegar o mais próximo possível de se pesquisar a cobertura da imprensa brasileira, mesmo sendo um objetivo praticamente impossível. Para isso, foram selecionados meios e grupos de mídia diferentes também. Foi um grande desafio no momento da análise porque resultou em um *corpus* enorme, com quase 500 peças coletadas. No final, optou-se por analisar os veículos separadamente, mas sempre tentando cruzar os resultados entre eles, para estabelecer semelhanças e diferenças nas coberturas.

Para a EBC, foi necessário fazer uma contextualização sobre a radiodifusão pública. Por ser um sistema diferente do comercial, que é o mais tradicional no país, foi importante entender o seu funcionamento, estruturação e o que se coloca como características da comunicação pública. Dentro da própria EBC, foram encontrados resultados bastante díspares, como o tratamento dado ao então presidente Michel Temer.

Temer, que foi bastante vaiado na Cerimônia de Abertura das Paralimpíadas, teve sua imagem preservada em *A Voz do Brasil*, mas na Radioagência Nacional foi produzido um boletim somente para isso. Tomando como base as conclusões de Silva (2018b), mostra que existe uma certa distinção na política editorial da EBC, com algumas recomendações não sendo aplicadas a todos os ramos da Empresa.

Apesar de ter feito uma grande divulgação da sua cobertura nos programas analisados, a EBC cometeu duas falhas grandes que vão em sentido contrário ao que é determinado em seu Manual de Jornalismo. Primeiro, o fato de ter sido uma cobertura muito pautada pelos resultados. Nos outros três veículos essa característica também aparece, mas o Manual da Empresa defende que é preciso um certo equilíbrio dentro da cobertura esportiva, o que não foi verificado pela pesquisa. Assim, as modalidades coletivas acabaram tendo pouca presença dentro do material da EBC. A exceção foi o

Bate Bola Nacional, que abriu espaço para o Futebol de 5 e o Futebol de 7, mas somente porque os comentaristas também estavam participando das transmissões da *TV Brasil*.

A segunda falha foi a falta de cumprimento de outras diretrizes do Manual da EBC, como o fomento à construção da cidadania e subordinação aos interesses da sociedade. O momento de realização das Paralimpíadas era fértil para fomentar debates de acessibilidade e inclusão na sociedade brasileira, mas essas temáticas apareceram pouco na EBC, e em sua maioria apenas no *Resenha Paralímpica*, cuja transmissão não era obrigatória.

Por outro lado, foi o único veículo analisado que trouxe um formato pouco utilizado na cobertura do esporte paralímpico: o comentário, tradicional em programas de mesa redonda como o *Bate Bola Nacional*. É importante ver o esporte paralímpico recebendo tratamento similar ao de outros esportes, como o próprio Futebol, mesmo que apenas em época dos Jogos.

Dos quatro grupos jornalísticos, a *Folha* é o que apresentou o menor *corpus*, mas isso é compreendido devido ao formato escolhido, o impresso. Foi diferente dos demais, já que as coberturas da EBC e da *Globo* consistiam de vários programas e o *Estadão*, por ser um portal de internet, não tinha preocupação com o espaço. No geral, o jornal conseguiu manter na cobertura das Paralimpíadas a proposta do seu caderno de Esportes, informando não apenas os resultados e relatos das partidas, mas também por meio de um bom número de reportagens dentro do total de peças analisadas. O principal destaque positivo da *Folha* foram os textos opinativos, como os que falavam sobre Petrúcio Ferreira e Markus Rehm. As jornalistas optaram por utilizar o espaço para produzir reportagens, embasadas com dados científicos e entrevistas com especialistas.

Foi sobretudo na área de fotos que a *Folha* cometeu seus erros. Enquanto em alguns casos questiona-se as recomendações do guia de Pappous e Souza (2016), em três concorda-se que houve um enfoque desnecessário na deficiência e descaracterização do atleta, o que é considerada uma falha séria segundo os autores.

Já o *Portal Estadão* fez uma cobertura muito pautada pelo factual. As matérias focavam nos resultados e as poucas reportagens existentes eram replicadas da versão impressa. A equipe não aproveitou as potencialidades do meio *online*, podendo trabalhar com texto, foto, vídeo, áudio e conteúdos interativos. Além de texto e foto, houve apenas dois vídeos e um infográfico interativo que foi replicado em diversas matérias.

Por último, a *Globo* transmitiu uma cobertura muito diferente da que havia produzido semanas antes, nas Olimpíadas. As horas de transmissão diárias dos Jogos

Olímpicos viraram um trabalho limitado aos telejornais. A direção do canal chegou a justificar que a não transmissão das Cerimônias e das competições eram “decisões artísticas” devido às críticas que enfrentou nas redes sociais, que falavam do descaso com que o canal tratava o evento.²⁴ Outras decisões também foram notadas, como a não utilização do estúdio permanente instalado pelo *Grupo Globo* no Parque Olímpico.

Quanto ao conteúdo, a *Globo* trouxe resultados opostos. Ao mesmo tempo que conseguiu diversificar os conteúdos entre os telejornais, também foi notada muita repetição de informação e imagens entre eles, podendo ser justificado pela mudança de público de cada noticioso com o passar do horário. Entre os quatro veículos, porém, foi o que mais abriu espaço para a cobertura das Paralimpíadas.

No geral, o que mais se observou foi uma cobertura pautada pelos resultados. A maior parte do conteúdo coletado dos quatro veículos abordava os resultados e principalmente os medalhistas. Isso vai ao encontro do que é afirmado por Schantz e Gilbert (2001). Segundo os autores, os meios de comunicação de massa têm a tendência de enfatizar os resultados e as performances ao informar sobre os atletas com deficiência. No caso das Paralimpíadas, isso também pode ser predominante por se tratar de um tipo de conteúdo jornalístico mais fácil e rápido de ser produzido, algo que contrasta com o pequeno número de jornalistas envolvidos na cobertura dos veículos e também com a agilidade exigida hoje dos meios, principalmente o *online*. Por causa do foco em resultados, as modalidades coletivas acabaram tendo muito pouco espaço dentro dos veículos.

Foram notadas várias pautas comuns aos veículos, como a explicação do funcionamento de algumas modalidades como o Futebol de 5, a oficina de reparos da empresa alemã Ottobock e as atividades que estavam disponíveis para o público no Parque. Por outro lado, algumas pautas que se esperava ver com mais frequência, como o serviço de audiodescrição, a classificação funcional e a própria história dos Jogos Paralímpicos, foram pouco noticiadas ao longo dos 13 dias de análise.

A classificação funcional foi um outro problema encontrado. Boa parte do material analisado não informava a explicação completa das classes, o que representa uma falha de informação que pode causar confusão ao público. É algo que pode ser explicado em algumas poucas palavras e resolve uma das grandes dúvidas que o público tem quanto às Paralimpíadas.

²⁴ <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/09/09/globo-diz-que-compacto-da-paralimpiada-foi-decisao-artistica.html>. Acesso em: 24 jul. 2019

O nome mais encontrado nesta cobertura foi o de Daniel Dias. Isso não surpreende porque o nadador já havia chegado ao Rio como o maior nome da delegação brasileira, o maior medalhista do país e a principal promessa de medalhas dos Jogos. Daniel esteve presente em todos os dias analisados e em todos os veículos, em matérias e reportagens sobre as provas que disputou, medalhas conquistadas, o recorde batido por ele e a presença de sua família no Estádio Aquático. O ponto alto foi sua entrevista, ao vivo, na bancada do *Jornal Nacional*, onde teve um espaço de cerca de oito minutos para falar sobre sua trajetória e o futuro do Esporte Paralímpico.

Quanto ao modo como os atletas foram apresentados pelos veículos, notou-se poucos casos em que o estereótipo de “coitadinho” esteve presente. Por outro lado, o de “super-herói” foi mais encontrado, mas em quantidade menor se comparado com o *corpus* como um todo. Esse resultado segue o encontrado por Hilgemberg (2017a) em sua tese.

No geral, foi uma cobertura com poucos deslizes por parte dos repórteres e veículos. Em nenhuma matéria foram encontrados termos considerados pejorativos e que deveriam ser evitados de acordo com o guia (PAPPOUS; SOUZA, 2016). Apenas três conteúdos foram considerados problemáticos, como a análise do capítulo anterior apontou: o teste de acessibilidade na Feira de São Cristóvão sem incluir uma única pessoa com deficiência, de *A Voz do Brasil*, a reportagem de Marcos Uchôa sobre os atletas paralímpicos e a guerra, do *Jornal Nacional* e as fotos da *Folha de S. Paulo*.

Por mais que tenha sido uma cobertura sóbria e que noticiou o Esporte Paralímpico com poucos deslizes, os Jogos ainda tiveram um espaço relativamente pequeno nos veículos analisados. Mesmo nas editorias de Esporte, o Futebol foi o maior destaque, o que já é tradicional na imprensa brasileira e mundial.

Ao final, espera-se que esta pesquisa possa colaborar com o campo do Jornalismo, não apenas abordando a área esportiva, mas também com estudos que focam na representação da pessoa com deficiência pela mídia. Por ter abordado não apenas o lado esportivo e competitivo dos megaeventos, espera-se também que possa ajudar na percepção da Academia sobre a função e a importância do Jornalismo Esportivo dentro do dia-a-dia dos veículos e a necessidade de estudar suas produções.

Quanto às pesquisas específicas sobre a cobertura de esportes paralímpicos, espera-se que tenha ajudado na consolidação dessa área dentro da pesquisa acadêmica, que ainda carece de certos tipos de fontes, como análises de materiais televisivos e radiofônicos. Durante o processo de pesquisas de referências, foi encontrado apenas um artigo que abordasse a televisão, enquanto não se conseguiu verificar um único sobre

rádio. E que possa também colaborar com o pensamento acerca de como noticiar os atletas paralímpicos e o esporte adaptado.

Por último, espera-se também que o protocolo metodológico proposto por esta dissertação possa ajudar com a questão da falta de metodologias específicas do campo jornalístico, um debate ainda muito longe de chegar ao fim. Pretende-se com trabalhos futuros expandir esta proposta, tornando-a o mais completo possível.

A grande dúvida que fica é se essa cobertura e esse espaço foi um caso pontual na imprensa nacional, já que os Jogos foram realizados no Brasil, ou se continuará em outras edições, mesmo em outros países. Nos primeiros casos após o fim da Rio-2016, os resultados foram díspares. Nas Paralimpíadas de Inverno de 2018, nenhum canal de televisão brasileiro aberto ou fechado, transmitiu os Jogos, e nos demais meios, a cobertura ficou restrita a poucas matérias nos portais. Já nos Jogos Parapan-Americanos de Lima, o *Grupo Globo* comprou os direitos de transmissão do evento pela primeira vez, transmitindo cerca de 80 horas de competições, além das Cerimônias de Abertura e Encerramento no canal *SporTV*.

Isso abre espaço para a manutenção desta linha de pesquisa no futuro, projetando os próximos megaeventos como as Paralimpíadas de Tóquio em 2020. Além disso, outras possibilidades envolvem estudar a cobertura do esporte no período dos ciclos paralímpicos, que vai do fim de uma edição até o início da outra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBERLEY, Paul. The Concept of Oppression and the Development of a Social Theory of Disability. **Disability, Handicap & Society**, Bristol, v. 2, n. 1, p. 5-19, 1987

AMIRALIAN, Maria *et al.* Conceituando deficiência. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 97-103, 2000

ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade**. Brasília: INDESP, 1998

ARISTÓTELES. **Política**. Texto Integral. São Paulo: Martin Claret, 2003

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS. 2019. Página Inicial. Disponível em: <http://www.apae.com.br/>. Acesso em: 20 mai. 2019

ATLETAS Paralímpicos podem atingir desempenhos semelhantes aos competidores olímpicos. **Esporte Espetacular**, 11 set. 2016. 1 vídeo. Acesso em: fev. 2019

AUSTRALIAN PARALYMPIC COMMITTEE. **Australian Paralympic Committee Media Guide – Sochi 2014 Paralympic Winter Games**. Sydney: APC, 2014

A VOZ DO BRASIL. **Edição de 12 de setembro de 2016**. Brasília: Empresa Brasil de Comunicação. Arquivo MP3 [25 minutos]

BACKES, Vanessa Cristina. A Reprise de Notícias em Telejornais da TV Globo: Um Estudo sobre o Jornal da Globo e o Hora 1 da Notícia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, 2018, Joinville, SC. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2018

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013

BARBOSA, Marialva. Mirar o Presente Olhando o Passado: O Risco do Foco Presentista nos Estudos de Comunicação Permeados pela Mídia. [Entrevista cedida a] Ana Paula Heck *et al.* **Revista UNINTER de Comunicação**, Curitiba, v. 7, n. 12, p. 129 – 131, jun. 2019

BERGAMO, Regiane Banzatto. **Educação Especial – Pesquisa e Prática**. Curitiba: Ibpex, 2010

BERGER, Ronald. Disability and the Dedicated Wheelchair Athlete Beyond the “Supercrip” Critique. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 37, n. 6, p. 647-678, 2008

BRASIL. Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1934

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, 2015

BRUEL, Maria Rita. Função Social do Esporte. **Motrivivência**, v. 1, p. 108-111, 1989

BUCCI, Eugênio. **Em Brasília, 19 Horas:** A Guerra entre a Chapa-Branca e o Direto a Informação no Primeiro Governo Lula. Rio de Janeiro: Record, 2008

BUYSSE, Jo Ann; BORCHERDING, Bria. Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs from the 2008 Paralympic Games. **International Journal of Sports Communication**, v. 3, n. 3, p. 308 – 321, 2010

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **A Educação Física Escolar Especial, a Inclusiva e as Paraolimpíadas.** Brasília: Edições Câmara, 2011.

CAMPBELL, Jane. Growing Pains: Disability Politics – the Journey Explained and Described. In: BARTON, Len; OLIVER, Michael. **Disability Studies:** Past, Present and Future. Leeds: The Disability Press, 1997

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: Novas Arquiteturas Noticiosas. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo:** 7 Características que marcam a Diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014

CARDOSO, Marcelo. Jornalismo especializado em esportes: uma discussão para ampliar conceitos e autores. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39, 2016, São Paulo, SP. **Anais ...** São Paulo: Intercom, 2016

CARMO, Apolônio Abadio do. **Deficiência física:** a sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina. Brasília: Secretaria dos Desportos, 1994

CHAMIE, Mary. The status and use of the International Classification of Impairments, Disabilities and Handicaps (ICIDH). **World Health Statistics Quarterly**, v. 43, n. 4, p. 273-280, 1990

CHANG, Young et al. One world, one dream. A qualitative comparison of the newspaper coverage of the 2008 Olympic and Paralympic Games. **International Journal of Sport Communication**, v. 4, n. 1, p. 26-49, 2011

CIDADE, Ruth Eugênia Amarante. **Introdução à Educação Física Adaptada para Pessoas com Deficiência.** Curitiba: Editora da UFPR, 2009

CIPRO NETO, Pasquale. ‘Paraolimpíada’ x ‘Paralimpíada’. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. 24, 08 set. 2016

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo.** 2ªed. São Paulo: Contexto, 2004

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Guia de Imprensa – Jogos Paralímpicos Rio 2016.** Brasília, 2016

COSTA E SILVA, Anselmo *et al.* Esporte Adaptado: Abordagem sobre os fatores que influenciam a Prática do Esporte Coletivo em Cadeira de Rodas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 4, p. 679-687, out-dez. 2013

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez. 1948

DE LÉSÉLEUC, Eric; PAPPOUS, Athanasios; MARCELLINI, Anne. La Cobertura Mediática de las Mujeres Deportistas con Discapacidad: Análisis de la Prensa Diaria de Cuatro Países Europeos Durante los Juegos Paralímpicos de Sidney 2000. **Apunts, Educación Física y Deportes**, v. 97, n. 3, p. 80-88, 2009

DE LÉSÉLEUC, Eric; PAPPOUS, Athanasios; MARCELLINI, Anne. The media coverage of female athletes with disability: Analysis of the Daily Press of four European countries during the Sidney 2000 Paralympic Games. **European Journal for Sport and Society**, v. 7, n. 3-4, p. 283-296, 2010

DEPAUW, Karen. The (In)Visibility of Disability: Cultural Contexts and “Sporting Bodies”. **Quest**, v. 49, n. 4, p. 416-430, 1997

DICHER, Marilu; TREVISAM, Elisaide. A Jornada Histórica da Pessoa com Deficiência: Inclusão como Exercício do Direito à Dignidade da Pessoa Humana. In: CONPEDI/UFPB (org.). **Direitos Fundamentais e Democracia III**. João Pessoa: CONPEDI, 2015

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2012

DOLZAN, Marcio. Odair Santos é prata no atletismo e dá 1ª medalha ao Brasil na Paralimpíada. **Portal Estadão**, 08 set. 2016. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,odair-santos-e-prata-no-atletismo-e-da-1-medalha-ao-brasil-na-paralimpiada,10000074727>. Acesso em: 22 mai. 2019

DOLZAN, Marcio. André Brasil e Phelipe Rodrigues vão ao pódio nos 100 metros livre S10 no Rio. **Portal Estadão**, 13 set. 2016. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,andre-brasil-e-phelipe-rodrigues-va-ao-podio-nos-100-metros-livre-s10-no-rio,10000075806>. Acesso: 23 mai. 2019

DOLZAN, Marcio. Gols de Jefinho mostram por que ele é o ‘Neymar’ no Futebol de 5; confira. **Portal Estadão**, 16 set. 2016. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,no-futebol-de-5-brasil-tambem-tem-seu-neymar,10000076317>. Acesso: 23 mai. 2019

DORENSKI, Sérgio; MEZZARROBA, Cristiano; PIRES, Giovani de Lorenzi. Estudos de Mídia e Megaeventos Esportivos. In: OLIVEIRA, Ailton; HAIACHI, Marcelo (orgs.). **Diferentes Olhares sobre os Jogos Rio 2016: A Mídia, os Profissionais e os Espectadores**. Aracaju: EDISE, 2018

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009

EMERIM, Cárlica; BRASIL, Antônio. Coberturas em Telejornalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34, 2011, Recife, PE. **Anais ...** São Paulo: Intercom, 2011

EMERIM, Cárlica; CAVENAGHI, Beatriz. Cobertura ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10, 2012, Curitiba, PR. **Anais ...** Brasília, SBPJor, 2012

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Resolução N° 03/2010, de 22 de fevereiro de 2010**

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Serviços**. Disponível em: www.ebc.com.br. Acesso: 23 mai. 2019

EMPRESA BRASIL DE JORNALISMO. **Manual de Jornalismo EBC**. Brasília: EBC, 2013

FAVERO, Paulo. No Rúgbi, atuação do Mecânico garante a Disputa na Paralimpíada. **Portal Estadão**, 16 set. 2016. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,no-rugbi-atuacao-do-mecanico-garante-a-disputa-na-paralimpiada,10000076312>. Acesso: 22 mai. 2019

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009

FOLHA DE S. PAULO. Emoções Paraolímpicas. **Folha de S. Paulo**, p. 2, 09 set. 2016

FRANÇA, Tiago Henrique. Modelo Social da Deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 31, p. 59-73, jul/dez., 2013

FRANGE, Marcelo Bechara Souza Nassar. **A produção do jornalismo esportivo na internet**. Curitiba: Appris, 2016

FREITAS, Patrícia Silvestre de; CIDADE, Ruth Eugênia. Paraolimpíadas: Revisando a história. **Revista da Sobama**, Marília, v. 7, n. 1, p. 09-26, dez., 2002

FREITAS, Ricardo Ferreira; LINS, Flávio; SANTOS, Maria Helena Carmo dos. Megaeventos: a Alquimia Incontrolável da Cidade. **Revista Logos**, Edição 40, n. 24, v. 1, p. 1-13, 1º sem. 2014

FROST, Warwick. Events and Tourism. In: PAGE, Stephen; CONNELL, Joanne. **The Routledge Handbook of Events**. Londres: Routledge, 2012

GESSER, Marvete. **Gênero, Corpo e Sexualidade: Processos de Significação e suas Implicações na Constituição de Mulheres com Deficiência Física**. 2010. 315 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010

GOZZER, Thierry. *Obra Parada, 1001 Falhas e Mato Crescendo: Parque Olímpico coleciona Problemas após Rio 2016*. **Globoesporte.com**, 04 abr. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/obra-parada-1001-falhas-e-mato-crescendo-parque-olimpico-coleciona-problemas-apos-rio-2016.ghtml>. Acesso: 12 mai. 2019

GRANDE Prêmio da Alemanha de Fórmula 1 – Temporada 2000. Apresentado por Galvão Bueno. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 31 jul. 2000, 9h. Duração 1 h 30 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gvn-qddVAWQ>. Acesso em 15 jul. 2019

GRUBANO, Everson Cardoso. **O Esporte Adaptado como Fator de Inclusão Social para Pessoas com Deficiência Física**. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/3075/1/Everson%20Cardoso%20Grubano.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2019

GUALA, Chito; BONDONIO, Piervincenzo. **Hosting Mega Events or Planning the Legacy?** 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281841065_Hosting_Mega_Events_or_Planning_the_Legacy. Acesso em: 12 out. 2018

GUGEL, Maria Aparecida. **A Pessoa com Deficiência e sua Relação com a História do Trabalho**. 2012. Disponível em: <http://www.ampid.org.br/v1/a-pessoa-com-deficiencia-e-sua-relacao-com-a-historia-da-humanidade/>. Acesso em 05 mar. 2019

GURGEL, Anderson. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 32-33, p. 193-210, jun-dez, 2009

GURGEL, Anderson. O Papel do Jornalismo nos Megaeventos Esportivos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35, 2012, Fortaleza, CE. **Anais ...** São Paulo: Intercom, 2012

HALL, Colin Michael. The Definition and Analysis of Hallmark Tourist Events. **GeoJournal**, Amsterdã, v. 19, n. 3, p 263-268, 1989

HARDIN, Marie. Disability and Sport: (Non)Coverage of an athletic paradox. **Routledge Online Studies on the Olympic and Paralympic Games**, Londres, v. 1, n. 46, p. 577-585, mai., 2012

HARDIN, Marie; HARDIN, Brent. Performance or Participation... Pluralism or Hegemony? Images of Disability & Gender in Sports ‘n Spokes Magazine. **Disability Studies Quarterly**, v. 25, n. 4, p. 1-18, 2005

HILGEMBERG, Tatiane. **Os atletas paraolímpicos na imprensa-** Análise comparativa da cobertura noticiosa da mídia no Brasil e em Portugal de 1996 2008. 2010. 108 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2010

HILGEMBERG, Tatiane. **Atleta real x Atleta de papel**. A perspectiva individual dos atletas paralímpicos e sua representação na mídia impressa. 2017. 221 p. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

HILGEMBERG, Tatiane. O lugar do atleta paralímpico nos jornais impressos: uma análise da cobertura dos Jogos de 2012. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40, 2017, Curitiba, PR. **Anais ...** São Paulo: Intercom, 2017

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. De “País do Futebol” a “País de Megaeventos”: Um Balanço da Modernização dos Estádios Brasileiros sob a ótica das Torcidas Organizadas da Cidade de São Paulo. **Recorde**, v. 12, n. 1, p. 1-27, jan./jun. 2019

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012

HORNE, John; MANZENREITER, Wolfram. An Introduction to the Sociology of Sports Megaevents. In: HORNE, John; MANZENREITER, Wolfram (orgs.). **Sports Mega-Events: Social Scientific Analysis of a Global Phenomenon**. (Special Issue: The Sociological Review Monograph Series). p. 1-24, dez. 2006

HOWE, David. From inside the newsroom: Paralympic media and the “production” of elite disability. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 43, n. 2, p. 135-150, 2008

HUTCHINSON, Tom. The Classification of Disability. **The Journal of the British Paediatric Association**, n. 73, p. 91-99, 1995

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Brasília, 2012

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Guide to reporting on persons with an impairment**. Bonn: IPC, 2014

JORGE, Mariliz Pereira. Para-atletas não são Super-Heróis. **Folha de S. Paulo**, p. 36, 17 set. 2016

KFOURI, Juca. Alckmin, Moraes e a Paraolimpíada. **Folha de S. Paulo**, p. 34, 08 set. 2016

LAGE, Nilson. **A Reportagem: Teoria e Técnica da Entrevista e Pesquisa Jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2006

LAJOLO, Mariana. “Corre, Petrócio!”. **Folha de S. Paulo**, p. 32, 16 set. 2016

LAJOLO, Mariana. Com China no topo, Elite Paraolímpica destoa da Olímpica. **Folha de S. Paulo**, p. 44, 19 set. 2016

LEFEVOUR, Kelsey. **Competing and conflicting narratives: a framing analysis of the Paralympic Games in *The New York Times* and *USA Today* between 1996 and 2013.** 2014, 100 p. Dissertação (Master of Science in Recreation, Sport and Tourism) - University of Illinois, Urbana-Champaign, 2014

LÉO, Alberto. **História do Jornalismo Esportivo na TV brasileira.** Rio de Janeiro: Maquinária, 2017

LIEDTKE, Paulo Fernando; AGUIAR, Itamar. Políticas Públicas de Comunicação no Governo Lula (2003-2010): Avanços e Retrocessos Rumo à Democratização do Setor. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34, 2011, Recife, PE. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2011

LONGO, Guilherme. The Paralympic Games are for Everybody. **Der Tagesspiegel**, 13 set. 2016. Disponível em: <https://www.tagesspiegel.de/themen/paralympics/paralympics-diary-the-paralympic-games-are-for-everybody/14537622.html>. Acesso: 05 mai. 2019

LONGO, Guilherme; ZUCULOTO, Valci. O Esporte Paralímpico na Imprensa Brasileira Antes, Durante e Depois da Rio-2016. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte – Suplemento Especial Anais do VI Congresso Paradesportivo Internacional**, v. 24, n. 6, p. 95, nov./dez. 2018

MACIEL, Mayara. **Esporte: Um Olhar Muito Especial.** Brasil: Instituto Muito Especial, 2008

MARQUES, Jairo. Paraolimpíada é Esperança. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. 18, 07 set. 2016

MARQUES, Jairo. Com Equipe Recorde, Brasil Paraolímpico busca feito histórico. **Folha de S. Paulo**, p. 26-27, 07 set. 2016

MARQUES, Jairo. Com Medalha Diante da Família, Daniel Dias realiza Sonho no Rio. **Folha de S. Paulo**, p. 38, 09 set. 2016

MARQUES, Jairo. Acesso Restrito. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, p. 36, 11 set. 2016

MARQUES, José Carlos. Nem herói, nem coitadinho: A cobertura dos Jogos Paralímpicos 2016 nas páginas dos jornais *Lance!* e *Folha de S. Paulo*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40, 2017, Curitiba, PR. **Anais ...** São Paulo: Intercom, 2017

MATOS, Lidiane Leite de. **A Voz do Brasil.** Do Estado Novo ao Século XXI. 112 p. Monografia – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2001

MENDONÇA, Renata. Três anos após início da Copa, ‘elefantes brancos’ servem até de escola para reduzir prejuízo. **BBC Brasil**, 12 jun. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-40226673>. Acesso: 12 mai. 2019

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília, 1994

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Secretaria de Educação Especial. **Educação Especial: História, Etiologia, Conceitos e Legislação Vigente**. Bauru, 2008. Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/educacaoespecial/material/Livro2.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019

MIRANDA, Tatiane Jacusiel. **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de História**. 331 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011

NO CORPO dos atletas paralímpicos, as marcas de muitas guerras. **Jornal Nacional**, 12 set. 2016. 1 vídeo. Acesso: fev. 2019

NOVAIS, Rui Alexandre; HILGEMBERG, Tatiane. A Visão Bipolar do Pódio: Olímpicos versus Paraolímpicos na Mídia On-line do Brasil e de Portugal. **Logos** 33, v. 17, n. 2, p. 78-99, 2010

NUCCI, Celso (org.). **Manual de Jornalismo da Radiobrás**. Brasília: Radiobrás, 2006

OLIVER, Michael; BARNES, Colin. **Disabled People and Social Policy: from Exclusion to Inclusion**. Londres: Longman, 1998

PAPPOUS, Athanasios *et al.* La representación mediática del deporte adaptado la discapacidad en los medios de comunicación. **Ágora para la Educación Física y el Deporte**, Valladolid, n. 9, p. 31-42, 2009

PAPPOUS, Athanasios; MARCELLINI, Anne; DE LÉSÉLEUC, Eric. Contested Issues in Research on the Media Coverage of Female Paralympic Athletes. **Sports in Society**, v. 14, n. 9, p. 1182-1191, 2011a

PAPPOUS, Athanasios; SOUZA, Doralice Lange de. **Guia para a Mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos**. Brasília: CPB, 2016

PARALIMPÍADA do Rio deixará saudade. **Fantástico**, 18 set. 2016. 1 vídeo. Acesso em: fev. 2019

PARALYMPICSGB. **British Paralympic Association Guide to Reporting on Paralympic Sport**. Londres: BPA, 2012

PARALYMPICS NEW ZEALAND. **Spirit of Gold** – Terminology Guide to the 2018 Pyeongchang Paralympic Winter Games. Auckland: PNZ, 2018

PEDRINELLI, Verena Junghahnel; VERENGUER, Rita de Cássia Garcia. Educação Física Adaptada: Introdução ao Universo das Possibilidades. In: GREGUOL, Márcia; COSTA, Roberto Fernandes da. **Atividade Física Adaptada** – Qualidade de Vida para Pessoas com Necessidades Especiais. Barueri: Editora Manole, 2013

PENA, Felipe. **Jornalismo** – Coleção 1000 Perguntas. Rio de Janeiro: Editora Rio-Universidade Estácio de Sá, 2005

PLATÃO. **A República**. Texto Integral. 2. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2010

POYNTER, Gavin. **From Beijing to Bow Road: Urban Regeneration and the Olympic Legacy**. Londres: University of East London, 2006

PRADO, Emílio. **Estrutura da Informação Radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989

REZENDE, Constança. Após ouro no Rio-2016, Daniel Dias diz que quer “conquistar respeito do povo”. **Portal Estadão**, 08 set. 2016. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,apos-ouro-no-rio-2016-daniel-dias-diz-que-quer-conquistar-respeito-do-povo,10000074897>. Acesso: 21 mai. 2019

REZENDE, Constança. Com ouro, Daniel Dias fatura 1º medalha na Paralimpíada do Rio. **Portal Estadão**, 08 set. 2016. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,com-ouro-daniel-dias-fatura-1-medalha-na-paralimpiada-do-rio,10000074854>. Acesso: 21 mai. 2019

REZENDE, Constança. Daniel Dias avança em primeiro lugar para a final dos 200m livre na Paralimpíada. **Portal Estadão**, 08 set. 2016. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,daniel-dias-avanca-em-primeiro-lugar-para-a-final-dos-200m-livre-na-paralimpiada,10000074742>. Acesso: 21 mai. 2019

REZENDE, Constança. Paratleta ouro nos 4x100m, Gustavo Araújo descobriu Doença na Visão há sete anos. **Portal Estadão**, 13 set. 2016. Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/jogos-olimpicos,paratleta-ouro-nos-4x100m-gustavo-araujo-descobriu-doenca-na-visao-ha-sete-anos,10000075831>. Acesso: 21 mai. 2019

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**. Histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007

RITCHIE, JR Brent. Assessing the Impact of Hallmark Events: Conceptual and Research Issues. **Journal of Travel Research**, v. 23, n. 1, p. 2-11, 1984

ROJAS TORRIJOS, José Luis. **Bases para la Formulación de um Libro de Estilo de Última Generación**. Construcción de um Modelo Teórico Válido para los Medios Deportivos Escritos y Digitales en Lengua Española. 2010, 435 p. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidad de Sevilla, Sevilla, 2010

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: Informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 Características que marcam a Diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014

SANTOS, Silvan Menezes do. **O processo de Produção de Notícias dos Jogos Paralímpicos Rio-2016: Rotinas, Critérios e Valores do Jornalismo Esportivo Paraolímpico**. 2018, 289 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-

Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018

SASSAKI, Romeu. **Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997

SCHANTZ, Otto; GILBERT, Keith. An Ideal misconstrued: newspaper Coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. **Sociology of Sport**, n. 18, p. 69-94, 2001

SCHELL, Lee Ann; DUNCAN, Margaret. A content analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. **Adapted Physical Quarterly**, v. 16, p. 27-47, 1999

SERON, Bruna Barboza; ARRUDA, Gustavo Aires de; GREGUOL, Márcia. Facilitadores e Barreiras Percebidas para a Prática de Atividade Física por Pessoas com Deficiência Motora. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 3, p. 214-221, 2015

SCHELL, Lea Ann; DUNCAN, Margaret Carlisle. A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 16, n. 1, p. 27-47, 1999

SHERILL, Claudine. **Adapted Physical Activity, Recreation and Sport: Crossdisciplinary and Lifespan**. Madison: Brown & Benchmark, 1993

SHIELDS, Nora; SYNNOT, Anneliese Jane; BARR, Megan. Perceived Barriers and Facilitators to Physical Activity for Children with Disability: a Systematic Review. **British Journal of Sports Medicine**, v. 46, p. 989-997, 2012

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores**, São Paulo, n. 10, p. 18-36, jul/dez., 2011

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. O método *Análise de cobertura jornalística* na compreensão do crack como acontecimento noticioso. In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (orgs.). **Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos**. Florianópolis: Insular, 2011

SILVA, Luciana; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A Voz do Brasil em sistematização de marcos e eventos históricos desde a criação do programa até os dias atuais. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 11, 2017, São Paulo, SP. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2017

SILVA, Jaqueline Monique Marinho da. **O Discurso Midiático dos Jogos Paralímpicos no Caderno de Esportes do Jornal O Globo**. 119 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018

SILVA, Luciana. **O Jornalismo no Programa de Rádio A Voz do Brasil em Períodos de Crise Política** – Análise de Coberturas entre 1985 e 2017. 156 p. Dissertação

(Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018

SILVA, Otto Marques da. **Epopéia Ignorada**. São Paulo: Editora Faster, 2009

SILVA, Pollyanna Honorata. **Notícia: A Variação de um Gênero Mediada pelo Contexto**. 2016, 256 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016

SOBRAL, Gustavo Leite; DANTAS, Juliana Bulhões. Jornalismo e Literatura: a Crônica de Rachel de Queiroz. **Letras Escreve**, Macapá, v. 8, n. 1, p. 241-257, 1º sem, 2008

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**. Uma Introdução à História, às Técnicas e à Linguagem da Fotografia na Imprensa. Porto, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019

TAVARES, Otávio. Megaeventos Esportivos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n.3, p. 11-35, jul-set., 2011

TEJKALOVÁ, Alice. The Use of Language and Media in Covering the Paralympic Games. **Journal of Language and Literature**, Huddersfield, v. 6, n. 1, p. 15-19, 2015

TEJKALOVÁ, Alice. Media coverage of Summer Paralympic Games (1992-2008): A case study of the Czech Republic. **Mediterranean Journal of Social Sciences**, Roma, v. 6, n. 2, p. 578-582, mar., 2015

TOLEDO, Renata Maria; GRIX, Jonathan; BEGA, Maria Tarcisa Silva. Megaeventos Esportivos e seus Legados: Uma Análise dos Efeitos Institucionais da Eleição do Brasil como País-Sede. **Revista de Sociologia Política**, v. 23, n. 56, p. 21-44, dez. 2015

TRIGUEIRO, Karla. **Uma Abordagem Territorial dos Megaeventos Esportivos em Belo Horizonte/MG** – Análise e interpretação do processo de desterritorialização dos antigos barraqueiros do Mineirão. 367 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018

TUBINO, Manoel José Gomes; TUBINO, Fábio Mazon; GARRIDO, Fernando Antônio Cardoso. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. São Paulo: SENAC, 2007

TYNEDAL, Jeremy; WOLBRING, Gregor. Paralympics and its Athletes through the lens of the New York Times. **Sports**, n. 1, p. 13-36, 2013

UNESCO. **Radiotelevisión de servicio público: um manual de mejores prácticas**. San Jose, Costa Rica: Oficina de la UNESCO para América Central, 2006

UNZELTE, Celso; Magaly Prado (org.). **Jornalismo Esportivo**. Relatos de uma paixão. São Paulo: Saraiva, 2009

UPIAS. **Fundamental Principles of Disability**. Londres: Union of the Physically Impaired Against Segregation, 1976

VILLANO, Bernardo; TERRA, Rodrigo. Definindo a Temática de Legados de Megaeventos Esportivos. In: RODRIGUES, Rejane; PINTO, Leila Mirtes; TERRA, Rodrigo; DACOSTA, Lamartine. **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008

WHEELER, Garry *et al.* Personal Investment in Disability Sport Careers: An International Study. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 16, n. 3, p. 219-237, 1999

WINNICK, Joseph. **Adapted physical education and sport**. Champaign: Human Kinectis, 1995

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **International Classification of Impairments, Disabilities and Handicaps (ICIDH)**. Geneva, 1980

WORLD HEALTH ORGANIZATION. 2016. Disponível em: <http://www.who.int>. Acesso: 17 abr. 2019

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. O Rádio Público no Brasil: Resgate Histórico e Transformações Contemporâneas das Rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Madalena; PRATA, Nair (orgs.). **Rádio em Portugal e no Brasil: Trajetórias e Cenários**. Braga: CECS, 2015

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Rádio Nacional do Rio de Janeiro – de emissora comercial nacional a rádio pública local. In: BIANCO, Nélia Del; KLÖCKNER, Luciano, FERRARETTO, Luiz Artur. **80 anos das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017

APÊNDICE A

Exemplo do percurso da análise

PARTE 1 – MATERIAIS DE RÁDIO

Programa: Resenha Paralímpica

Data: 14/09/2016

Número de peças encontradas na edição: 3

Tempo dedicado às Paralimpíadas: 09min38s (Totalidade do programa)

1) Pauta do Dia

Duração: 02min25s

Produção: a distância

Pauta: Estatuto da Pessoa com Deficiência

Material utilizado: texto

Produção / Edição:

- Locução feita pelos apresentadores no estúdio
- Sem utilização dos demais elementos radiofônicos
- Tom de serviço, para que o público entenda seus direitos

Textual: *

- O Estatuto havia completado 1 ano em julho/2016
- Antes, o parâmetro brasileiro era a convenção da ONU sobre o tema
- Fala sobre os números envolvendo PCD no país
- Os principais pontos do Estatuto

* O que estiver entre aspas refere-se a frases retiradas da matéria

2) Entrevistado do Dia

Duração: 03min44s

Produção: a distância

Pauta: Entrevista com Rosinha da ADEFAL

Material utilizado: Entrevista

Produção / Edição:

- Tem alguém ligado para a Rosinha ou o repórter durante a entrevista. É algo bem chato de ficar ouvindo
- Secretária Especial da Pessoa com Deficiência
- Debate sobre o Estatuto e sua importância
- Como está a legislação brasileira sobre PCD em âmbito nacional e internacional
- A necessidade de comunicação entre os três poderes e a sociedade para que esse estatuto vire realidade de fato

Textual:

- “O que ainda falta para melhorar a inclusão das PCD?”
- “Os Jogos podem ajudar a criar uma cultura de acessibilidade para o país?”

3) Perfil do Dia

Duração: 03min27s

Produção: a distância

Pauta: Perfil sobre Marcos Alves Fernandes

Material utilizado: Entrevista e Música

Produção / Edição:

- O próprio atleta contando sua história

Textual:

- Fala sobre a importância da inclusão através do esporte

- Joca fala muito brevemente sobre o acidente que o deixou na cadeira de rodas
- A felicidade em participar das Paralimpíadas

PARTE 2 – MATERIAIS DE IMPRESSO

Jornal: Folha de S. Paulo

Data: 07/09/2016

Número de peças encontradas na edição sobre as Paralimpíadas: Capa + 6 internos

Número de páginas com conteúdo sobre as Paralimpíadas: Capa + 3 internas

Capa

Conteúdo: 1 foto e 2 chamadas

Chamadas: Ambas estão ligadas à foto, uma fala sobre o material que está no caderno de Esportes e outra sobre uma coluna no caderno Cotidiano

1) Paraolimpíada é esperança

Produção: a distância

Pauta: Coluna sobre a importância das Paralimpíadas

Material utilizado: Texto

Produção / Edição:

- É importante ressaltar como os colunistas tem uma liberdade de escrever o que vem à cabeça. Dentro da própria Folha temos essa coluna, que coloca os atletas como exemplos de superação, que podem nos fazer mudarmos as atitudes e o pensamento das nossas próprias vidas, mas na semana seguinte tem a coluna que vem para reforçar que esses atletas não são super-heróis

Visual:

- Não há

Textual:

- “Eles querem, com justeza, serem vistos pelos seus resultados e pelo empenho que colocaram em suas trajetórias em busca de serem campeões. Ninguém quer o peso de servir de exemplo ou ser visto apenas por seu esforço pessoal diante (de) uma adversidade física, sensorial ou intelectual” – o (de) é porque faltou no texto
- “Como não analisar a própria preguiça de mudar uma postura autodestrutiva quando um chinês sem braços e sem pernas se lança em uma piscina e vai contorcendo seu valoroso ‘resto de corpo’ em busca de percorrer 100 ou 200 metros na água? Como não procurar na alma coragem para enfrentar um desgosto no amor, no trabalho, quando se vê um canadense do tiro com arco usando os dedos dos pés para puxar a corda que levará a flecha rumo ao alvo e ao pódio?”

2) Com equipe recorde..

Produção: in loco

Pauta: Reportagem sobre a delegação brasileira nos Jogos

Material utilizado: Texto, duas fotos e um infográfico

Produção / Edição:

- Matéria assinada com o nome do repórter

Visual:

- Infográfico: com o nome “Rio Paraolímpico”, traz um calendário dos Jogos, falando dos locais de competição, as modalidades e em quais dias serão realizadas as competições. Ao lado do infográfico, são puxadas setas que destacam três grandes promessas da delegação brasileira: a seleção de Futebol de 5, Daniel Dias e Terezinha Guilhermina. Nos textos que acompanham os atletas, falam das medalhas conquistadas e quais serão seus caminhos na Rio-2016. Acima do infográfico, também são colocadas três informações para o leitor na forma de um mini infográfico: número de ingressos já vendidos, número de atletas competindo e de nações representadas. Ao lado do destaque dos atletas, um pequeno mapa do Rio de Janeiro mostra os locais de competição dentro dos bairros e os modos de acesso, como metrô, trem, BRT e VLT
- Foto 1: da Folhapress, mostra atletas dos Estados Unidos circulando pela Vila Parolímpica durante a cerimônia de boas-vindas à delegação. O foco da foto são atletas cadeirantes que estão circulando em grupo. Elas conversam entre si, mas uma posa para as lentes
- Foto 2: da Folhapress, muito provavelmente o grande pecado da cobertura da Folha. Mostra atletas. O problema é que a foto foca única e exclusivamente nas próteses de

dois atletas, que estão centralizados na imagem. A foto está enquadrada do joelho para baixo, então descaracteriza totalmente o atleta e foca apenas na deficiência. Pela imagem não é nem possível definir de qual país esses atletas seriam. A legenda também não explica

Textual:

- “Parte dos desafios vividos pelas 45 milhões de pessoas com deficiência no Brasil passa, a partir desta quarta-feira (7) com o início dos Jogos Paraolímpicos do Rio, a ter como expoentes os 285 atletas da delegação nacional, que vão jogar, não só pela meta do quinto lugar geral na competição, mas por mais visibilidade de seus feitos e reconhecimento de seus trabalhos dentro do país” – Não é porque vai ter as Paralimpíadas que os problemas das pessoas com deficiência vão parcialmente sumir milagrosamente

- Mistura de gerações, os investimentos recebidos pelo CPB no ciclo, inéditos patrocínios privados, suspensão da Rússia, perspectiva de medalhas em modalidades-chave

- Conclui falando sobre a venda de ingressos e o alívio no aumento da venda após o final das Olimpíadas

PARTE 3 – MATERIAIS DE ONLINE

Site: Portal Estadão

Data: 08/09/2016

Número de peças encontradas no dia sobre as Paralimpíadas: 15

1) Além do ouro...

Produção: in loco

Pauta: Matéria sobre as demais medalhas conquistadas por brasileiros no dia

Material utilizado: Texto e uma foto

Produção / Edição:

- Assinado como Estadão Conteúdo

- A matéria vai fazendo como uma cascata de resultados. Começa relembrando o ouro do Daniel, passa para o bronze do Ítalo e termina falando dos atletas brasileiros que não medalharam
- Traz um breve histórico do Ítalo nessa prova, dentro de Mundiais e Paralimpíadas

Visual:

- Foto: do Estadão. Mostra Ítalo comemorando a conquista da medalha após saber o resultado. Ele ainda está na piscina e a foto captou um momento de comemoração do atleta.

Textual:

- Em nenhum momento explica o que significa o S7 do atleta. E também não fala nenhuma das classes dos outros nadadores

2) Após ouro no Rio-2016, Daniel Dias...

Produção: in loco

Pauta: Matéria sobre a repercussão da primeira medalha de Daniel Dias. Também abre espaço para falar de Ítalo Pereira

Material utilizado: texto e uma foto

Produção / Edição:

- Assinado como Estadão Conteúdo
- Interessante que a matéria dá destaque a Daniel, inclusive no título, mas nos dois parágrafos finais troca o Daniel pelo Ítalo
- A parte do Ítalo traz um conteúdo bastante diferente, falando sobre como começou no esporte paralímpico, as dificuldades em sua rotina de treinos (ônibus pra chegar no local, cuidar da irmã, etc..)
- Fala dos sacrifícios feitos, mas aqui não assume um tom de exemplo de superação do atleta paralímpico. É um tipo de comentário comum inclusive em atletas convencionais
- Fala da entrada de Ítalo no esporte, da fisioterapia, mas nenhum momento fala qual é a sua deficiência, se é congênita ou se foi adquirida

Visual:

- Do Estadão, mostra Daniel celebrando sua primeira medalha da Rio-2016, que foi um ouro nos 200m livres. Sua comemoração é mais contida

Textual:

- Daniel fala da emoção de competir em casa, com sua família, que gosta do apelido de Phelps brasileiro, mas destaca que “sabe do seu valor”: “Eu sou o Daniel Dias e seu que cheguei aqui a muito custo. Procuro sempre fazer o meu melhor e a medalha é a consequência”

- Repete as informações sobre o Daniel, inclusive sendo muito similar à outras matérias, trocando apenas algumas palavras

PARTE 4 – MATERIAIS DE TELEVISÃO

Programa: Fantástico

Data: 11/09/2016

Número de peças encontradas na edição: 3

Tempo dedicado às Paralimpíadas: 10min48s

1) Atleta Paralímpica com grave doença...

Duração: 04min44s

Produção: in loco

Pauta: reportagem que usa o caso de Marieke Vervoort para discutir a eutanásia

Material utilizado: Material de Primeira Mão (Produção Própria da equipe) / Olympic Broadcast Services (OBS) / Acervo

Recursos Extras: Tradução da entrevista

Produção / Edição:

- Trouxe o debate envolvendo a Marieke e a eutanásia de modo simples, explicando o que é, suas motivações e falas de especialistas.

- Fala do tratamento de atletas, trazendo outro exemplo (Matt). Matt é tratado corretamente, pelo menos no que é visto

Visual:

- Imagens que seguem as recomendações dos guias

Textual:

- “Fenômenos que a Paralimpíada apresenta ao mundo”
- “Matt já nasceu sem os dois braços”
- “Felicidade e morte não costumam caminhar juntas. Correm lado a lado na mesma raia”

2) Atletismo ganha quatro medalhas...

Duração: 03min10s

Produção: in loco

Pauta: Reportagem mistura a participação de atletas dos Estados Unidos nos Jogos no aniversário dos atentados de 11 de setembro e as medalhas distribuídas no dia

Material utilizado: Primeira Mão / OBS

Recursos Extras: Tradução das Entrevistas

Produção / Edição:

- Um pouco dramatizada demais, por causa da guerra do Iraque
- A música foi exagerada para a reportagem, na parte americana
- Troca grande de tom na passagem das americanas para os brasileiros. Usa a inspiração como gancho
- Era para ser uma reportagem, mas acabou perdendo o foco ao misturar tudo para fazer uma relatoria de medalhas distribuídas

Visual:

- Imagem da Melissa Stockwell (a mesma que aparecem na matéria das marcas de Guerra), descaracterizando a atleta com foco na deficiência

Textual:

- Melissa perdeu uma perna de maneira particularmente brutal (dramatização exagerada). Segue com uma passagem explicando como ela perdeu a perna, essa mais sóbria

3) Daniel Dias ganha mais uma medalha...

Duração: 02min54s

Produção: in loco

Pauta: Matéria sobre as medalhas conquistadas na natação no dia

Material utilizado: Primeira Mão / OBS / Acervo

Recursos Extras: nenhum

Produção / Edição:

- Destaca a força do público
- Descrição da prova do Daniel, intercalado com a entrevista com ele
- Tom de batalha, trabalhado com a música utilizada
- Tem um pouco de dramaticidade. Mas é justificado pela entrevista emocionada do Adriano de Lima, por ser sua última prova antes da aposentadoria

Visual:

- Nenhuma observação

Textual:

- “Para a maioria dos atletas, chegar até uma Paralimpíada já representa uma vitória pessoal” - Usado como gancho para o Adriano de Lima, que chegou na sua sexta Paralimpíadas